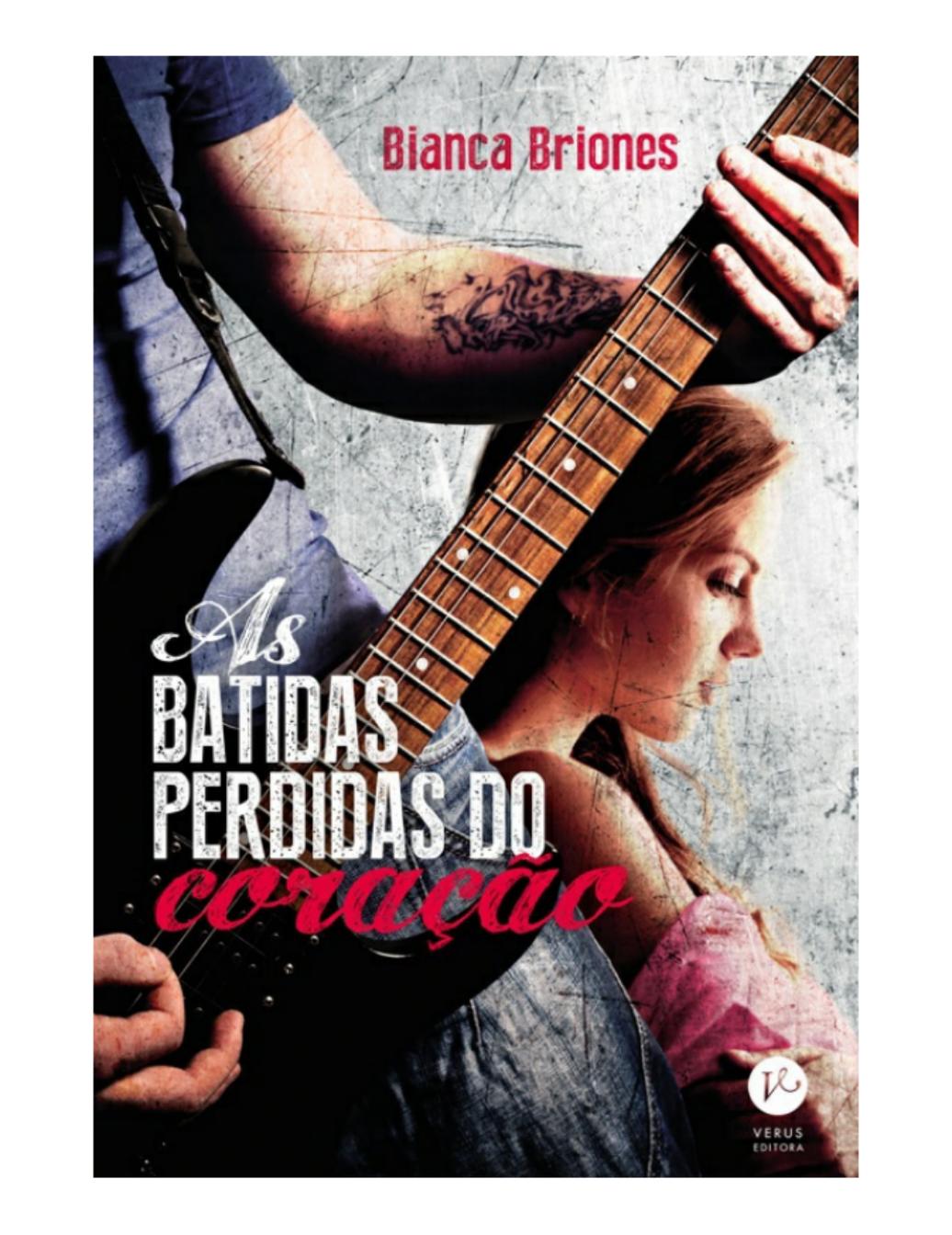


Bianca Briones

As
**BATIDAS
PERDIDAS DO**
coração



VERUS
EDITORA



Bianca Briones

As
**BATIDAS
PERDIDAS DO**
coração



VERUS
EDITORA

Bianca Briones

As
BATIDAS
PERDIDAS DO
coração



VERUS
EDITORA

Editora: Raïssa Castro

Coordenadora Editorial: Ana Paula

Gomes

Copidesque: Ana Paula Gomes e

Maria Lúcia A. Maier

Revisão: Raquel de Sena Rodrigues

Tersi

Capa e Projeto Gráfico: André S.

Tavares da Silva

Imagens da capa: © Pindyurin

Vasily/Shutterstock (guitarrista)

©

Aleshyn_Andrei/Shutterstock

(mulher)

ISBN: 978-85-7686-385-4

Copyright © Verus Editora, 2014

Direitos reservados em língua

portuguesa, no Brasil, por Verus

Editora. Nenhuma parte desta obra

pode ser reproduzida ou transmitida

por qualquer forma e/ou quaisquer

meios (eletrônico ou mecânico,

incluindo fotocópia e gravação) ou

arquivada em qualquer sistema ou

banco de dados sem permissão escrita
da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41,
Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP,
13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 |

www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA

FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS

EDITORES DE LIVROS, RJ

B871b

Briones, Bianca, 1979-

As batidas perdidas do coração

[recurso eletrônico] / Bianca

Briones. - Campinas, SP: Verus,

2014.

recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe

Digital Editions

Modo de acesso: Word Wide Web

ISBN 978-85-7686-385-4 (recurso
eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros
eletrônicos. I. Título.

14-14791

CDD: 869.93

CDU:

821.134.3(81)-

3

Revisado conforme o novo acordo
ortográfico

Para Arthur e Athos,
meu rei e meu mosqueteiro

1

Viviane

You left me with goodbye and
open arms

A cut so deep I don't deserve

Well, you were always invincible
in my eyes

The only thing against us now is
time.

— The Calling, “Could It Be Any

Harder^{”*}

Meu pai costumava dizer que nada acontece por acaso e que devemos ser capazes de perceber os sinais de que algo bom virá em qualquer situação. É o modo de pensar que ele aprendeu com meu avô e ensinou a mim e ao meu irmão. Sempre ver o lado positivo, sempre buscar o “se não acabou bem, é porque não terminou ainda”.

Ele gostava de frases de efeito. Acho que faz parte do publicitário dentro dele. Fazia, fazia parte. O mais brilhante e importante publicitário de São Paulo. Ele certamente teria a frase mais tocante para este

momento, que se encaixaria
como uma luva.

Meu pai não deixou de
acreditar nem quando a vida lhe
sentenciou à morte. “O que tiver
de ser será... Vou ficar bem. A
vitória pertence a quem acredita
nela por mais tempo.”

Sei que isso é citação de
alguém. Ele adorava citações
em qualquer língua. Todo dia
ouvíamos uma.

Quando
papai
conseguiu
ultrapassar os seis meses de
vida que lhe foram estipulados
pelo câncer no pulmão, minha fé
redobrou e acreditei que ele
venceria, mas eu não era
parâmetro. Eu acreditava em
qualquer coisa que ele fizesse
ou dissesse.

Agora, 2 de janeiro de 2004,
dez meses após o diagnóstico,
acabo de assinar os documentos
para liberar seu corpo, enquanto
meu avô tenta inutilmente
confortar minha avó.

Minha mãe ainda dorme, sob
forte efeito de calmantes. Se
optei por acreditar até o fim, ela
— talvez por enxergar algo que
eu não pude — optou por se
esconder, por negar a perda
iminente.

Olho ao redor e não vejo
meu irmão em nenhum lugar.
Preciso encontrá-lo. Ando em
direção à entrada do hospital,
pensando que ele pode estar lá
fora.

Pessoas entram e saem,
cada uma vivendo seu próprio
momento. Algumas comemoram
nascimentos, outras lamentam

perdas como a minha.

Olho

para

os

lados,

apressada. Preciso encontrar

Rodrigo.

Deixo a recepção e, quando

encosto no vidro para empurrar

a porta, vejo alguém tocar no

outro lado para entrar. Ele usou

a mão fechada. Há tatuagens

em seus dedos, pequenos sinais

que

não

reconheço.

Noto

quando ele dá um passo atrás

para que eu possa passar.

Trocamos um olhar, que não

dura mais que dois segundos.

Olhos

azuis,

marcados

de

vermelho, como se tivesse
acabado de chorar. O lábio
inferior está cortado e há um
arroxeado no queixo, quase
encoberto pela barba por fazer.

Ele puxa o gorro escuro para
baixo, como se eu o tivesse
pegado em flagrante, e vejo
apenas

pontas

de

cabelos

castanho-claros.

Ele para e me encara, como
se fosse dizer algo, ou pelo
menos julgo que fosse.

Aperto mais meu casaco,
que se perde em um tom entre
o rosa e o salmão, ao sentir o ar
gelado passar e se chocar
contra a camisa branca de gola

rendada que uso por baixo. A saia preta e curta, repleta de babados, não protege minhas pernas. Como o tempo pode mudar tanto em São Paulo? Pela manhã, por pouco não pego o casaco, mas meu pai me deu um último conselho: “Viviane, o que eu sempre digo? Não saia de casa sem casaco”. A botinha de cano baixo e salto fino já fez com que eu perdesse a habilidade de sentir os dedos após uma tarde inteira andando de um lado para o outro, e isso me desvia do fato de que eu gostaria de poder não sentir nada.

Avisto meu irmão. Rodrigo é

só dez meses mais novo do que eu, o que nos faz ter a mesma idade, dezoito anos, pelo menos até o mês que vem, quando faço aniversário. Ele é a versão adolescente do meu pai. Não consigo evitar um sorriso triste. É como se meu pai andasse até mim outra vez, com seus cabelos negros contrastando com o verde dos olhos. Ele me abraça silenciosamente, e, quando me solta, percebo que o rapaz ainda está parado, mas algo em seu olhar mudou ao ver meu irmão. Um brilho de inconfundível fúria surge antes que ele coloque as mãos nos bolsos do blusão cinza-chumbo e se afaste.

Se meu irmão percebe, não

diz nada.

É estranho e me pergunto a

razão de me preocupar com

isso. Talvez seja a ligação

instantânea

que

a

dor

estabelece entre as pessoas. Ou

talvez seja só um modo de

desviar a atenção do que eu

mesma estou vivendo.

Novamente, volto a pensar

na conversa que tive com meu

pai, e uma frase explode em

meu coração, à medida que

caminho com Rodrigo pelos

corredores

brancos

e

congelantes do hospital: “A vida

é muito mais que uma sucessão

de fatos ao acaso. Quando você

acha que nada mais pode
acontecer, é exatamente aí que
tudo muda”.

Nota

* “Com um adeus e de braços abertos
você me deixou/ Um corte tão profundo,
eu não mereço/ Bem, aos meus olhos você
sempre foi invencível/ A única coisa contra
nós agora é o tempo.”

2

RAFAEL

I was bruised and battered
And I couldn't tell what I felt
I was unrecognizable to myself.
— Bruce Springsteen, “Streets of
Philadelphia”*

Estou há uma hora parado
em frente ao hospital. Meu
celular
tocou
algumas
vezes, mas nem o tirei do
bolso do blusão. Sei que é

minha mãe e ainda não
estou pronto para entrar.

Cruzar aquela porta é
formalizar a morte de mais
alguém
que
amei.

E,
honestamente, quero mais é
que a morte se foda.

Não quero ver o corpo
da minha única irmã, não
quero ver Lucas, meu
primo, desolado porque
seus pais e irmão morreram
em um acidente de carro
causado por mais um filho
da puta imprudente da
classe alta de São Paulo.

Não quero olhar para
minha mãe e ser sufocado
por tudo o que senti quando
meu pai foi assassinado há

quatro anos. A morte já me
levou vidas demais.

Observo o entra e sai de
pessoas, a diferença de
cada uma delas. E me
atenho aos detalhes para
não ser afogado pelo todo.

Dou uma última e longa
tragada no cigarro, deixo o
que

sobrou

escorregar

entre os dedos e o apago
com a ponta do coturno.

Quase posso ouvir a voz da
minha irmã me acusando
de não me preocupar com
o meio ambiente. Então,
por ela, abaixo, pego a
bituca novamente e jogo em
uma lata de lixo, enquanto
caminho rumo à porta do
hospital.

Um vento gelado corta a
rua e coloco o gorro, para
me proteger da corrente de
ar e do olhar das pessoas.

Após a briga das últimas
horas, não sou exatamente
algo que valha a pena olhar,
porém o estado do moleque
é pior — aquele que levou
a vida de quatro pessoas da
minha família por tirar um
racha na avenida, e que não
será

condenado

jámais,

graças ao pai promotor.

A ironia é que ele
nunca será preso, e eu
passei a última noite da vida
da minha irmã na cadeia,
enquanto ela lutava para
resistir a uma segunda e
derradeira parada cardíaca.

Coloco a mão no bolso
e aperto o chaveiro dela.
Um chaveiro de pelúcia em
forma de estrela cor-de-
rosa. Um presente do meu
pai,
que
ela
segurava
quando os paramédicos a
tiraram do carro capotado.
Agora sou eu quem aperto
a estrelinha com uma mão,
enquanto a outra encosta
no vidro da porta do
hospital. Uma garota faz o
mesmo.
Não tem como não
lembrar da Priscila ao ver o
casaco rosa. Ela adoraria.
Ela
vivia
escolhendo

modelos em revistas de
moda pelos quais nunca
poderia pagar. E é aí que as
semelhanças entre a minha
irmã e a garota terminam.

Um

olhar

rápido

é

suficiente para reconhecer
que ela destoa das outras
pessoas.

Uma

aparente

delicadeza, traduzida pela
pele bem clara, traços
suaves e cabelos loiros,
caindo tranquilamente em
ondas pelos ombros.

Ela me olha também e
parece fazer a mesma
investigação
que

eu.

Lágrimas

marcam

seu

rosto. Semelhanças que só

encontramos

em

um

hospital — a dor e a morte

são implacáveis com todos

nós. Entrebro os lábios,

nem sei se ia dizer algo,

mas qualquer pensamento

racional se vai quando um

garoto a abraça.

Odeio prejulgamentos e

me odeio mais ainda por

ceder a eles, mas, se a

garota me faz lembrar da

minha

irmã,

o

garoto

desperta a memória de seu
assassino. Ainda que eles
não sejam parecidos, algo
em seu porte indica que
pertencem ao mesmo grupo
social. Aquele que não se
importa
com
as
consequências,
porque
sempre vai ter um pai rico e
influyente para limpar sua
barra.

Passo por eles sem
olhar
para
trás.

Mal
podendo
esperar
pelo
momento

de

encontrar

minha mãe e meu primo e

deixar este hospital. Odeio

este lugar.

Nota

* “Eu estava ferido e esgotado/ E não
sabia dizer o que sentia/ Eu estava
irreconhecível para mim mesmo.”

3

Viviane

Someday I'll wish upon a star

And wake up where the clouds are

far behind me

Where troubles melt like lemon

drops

Away above the chimney tops

That's where you'll find me.

— Eva Cassidy, “Over the Rainbow”^{33*}

Uma garoa cobre todo o

cemitério e me pego pensando

se chover em enterros é um

denominador comum. É como se

tudo precisasse estar cinza
como os sentimentos. Quase
parte do pacote.

Meu

pai

adorava

esse

tempo, o que é irônico. Ou não
— talvez seja o modo que a
morte tem de lhe fazer uma
homenagem.

Minha mãe está acordada,
mas continua dopada. Seguro
sua mão enquanto caminhamos
e observo Rodrigo carregar o
caixão de meu pai ao lado de
meu avô, que brigou com todos
que quiseram impedi-lo de
carregar seu menino pela última
vez. Tio Túlio segura a alça logo
atrás dele.

Túlio Albuquerque era o
melhor amigo do meu pai, assim

como Bernardo, seu filho, é o
melhor amigo de Rodrigo. Além
disso, ele é meu padrinho e
advogado da nossa família. Ele
cuidou
de
tudo
hoje
e
provavelmente será assim por
muito tempo, porque tio Túlio
não consegue deixar de cuidar
de quem ama. Eu tentei
resolver, juro que tentei, mas as
pessoas
tratam
velórios
e
enterros como o negócio. Sei que
é o negócio delas, mas ainda
assim é frio demais, e tive uma
crise de choro enquanto discutia
como tudo seria, então meu tio

assumiu. Não sem antes, é claro, Branca pegar o telefone da minha mão e ofender o moço da funerária.

Branca é a filha mais velha de tio Túlio. Há pessoas de pavio curto e há a Branca, que não tem pavio nenhum, principalmente se achar que alguém que ela ama está sendo magoado.

Somos amigas também, mas não como Bernardo e Rodrigo, que são praticamente Ken e Ryu, dois personagens de videogame que

vivem juntos. Eles costumavam dizer que eram como Mario e Luigi, mas aí entraram na fase da academia e se tornaram os outros dois.

Rodrigo

ficou

horas

conversando ao telefone com

Bernardo na noite passada,

depois jogando no computador.

Como

Bernardo

mora

em

Londres com o tio há dois anos,

computador e telefone são o

que eles mais usam para se

comunicar. Rodrigo deveria ter

ido

assim

que

completou

dezoito anos, mas a doença do
nosso pai veio e tudo mudou.

Tudo saiu do eixo.

Também sinto falta do
Bernardo. É o tipo de pessoa
que você quer ter por perto. Ele
saberia exatamente o que dizer
ou apenas me abraçaria em
silêncio. Nós nos beijamos uma
vez, pouco antes de eu começar
a namorar o César, há três
anos. Foi melhor não ter se
tornado algo sério. Ele tem uma
história mal resolvida, e pessoas
com tanta bagagem geralmente
machucam

ou

acabam

machucadas.

Aliás, César não pôde vir ao
enterro e ainda estou zangada,
mesmo sabendo que nem todos
conseguem ser liberados do

trabalho.

Branca disse que Bernardo queria vir, mas não conseguiu ser dispensado das aulas na universidade, e seu pai achou melhor que ele esperasse o próximo feriado.

— Ainda acho que vocês deviam aceitar o convite do meu filho e passar um tempo fora. O Bernardo ia adorar a companhia de vocês — tio Túlio insiste, mais tarde, enquanto esperamos o motorista que vem nos buscar.

— Você quer ir, Rô? — pergunto, apesar de eu não querer.

— Não, tio — Rodrigo responde diretamente a ele. — Conversamos com a minha mãe

e ela não quer sair de casa

agora. Não vai rolar.

— Posso conversar com ela

e...

— Não força, pai. — Branca

coloca a mão nas costas do pai,

tentando interromper o que ela

sabe que não vai mudar. — Dê

um tempo pra eles. — Apesar

da postura decidida, ela fala

com tranquilidade. Depois lhe

dá um beijo no rosto e diz: —

Vou dormir na Clara hoje, tá?

Aproveitar que o imbecil do

marido dela está viajando e

ficar com os meus afilhados.

Clara é a melhor amiga de

Branca, mas seria mais bem

definida como a “bagagem” do

Bernardo. Todo mundo sabe e

todo mundo faz que não sabe,

desde que ele saiu do país

pouco tempo após o casamento

da Clara, há dois anos. Ela se casou aos dezenove, porque estava grávida.

Sei

que

nenhuma mulher mais se casa por esse motivo, mas você entenderia, se a conhecesse.

Eu a vi mais cedo, no

velório. Clara é tão doce quanto

o sorriso de uma criança ao

ganhar

um

sorvete.

É

provavelmente a pessoa mais

amável que qualquer um de nós

conhece e, ironicamente, a mais

triste, embora finja bem. No

meio da ebulição de amor que

ela é, há uma tristeza que

ninguém consegue apagar e que

eu não entendia muito bem até agora.

Clara perdeu a mãe quando tinha seis anos e todos dizem que ela mudou desde então. Eu não me lembro direito porque sou dois anos mais nova, mas saber disso me dá medo. Eu me pego pensando se a partir de agora vou carregar a tristeza para sempre comigo, como aconteceu com ela. Meu pai e eu conversamos muito ao longo desses dez meses, e Clara era um assunto recorrente. “Não permita que a morte seja maior que a vida”, era o que ele repetia toda vez.

Pelo menos neste momento, acho que, sim, a morte é maior que a vida. Parece que o que partiu Clara quando sua mãe se foi está me partindo agora.

Triste, não é? Encontrar uma
conexão dessas...

Assim que minha mãe entra
no carro, eu me despeço das
pessoas e a sigo. Rodrigo faz o
mesmo. Ele se senta ao meu
lado e coloca o braço em meu
ombro, me puxando para mais
perto. Encosto a cabeça em seu
peito e entrelaço meus dedos
aos dele. Estendo a mão livre
para minha mãe e sinto sua
pele fria. Ela não sorri há
meses. Desde que meu pai
adoeceu. Mesmo quando ele
parecia
melhorar,
ela
se
mantinha distante, protegida do
que o destino lhe reservava.
Talvez não tão protegida quanto
pensava. Ela funga e seca uma

lágrima que rola pelo rosto
claro, que contrasta com os
cabelos castanhos, presos em
um coque baixo. Eu lhe lanço
outro olhar. Ela não retribui —
está olhando para a chuva que
se intensifica lá fora e pensando
nele, no homem que mais amou
e que não está mais entre nós,
e eu não sei o que dizer, não sei
como a consolar. Por mais que
eu tente, como posso dizer
palavras que não conheço?
E, quando quero me deixar
afundar, fechar os olhos e nunca
mais abrir, escuto dentro de
mim: “Você me fez uma
promessa. Quero que viva por
mim”.

Suspiro enquanto sinto os
dedos de meu irmão deslizando
pelos meus cabelos.

Preciso de um tempo, pai.

Apenas um tempo...

Nota

* “Um dia vou fazer um desejo para uma estrela/ E acordar onde as nuvens estão bem atrás de mim/ Onde os problemas se derretem como gotas de limão/ Acima do topo das chaminés/ É lá que você vai me encontrar.” Esta é uma versão. A música original foi composta por Harold Arlen e E. Y. Harburg especialmente para o filme *O mágico de Oz*.

4

RAFAEL

Where were you when I was
burned and broken

While the days slipped by from my
window watching

Where were you when I was hurt
and I was helpless.

— Pink Floyd, “Coming Back to Life”*

Dizem que não existe nada
pior do que enterrar alguém
que se ama. Pois bem,

existe:

enterrar

quatro

pessoas que se ama, sendo
uma delas um garotinho de
dez anos.

Quando o último caixão
foi baixado, já não restava
nada de mim para ser
destruído. Fui enterrado
aos poucos, com cada um
deles.

Meu

primo

Lucas

estava desolado. Apesar de
não dizer uma palavra
sobre isso, sei que ele se
culpa por estar comigo
naquela noite e não no
carro que levou seus pais,
irmão e prima.

Minha mãe está ainda

pior

do

que

quando

enterramos meu pai.

— Meu bebê... — ela

diz quando a abraço.

Ela também enterrou

um irmão, uma cunhada e

um sobrinho hoje. Se existe

um lugar que odeio mais do

que hospitais, é o cemitério.

Continuo

abraçando

minha mãe até que os

soluços dela diminuem. Sei

o que vem por aí. Conheço

dona Rosalia como a palma

da minha mão.

— Só tenho você agora,

meu filho. Preciso de você

vivo.

Não respondo. O que

posso responder? “Só tem um problema, mãe: há anos que estou morto”? Não. Se solto uma dessa agora, perco minha mãe também, e ela precisa, mais do que qualquer coisa, acreditar que posso ficar bem.

Quando tudo termina, minha tia vem chamá-la para ir para casa. Desde que meu pai se foi, minha mãe se mudou com minha irmã para o interior. Eu não quis ir. Sei que ela espera que eu vá agora, mas não posso. Não posso encarar uma casa sem eles. Não depois de tudo. Então, quando dou um beijo em seu rosto e a coloco dentro do carro, digo:

— Vou pra lá no fim de

semana. Consegui folga no trabalho por uns dias, aí conversamos, certo? Ela apenas balança a cabeça, e meu coração se parte. Entro no carro e a abraço outra vez.

— Consegue segurar até lá, mãe? Só até o fim de semana.

— Não se preocupe, meu anjo. — Ela toca meu rosto devagar e fecho os olhos. Queria ainda ser seu pequeno anjo. O moleque travesso que pulava muros e depois corria para não ter que passar mercúrio nos joelhos ralados.

— Eu me preocupo, mãe. — Afundo a cabeça em seu ombro, sem segurar o choro. Ela é a única que

já me viu chorando assim.
Quero ceder e ir morar
com ela. Quero ser o
garoto perfeito que ela
espera que eu seja, mas sei
que estou longe disso,
então me despeço, coloco o
capacete, subo na moto e
me afasto o mais rápido
que posso daquele lugar. Se
eu tiver que voltar ali outra
vez, que seja para não sair
mais.

Nota

* “Onde você estava quando fui queimado
e arrasado/ Enquanto os dias passavam
pela minha janela/ Onde você estava
quando fui ferido e estava indefeso.”

5

Viviane

You don't know me

You don't even care... oh yeah

She said, you don't know me

You don't wear my chains...

— Augustana, “Boston”*

Um dia após o outro. Um dia
após o outro. Um dia após o
outro.

É assim que a vida segue,
enquanto você sofre, ri, chora,
ama, perde. Ela não para.

Algo que aprendi ao longo
desse último mês é que o tempo
não é médico, ele é ilusionista.

Nós não nos curamos conforme
a vida passa, só nos iludimos
achando que vai chegar aquele
dia em que tudo será mais fácil.

Então continuamos à procura do
momento em que ficaremos
bem, tendo a sensação de que
estamos melhorando, quando
na

verdade

só

seguimos

vivendo.

O tempo é capaz de desfocar
as nossas dores e nos distrair
com a vida que segue, mas a
dor nunca some por completo.

Nós a colocamos em um arquivo
do coração e evitamos mexer
nela.

É o que penso balançando
meu pé para lá e para cá, como
um
pêndulo,
enquanto

a
terapeuta do grupo de apoio a
pessoas que perderam alguém
tenta fazer um garoto novo
falar.

Meu avô nos obriga a vir às
reuniões toda terça-feira à
tarde. Nós, os netos, porque
minha mãe segue em uma
rotina particular, que envolve

ficar a maior parte do tempo no quarto.

O

garoto

novo

estava

conversando com Rodrigo na

hora do intervalo, enquanto eu

falava com César ao telefone.

Meu irmão tem um instinto

acolhedor e não consegue ver

pessoas

sozinhas

sem

se

aproximar.

César vem nos buscar mais

tarde, já que Rodrigo caiu com a

moto na semana passada e ela

está no mecânico. Como ele não

se machucou, não foi difícil

esconder o fato de minha mãe.

Afinal, ela está tão alheia que,

mesmo que visse a moto toda

estourada, não perceberia.

Sei que ela ouviu minha

discussão com meu irmão, mas

infelizmente nem isso foi capaz

de fazê-la reagir. Quase morri

quando o vi chegar em casa

com a roupa rasgada. Ele

prometeu ter mais cuidado, e eu

prometi não contar nada ao

vovô, pelo menos naquele

momento.

Volto a atenção para o

garoto moreno de cabelos

cacheados

e

levemente

compridos à minha frente.

— Prefiro não falar hoje.

A pior frase que ele poderia

escolher em uma terapia.

— Por que não fala um

pouco sobre você? Qualquer

coisa — a terapeuta insiste, e vejo meu irmão lançar um olhar incentivador ao garoto, como se ele mesmo falasse muito por aqui.

O jovem hesita, mexe na manga da camiseta comprida, dá de ombros e repete:

— Qualquer coisa?

— Sim.

— Só estou aqui porque me obrigaram. — Ele não diz isso com raiva, mas de forma tão espontânea que me rouba um sorriso. É o primeiro que confessa o que todos nós pensamos. Ninguém quer estar aqui, porque comparecer implica ter perdido alguém.

— Pode dizer outra coisa?

— Não. Hoje não. Era uma coisa só e já fiz a minha parte.

—

Ele

balança

as

mãos,

encerrando a questão.

A terapeuta sorri. Esses

sorrisos benevolentes fazem

parte do que odeio na terapia.

Não precisamos de pena.

Uma hora depois, somos

liberados e saio para ligar para

o César, enquanto Rodrigo se

aproxima do garoto novo e tira

um videogame portátil do bolso.

Não

vejo

meu

irmão

se

empolgar tanto com um amigo

desde que Bernardo foi embora.

Fico feliz por vê-lo rir de coisas

bobas outra vez.

Enquanto procuro sinal de
celular, chuto uma pedrinha com
a ponta do meu All Star preto de
estrelinhas brancas, que eu
mesma customizei, e ajeito
minha
saia
xadrez
de
preguinhas, na altura das coxas.
Ela tem três tons: rosa, chumbo
e preto. Está calor hoje, então
minha blusinha preta, sem
mangas, completa um visual
que Rodrigo insistiu em chamar
de Avril Lavigne, só porque
acrescentei meias pretas até os
joelhos.

Jogo o cabelo para trás e
penso que talvez eu esteja meio
Avril mesmo, já que fiz mechas
rosas. Algo que sei que minha
mãe odiaria, se pudesse prestar

atenção. Confesso que gosto de me vestir como Avril, às vezes, menos quando ela usa roupa de menino.

Finalmente

consigo

falar

com César. Desligo o celular e abaixo para arrumar as meias.

Quando me levanto, me dou conta de que estou sendo observada.

Um rapaz está encostado em uma moto Kawasaki Ninja.

Reconheço a marca porque Rodrigo ganhou uma quando fez dezesseis anos. E eu fiquei zangada com meu pai durante meses, por ele não me deixar andar, e ainda mais quando, no ano seguinte, a moto foi trocada por uma

Ducati

Monster

vermelha. Aos vinte, seria a vez da Harley Davidson, mas meu pai não viveu para isso. Balanço a cabeça, triste por ter ficado magoada com algo tão idiota.

A fumaça do cigarro chama minha atenção no segundo em que dou um espirro.

Não consigo evitar lançar um olhar irritado ao motoqueiro fumante. Meu pai morreu por causa de um câncer de pulmão sem nunca ter fumado um cigarro sequer.

— Você devia jogar isso fora — não resisto e digo em voz alta.

Não é a primeira vez que tenho essa atitude. Desde que meu pai ficou doente, há uma longa lista de pessoas com

quem discuti por causa de
cigarro. Há uma semana, joguei
fora o maço do nosso motorista
e ameacei mandá-lo embora se
ele não parasse com esse vício
horrível. Sei que não tenho o
direito de despedir alguém por
causa disso, mas foi para o bem
dele.

Estou prestes a virar as
costas para avisar meu irmão
que César vai chegar logo
quando o estranho fala comigo
e uma sensação esquisita de
familiaridade me toma. Eu o
conheço?

— Por quê? — ele pergunta,
e descubro que sua voz é grave
e ligeiramente rouca, mas não é
familiar.

—

Porque

as

peessoas

morrem

disso

—

sai

espontaneamente.

— As pessoas morrem de
muitas formas — ele responde e
dá uma longa tragada.

Algo nele me faz querer
discutir, provocar briga. Ou
talvez seja só mais uma fase do
luto. Ferir para se defender. Ele
fumar e estar vivo, meu pai não
fumar e morrer de câncer no
pulmão me revolta. É irracional.

— E por que facilitar? Você
devia ler o que está escrito aí no
maço e ficar longe disso. —

Aponto para ele. — Tem que ser
muito idiota para se matar aos
poucos.

— Você devia descontar suas

frustrações na terapia, não em
mim, Avril. — Seu tom é repleto
de zombaria.

— Meu nome não é Avril. —

Pronto. Odeio minha roupa. —

Como você sabe que faço
terapia? — Olho para os lados
para ver se tem mais gente por
perto, mas não consigo me
afastar.

Ele dá uma gargalhada e se
ajeita sobre a moto.

— Não vou te sequestrar ou
algo assim, loira. Relaxa. Não é
o seu dia de sorte.

Algo no jeito dele me dá
arrepios. Não é medo, mas não
aprecio a sensação. Ele tem um
modo
diferente
de
falar.

Começa as frases em um tom e

vai diminuindo até terminar bem baixo. Sua última sentença foi quase um sussurro.

Mais uma vez, estou prestes a virar as costas, mas paro quando ele leva o cigarro outra vez aos lábios. As tatuagens nos dedos são a resposta que procuro. É o rapaz que vi no dia em que meu pai morreu. Vejo que o desenho apenas começa ali e sobe pelo braço direito até se perder dentro da camiseta preta lisa que ele veste. Não sei identificar o que é e também não pergunto.

Espirro outra vez.

— Saúde. Quem sabe se não usasse saias tão curtas não se resfriaria tanto? — ele diz, e abro a boca, chocada, enquanto ele simplesmente sorri com uma sobrancelha levantada. — Você

que começou. Conhece aquela frase: “Quem diz o que quer..”?

Fecho a expressão. É uma das citações de meu pai, e esse cara não tem o direito de dizer algo que ele diria.

Novamente um espirro.

— Seu pai aprova que você se vista assim? — ele provoca, mas dessa vez foi longe demais.

Estou furiosa.

— Sou alérgica a essa porcaria, e meu pai não pode aprovar mais nada, porque está morto. — Me surpreende como a raiva sai tão fácil.

Sua

expressão

irônica

desaparece como por mágica, e ele se levanta da moto. Parece não saber se vem até mim ou não. Que não venha ou vai levar

um chute!

— Sinto muito — ele diz
enquanto apaga o cigarro.

Cruzo os braços e viro o
rosto. Não preciso de sua
compaixão.

— E aí, que que tá rolando?

—

uma

voz

desconhecida

pergunta atrás de mim.

É

o

garoto

novo,

acompanhado de meu irmão.

— Nada — o estranho e eu
respondemos ao mesmo tempo.

— Primo... — o novato diz.

— Vivi, tá tudo bem? —

Rodrigo me pergunta ao mesmo
tempo em que César estaciona.

— Sim, vamos — respondo
sem olhar para trás, e escuto
meu irmão dizer que liga mais
tarde para o primo do imbecil.
Ótimo. É tudo o que preciso
agora. Meu irmão arrumou um
novo amigo, e é justamente
quem não deveria. Que saudade
do Bernardo!

Nota

* “Você não me conhece/ Você nem
sequer se importa... oh yeah/ Ela disse,
você não me conhece/ Você não usa
minhas correntes...”

6

RAFAEL

And I can't find my way
God, I need a change
Yeah and I'll do anything to just
feel better
Any little thing to just feel better.

— Carlos Santana feat. Steven Tyler,

“Just Feel Better”*

Ainda estou me xingando
quando chego ao trabalho,
no começo da noite, depois
de deixar Lucas em casa.

Por que fui provocar
aquela garota? Em que
merda eu estava pensando?

Por trás daquela pose
toda, deve ter uma pobre
menina rica chorando, e,
independente de quem seja,
fui um idiota. Que grande
imbecil!

Estaciono a moto nos
fundos do bar, grato por ser
terça-feira e o movimento
não ser tão intenso, porque,
do jeito que estou nervoso,
não
conseguiria
me
concentrar
por

muito

tempo.

Cumprimento

dois

garçons

que

cruzam

comigo e dou um beijo em

Andressa, a hostess, mas

estou tão distante que ela

percebe.

— Tudo bem, amor?

Se

as

mulheres

soubessem como eu odeio

ser chamado de “amor” por

qualquer

uma,

nem

começariam.

— Tudo.

— Tem certeza? — Ela

desliza os dedos pelas
minhas costas, enquanto
me abaixo para pegar o
saco de vinte quilos de gelo
e levá-lo para o bar.

Eu me sinto um pedaço
de carne. Mentira, eu
gosto. Mesmo tentando ser
o cara bom aqui, não vou
mentir para ninguém: sou o
cara mau.

— Arrã... — respondo,
enquanto empurro a porta e
coloco o saco de gelo sobre
a pia. — Preciso conferir se
está tudo em ordem antes
de abrirmos, gata.

Ela

faz

beicinho.

Mulheres, por favor, não
façam isso! A não ser que
vocês tenham menos de

cinco anos. Ai é bonitinho.

Minha priminha faz, e é
realmente adorável.

— Temos tempo ainda.

— Ela põe a mão no meu
peito e se aproxima o
suficiente do meu pescoço
para tocá-lo com os lábios.

— Humm... cheiroso... Se
quiser, podemos ir até o
estoque e...

— Não dá — digo e,
sem resistir, dou uma
secada nela. O macacão
personalizado do bar é tão
colado que não sobra muito
para a imaginação. Em
qualquer outra hora eu iria
com ela até o estoque. Ok,
sem
hipocrisia.

Provavelmente farei isso até
o fim da noite. — Mais

tarde.

Agora

estou

ocupado.

— Rafa... — Ela insere
os dedos no cós da minha
calça e usa a outra mão
para envolver o gargalo de
uma garrafa de Black
Label, subindo e descendo,
sem desviar os olhos de
mim.

Meu Deus!

Meu celular vibra no
bolso, me lembrando do
que preciso fazer.

— Tenho que atender.

Eu

a

coloco

delicadamente para fora da
área do bar e fecho a porta
do balcão, para evitar que

uma das meninas que
trabalham aqui entre e veja
que Andressa me deixou
em posição de guerra logo
cedo.

Daqui até a hora de
fechar, este espaço é meu,
e minha função é preparar
bebidas que mantenham
todos felizes, não importa
que para muitos o efeito
seja
momentâneo.

Eles
pagam, eu preparo. Simples
assim. Não precisa ter uma
grande
conexão
entre
barman e cliente.

— Tem até o fim da
noite ou perde a vez — diz
Andressa finalmente e se

afasta rebolando.

— Eu nunca perco a
vez, garota — respondo e
atendo o celular. — É bom
ter conseguido o que pedi.
— E alguma vez não
consegui?

—

Lucas

pergunta, e percebo que é a
primeira vez que ele faz
uma brincadeira desde o
acidente. — O Rodrigo me
passou o MSN dela. Mas,
cara, sério, vê aí o que você
vai fazer. Eles são legais
e... você sabe...

Ele quer dizer que os
três estão passando pela
mesma situação, mas não
consegue. Uma coisa de
cada vez.

—

Só

quero

me

desculpar, primo. Eu te

disse que falei merda.

—

Falou.

Agora

resolve.

Mas

já

vou

avisando: se fizer mais

merda ainda, tá ferrado

comigo.

Conversei

pra

caramba com o Rodrigo



hoje, e ele é supergente

boa.

— Relaxa.

— Não é uma boa coisa
pra me dizer... — Seu tom
é preocupado. — Sempre
que você diz “relaxa”...

— Dá merda, eu sei.

Mas *relaxa*, já deu merda.

Não tem como ficar pior.

Eu sei, você sabe, todos
sabem. Este é o momento
em que eu deveria esquecer
essa garota e deixá-la viver
seu luto, mas não consigo
parar de pensar na minha
irmã. E se fosse a minha
irmã? E se um filho da puta
tivesse falado algo assim
para ela?

Viviane

pode

não

aceitar meu pedido para
adicioná-la. Aí pronto, pelo
menos tentei e fiz a minha

parte. Lucas me disse o nome dela depois de me xingar por ferrar tudo com uma garota de quem nem isso eu sabia.

Aproveito que tenho meia hora de intervalo e vou até o escritório, após pedir para o gerente, o Lex, que felizmente é meu melhor amigo.

É

Alexandre,

mas

poucas

pessoas o chamam assim.

Passo um minuto com o MSN aberto, dizendo a mim mesmo que deveria pedir desculpas pelo Lucas e esquecer o assunto, mas não sou covarde, então

envio

a

solicitação

de

contato.

Não sei nem se ela está

online agora. E se não

estiver?

Ajeito a bandana negra

personalizada com o nome

do bar na cabeça e dou um

nó, enquanto espero. Lucas

também está online. Meu

primo passa muito tempo

no computador. Ele foi

morar comigo depois que

tudo aconteceu, e faço o

possível para que ele se

sinta bem. Inclusive obrigá-

lo a frequentar a terapia, a

pedido de minha mãe,

apesar de não obedecer ao

mesmo pedido que ela

estendeu a mim.

Minha

mãe

está

sobrevivendo. Um dia de
cada vez. Passei o primeiro
fim de semana com ela e
conversamos todos os dias,
mas me neguei a me
mudar. Minha vida é aqui.
Quer dizer, tudo aquilo de
que preciso para não sentir
mais nada está aqui. Não
posso partir.

Eu me distraio, olhando
pela janela e vendo mais
uma lua cheia que nem
meu pai nem minha irmã
verão, quando o barulho do
MSN quase me derruba da
cadeira. Desligo a caixa de
som ao mesmo tempo em
que vejo que Viviane me

aceitou.

Abro a janela dela.

Ensaiei tanto o que ia dizer

que digito rápido:

Rafael Ferraz diz:

Oi...

Não era exatamente

isso que eu tinha em mente.

Viviane Villa diz:

Oi

Ah, ela é do tipo que

não facilita.

Rafael Ferraz diz:

Tudo bem?

Viviane Villa diz:

Não

Ela devia dar aulas para

a Dessa de como não dar

mole para um homem.

Caramba! Coço a cabeça

enquanto penso na próxima

frase e vejo que ela está

digitando. Isso é bom.

Talvez não seja tão difícil
quanto eu pensei.

Viviane Villa diz:

O que vc quer?

Mulher difícil da porra.

Rafael Ferraz diz:

Me desculpar

Viviane Villa diz:

Ok. Vamos ver se vc é tão

bom em se desculpar

quanto em ser um imbecil.

Filha da puta. Tudo

bem, eu mereci. Acho que

é bom escrever o que quero

e acabar logo com isso.

Rafael Ferraz diz:

Me desculpa por ter sido

um escroto filho da puta

que não se preocupa com

os sentimentos dos outros

ao falar do seu pai, mesmo

sabendo que vc

provavelmente tinha

perdido alguém quando
cruzei com vc naquele dia.

Me desculpa por descontar
minha raiva em vc.

Me desculpa por não ter
me esforçado pra pedir
desculpa na hora e
provavelmente ter feito vc
chorar.

Quando apertado enter,
releio, chocado, o que
escrevi. De onde saiu isso?

Não era nada do que eu
pretendia dizer. Sim, eu ia
pedir desculpa, mas não
assim. Então me convenço
de que é por minha irmã,
enquanto espero a resposta.

Viviane Villa diz:

Eu não choro por idiotas.
Eu devia ficar puto, mas
me surpreendo rindo. Essa
é a garota mais difícil que

já vi na vida.

Rafael Ferraz diz:

É justo.

Acho que acabou, que
posso dizer “tchau” e
esquecer, mas ela começa
a digitar, então espero.

Viviane Villa diz:

Aceito suas desculpas.
Yés! Comemoro como
se tivesse ganhado um
prêmio. Mas o que foi isso?
Rapidamente abro a
porta do escritório para ver
se não tem ninguém ali.
Que
porcaria
de
comportamento é esse?

Rafael Ferraz diz:

A gente se fala, então...
Eu quase nem uso o
MSN. Provavelmente digitei

no automático.

Viviane Villa diz:

Ok

E fica offline.

Observo a tela por

alguns

segundos,

estranhamente

sentindo

como se tivesse tomado um

toco.

Olho para o relógio —

ainda tenho vinte minutos

de intervalo.

Fiz a minha parte e me

desculpei com a garota.

Hora de ir para o estoque.

Nota

* “Eu não consigo encontrar o meu caminho/ Deus, eu preciso de uma mudança/ É, e eu vou fazer qualquer coisa só para me sentir melhor/ Qualquer coisinha só para me sentir melhor.”

Viviane

Why can't you shoulder the blame

Coz both my shoulders are heavy

From the weight of us both.

— Snow Patrol, “How to Be Dead”^{11*}

Fico offline porque não sei mais

o que dizer. Foi um reflexo.

Rodrigo

está

parado,

olhando para mim como se

esperasse um surto a qualquer

momento.

— Você tá bem? — ele

pergunta

se

abaixando

e

virando minha cadeira para ele,

para que possa olhar para mim.

— Na medida do possível.

— Qual é o problema? — Ele

apoia os braços em meus
joelhos.

— Eu queria odiar esse cara
— aponto frustrada para o
computador. — E você me tirou
isso.

— Desculpa.

— Não é sua culpa. —

Seguro sua mão, precisando me
apoiar em algo. — Acho que
nem dele, né?

— Acho que não. A barra
dele é ainda mais pesada que a
nossa.

—

É...

—

respondo,
enquanto me lembro do que
aconteceu alguns minutos atrás.
Rodrigo entrou no meu
quarto com cara de quem
aprontou alguma coisa. Pensei

que fosse me pedir para cobrir a dele enquanto saía sem minha mãe perceber, o que seria bem fácil, mas ele apenas me estendeu um papel com um e-mail anotado.

— O que é isso? —

perguntei, lendo e relendo, sem reconhecer o nome.

— Esse cara vai te adicionar no MSN. Quero que você aceite.

— Por quê? É algum amigo seu? Eu tenho namorado, Rô.

Não seria a primeira vez que ele tentava me arrumar outro.

Quando Bernardo insistiu que queria deixar o país, Rodrigo fez de tudo para ficarmos juntos.

— Vivi, eu disse pra você dar pro cara? Só aceita.

— Por quê?

— Ah, é um cara que perdeu a irmã no dia que o nosso pai

morreu. Perdeu a irmã, o primo
e os tios em um acidente de
carro. — Ele andava pelo quarto
enquanto falava, sem olhar
muito para mim.

— Nossa... Coitado... —

Quando

percebi,

estava

apertando o papel contra o

peito.

— É. E o pai dele morreu faz
alguns anos em um assalto.

— Meu Deus! — Apertei o
papel com mais força, como se
isso pudesse confortar quem
quer que fosse o tal Rafael.

— É. — Meu irmão se sentou
ao meu lado na cama.

— Tem mais alguma coisa
que você queira me dizer sobre
ele? Por que devo adicionar?

Ainda não entendi — perguntei,

quando o pedido para adicionar
chegou e ouvi o barulho vindo
da caixa de som.

— Mais uma coisinha de
nada — ele aproximou os dedos,
mas percebi por sua expressão
que não poderia ser nada de
mais.

— O quê?

— É o motoqueiro, primo do
Lucas — ele falou bem rápido,
como
quem
conta
uma
travessura de infância.

Minha primeira reação foi
rasgar o papel em mil pedaços.

— Não vou adicionar esse
cara! — afirmei, jogando os
papéis para longe, mas já
estava tocada. Rodrigo contou
nessa ordem de propósito. Era

uma armadilha.

— Você não vai adicionar.

Ele adicionou. Só aceita. Não custa. — Meu irmão colocou a mão no meu ombro. — Ele quer pedir desculpas, Vi... Aceita, por favor. Por mim. É o tipo de idiotice que eu faria, você sabe.

Bati o maior papo com o primo dele. Eles são maneiros. São boas pessoas que perderam quem amavam, como a gente.

— Tá... — respondi, sem saída, e fui para o computador. Aceitei e, por mais que eu ainda quisesse brigar com ele, não conseguia mais.

Passei

a

tarde

inteira

odiando esse cara. Passei a

tarde inteira querendo que ele

sofresse

pelo

menos

um

pouquinho

do

que

estou

sofrendo por perder meu pai, e

aí

descubro

que

ele

provavelmente já sofre. Há

muito mais tempo, e talvez de

forma pior. E, quase que

automaticamente, minha raiva

se esvai. Por isso saí do MSN —

porque com a raiva eu sei lidar,

mas não sei o que fazer com a

compaixão que sinto por Rafael.

Rodrigo me dá um beijo na

testa e sai do quarto, me

olhando da porta e dizendo
antes de fechar:

— Valeu por falar com o
cara, Vivi. Fica bem, tá?

— Estou bem — minto,
porque sou tonta, já que
Rodrigo me conhece como
ninguém.

Fico sozinha e me deito na
cama.

É assustador como podemos
potencializar e pensar que a
nossa dor é a maior do mundo.

Ela pode realmente ser a maior
para nós, mas não é a única. Em
qualquer lugar, existem pessoas
sofrendo por perder alguém
agora.

Agora.

E agora...

A todo segundo alguém
morre. A todo segundo alguém
perde um ente querido. A todo

segundo alguém se parte. A

todo

segundo.

Ninguém

é

poupado,

nem

mesmo

o

motoqueiro irritante de quem

ocê queria ter raiva, porque se

revoltar é melhor que não sentir

nada, e você está morrendo de

medo de atingir o nível de sua

mãe

e

simplesmente

não

enxergar mais nada ao redor.

Telefone para César. Preciso

ouvir a voz dele. Preciso sentir

algum conforto nele. Preciso que

ele me faça acreditar que tudo

vai ficar bem outra vez. Preciso
de tantas coisas e, depois de
quarenta e oito minutos de
conversa,
sinto
que
não
consegui nenhuma delas.

Coloco os fones de ouvido e
ligo o som, no volume mais alto
que posso aguentar. Ouço uma
única música repetidas vezes.
Aquela que expressa tudo o que
aperta meu peito desde que
meu pai se foi e que hoje me
afeta ainda mais.

I miss you

I miss you so bad

I don't forget you

Oh! It's so sad.

I hope you can hear me

I remember it clearly.

The day you slipped

away

Was the day I found

It won't be the same. **

“Slipped Away”, da Avril

Lavigne. Passo pelo menos uma

hora

ouvindo

sem

parar,

tentando não pensar em nada e

pensando em tudo.

E,

nessa

uma

hora,

aproximadamente seis mil cento

e vinte pessoas morreram. Isso

se não aconteceu um atentado

terrorista. Tem uma pesquisa da

ONU que comprova esses dados.

São coisas assim que você se

pergunta quando perde alguém.

Eu me encolho debaixo do

edredom, me sentindo muito
pequena, mas sei que não estou
sozinha. Milhares de pessoas
sentem exatamente o mesmo
em muitos lugares por aí. Até
mesmo ele... Talvez, para ele,
seja ainda pior.

Notas

* “Por que você não pode aguentar a
culpa?/ Pois meus ombros estão pesados/
Com o peso de nós dois.”

** “Sinto sua falta/ Eu sinto tanto a sua
falta/ Eu não esqueço você/ Ah! É tão
triste.// Espero que você possa me ouvir/
Eu me lembro claramente.// O dia em que
você partiu/ Foi o dia em que eu percebi/
Que nada mais será igual.”

8

RAFAEL

All my life I've been searching for
something
Something never comes, never
leads to nothing

Nothing satisfies, but I'm getting
close.

— Foo Fighters, “All My Life”*

Faz um mês e uma semana
que saio de casa e volto
para
encontrar

Lucas
sentado no sofá, assistindo
a qualquer programa de
televisão. Como em uma
porra de um looping eterno
de autopiedade.

Não sei o que dizer a
ele, porque odiava qualquer
frase bonitinha sobre a
morte quando meu pai
morreu e sigo odiando. Não
tem o que dizer. As pessoas
se iludem pensando que, se
disserem algo certo, vão
proporcionar
algum

conforto. Eis uma verdade
sobre o luto: não existe
conforto.

Por não saber o que
dizer, cedi quando minha
mãe
pediu
que
o
convencesse
a
fazer
terapia, porém sem esperar
resultados.

É por isso que, ao abrir
a porta de casa, às quatro
da manhã, e tentar colocar
o capacete sobre a mesinha
estrategicamente
posicionada ao lado da
porta para esse fim, me
surpreendo com o lugar já
ocupado. Tem um capacete

ali, que vale mais do que
algumas motos de amigos
meus,
mas
não
tenho
tempo de pensar nisso,
porque ouço a gargalhada
de Lucas.

— Perdeu, playboy —
ele diz, em meio a acessos
de riso.

Alguém ri com ele. Não
reconheço a voz. Movo um
pouco o corpo e avisto pés
sobre a mesinha de centro,
cervejas abertas e fios. De
onde saíram aqueles fios?

—

O
que
está

acontecendo? — pergunto,

me aproximando dos dois.

— Oi, primo. Lembra

do Rodrigo?

Eu lembro. É o garoto
que perdeu o pai. Não tem
como não perder um pouco
da antipatia imediata que
sinto quando acrescento
isso à frase. Deve ter uma
convenção em algum lugar
que faz com que nós, os
órfãos, nos identifiquemos
rapidamente.

Apesar disso, não gosto
da zona de guerra que se
tornou
minha
sala.

E
empurro os pés dele para o
chão.

Desde que me mudei
para

cá,

quando

tudo

aconteceu,

adquiri

o

costume de querer tudo na

mais perfeita ordem. Não,

não

é TOC, é costume.

Quero manter em ordem

aquilo que posso controlar.

— E aí, cara? — o

garoto estende a mão com

um sorriso acolhedor.

O tipo de pessoa que

quebra qualquer muro de

resistência, mas não hoje.

— E aí? — devolvo,

lançando

um

olhar

inquiridor a Lucas, que vira

o controle do videogame.

Desde quando temos um
XBox? — De quem é isso?

— É meu. — Lucas

sorri de orelha a orelha.

Por quanto tempo fiquei
fora?

— Como assim, seu?

A família de Lucas vivia
numa situação financeira
bastante difícil. A casa era
alugada, e o carro deu
perda total no acidente.

— O Rodrigo me levou
pra comprar. Assim a gente
pode jogar, em vez de só
falar de jogos. Depois que
eu comprar minha própria
moto, vou poder ir até a
casa dele. É meio longe
daqui para ir de ônibus.

E é mesmo. Pelo que

Lucas me disse, seu novo

amigo mora nos Jardins,
simplesmente
um
dos
bairros
mais
caros
da
cidade de São Paulo, no
ponto mais nobre possível.

—

Já

recebeu

o

dinheiro do seguro?

Estou preparado para
matar meu primo se ele
gastou o pouco dinheiro
que tinha com algo tão
estúpido.

— Foi um presente. —

Rodrigo se levanta e olha
diretamente para mim.

Provavelmente ele tem
a mesma idade do Lucas,
uns dezoito, mas é mais
alto, da minha altura.

—

Você

deu

um

videogame novo pra um
cara que mal conhece?

— É. — Ele me

surpreende cruzando os
braços e me encarando.

É impressão minha ou
esse moleque está me
enfrentando?

— Então pegue seu
presente e vá pra casa. São
quatro da manhã e quero
dormir. Sua mãe deve estar
preocupada.

Faço uma prece em
pensamento para ele ter

uma mãe em casa, ou vou
ter batido o recorde de falar
merda para essa família.

—

Caramba!

São

quatro

horas?

—

Ele

confere

o

relógio.

—

Preciso ir mesmo, Lucas.

— E se vira para o meu
primo, me ignorando. Não
posso dizer que ele não seja
destemido. — Amanhã a
gente se fala. Boa noite aí,
cara — diz para mim e
caminha até a porta.

— O videogame —

digo, enquanto Lucas olha
 de um para o outro sem se
 meter.

Prudente,

pelo

menos.

— É presente. Já disse.

Fica aí. — Ele pega o

capacete.

— E você lá tem

dinheiro

para

ficar

comprando presentes assim

para pessoas que mal

conhece? — Nem sei por

que pergunto.

— Na verdade, tenho

sim

—

ele

diz

com

tranquilidade,

me

desafiando a falar algo.

— Típico.

— Cara, para com isso

— Lucas intercede. — É só

um videogame e posso

pagar depois.

— Não vai pagar nada

— o garoto e eu falamos ao

mesmo tempo.

Nós

nos

encaramos

mais uma vez. Percebo o

mesmo arzinho autoritário

que existe na irmã dele;

deve ser algo de criação.

Ao mesmo tempo, tem algo

nele que faz com que eu

queira

automaticamente

ceder. Talvez por não ouvir

Lucas gargalhar daquele
jeito há muito tempo.

— Amanhã eu volto,
Lucas. Você não vai jogar o
videogame pela janela ou
algo assim, né? — Rodrigo
pergunta para mim, já com
a mão na porta.

— Pareço irracional?
Ele dá de ombros. Rio e
passo a mão pelos cabelos,
enquanto ele me lança um
sorrisinho

besta.

Um
acordo
silencioso.

De
alguma forma que não
compreendo, ele sabe que
vou deixá-lo ficar, assim
como o videogame. É isso,
ou ele sabe que voltaria

mesmo

que

eu

não

deixasse.

Nota

* “Durante toda a minha vida procurei algo/ Algo nunca chega, nunca leva a nada/ Nada me satisfaz, mas estou chegando perto.”

9

Viviane

Cause perfect didn't feel so perfect

Trying to fit a square into a circle

Was no life

I defy.

— Hilary Duff, “Come Clean”*

Eram por volta das oito da noite

quando Rodrigo saiu e me

avisou que não tinha hora para

voltar. Fui até o quarto da

minha mãe, que já dormia.

Tentei assistir à televisão, mas,

como nada me prendeu, agora
estou esperando César passar
para me buscar. Preciso sair um
pouco. Os empregados já estão
dormindo, e a casa parece ainda
maior no silêncio da noite.

Às quinze para as onze,
passo pelo segurança no portão,
que me lança um olhar de “essa
casa virou uma zona”. Ele tem
razão, o que posso fazer?

Vovô ainda tenta pôr ordem,

vovó

passou

alguns

dias

conosco,

mas

não

é

nos

pressionando que as coisas vão

voltar a ser o que eram; quer

dizer, elas simplesmente não
vão voltar.

Estou vestindo preto dos pés
à cabeça, com direito a gola alta
e um gorrinho que dá um toque
delicado a tanta escuridão. Sou
eclética em meu modo de vestir
— posso ir do gótico a princesa
da Disney em dois segundos.

Provavelmente foi isso que me
levou

a

cursar

moda

na

faculdade, embora eu não veja
mais sentido nisso e esteja
pensando em trancar por um
semestre, pelo menos.

Meus cabelos estão lisos,

inclusive os tingi de castanho-
escuro há dois dias, próximo à

cor

original.

Eu

não

me

arrependo de ter tirado o loiro,

porque

minha

razão

era

justamente querer me olhar no

espelho e não me ver Avril.

Às vezes me pego pensando

no motoqueiro. Achei que ia

passar quando mudasse a cor. É

difícil não pensar, já que

Rodrigo passa mais tempo com

Lucas do que em casa.

César estaciona o Audi A3

prata e desce para me dar um

beijo rápido nos lábios. Ele é

uma

antítese

para

meus

pensamentos atuais. A calça social bem passada e a camisa listrada de mangas compridas da Lacoste são o oposto da calça jeans rasgada e da camiseta

preta

justas

que

insistem em surgir em minha mente cada vez que fecho os olhos.

Ele abre a porta do carro, espera que eu entre e a fecha. Sempre o mesmo ritual. Não existe ninguém mais educado que ele. Namoramos desde que eu estava no segundo ano do ensino médio. Ele é primo do Maurício, marido da Clara. Aliás, foi através dele que ela o conheceu. Tem vinte e três anos

e já está estagiando na área de contabilidade

de

uma

multinacional, por isso não pôde ir ao enterro, fato que ainda não perdoei completamente.

Meu pai o adorava; meu avô, se pudesse, o adotaria. Ele é o típico garoto brilhante e inteligente. Mesmo sendo novo, sugeriu muitos investimentos rentáveis à minha família. Por ele, nos casaríamos amanhã, assim como Maurício e Clara, mas não me vejo casada tão cedo. Gosto dele, gosto muito, só não sei se estou pronta para um passo tão grande. E não sei explicar direito, mas nós nos distanciamos

durante

o

tratamento de meu pai.

Às vezes eu converso mais
com Bernardo, que está em
outro continente, do que com
César. Aliás, fiz algo que talvez
não devesse ontem. Liguei para
Bernardo e disse que não gosto
das novas amizades do Rodrigo.
O que posso fazer? Não gosto
mesmo. Meu irmão tem voltado
de madrugada para casa e
muitas
vezes
cheirando
a
bebida. Não que ele fosse um
exemplo
de
comportamento
quando meu pai estava vivo,
mas está ultrapassando todos
os limites. Tentei conversar com
minha mãe e o máximo que

consegui foi que ela espera que
essa fase passe um dia. Já foi
muito ela ter falado.

Meu namorado entra no
carro e liga o rádio antes de
partir. Como sempre, na Antena
1. Seguro um resmungo. Não
que eu não goste dessa rádio,
mas ela só toca música antiga e
me sinto com cinquenta anos,
sem contar que era a preferida
do meu pai. Então, qualquer
intenção de tentar me distrair se
perde.

— O que deu em você para
me ligar tão tarde?

— Senti sua falta.

Não

é

completamente
verdade, mas não vou contar
sobre Rodrigo para César. Ele
contaria ao meu avô e ainda

diria que foi com a melhor das
intenções.

— Bom saber. — Ele dá um
meio-sorriso enquanto dirige, e
observo

os

cabelos

loiros

perfeitamente penteados. Se
um fio ali sair do lugar, é
provável que César arrume
imediatamente. Ele é todo
certinho.

Então me pego pensando
que gostaria de bagunçar alguns
fios, só para ver como ficam, e,
sem poder me conter, faço isso.

— Já experimentou deixar os
cabelos assim? — pergunto, mas
sua mão arrumando o que
baguncei me dá a resposta
antes mesmo que ele diga.

— Não. Vamos deixar as

experimentações para você. É coisa de adolescente. — Ele lança um olhar rápido para as minhas roupas. — Prefiro ser sempre o mesmo.

— Isso é chato. — Cruzo os braços e levanto o queixo, agindo exatamente como a quem odiei ser comparada: uma adolescente.

Viro para o lado ao mesmo tempo em que um motoqueiro passa a toda velocidade. Droga!

— Motoqueiros... — César bufa.

—

Tem

algo

mais

inconveniente?

— Não, não tem — respondo no automático, sem saber o que ele vê de tão inconveniente em

um motoqueiro, mas aí me lembro do óbvio. — O Rodrigo também anda de moto. — Minha irritação é evidente na voz.

— Um costume que vai passar com o tempo. Também é coisa de adolescente.

— Você só é cinco anos mais velho, César.

— E cinco anos dão muita maturidade. Sei que foi isso que chamou sua atenção. Minha maturidade e minha capacidade de cuidar de você.

— Posso cuidar de mim sozinha.

— Ih... Se está de mau humor, por que quis sair? Porque eu não estava?, penso, mas não digo, afinal quem fez o convite fui eu.

— Deve ser TPM.

— Deve mesmo. — Ele dá
uma risadinha, enquanto embica
o carro para entrar no motel. —
Vou te acalmar já, já.
Homens... Se a gente falar
toda semana que qualquer
motivo de irritação é TPM, eles
acreditam. Não é possível que
não saibam contar!

Nota

* “Porque o perfeito não me pareceu tão
perfeito/ Tentar encaixar um quadrado
dentro de um círculo/ Não era vida/ Eu
desafio.”

10

RAFAEL

Come as you are, as you were
As I want you to be
As a friend, as a friend, as an old
enemy
Take your time, hurry up
Choice is yours, don't be late.

— Nirvana, “Come as You Are”*

A rotina de dar de cara
com
Rodrigo
Villa ao
chegar em casa tem se
repetido pelo menos dia
sim, dia não. Decido que
vou dar apenas mais uns
dias para meu primo e
depois
exigir
que
ele
arrume um emprego. Que
mundo é esse em que, com
vinte e três anos, de repente
virei babá?
Outro dia disse aos
moleques
que,
se
quisessem ficar aqui, pelo
menos deviam manter o

apartamento em ordem. Aí

chego e encontro tudo

impecavelmente

limpo.

Elogio e eis o que ouço:

— Posso pedir para a

faxineira vir toda semana,

se você quiser — Rodrigo

oferece do sofá, enquanto

olha fixamente para a

televisão.

Esse garoto pensa que

dinheiro compra tudo na

vida.

É

uma

péssima

companhia para Lucas.

— Não quero que você

gaste seu dinheiro aqui.

Quero é que não faça

bagunça.

— Vixe, Rafa — Lucas

finge

uma

careta

de

desespero. — Então nem

abre a geladeira.

Abro.

— Que merda é essa?

Nunca vi tanta opção de

comida diferente. Não tem

um espaço vago, e é

provável que algo estrague.

— Ué, se eu como, eu

compro comida — Rodrigo

responde,

apertando

os

botões do controle como se

sua vida dependesse disso.

—

Não quero seu

dinheiro.

— Não lembro de ter

perguntado.

—

Moleque...

—

Arranco o fio da televisão
da tomada. Ainda mando
aqui.

— Ah, cara, eu não
tinha salvado ainda... —

Rodrigo resmunga.

— Meu, a gente estava
nessa fase há horas —

Lucas endossa.

—

A

questão

é

exatamente essa. Vocês

dois

estão

desocupados

demais.

Acabou

a

palhaçada.

Olho para os dois, que

incrivelmente

se

calam,

como se esperassem por

isso, como se quisessem

que alguém lhes dissesse o

que fazer. Aperto a testa.

Não é bem o que eu queria

para mim, mas cansei de

achar argumentos a cada

vez que a vida me ferra.

Sento na mesinha de

centro, de frente para os

dois perdidos, refletindo

sobre o que diria a mim

mesmo quatro anos atrás,

quando perdi meu pai,

larguei tudo e fui morar

sozinho. Branco... Não sei

o que eu diria. Se soubesse,

não seria eu. Então começo
pelo básico.

— Por que você passa
tanto
tempo
aqui?

—
pergunto para Rodrigo, e
ele responde com uma
facilidade incrível.

— Minha mãe passa os
dias trancada no quarto e
eu não sei o que dizer.

Minha irmã fala do meu pai
o tempo todo e eu não sei o
que dizer. Meus amigos
querem saber o que estou
sentindo, querem me ajudar
de alguma forma. Não sei
como
lidar
com
essa

situação, então eu venho
porque o Lucas não faz
perguntas. Ele sabe. Ele
não vai me julgar se eu rir.
Parece que às vezes, se eu
rio, é como se eu estivesse
matando meu pai outra vez.
Mas eu não quero sofrer
pra sempre. Não tô a fim
de me afundar como a
minha mãe nem de falar o
tempo
inteiro
como
a
minha irmã. Só quero ser
normal de novo. — Ele
puxa o fôlego quando
termina, como se tivesse
permitido
que
uma
avalanche saísse.

Lucas coloca a mão no
braço do amigo, sem dizer
uma palavra, e percebo o
óbvio: os dois são melhores
que terapia um para o
outro. Rodrigo e Lucas são
iguais. São o ombro um do
outro. O ombro que eu não
tive. Talvez isso possa
evitar que meu primo tome
o mesmo rumo que eu.
Quero dizer a Rodrigo
que ele não devia deixar a
mãe e a irmã sozinhas, mas
como
posso
ser
tão
hipócrita? Foi exatamente o
que eu fiz.
— Se quiser ficar, vai
ter que parar de colocar
dinheiro na minha casa —

ergo a mão com o dedo em
riste.

— Se eu como, eu pago
— ele balança a cabeça,
negando-se a aceitar. —

Você tem que parar de
achar

que

dinheiro

é

pecado. Já vi sua moto.

Não é barata. Sua casa não
é exatamente uma maloca,
né? Você gastou dinheiro.

— Dinheiro que ganhei
com o meu trabalho, não
porque o meu pai... — É

quase

um

reflexo.

—

Desculpa. — Coloco a mão
sem jeito em seu joelho,

querendo que ele perceba
que foi um lapso e não veja
o que existe por trás disso.

—

Você

está

me

julgando

—

Rodrigo

dispara, mas contém a
indignação. Ele sabe muito
bem como me sinto. —

Você acha que eu sou
como o garoto que causou
o acidente.

Meu

Deus.

Esse

moleque fala tudo que lhe
vem à cabeça.

— Ele não é, Rafa —

Lucas diz, antes que eu

possa ter alguma reação. —

Ele é playboy zinho e cheio
da grana, sim. Não tem a
mínima noção de quanto
vale um videogame ou que
o capacete dele poderia
pagar vários meses da
prestação do apartamento,
mas é um cara legal. E é
meu melhor amigo.

Os dois se olham e dão
um soquinho com as mãos.
Se eu fosse mole, choraria.
Eles são o reflexo torto um
do outro. Um filho da elite
paulistana e um garoto da
periferia, mas são irmãos.

Nem
que
eu
quisesse



poderia mudar isso.

Rodrigo e Lucas vão

superar

porque

se

encontraram em meio à

tragédia. Têm mais sorte

que o resto de nós.

Chego em casa e nenhum

dos moleques está. Liguei

antes e avisei que se

mandassem porque queria

privacidade.

Agora,

após

transar

com

uma

mulher

que

conheci no bar e me deu

mole a noite inteira, escuto

um solo de bateria em

minha mente e canto uma
melodia
qualquer.

Basicamente

o

que

acontece após toda transa.

Estou deitado na cama e
acaricio um dos seios dela,
que está muito satisfeita.

De nada.

Este momento não vai
durar. Sou excelente no
antes e no durante, mas
meio frio no depois. Não
me conecto. O que não me
impede de começar tudo
outra vez e criar um novo
antes, um novo durante, e
assim por diante.

Meus olhos passeiam
pela parede cinza do quarto
até pararem, como sempre,

sobre ela. A única garota
que passa a noite neste
quarto. Minha Les Paul da
Epiphone, preta. Minha
guitarra. O último presente
que meu pai me deu, de
onde nunca mais saiu
nenhum acorde depois que
ele morreu. A dona do
quarto...

A breve melancolia é
sinal
de
que
preciso
levantar. A garota na cama
ainda tenta segurar meu
braço.

— Já volto. — Saio
andando, ciente de que ela
admira minha bunda.

Vou para o banho.
Deixo a água cair pelos

cabelos, alongo o pescoço
e, enquanto ensabo o
corpo, cruzo o olhar com o
espelho.

Os

músculos

foram adquiridos durante
anos treinando jiu-jítsu. A
tatuagem de carpa longa e
negra começa na mão, um
pouco antes do punho, e
sobe pelo braço, como fogo
procurando caminho para
se expandir, em meio às
águas turbulentas e também
negras que a envolvem.

Termina no ombro, mas as
barbatanas ainda sobem

pelo

meu

pescoço.

Pequenos sinais em cada

um dos dedos da mão

direita, como espirros de
água, completam as marcas
que eternizei em meu corpo
e que denunciam a fase em
que a vida tratou de me
levar para rumos que eu
não esperava ou queria. A
carpa está apontada para
cima, mostrando que ainda
não cheguei aonde eu
quero, mas sigo em frente
mesmo não sabendo o que
isso vai me trazer. E a cor
preta simboliza a vitória
após
uma
época
de
mudanças
difíceis.
Não
consegui nenhuma vitória,
praticamente só perdi, mas

olhar para a tatuagem todos
os dias me faz lembrar que
ainda não desisti.

Algumas lendas dizem

que

o

esforço

e

a

perseverança das carpas ao

passar

por

situações

adversas e sobreviver são

recompensados no final, e

então elas se transformam

em dragões. A beleza dessa

metáfora foi o que me

atraiu para essa tatuagem.

Estou divagando sobre

isso quando o telefone toca,

e o som distante me faz

querer matar Lucas por não

deixar o aparelho sem fio

sempre

na

base.

Saio

pingando pelo apartamento,

e da sala posso ver a

mulher

de

quem

não

lembro mais o nome se

espreguiçar feito uma gata

em minha cama. Hesito

entre atender e partir para

o segundo round, mas tem

alguém muito insistente do

outro lado, então cedo.

— Alô.

Silêncio.

— Alô.

Mais silêncio. Decido

desligar e, um segundo

antes de apertar o botão,

escuto:

— Alô...

É ela. A garota.

— Pois não?

É, sou desses que não

facilitam também.

— Boa noite... Eu sei

que é tarde...

Não,

gata,

é

de

madrugada.

—

Meu

irmão,

o

Rodrigo, está por aí? Ele

não atende o celular e estou

preocupada.

— Não tá.

— Você sabe se ele

está com o seu primo?

— Acho que sim. Eles
não estavam aqui quando
cheguei,

e

o

Lucas

comentou algo sobre uma
festa na casa do Gigante. O
Rodrigo deve ter ido junto.

— E onde é essa casa
do Gigante?

Passo a ela o endereço
e só depois percebo que
posso ter feito merda.

— Obrigada.

Sei que é só desligar e
voltar para a cama, mas
tenho que perguntar:

—

Você

não

está

pensando em ir até lá, né?

Já, já ele chega aí.

Uma garota dos Jardins

não deve ir para aquela

área,

especialmente

de

madrugada.

—

Estou,

sim.

Obrigada.

Desligar na minha cara

já está virando mania.

Vou para o quarto e a...

É... não vou lembrar o

nome. Ela estica as pernas

e puxa meu corpo. Eu a

beijo. Penso. Beijo outra

vez. Penso de novo. Mas

que merda!

— Gata, hora de ir

embora. Preciso sair. — Já

estou colocando as calças
quando digo isso, sem
chance de argumentações.
Então, mais uma vez,
que mundo é esse em que
de repente virei babá?

Nota

* “Venha como você é, como você era/
Como eu quero que você seja/ Como um
amigo, como um amigo, como um antigo
inimigo/ Leve o tempo que precisar, se
apresse/ A escolha é sua, não se atrase.”

11

Viviane

It's been a hard day's night
And I've been workin' like a dog
It's been a hard day's night
I should be sleepin' like a log.

— The Beatles, “A Hard Day's Night”*

São três horas da manhã e
estou rolando na cama. Durmo
em cama de casal desde os
quinze anos, mas hoje ela

parece gigantesca. Acendo o
abajur,

que
ilumina

parcialmente o quarto. Olho
para a escrivaninha e decido
ligar o computador.

Enquanto ele inicia, vou até
o quarto do Rodrigo, que ainda
não chegou. Sento um pouco na
cama dele, apoiando as mãos
no colchão. Como a vida pôde
mudar tanto a ponto de eu ser a
pessoa que passa a noite
acordada enquanto ele não
chega?

Volto para o meu quarto e
sento na frente do computador.

Pelo horário, poucas pessoas
estão online.

Eu me distraio procurando
novidades
sobre Smallville.

Adoro a série, mas estou
atrasada com os capítulos.

Sou

surpreendida

pelo

barulho do MSN e uma janela
que abre. Corro para ver, pode
ser meu irmão. É Bernardo.

Conversamos

por

alguns

minutos. Peço para ele voltar,
ele me pede para ir e depois diz
que vai resolver tudo com

Rodrigo e fazê-lo parar de se
comportar

como

se

fosse

sozinho no mundo. Ele é assim,
sempre acha que pode resolver
tudo.

Quando ele fica offline, sei

que não posso esperar até que
ele converse com meu irmão.

Vou resolver isso já.

Rodrigo deixou o telefone da
casa do Lucas, já que passa a
maior parte do tempo lá. Pego o
papel

e

minha

obstinação

morre. Como é que vou ligar
para alguém a essa hora?

Seguro o telefone sem fio,
como se ele fosse me dar
alguma ideia. O que eu faço?

Quando Rodrigo e eu éramos
pequenos e não sabíamos se
devíamos fazer algo, tínhamos



uma brincadeira. Se a hora
marcada no relógio fosse par,
fazíamos;

se

fosse

ímpar,

deixávamos pra lá. Muito bem.

São 4h02.

Como o motorista só trabalha de madrugada se agendarmos, chamo um táxi. Não sem antes avisar ao segurança de casa para me ligar caso Rodrigo chegue. E, confesso, eu o subornei para não contar nada ao meu avô. Não sei a que ponto estamos realmente por nossa conta e quanto vovô está nos espionando. Conhecendo-o como conheço, acho que esse distanciamento é um teste.

Não presto atenção em quanto tempo leva para chegar à tal festa. Estou distraída com o ambiente, e a mudança é notável.

Não sou nenhuma menina
ingênua que vive em uma bolha.

Sei muito bem da miséria e da
decadência que habitam muitas
partes da cidade, apesar de ter
nascido onde nasci. Meu pai
sempre fez questão de que
Rodrigo e eu nos envolvêssemos
nas causas sociais que ele
apoiava.

Meu avô é um espanhol que
chegou ao Brasil apenas com
minha avó, dois filhos pequenos
e uns poucos trocados. Para ele,
era
fundamental
que
conhecêssemos a vida daqueles
que não têm os mesmos
benefícios que nós. Meu pai
pensava da mesma maneira,
mas era mais maleável.
Quando chegamos à casa,

antes que eu peça para o
motorista esperar, ele avisa:

— Não posso ficar parado
aqui. Tem muito assalto nessa
área, mas posso voltar se você
me ligar.

Ótimo. Vou ter que me virar.
Penso seriamente em telefonar
para César, mas ele não
atendeu quando liguei, às duas
da manhã. Quando ele dorme,
desaba.

Desço

do

táxi

com

a

bolsinha prateada pendurada no
braço e a aperto contra o corpo
quando um carro passa correndo
por mim. Tão próximo que sinto
que, se a saia do meu vestido
não fosse tão justa, eu teria

ficado sem ela. Eu já havia separado a roupa que ia usar no dia seguinte para almoçar com minhas amigas, então, na pressa, optei por essa mesma. Pensando bem, acho que não foi uma boa escolha. Estou usando um vestido preto de mangas três quartos, com os últimos dois palmos listrados de branco — palmos, aliás, que não passam das minhas coxas. Quando estava saindo apanhei meu celular na mesinha e, como a boina vermelha estava ali, peguei também. Olho para os meus pés — certamente o tênis Lacoste branco que César me deu foi uma péssima ideia... Olho em volta, para a rua

completamente escura, e sei
que essa é a pior roupa que eu
poderia estar usando. E que é
bem feito para mim se eu tiver
que voltar descalça para casa.

Há

muitos

carros

estacionados e ouço barulho de
vozes, além de uma batida
musical em algum lugar dentro
da casa.

Toco a campainha e espero.

Nada.

Toco outra vez e fico

apertando o botão, sem me
importar com quantas vezes
ouvi que isso é falta de
educação.

Nada.

Tento o óbvio: empurro o
portão de ferro. Ele se abre com
um rangido e coloco a cabeça

para dentro.

Entre entrar e aguardar,
decido entrar e fecho o portão
atrás de mim.

Há um longo e estreito
corredor. Quanto mais ando,
mais ouço o barulho da festa.

Adiante, finalmente posso ver as
pessoas.

“Tropa de elite”, do Tihuana,
toca bem alto. Tem muita
fumaça e bebida para todo lado.
Garrafas vazias caídas e pessoas
se beijando. Não, pessoas
transando em um canto da
parede. Onde é que meu irmão
se meteu? Por Deus, que ele
não tenha se metido em
ninguém.

O
pensamento
provavelmente
explode

em

forma de cara de nojo. Estou fazendo o possível para não encostar em nenhum lugar.

Nunca se sabe que parede foi usada.

Quando

as

pessoas

começam a me notar, me lançam olhares estranhos, como se eu fosse um bichinho perdido, e cutucam umas as outras, apontando para mim.

Talvez por eu estar sozinha. Fico chocada quando vejo uma colega da faculdade. Como ela chegou aqui?

Diferentemente do que eu pensava, há muitas garotas como eu. E garotos também.

Como este lugar virou point?

A

pergunta

encontra

a

resposta

quando

uma

das

garotas passa a mão no nariz e

estou perto o bastante para ver

o saquinho de pó em sua mão.

Drogas. Ah, meu Deus, cadê

meu irmão?

Tentei

perguntar

sobre

Rodrigo à menina da faculdade,

mas ela me ignorou, e o fato se

repetiu três vezes com outras

garotas.

Estou quase decidida a sair e

ligar para César, ou até para

meu avô, quando sinto um

puxão no braço.

— Ei, delícia! — Um cara me derruba no colo e simplesmente apalpa meu seio.

Não levo nem um segundo para me levantar, mas trombo com outro rapaz que passava.

— Opa! Calma... — aquele que puxou meu braço diz, tentando se aproximar outra vez.

Não dá para correr, não dá para fazer nada que o impeça de me segurar, então me lembro das palavras de meu pai quando fiz dezoito anos e comecei a sair para baladas com as minhas amigas: “Pequena, preste atenção. Vou lhe dar o conselho que meu pai deu à minha irmã na sua idade. Se um dia você estiver numa situação com um homem que você não quiser, mas não tiver como

fugir, não se desespere. Ele provavelmente vai ser mais forte. Deixe ele pensar que está ganhando, que pode te dominar, que você é uma presa fácil. E então, quando ele pensar que você não vai mais reagir, agarre ele entre as pernas e aperte até não conseguir mais fazer força. Depois corra. Corra e não olhe para trás. Ai me chame que eu mato o sujeito”.

Mesmo

completamente

assustada, porque sei que meu pai não vai aparecer para matar o sujeito depois, é exatamente o que faço. E, enquanto aquele desconhecido cai no chão, corro em disparada em direção ao corredor, mas outra parte do plano de meu pai falha, porque, na fuga, trombo com algo muito

forte e sinto meu corpo cair.

Nota

* “Está sendo uma noite de um dia difícil/

E eu estive trabalhando como um

cachorro/ Está sendo uma noite de um dia

difícil/ Eu deveria estar dormindo com o

um tronco.”

12

RAFAEL

As beautiful as fire against the
evening sky

You fuel the lost desire — I no
longer wanna die.

— Seether, “Take Me Away””*

Nunca em toda a minha
vida — bem louca, assumo
— vi uma garota nocautear
um cara daquele jeito.

Quando entrei, demorei
poucos
minutos
para

localizar Viviane. Ela se

destacava de todos ao
redor. E não pense que falo
da roupa ou do estilo.
Enquanto todos estavam à
vontade, a garota torcia o
nariz
de
forma
quase
ofensiva. Eu estava pronto
para chamar seu nome no
momento em que percebi o
clima tenso, e, quando
balancei a cabeça achando
que teria de bancar o herói
da donzela indefesa, ela
simplesmente esmagou as
bolas do cara. Ela *esmagou*
as bolas do cara. ESMAGOU AS
BOLAS DO CARA!
O pensamento que se
repete feito um eco atrasa
minha

reação,

e

só

desperto quando a vejo
correr em minha direção.

Não que ela tenha me visto
— pela trombada que a
gente dá, tenho certeza que
não.

Eu a pego antes que
caia, mas ela está tão
assustada que dou um
passo para trás.

— Calma, sou eu. Tá
tudo bem — digo, ao ver
que ela está pronta para me
atacar.

Instintivamente, coloco
a mão entre nós e protejo a
zona que poderia correr
riscos ao perceber que seus
olhos estão arregalados.

Quero ajudá-la, mas não

estou a fim de danificar
meu equipamento.

—

Rafael?

—

ela
pergunta, confusa.

O

brilho

de

reconhecimento é seguido
pelo alívio em seu olhar.

Dou um meio-sorriso. Taí
algo que eu não esperava

— nem o alívio nem o
sorriso.

— Sim. — Seguro seus

ombros, mas a mantenho

longe do meu corpo. —

Posso me aproximar ou vou

acabar no chão como

aquele cara? — Duvido que

ela

me

pegasse

desprevenido, mas brinco
para aliviar a tensão, e ela
dá um soluço misturado
com risada. Ela está à beira
de um ataque de nervos.

— Pode.

Eu a abraço, por dois
motivos. Primeiro: sei que é
o que ela precisa. Ela está
em estado de choque.

Segundo: esta é a minha
área. Conheço muitos caras
que estão na festa. E aqui
funciona assim: ou você
marca a garota como sua,
ou alguém vai catar.

O cara caído se levanta,
e dois de seus amigos já
estão vindo até mim.

— Fica aí! — falo alto,
apontando para ele com

uma mão e envolvendo
Viviane com o braço livre.
Ela não faz objeção.
Alguém desliga o som.
Tem uma coisa que as
pessoas curtem mais do
que música numa festa:
uma boa briga.
— Mermão, essa mina
precisa de um corretivo.
— Fica na sua! Cadê o
Gigante? — pergunto pelo
dono da casa, enquanto um
círculo de pessoas se junta
à nossa volta.
Merda! Um dos caras
caminha decidido até nós.
Coloco Viviane atrás de
mim, fecho o punho e
acerto a cara dele, que
desaba
com
o

nariz

estourado.

Não dá tempo nem de
pensar. O outro cara me
ataca. Sou mais rápido —
pego o braço dele, torço e,
usando o peso de seu
corpo, o jogo no chão. Pelo
barulho e pela posição, sei
que no mínimo desloquei
seu ombro.

Ouço um tiro e Viviane
dá um pulo, seguido de um
grito. Em um instante,
seguro sua mão.

— Acabou a putaria! —

berra o cara mais alto e
maluco que já conheci,
enquanto
balança
um

revólver para cima e para
baixo. Assim que me vê,

ele abre os braços e sorri.

— Barman, parceiro! Tinha

que ser você o puto pra

agitar essa porra. Tava

mole isso aqui.

Qualquer ameaça de

confusão termina. Ninguém

que conhece o cara ousaria

continuar, a menos que

quisesse

ser

desovado

como indigente em algum

lugar.

— E aí, cara? —

cumprimento sem soltar

Viviane,

chamando

a

atenção dele.

Gigante

coloca

o

revólver na cintura, sem
tirar os olhos da garota. Ele
é um negro forte, e o modo
como
parece
querer
Viviane
me
incomoda.

Também, como não querer
com essa maldita saia
curta? Nunca pensei que
teria um problema com ele,
mas me preparo para o
pior.

— Sua mina?

— É — respondo,
agradecendo ao gato que
comeu a língua de Viviane.

Ela só olha ao redor,
enquanto aperta a minha
mão.

— Porra! As melhores

sempre são suas.

— Nah! Perdi uma

linda pra você uma vez.

Duas, na verdade. — Sou

certeiro, e ele dá uma

gargalhada.

— Irmão, aquela mulata

e aquela ruiva...

Acompanho a risada e

percebo que o choque de

Viviane

está

passando,

porque ela revira os olhos,

com cara de menosprezo.

Felizmente

Gigante

não

percebe.

— Vim buscar meu

primo. Viu o moleque por

aqui?

—

pergunto,

querendo

resolver

a

situação e ir embora.

— O Lucas apareceu

com um moleque novo que

não quis experimentar nada

além de álcool.

Viviane suspira de alívio

e não consigo conter um

sorriso. Ela realmente não

conhece nada do que o

mundo oferece.

— Estão aí ainda? —

pergunto.

— Não, saíram com

duas garotas. Não sei pra

onde foram. O moleque

novo é divertido. Careta

demais

ainda,

mas

divertido. Fala pro Lucas

trazer ele mais vezes.

— Nem ferrando... —

Viviane murmura baixinho,

perto do meu ouvido.

A música recomeça, e

“Te levar”, do Charlie

Brown Jr., preenche o

ambiente. É a minha deixa

para cair fora.

— Beleza. Vou indo.

Quero sair logo daqui.

— Já? Não quer nem

ficar e dar um tiro ou dois?

Viviane

arregala

os

olhos para mim e tenta

soltar

a

mão,

provavelmente pensando no

tipo do cara que a salvou.

Não permito que ela se
solte e me movo de forma
que
seu
corpo
fique
bloqueado. É melhor que
não a vejam reagindo assim
a mim, ou o disfarce já era.

—

Hoje
não

—

respondo sem me virar e
continuo seguindo para fora
da casa, mas ainda escuto
Gigante gritando atrás de
mim.

— Não vai deixar essa
aí te mudar, hein?

Rio enquanto caminho e
berro a resposta:

— Nunca!

— E pega ela de jeito!

Com força! Mostra quem

manda!

—

ele

segue

gritando.

Estou gargalhando. Ela

me dá um murro no braço,

visivelmente ofendida, e

anda

batendo

o

pé

apressada à minha frente,

mas não paro de gargalhar.

Nota

* “Tão bela quanto fogo contra o céu

noturno/ Você alimenta o desejo perdido

— eu não quero mais morrer.”

13

Viviane

A guy like you should wear a

warning

It's dangerous, I'm falling.

— Britney Spears, “Toxic”*

Todo o medo que senti está

explodindo

em

forma

de

adrenalina. Que raiva!

Cadê meu irmão? Como ele

pôde se enfiar num lugar

desses?

Bato o portão com força

assim que saio. Pouco depois

ele se abre de novo, e, de canto

de olho, vejo Rafael saindo. Ele

está vestindo uma calça jeans

justa, e me xingo porque,

mesmo em um dos momentos

mais tensos da minha vida, não

pude deixar de reparar em seu

corpo.

A

camiseta

branca

debaixo da jaqueta de couro

preta lhe dá um ar de Clark Kent

sob

efeito

de

kryptonita

vermelha, e eu amo essa versão

rebelde do Super-Homem.

O que está acontecendo

comigo? Ele nem faz o meu tipo.

Rafael é um bad boy de quinta

categoria, e eu gosto dos

certinhos, como César.

Quem eu quero enganar?

Acabei de admitir que tenho

uma queda pelo Clark rebelde.

Telefone sem parar para o

meu irmão. Nada. Ligo para o

segurança

de

casa.

Nada.

Rodrigo não voltou. Ligo para o César, para que venha me buscar. Nada. Não posso ligar para o vovô. Ele me mataria.

Não sei o que fazer. Vim procurar meu irmão, e só Deus sabe onde ele se meteu.

Rafael ainda está rindo quando passa por mim e sobe na moto. Sem saída, ligo para o taxista.

— O que você está fazendo?

— Rafael pega meu celular e o desliga quando me ouve dando o endereço. Nem percebi que ele tinha descido da moto.

— Pedindo carona.

— Eu sou sua carona. Ou
prefere ficar esperando um táxi?
Os caras podem ter se acalmado
porque o Gigante mandou, mas
nada impede de eles saírem e
te verem aqui. — Ele devolve o
aparelho. — A escolha é sua,
mas eu vou embora. — E sobe
na moto outra vez.

Sou teimosa, então retomo a
ligação, mas acabo desistindo
quando
descubro
que
o
motorista vai demorar pelo
menos meia hora para chegar.
Estou olhando para baixo,
batendo a ponta do tênis no
chão, apertando as mãos, como
uma
garotinha
sem

saída,

irritada comigo mesma por ter

me metido nesta situação.

Levanto os olhos e ele está

parado na moto, com um sorriso

vitorioso e o capacete estendido

para que eu o pegue.

Nossos

olhares

se

enfrentam. Ele é tudo o que eu

não quero agora e vice-versa.

Mesmo

assim,

há

exatos

quarenta dias, por mais que

nossos

caminhos

sejam

diferentes, temos nos esbarrado

nos cruzamentos.

Vou até ele e pego o

capacete.

— Não posso andar de moto.

Estou de saia — aponto para
minhas pernas, constatando o
óbvio. — É melhor esperar o
táxi.

— Sei que está de saia.

Percebi na hora em que olhei
para você e não encontrei o
visual da Avril. Por que mudou?
Eu gostava.

— Por isso mesmo.

Se ele sorrir mais, seu rosto
vai rasgar. Ele está zombando
de mim. Que imbecil!

Ah, droga! Por que tenho a
mania de dizer a última palavra
sem pensar? Agora ele pensa
que tem muita importância para
mim. Nem foi por isso que
mudei o visual, foi para não me
lembrar desse idiota. Droga.

Pelo menos isso eu só pensei,

não disse.

— Me diz, menina, por que
você só usa saia? É algum plano
pra me seduzir? Porque, se for,
tá dando certo — ele diz e,
diferente de mim, não está nem
aí em assumir.

— Eu... — Pensa numa boa
resposta, pensa numa boa
resposta. — Eu gosto das
minhas pernas. — Dã! Não creio
que eu disse isso.

Ele não para de me olhar, dá
uma longa e demorada secada
em mim.

— É, eu também.

Maldito!

Ele
ainda
me
provoca.

Olho
para

o

capacete

enquanto penso no que fazer.

Rafael tira a jaqueta de couro e

me entrega.

— Ponha isso.

— Por quê?

— Porque o vestido é tão

curto que a jaqueta vai cobrir

mais.

Hesito, então ele desce de

novo da moto. Acho que ele faz

esse movimento de subir e

descer de propósito, porque a

calça marca suas coxas e sua

bunda ainda mais.

— E você vai congelar

quando ganharmos velocidade.

Eu corro... — A última palavra é

apenas um sussurro provocante.

Rafael pega o capacete,

coloca-o sobre a moto, olha em

meus olhos, bem dentro dos

meus olhos, segura minha mão
e me estende a jaqueta. Fico
parada,
olhando
para
ele,
respirando rápido — ou talvez
nem esteja respirando.
— Se quiser, posso te vestir.
Não é o que eu normalmente
faço com garotas. Tirar é mais a
minha praia.
Pego a jaqueta de supetão.
Ele sorri. Ganhou outra vez.
Parece que, mesmo quando
pretendo irritá-lo, acabo fazendo
o que ele queria.
— Você vai ficar sem jaqueta
e sem capacete? — indago,
preocupada, afinal ele está aqui
por minha causa. Pelo menos é
o que eu acho, apesar de não
ter perguntado.

— Vou.

— Ficar sem capacete é perigoso, e você vai congelar sem blusa. Não foi o que você disse?

— Vou correr o risco quanto ao capacete, e você vai compensar a falta da jaqueta. Ele monta na moto outra vez e dá dois tapinhas no assento, para que eu suba.

— Do que você está falando? — pergunto ao subir e deslizar as mãos em sua cintura, ajeitando meu corpo ao dele.

— Assim. Desse jeito. Só não tire as mãos daí — ele diz enquanto dá partida na moto. Sinto uma rouquidão mais

intensa no tom da última frase,
e, por mais que eu queira me
afastar, tudo o que faço é
apertar mais forte.

Nota

* “Um cara como você deveria ter um
aviso/ É perigoso, estou me apaixonando.”

14

RAFAEL

Trust I seek and I find in you
Every day for us something new
Open mind for a different view
And nothing else matters.

— Metallica, “Nothing Else Matters”³⁹*

Enquanto Viviane abraça
minha cintura, bato os
olhos no retrovisor da moto
e me surpreendo por estar
com um sorriso bobo nos
lábios.

Tem algo nela. Algo
que não entendo. Por mais
que a gente saiba pouco a

respeito um do outro, me
sinto à vontade de uma
forma incomum.

Por trás daquele tom
zombeteiro,
do
nariz
empinado e do desejo de
ter sempre a última palavra,
existe uma garota que
mexe comigo.

Eu a sinto ajeitar as
mãos na minha cintura, e
cada músculo do meu
abdômen se retesa, como
se eu fosse um garoto bobo
que nunca tivesse sido
tocado.

Preciso de autocontrole
sobre-humano para não
parar no primeiro motel e
transar
com

Viviane.

Talvez, se eu fizer isso,

essa

fixação

irracional

passe.

Estar aqui, nesta noite,

com ela na garupa, é a

maior prova de que não

estou batendo bem.

Ela não é problema

meu e, ainda assim, não

consigo não me importar. E

nem posso mais dizer que é

por me lembrar minha

irmã, pois estarei mentindo.

É por querer mesmo, por

querer

sentir

Viviane.

Senti-la sob mim na cama,

sobre mim, debaixo do

chuveiro... Ah, meu Deus...

Não estou regulando bem.

Essa

garota

tem

“problema”

tatuado

na

testa.

Quando já estou há uns

dez minutos pilotando, paro

a moto de repente. O corpo

dela é impulsionado contra

o meu e quase esqueço por

que parei.

—

Preciso do seu

endereço. — Sei que é nos

Jardins, porque Lucas me

disse, mas prefiro omitir

essa parte.

Ela fala normalmente,



mas

sinto

como

um

sussurro em meu ouvido.

Retomo o caminho, ciente
de que tenho duas escolhas:
me afastar de vez ou pegar
essa menina de jeito.

Paro a moto e Viviane
desce na frente da casa
dela. Eu achava que ela era
rica, mas, pela altura dos
muros e pela guarita que se
acende logo em seguida,
começo a pensar se não
tem um castelo lá dentro.

Ela tira o capacete, me
entrega, se vira para o
segurança que abriu a
janela e faz um sinal com a
mão.

Imediatamente

a

janela se fecha outra vez.

Tanta ostentação me
faz lembrar das razões para
ficar longe, mas aí ela diz:

— Obrigada por estar

lá. — E me desmonta. —

Não sei o que eu faria se
você não tivesse chegado.

— É um custo tão grande
para ela assumir isso que
contenho um sorriso. — Eu
poderia derrubar mais um
ou dois, mas do jeito que
você fez, acho que não —
ela brinca e ajeita a boina
no cabelo, que está um

pouco

bagunçado,

deixando-a sexy de um
jeito que ela nem imagina.

—

Às

ordens

—

respondo, ligando a moto
outra vez.

— Você está bem? —

A pergunta me confunde,
então ela completa: —

Você brigou. Eu estava tão
nervosa que não vi tudo.

Você se machucou?

— Não apanhei. Só

bati.

— Você parecia saber
o que estava fazendo.

— E sabia mesmo. Luto
jiu-jítsu há muitos anos.

— Que estranho — ela
diz, franzindo a testa e
virando para o lado para
me olhar direito. — Você
não tem aquelas orelhas
horríveis de lutador.

Ergo a cabeça com uma

gargalhada.

Viviane

e

Rodrigo falam tudo que
pensam.

— Eu me cuido. Uso
protetor de orelha e dreno a
lesão, se acontecer. Mas é
raro, porque não costumo
me machucar. — Estou me
gabando mesmo, mas é
verdade.

— Ok, Super-Homem
— ela zomba, sorrindo.

— O Super-Homem é
muito certinho pra mim.

Não rola — balanço a
cabeça como se tivesse me
ofendido, porém também
sorrio. — Mas, se jogar
uma kryptonita vermelha,
aí a coisa fica boa.

Por algum motivo que

não

imagino,

ela

fica

vermelha. Muito vermelha e

bastante sem jeito, então

mudo de assunto.

— Ah! A moto do seu

irmão estava na garagem do

meu prédio quando eu saí,

então

não

precisa

se

preocupar

que

tenha

acontecido alguma coisa

com ele no caminho. Ele

deve ter ido de táxi. Vocês

gostam disso. —

Não

resisto à provocação.

—

Eu

não

estava

preocupada com isso. O

Rodrigo não dirige se sabe

que vai beber. Ele nunca

arriscaria se machucar ou

machucar alguém — ela

diz e aperta os lábios,

provavelmente

se

lembrando

do

que

aconteceu com a minha

família. É oficial. Somos

bombas explosivas um para

o outro. Que facilidade

para dizer a coisa errada!

— Sinto muito — ela

completa.

— Tudo bem. É bom

saber que o moleque é
responsável. E por que
você foi de táxi hoje? —
quero saber, enquanto enfio
a mão no bolso da calça
para pegar um cigarro.

— Não sei dirigir.

Quando cheguei na idade
de aprender, meu pai ficou
doente e... — ela desvia o
olhar e desisto de fumar.

— Sinto muito.

Parece

tão

comum

sentir muito entre nós.

— Obrigada. Espero
que o meu irmão chegue
logo. Se ele chegar na sua
casa primeiro, você pede
para ele me ligar, por
favor?

— Claro.

—

Vou

entrar.

Obrigada mais uma vez —

ela diz, mas não dá um

passo.

— Vou indo — digo,

mas não me movo.

Viviane está olhando

para o lado e vira o rosto

devagar, cruzando o olhar

com o meu. Expectativa.

Tem um metro de distância

entre nós e posso ver

refletida nela a mesma

expectativa que se agita em

mim.

Eu devia correr com a

moto e ir embora. Colocar

uma distância segura entre

nós, mas não consigo.

Estou preso a este bendito

momento, esperando por

uma ação dela. Nunca
esperei pela ação de uma
mulher. Nunca.

Uma porta imaginária se
abriu
entre
nós.

Não
sabemos como começou ou
quem
a
abriu.

Simplesmente
está
escancarada e cabe a nós
lidar
com
isso.

Ou
fechamos
ou
entramos.

Não há meio-termo.

— E a jaqueta? — ela
pergunta, e posso vê-la
hesitar entre ir e vir.

Viviane aperta minha
jaqueta em volta do corpo.
Estou lá e estou aqui, a um
passo. Ela sabe.

—
Me devolve na
próxima — arrisco. Está
nas mãos dela agora.

Ela fecha os olhos por
dois
segundos.

Está
pensando. Está pesando.
Está decidindo quanto quer
arriscar.

— Ok.. — ela diz e
anda
rapidamente
em
direção ao portão, sem

olhar

para

trás.

Fico

olhando até que ela entre.

É... Parece que não vou

me afastar.

Nota

* “Confiança eu procuro e encontro em
você/ Cada dia para nós é algo novo/
Mente aberta para uma visão diferente/ E
nada mais importa.”

15

Viviane

This is a way that I'm learning to

breathe

I'm learning to crawl

I'm finding that you and you alone

can break my fall.

— Switchfoot, “Learning to Breathe”*

Quando cruzo o portão, corro

para a casa e, assim que fecho

a porta da sala, me encosto

nela, sem ar. O que estou

fazendo?

Eu

devia

estar

só

preocupada com o meu irmão,

não com o coração disparado

por alguém de quem sei tão

pouco. Nem conversar direito

nós conversamos. Meu Deus!

Nem sei como cheguei até o

quarto. Tiro o tênis e sento de

pernas

cruzadas

na

cama,

olhando para a cortina branca,

como se uma resposta pudesse

sair dali.

Penso em César e no que

estou

sentindo.

Preciso

conversar com ele. Acertar as coisas ou ir cada um para o seu lado. Meu pai odiaria isso, mas ele não está mais aqui.

Eu me deito na cama, e o cheiro da jaqueta de Rafael me faz perceber que ainda a estou vestindo. Abraço meu corpo, e, ao virar o rosto, a gola cai sobre meu queixo. Couro e perfume se misturam. Ainda me surpreendo ao lembrar como Rafael é perfumado. Um cheiro que ainda está comigo e, por mais que eu queira, não consigo tirar a jaqueta. Talvez isso mostre que eu não quero coisa nenhuma.

Levanto

rapidamente

e

apago a luz. Não sei se vou conseguir dormir até meu irmão

chegar, mas quero ficar no
escuro.

Deito

de

novo,

pensando que deveria colocar o
pijama de uma vez, quando o
telefone toca.

Estranho, porque não é o
som do meu aparelho. Começo
a procurar até perceber que o
toque vem da jaqueta. Tem um
celular em um dos bolsos. Fico
sem saber se atendo ou não. E
se for o primo de Rafael? E se
ele estiver com problemas? E se
o meu irmão estiver com
problemas?

— Alô — atendo em voz
baixa.

— Oi, morena. Parece que
alguém ficou com o meu celular

— Rafael responde tão baixo

quanto eu, como se soubesse
que estamos brincando com
fogo.

— Nossa... Eu devia ter te
devolvido a jaqueta — digo,
mas um frio na barriga me diz
que fiz bem em ficar com ela.

— É quase dia já. Quando
dormir,

vou
capotar.

Vou
acordar perto da hora de
trabalhar, então só vou ter
tempo de pegar depois de
amanhã. Pode ser?

— Pode. Ou então, quando o
meu irmão aparecer, posso
pedir para ele te levar. — Eu me
arrependo da sugestão assim
que a faço. A jaqueta e o celular
são minha única certeza de
contato.

— Não — ele diz, e ouço sua
respiração profunda. — Prefiro
buscar.

— Ok. Depois de amanhã,
então.

— Depois de amanhã.

Silêncio. Estou deitada na
cama, olhando para o teto,
pensando se ele está deitado ou
sentado e em como sou tonta
por me importar.

— Vai conseguir dormir? —
ele pergunta.

— Antes do meu irmão
chegar? Duvido.

— Você sabe que não
precisa se preocupar tanto com
ele, não é?

— Saber eu sei...

— Mas não consegue evitar.

— É... — Aperto a colcha sob
mim.

Mais silêncio. Acho que ele

está se preparando para se

despedir, mas diz:

— Quando o meu pai

morreu, quatro anos atrás, as

pessoas achavam que eu ia

saber lidar bem com a situação,

porque eu sempre fui um cara

divertido e pra cima, mas eu

sumi por uns tempos. Deixei

minha mãe e minha irmã, e não

foi porque eu não amava ou não

me importava com elas. Eu só

precisava de espaço, precisava

entender

o

que

estava

acontecendo e precisava tentar

diminuir a dor.

— E você conseguiu diminuir

a dor? — Quando percebo, estou

abraçando a jaqueta, como se

isso pudesse lhe transmitir

algum conforto.

Sei que ele não esperava
essa pergunta. Provavelmente
quis que eu entendesse os
sumiços do Rodrigo, mas a
tristeza de suas palavras me
tocou.

— Não.

Quero dizer que sinto muito,
que gostaria de poder ajudá-lo,
mas isso não seria possível.

Então, como ele se abriu, me
abro também:

— Quando o meu pai
morreu, eu quis fugir. — Encaro
os adesivos de estrelas no teto,
que ainda conservam um pouco
do brilho pelo tempo que as
luzes ficaram acesas. — Mas
prometi a ele que viveria como
ele
me
ensinou,

buscando

sempre a felicidade. — Suspiro.

— Acho que estou mentindo pro meu pai. Não consigo ser o que ele esperava de mim.

— Estou longe de ser o que o meu pai esperava. Não dá para viver de acordo com as expectativas dos nossos pais, somos pessoas diferentes. A verdade que ninguém diz é que a gente muda com a morte, porque é o único jeito de sobreviver a ela.

— E se eu não quiser mudar?

E se estiver com medo?

As estrelas vão se apagando e me sinto assim também, ao me lembrar de quando as coleí com meu pai, aos sete anos. Sei que nunca terei coragem de tirá-las dali.

— Se você está com medo, é

porque já está mudando. Mudar assusta. Você sabe que não é mais a garota que corria sempre para junto do seu pai. Você sabe que não pode ser essa garota, mesmo que queira. Então se tornar outra pessoa às vezes é melhor que querer algo que nunca mais vai acontecer. Estou chorando. Ninguém nunca falou tão abertamente sobre a morte comigo, nem mesmo a terapeuta. Acho que ele pode me ouvir, porque solucei. Não consigo segurar. Ele está quieto, apenas ouvindo. Durante muito tempo, chorar é tudo o que faço, enquanto Rafael está do outro lado da linha. Sem me julgar, sem dizer palavras que não podem curar ou mentir sobre um futuro sem dor. Ele fica ali, em silêncio, e

mesmo assim sinto que não
existe
ninguém
que
me
compreenda como ele. E, ao
som de sua respiração, aos
pouquinhos vou recuperando o
controle.

Nota

* “Este é o jeito que eu estou aprendendo
a respirar/ Aprendendo a engatinhar/
Estou descobrindo que você e só você
pode interromper minha queda.”

16

RAFAEL

When you came in the air went out
And every shadow filled up with
doubt
I don't know who you think you are
But before the night is through
I wanna do bad things with you.
— Jace Everett, “Bad Things”*

Hoje é dia de show no bar.

Em resumo: uma loucura.

Assim que estaciono a moto, vejo Lex passando a mão pelos cabelos escuros e falando agitado ao telefone.

— Como assim, não vem? Tenho uma reserva de aniversário para cem pessoas. Fora o público normal do bar. Não tem como não ter banda!

Estou passando quando ele me faz sinal para parar e desliga o telefone.

— Cara, ferrou. Tem festa e não tem banda. Não dá! — Ele coloca as mãos na cintura, pensativo. — Me dá uma luz.

— Consegue arrumar um barman?

— Do seu nível, não.

Tá com ideia, né?

— Arrã. Arruma um
sem ser do meu nível
mesmo. Os outros caras
dão conta do bar e a gente
cuida do show. Já tocamos
aqui várias vezes. Tudo
bem que preparados, mas a
gente
dá
um
jeito.

Chamamos aqueles seus
dois
amigos
que
têm
ensaiado com a gente e
pronto. Dá pra montar uma
boa setlist. No intervalo
assumo o bar, e aí a
performance é outra, mas

todo mundo vai sair feliz.

Enquanto

falo,

Lex

balança

a

cabeça,

empolgado.

— Cara, o que seria de

mim sem você?

— Tem dias que me

faço a mesma pergunta. —

Estou

rindo,

mas

ele

entendeu o sentido. Lex é

meu

melhor

amigo

e

sempre está lá por mim,

mesmo se eu quiser só ficar

quieto. Acho que é quem
mais me conhece. — Aliás,
já sabe, né?

— Claro que sei. Seu
extra hoje é em dobro.
Faço um sinal positivo
com as mãos enquanto
corro para o estoque. Se
vou trabalhar em dobro,
preciso
deixar
tudo
preparado para nada sair
errado.

Estou anotando tudo
que precisa ser levado para
o bar quando Andressa
surge na porta do estoque e
a fecha atrás de si.

— Oi, querido.

Outra coisa que adoro,
ser chamado de “querido”.

— Oi — respondo, sem

olhar para ela.

—

Hum...

Tá

se

fazendo de difícil hoje?

O bom de trabalhar em

bar é que tem uma grande

rotatividade

de

hostess.

Raramente elas ficam por

muito tempo. Andressa está

demorando demais para

partir.

— Dessa, não leva a

mal não, mas hoje não vai

rolar. Vou tocar e... —

Marco o que preciso na

lista presa a uma prancheta.

— Em dia de show,

você só transa depois de

tocar. O bar inteiro sabe

disso. — De canto de olho,
posso vê-la brincando com
o
zíper
do
macacão.

Subindo e descendo. Que
fixação por subir e descer
tem essa mulher!

—

O
pessoal
fala
demais, não é? Tenho
certeza que já te falaram
outras coisas.

Ela sabe demais sobre
mim, graças aos boatos
(provavelmente
verdadeiros) que correm
soltos pelo bar. Acho que é
hora de acabar com a
brincadeira entre nós.

— Que você não repete
transa. Que pelo menos não
é comum.

—

Yep!

Sem

repetições. — Lanço um
olhar rápido e posso ver a
indignação dela ao sair e
bater a porta.

Sei como isso soa,
como se eu não prestasse.

Bem... Eu nunca disse que
prestava,
certo?

Tenho



quase certeza de ter dito o
contrário.

Quando

faltam

quinze

minutos para o bar abrir,
Lucas chega com Rodrigo.
Vi meu primo rapidamente
e acabei com a raça dele
antes de sair de casa. Pela
cara de seu camarada, ele
está sabendo bem o que
rolou.

Passei boa parte da
noite
conversando
com
Viviane. Após a crise de
choro,
quando
ela
se
acalmou,
conversamos
sobre o passado, antes de a
morte nos atingir. Não
fizemos grandes reflexões,
não comparamos com o

presente, só falamos sobre
uma época em que tudo
parecia mais fácil.

— Não quero nem
saber onde vocês estavam
ontem — digo, apoiando as
mãos no balcão do bar para
me aproximar mais dos
dois moleques. — Vocês
não podem sumir desse
jeito. Não quero nem saber.

Vocês não vão mais sair
sem celular ou sem deixar
o telefone do lugar. E
principalmente,
quando
disserem para onde vão, é
bom que estejam lá mesmo,
caso eu precise buscar
vocês, como ontem. Vocês
podem ir até para o inferno,
mas, se eu ligar para o
capeta e ele me disser que

vocês não estão lá, vão
ficar automaticamente de
castigo. — A palavra sai
facilmente da minha boca,
mesmo que meu cérebro
me diga que isso é absurdo.
Os dois têm dezoito anos.
Não são mais crianças,
mas, ao mesmo tempo, são
apenas crianças.

Lucas está boquiaberto,
e Rodrigo, obviamente, me
enfrenta:

— Você não pode me
deixar de castigo. Você
sabe disso, não sabe?

— Paga pra ver! —

Cruzo os braços e fecho a
cara.

Quero

ver

me

desafiar.

Sei
que
me
comportei da mesma forma
com a minha família e
pareço um sem-noção por
agir assim agora, mas
ontem algo se partiu em
mim ao ver Viviane aflita
por não saber onde seu
irmão estava. Além disso,
sei que meus tios gostariam
que eu cuidasse de Lucas.

— Entenderam ou não?

Mesmo inconformado,
Lucas balança a cabeça,
concordando.

Rodrigo
aperta os lábios, querendo
bater de frente, mas acaba
cedendo:

— Ok

É

impossível

não

lembrar dela. Deve ser a
pessoa que mais diz “ok”
que eu conheço.

— Ótimo. E sempre
diga pra sua irmã onde
você está — dou o último
recado para Rodrigo e joga
uma camiseta do uniforme
para Lucas. — Você vai
trabalhar no bar hoje.

Ele não reclama. Já fez
alguns bicos aqui e sabe
que

precisa

ganhar

dinheiro.

—

Vou

ter

que

trabalhar

também?

—

Rodrigo

pergunta,

levantando

uma

sobrancelha. Não sei se ele

acha isso bom ou ruim.

— Você quer? —

pergunto, passando pela

portinhola. — Só se for por

prazer, porque o que vai

ganhar só faz cosquinha na

sua mesada.

Ele balança a cabeça,

cogitando.

—

Dá

pra

pegar

mulher? — Sorri.

— Toda noite.

— Então me dá uma

camiseta.

Dou risada. Com esse garoto não dá para ficar sério por muito tempo.

Deixo Lucas explicar para o seu amigo como as coisas funcionam no bar e vou para o palco passar o som. Assim que subo, Lex está me olhando, surpreso.

— Arrumou filhos de repente? — Ele dá uma risadinha enquanto toca alguns acordes na guitarra.

— Gostei de ver a prensa que deu naqueles dois.

— Cala a boca, Lex — respondo, mas não estou zangado.

Estou

maluco

talvez, me metendo onde não devo. Qualquer coisa

assim, menos zangado.

Duas horas depois, a
banda segue agitando a
casa.

Quase
colocamos
tudo abaixo, literalmente. O
público está empolgado,
canta, dança e pede mais.

Lex avisa a todos que
aquela vai ser a última
música da noite e, para
encerrar, vamos atender a
um pedido especial do
aniversariante.

Tocar mexe com a
minha
adrenalina.

As
batidas da música invadem
meu sangue e, de repente,
nada mais importa. É como
se a bateria fosse uma

extensão minha.

No meio da música,
quando estou no ritmo
alucinado de “Drain You”,
do Nirvana, vejo um par de
pernas
inconfundível,
e
dessa
vez
elas
vêm
adornadas por uma saia
vermelha. Preciso dizer que
é curta? Essa garota quer
acabar comigo.

Nota

* “Quando você entrou o ar foi embora/ E
toda sombra se encheu de dúvida/ Eu não
sei quem você pensa que é/ Mas antes que
a noite acabe/ Eu quero fazer coisas
malvadas com você.”

Viviane

It's my life

It's now or never

I ain't gonna live forever

I just want to live while I'm alive.

— Bon Jovi, “It's My Life”*

Acordo sem saber direito como
dormi. A jaqueta é a resposta
de que preciso.

Eu me sento na cama e a
abraço devagar, tirando-a em
seguida e me dando conta da
razão de estar com ela. Corro
para o quarto do Rodrigo e ele
está

lá,

capotado

de

atravessado na cama, sem
camisa, mas ainda de calça
jeans e tênis.

O quarto cheira a bebida, e
o relógio do quarto marca

11h17. E daí que é ímpar e
estou na dúvida? Ele vai ver só
uma coisa.

Saio de lá e passo por
Joana, uma das mulheres que
cuidam da casa. Ela está
passando pano na sala e me
olha assustada.

— Posso pegar o balde? —
digo de supetão.

— Bom dia, menina. — Ela
coloca uma mão na cintura e me
repreende.

—

Vocês
esqueceram como tratar os
outros, é? Seu irmão passou por
mim como um furacão mais
cedo.

— Bom dia. Desculpa.
Ela está na família desde
antes de eu nascer e tem razão
em

estranhar

nosso

comportamento. Tudo era muito
mais fácil antes.

— Posso usar, por favor?

— Não te vejo pegar num
balde desde que você tinha dois
anos e meio e usou um para
colocar seu irmão dentro.

Não consigo conter o sorriso,
pelo que estou prestes a fazer.

É irônico.

— Preciso usar... — Não
quero dizer para quê. Se tem
alguém que mimia Rodrigo mais
que qualquer pessoa nesta casa,
é Joana. Isso porque ela não
sabe que ele já traçou as duas
filhas dela.

— Pode usar, mas nada de
bagunça porque tô ficando velha
e
cansada.

—

Ela

está

exagerando, até coloca a mão
na testa, depois ri para mim,
balançando as mãos. — Vai, vai.

Sua mãe tá mesmo precisando
de um chacoalhão. Tô querendo
fazer isso há dias.

Eu a olho, espantada. Não
tem nada a ver com a minha
mãe.

Em

menos

de

trinta

segundos estou no quarto de
Rodrigo, segurando um balde
vazio na mão, enquanto ele
levanta
assustado

e

completamente molhado.

— Isso é por você sumir sem
me avisar, e isso — dou um
tapão nas costas dele — é... por
sumir sem me avisar por tanto
tempo!

Os dois motivos são um só,
mas estou tão nervosa que nem
raciocino.

— Você é louca, Viviane!

Vou quebrar a sua cara! — ele
grita, ameaça, passa as mãos
no próprio rosto, mas sei que
não teria coragem de me bater.

— Posso ir pra onde eu quiser e
você não tem nada a ver com
isso! As únicas pessoas que
deviam se importar não podem
fazer mais nada, porque um tá
morto e a outra tá trancada
naquele quarto, cagando pro
que acontece aqui fora.

— Cala a boca! Cala essa
boca! — grito, jogando o balde

vazio nele.

—

Tô

falando

alguma

mentira? Já tô puto com tudo

isso!

— Cala a boca! — Tampo os

ouvidos.

— Viviane, você ficar me

mandando calar a boca não

muda os fatos. O pai morreu e

levou a mãe junto. — Ele

aponta para o quarto dela.

— Não acredito que você

disse isso! — Eu o empurro com

força, mas Rodrigo é maior que

eu e nem se mexe.

— Sério, tô cansado. Não dá

mais pra mim. Só quero ser

normal de novo. Você tá em

negação. — Ele começa a andar,

e não sei se é para que eu não

bata mais nele ou para que ele não me dê um chacoalhão ou algo assim. — Você tenta aceitar que a mãe tá mal, que é normal, fica justificando essa loucura. E fica falando nele o tempo todo. O tempo todo! É por isso que eu sumo, não aguento mais essa casa. Tá uma merda isso aqui.

— Mas é a sua casa! Você acha que eu aguento? Por que eu tenho que aguentar? Por que sou sempre eu que tenho que aguentar? — grito e o faço olhar para mim.

— Porque você quer — ele diz, como se fosse uma coisa muito óbvia, mas não é. Não é porque eu quero.

— Alguém tem que ser a adulta aqui. — Cruzo os braços, na defensiva.

— Sim, a nossa mãe. Não
você. Assim como não era você
quem tinha que acompanhar o
pai em cada uma das sessões
de quimioterapia e consultas
médicas. Era ela! Você assumiu
o lugar dela. E ela entrou nesse
buraco sem fundo. E essa droga
não vai acabar nunca!

Acho absurdo que ele diga
isso de nossa mãe e o xingo. Ele
me xinga de volta. Gritamos até
não poder mais. Há tempos eu
não brigava com ele dessa
forma. Acho que desde que eu
tinha nove anos e ele cortou o
meu
cabelo
enquanto
eu
dormia.

— O que está acontecendo
aqui?

Estamos tão focados em
gritar um com o outro que é um
choque quando vemos nossa
mãe parada na porta do quarto.
Ela é apenas a sombra do que
já foi. A camisola de cetim
debaixo do roupão parece que
virou seu uniforme. Há semanas
ela não usa outra coisa. As
olheiras chegam quase até o
meio do rosto, e os cabelos
parecem mais ralos. É como se
apenas o reflexo da mulher de
antes da doença de meu pai
vivesse entre nós.

Olho para ela e vejo uma
versão fantasmagórica de mim
mesma, porque somos muito
parecidas. Os mesmos cabelos
escuros. Eu me vejo mudando a
cor outra vez. Não quero ser
morena, não quero ter o mesmo
fim dela. Só queria fechar os

olhos e ter meu pai de volta.

Queria que tudo voltasse ao normal.

— Nada — dizemos ao mesmo tempo. A resposta-padrão para quando brigamos.

—
Então

tudo

bem...

Diminuem a gritaria que eu estou com dor de cabeça — ela diz e simplesmente vira as costas,

nos

deixando

boquiabertos.

Antes, ela nunca acreditou que não fosse realmente nada e nos repreendia como qualquer mãe.

Estou

olhando

para

a

coleção

de

estatuetas

na

prateleira do meu irmão, porque

se olhar para ele vou chorar.

Minha mãe simplesmente nos

ignorou. Nada vai mudar ou

voltar a ser o que era. Sou uma

idiota por pensar assim.

— Ah, vem cá — Rodrigo diz

antes de me dar um abraço.

Eu o abraço de volta,

pensando se um dia seremos

uma família normal outra vez.

Estou ficando toda molhada, já

que derrubei um balde de água

em cima dele, mas não importa.

— Desculpa pelo balde —

digo baixinho e o abraço bem

forte. — Fiquei brava porque...

— É tão difícil dizer. — Você é tudo de normal que me resta.

Se eu te perder, perco tudo.

— Desculpa por sumir. Foi errado não me preocupar com você. É que não tá fácil ficar aqui — ele diz, ao mesmo tempo em que passa a mão pelas minhas costas.

— É, eu sei. Será que vai ser fácil um dia?

— Não sei. Agora eu só queria sarar dessa ressaca. — Ele aperta a própria cabeça, mudando de assunto. Rodrigo é prático demais para debater algo que não tem solução.

— Hum... Você sabe o que eu vou dizer, né? — Cruzo os braços e levanto o queixo.

— Arrã...

— Bem feito! — falamos ao mesmo tempo.



Chego atrasada ao restaurante onde marquei o almoço com minhas amigas. A roupa que eu pretendia usar teve de ser deixada de lado, então escolhi um vestido branco sem mangas, ajustado no busto e soltinho a partir dele. Em vez do par de tênis, calcei uma Melissa transparente fosca com um lacinho rosa na ponta. Branca, Fernanda e Mila já estão à minha espera. É a primeira vez que as vejo depois do funeral do meu pai. Tenho saído pouco de casa. Nada tem feito sentido.

Eu

as

cumprimento e me sento.

— A Clara não pôde vir

porque os gêmeos estão com

virose — Branca avisa. — Por

que você escureceu o cabelo? —

ela pergunta, já mudando de

assunto. Eu sabia que viria dela.

— Ah, porque... — Droga!

Por que não pensei em uma

resposta antes? — Cansei do

loiro — minto, mas não sei se

ela acredita, pelo jeito como

estreita os olhos.

— Loiro é vida! — Branca

balança as madeixas loiras, e

Mila, também de cabelos claros,

concorda. — E as loiras são mais

charmosas.

— Há controvérsias! —

minha prima Fernanda diz.

Obviamente seus cabelos

são castanhos, como os meus
estão agora.

Todas rimos e percebo que
elas olham para mim, querendo
saber se é certo rir ou não.

Rodrigo

tem
razão.

Essa
situação

é
realmente

desconfortável.

— Como você está, Vivi? —

Fernanda pergunta.

Meu pai era irmão da mãe

dela,

e

Fernanda

sentiu

bastante a perda.

— Indo.

Não existe outra resposta.

Vou indo.

— E o pivete do seu irmão?

— Branca pergunta, querendo
quebrar o gelo ao incluir Rodrigo
na
conversa.

Nós

quatro

sabemos que ele já teve uma
quedinha por ela há uns dois
anos e às vezes ainda baqueia.

— Saindo mais do que
nunca. Não para em casa.

— Saindo com quem? — O
tom de curiosidade de Mila me
faz olhar para ela. Ela é
apaixonada pelo meu irmão
desde o ano passado, quando
eles ficaram em uma festa.

— Com um novo amigo —
digo e conto para elas como
conhecemos Lucas, omitindo o
primo dele, não sei por quê. Fiz

o mesmo com Rodrigo mais
cedo, e nem sequer contei que
saí para procurá-lo ontem.
Enquanto falo, Branca me
lança olhares inquisidores, como
se
quisesse
mais
e,
principalmente, soubesse que
tenho mais. Ela está sempre um
passo à frente, talvez por ser
dois anos e alguns meses mais
velha que eu, além de parecer
saber muito mais da vida. Se
bem que Clara e Fernanda
também têm vinte e um. Acho
que Branca é mais perspicaz
mesmo,
como
se
sempre
descobrisse o que não quero

dizer.

— Agora conta tudo sobre o
motoqueiro! — ela explode
assim que o garçom se afasta
depois
de
deixar
nossos
pedidos.

— Meu Deus! Como você
sabe? — Quase caio da cadeira,
mas sei que não vai dar para
negar.

— Acho que o termo certo é
motociclista, hein? — diz Mila,
minha amiga desde o jardim de
infância, e sei que ela quer me
dar tempo para raciocinar,
porque trocamos um olhar.

— Hum... Motociclista não é
sexy
como
motoqueiro

—
Branca rebate, fazendo careta.

—
Nunca

peguei

um

motoqueiro... — ela suspira. —

Agora conta, Vivi! Vai! Você

sabe como eu sei. O Bernardo

me ligou.

— Mas eu contei pra ele

hoje, pouco antes de vir pra cá.

— Conte aí onde fui e que Rafael

me ajudou, só isso. Não que

dormi agarrada com a jaqueta

dele e que sinto um frio na

barriga quando penso nele.

— E ele me ligou cinco

minutos depois, ué! Meu irmão

ficou preocupado e pediu pra eu

ficar de olho. Arrã! Vou ficar de

olho, sim. Vou ficar de olho no

cara se você deixar passar!

— Eu tenho namorado,
Branca — murmuro e bebo um
gole
de
suco,
tentando
desesperadamente
ganhar
tempo.

— Que não vai durar muito,
pelo que eu soube — ela diz e
eu engasgo.

Fernanda dá tapinhas nas
minhas costas. Não consigo
respirar.

— Tapinha nas costas não
resolve — Mila, que cursa
medicina desde o ano passado,
diz — Acho que posso tentar a
manobra de Heimlich.

— Estou bem... — Tusso
mais algumas vezes.

Tenho vontade de matar o

Bernardo.

— Vivi — Branca segura

minha mão —, só tem uma
razão para você ter contado
para o meu irmão sobre esse
cara, e não para uma de nós.

— Que razão? — Aperto a
toalha de mesa, como se isso
pudesse me socorrer, porque sei
que lá vem bomba.

— Você quer que o Bernardo
te convença a não fazer o que
você está querendo loucamente.

Você quer o motoqueiro! —

Branca dá um sorriso triunfante,
frisando a última palavra e
sabendo que leu a verdade em
mim.

— Acho que você está

perdendo

tempo

cursando

direito. Psicologia cairia como

uma luva para você.

— Então você confessa! —

Ela ergue os dois braços
comemorando, enquanto Mila e
Fernanda riem.

— Esquece o que eu disse.

Você quer ser advogada e fazer
perguntas

difíceis

para

as

peçoas. — Sorrio e cubro o
rosto com as mãos. Pega em
flagrante.

—

Nossa,

Vivi.

Você

realmente tá mexida... — Mila



toca minha testa. — Sua
temperatura até subiu.

— Eu disse, eu disse! —

Branca canta vitória.

— O que você pretende
fazer? — Fernanda questiona,
com um pouco de preocupação
no olhar.

Boa pergunta. O que eu
pretendo fazer?

Três horas mais tarde, quando
coloco os pés em casa, recebo
uma ligação da vovó. Como
todos os dias, ela quer saber se
estamos bem e se não vamos
passar lá para ficar um pouco
com ela. Meu coração se aperta
e prometo ir em breve.

Quando chego ao meu
quarto, Rodrigo aparece.

— Tô saindo, Vi.

Tem um sentimento de
culpa em seu olhar, o que ele
não merece, afinal só tem
dezoito anos e tudo o que quer

é seguir em frente. Depois da
conversa com as meninas hoje,
me pego pensando se não é isso
que eu deveria fazer. Talvez
seguir
em
frente
seja
a
resposta.

— Ok

— Tá brava? — Ele entra e
senta na minha cama.

— Não. É bom sair e se
distrair. Pode ir, Rô. — Passo a
mão em seus cabelos. Talvez
seja por isso que minha mãe se
esconde. Ele é tão meu pai.

— Quer ir comigo?

— Não. Quero ficar aqui,
caso a mamãe precise.

Ele

bufa,

mas

tenta

disfarçar.

— E depois que ela dormir?

Como se ela fizesse outra

coisa... — ele murmura a última

parte.

— Depois que ela dormir de

vez, eu vejo, tá?

— Tudo bem. A gente se fala

mais tarde.

Assim que meu irmão sai,

pego o telefone e ligo para

César, pedindo que venha à

minha casa.

Já é noite quando ele chega

trazendo flores, e meu peito

aperta.

— Pra você... — Ele beija

meus lábios e por pouco não me

afasto.

Isso é tão errado.

— Obrigada.

Pego as flores e seguro a
mão dele, caminhando pelo
gramado ao lado da garagem
até a área da piscina.

A noite está agradável e eu
queria me sentir assim por
dentro. Queria não ter mudado,
como estou mudando, e não
desejar alguém tão diferente de
mim.

César e eu namoramos há
três anos. Antes dele, só
namorei um garoto por poucos
meses.

César
tirou
minha
virgindade. E quer se casar
comigo. Ele é tão certo, tão
seguro. Então por que não
consigo parar de pensar em
terminar com ele?

Sei que pegar carona com

uma
pessoa
praticamente
estranha não é motivo, mas
talvez dormir abraçada com a
jaqueta dela seja. Se eu
continuar
tendo
encontros
furtivos com Rafael, sei onde
isso vai dar. Não que vá nos
levar a algo mais, é só uma
atração idiota que vai passar na
primeira vez, tenho certeza.
Ainda assim, essa primeira vez
seria uma traição, e eu não
traio.
— O que aconteceu? — ele
questiona, parando sob um dos
postes de luz na área da piscina.
Ele nem imagina.
Há meses tentei terminar, e
ele simplesmente ignorou cada

uma de minhas investidas,
achando que era fruto da
doença de meu pai. César vive
em um mundo encantado onde
é impossível alguém terminar
com ele, já que ele é tão
perfeito.

— César, não sei bem como
começar... Nós já tivemos uma
conversa parecida alguns meses
atrás. — A mão dele aperta
levemente a minha. Ele sente
minha tensão. — Você tem
razão quando diz que eu me
isolei. Infelizmente acho que o
laço que a gente tinha foi se
quebrando aos poucos e...

— Você não vai falar de dar
um tempo de novo, vai? — ele
me corta, surpreso.

Eu sabia.

— Não, acho que terminar
seria melhor — digo de uma

vez, porque, quanto mais isso se
estender, pior será.

Ele abre a boca, depois
fecha.

Parece

que

está

pensando no que dizer.

— Acho que isso é resultado
do que você está vivendo, mas
vai passar. — Ele aperta minhas
mãos.

— Não, não vai passar. —

Dou um passo para trás ao
perceber que a luz do quarto da
minha mãe se acendeu, porém
logo em seguida se apaga. A
esperança de que ela reaja
surge, mas é sempre isto:
apenas uma fagulha de luz
seguida de muita escuridão.

— Talvez você devesse fazer
uma terapia individual também.

A perda do seu pai te mudou.
Você está assim desde que ele
ficou doente. Se distanciando do
mundo. Se não se cuidar, vai
acabar como a sua mãe — ele
fala
andando
em
círculos,
começando
a
demonstrar
impaciência.

Por mais que eu saiba que
ele quer o meu bem, esse
comentário me irrita muito.

— A terapia em grupo já
basta. — Meu tom de voz é
baixo. As flores ainda estão na
minha mão, e as coloco sobre a
mesinha perto da churrasqueira.

— O melhor para nós dois agora
é cada um ir pro seu lado.

— Seu pai queria que a gente se casasse.

Não entendo se é uma queixa ou uma acusação, mas a nova menção a meu pai é suficiente para acabar com a conversa.

— Eu não sou meu pai nem minha mãe — me surpreendo dizendo.

— Sei que não, mas você vai decepcionar a memória do seu pai? — ele pergunta, e sinto como se tivesse me dado um tapa. — Ou pior, vai magoar ainda mais a sua mãe?

Toco

os

lábios,

sem

acreditar que ele disse isso. É claro que não quero nenhuma das duas coisas. Mas o que

posso fazer? Ser a garota
completamente
certinha
só
porque meu pai almejava isso
para mim, ou porque minha
mãe almejaria isso para mim, se
estivesse bem? É justo que eu
seja outra pessoa por vontade
deles?

César

percebe

que

a

insegurança me toma e pega
minhas mãos, tentando me
beijar. A conversa com Rafael
explode entre nós. “Não dá para
viver

de

acordo

com

as

expectativas dos nossos pais,
somos pessoas diferentes.”

— Não posso viver de acordo
com as expectativas dos meus
pais... — repito, mais para mim
que para César.

— Claro que pode. Os pais
sempre querem o melhor para
nós. — Ele tenta me beijar outra
vez.

— Não — eu o empurro, me
afastando. — Você não enxerga,
não é? Não enxerga o que a
morte fez comigo? Eu não quero
viver com esse peso. Não quero
ser eles. Preciso ser eu mesma.
Só vou sobreviver a isso se for
eu mesma. — Sinto as lágrimas
queimarem, mas seguro o
choro. — É melhor você ir agora,
César.

— Eu vou, porque quero que
você reflita. Não vou desistir de

você assim, Viviane.

Volto para dentro de casa e
só percebo que esqueci as flores
quando chego ao meu quarto e
vejo a jaqueta de Rafael
acomodada na cama. Eu me
sento e a toco. Uma sensação
de culpa me invade por me
sentir assim, ao mesmo tempo
em que estou certa de que o
melhor a fazer nessa situação



era mesmo terminar com César.

Meu celular vibra com uma
mensagem de Rodrigo:

Tô no bar q o Rafa, primo do

Lucas, trabalha.

Vou trabalhar aqui hoje.

Não ria, é sério.

Meu coração dispara, e

estou

prestes

a

responder

quando chega outra mensagem

com

o

endereço

e

um

acréscimo:

Avisando pra não tomar outro

banho gelado logo cedo amanhã.

O que eu faço?

Quero ligar para uma das

meninas, mas Fê vai sair com o

namorado, Mila precisa estudar

para uma prova, então só sobra

Branca. Ir até lá com Branca

seria como jogar combustível

altamente

inflamável

na

fogueira.

Deito na cama e olho para o

teto,

para

as

estrelinhas

brilhantes.

Meu pai dizia que, quando o coração quer uma coisa e a mente quer outra, devemos pesar o que é mais importante para nós: a razão ou a emoção.

E, se não conseguirmos chegar a uma conclusão satisfatória, o coração é o melhor caminho. A mente não vai esquecer, mas o coração é capaz de superar, caso tudo dê errado.

Pego o celular, refletindo por trinta segundos sobre o que significaria ir até lá. Depois, vejo que pensar não vai me levar a lugar nenhum e ligo para Branca.

Não quero demonstrar que

me preocupo em estar ali, então
visto uma saia curta vermelha,
godê e de cintura alta, e uma
blusinha simples de mangas três
quartos com listras horizontais
brancas e pretas. Opto por um
sapato Mary Jane preto, alto,
mas nem tanto. Eu me olho no
espelho
do
closet
e
fico
satisfeita. Estou normal, diria
que simples. Nada exagerado e
que
demonstre
que
estou
ansiosa.
É o que penso até entrar no
carro de Branca e ouvi-la dizer,
enquanto revira os olhos:

— Você está parecendo uma
menininha inocente. Quero só
ver a cara do motoqueiro. É
realmente estranho imaginar a
cena, e é isso que faz tudo
ainda mais lindo!

Ao
chegarmos,
eu
me
surpreendo. O bar tem um
visual rústico e ao mesmo
tempo moderno, como se cada
detalhe fosse pensado para
causar
uma
sensação
de
conforto, atraindo todos para o
lugar. E é maior do que eu
pensava.

Não vejo Rodrigo e sigo
pedindo

licença

para

as

pessoas. Tem uma banda no palco, e não demora muito para que eu note Rafael tocando.

Sinto como se as baquetas acertassem meu coração, em vez dos pratos da bateria. Acho que deixo escapar alguma reação, porque Branca me pergunta:

— É ele? — É quase um sussurro. Coisa da Branca; todo mundo que a conhece, quando a vê falando assim, sabe que ela está aprontando algo.

— É... — Minha voz sai tremida.

Meu

corpo

todo

está

tremendo. Ou talvez seja a
vibração da bateria que chega
até os meus ossos, fazendo o
meu sangue esquentar.

— Nossa, Vivi. Esse cara...

Ele tem algo que... nossa! Eu
não sei exatamente a palavra,
mas... uau. Seja lá o que for, ele
é o cara! — Branca fica

procurando a expressão certa,
mas já não presto atenção.

Decido sair dali e procurar
meu irmão, mas Rafael me vê e
não consigo me mover. Ele me
olha de cima a baixo, cada
detalhe do corpo, e para na
saia, dando um meio-sorriso
convencido. Sei que ele gostou

da

minha

roupa,

algo

completamente

contraditório.

Quando ele sobe o olhar
devagar, sinto como se me
despisse ali mesmo, no meio de
todas aquelas pessoas. E o pior?
Eu quero ser despida.

— E, ó, esse cara quer você
— Branca diz, me trazendo de
volta à realidade.

Rafael continua me secando
sem desviar o olhar. Sem se
importar com mais nada. Sinto
como se estivesse sozinha com
ele. Estou perdida.

Nota

* “É a minha vida/ É agora ou nunca/ Eu
não vou viver para sempre/ Eu só quero
viver enquanto estou vivo.”

18

RAFAEL

É tão certo quanto o calor do fogo
É tão certo quanto o calor do fogo
Eu já não tenho escolha

Participo do seu jogo, eu
participo.

— Capital Inicial, “Fogo”

Contenho o sorriso ao ver
que Viviane me descobriu

em

cima

do

palco.

Continuo seguindo meu

ritmo e tocando “Drain

You”

enquanto

testo

quanto ela resiste sem

desviar o olhar. Ela me

surpreende e não desvia,

nem mesmo quando a outra

garota diz algo. Gosto

disso. Algo nos atrai um

para o outro, e ela quer

tanto

quanto

eu.

É

arriscado, mas ainda assim

irresistível. Ela dá um

sorriso

tímido

quando

percebe que a roupa mexeu

comigo. Acho que não

esperava. É irônico um

visual assim me seduzir,

mas, com essa garota, sinto

que seria seduzido até se

ela vestisse um saco de

papel. Não é a roupa, é

como ela usa.

Um pensamento bobo

passa por mim: *E se eu*

tentar resistir? Não que

consiga, mas e se eu

segurar um pouco mais,

dando uma chance para

ela?

Para mim, o “deixar acontecer” é meio óbvio — vai acontecer. Quero essa garota e, pelo jeito como ela mordeu o lábio agora, ela também me quer.

O que me deteria, se eu pensasse a respeito, é que sou um perigo para ela. Sou um perigo para qualquer uma. Mas, como falei, quem disse que eu penso nisso?

Não sou o tipo de cara que faz drama: “Não sou bom pra você. Se afaste. Sou perigoso”.

Sou mais do tipo: “Não sou bom pra você, sou perigoso, mas o sexo é do caralho!”

Nah. Dizer que não sou bom e sou perigoso pra

quê? Porra, tá na minha
cara. Compra quem quer.

Viviane já tem idade
para saber o risco que
corre e pode muito bem
dizer que não quer. Se ela
levantar

uma

barreira,

mulher é o que não falta,
mas, pelo jeito que ela me
olha, está tão perto do

abismo

quanto

eu.

O

abismo um do outro.

A música acaba e Lex

olha para mim, querendo

saber

se

encerramos,

porque,

mesmo

tendo

avisado que aquela seria a
última, o público quer mais.

Sorriso para ele e dou de
ombros. Se é para tocar,
que seja.

Antes que ele possa
pensar, começo “She”, do
Green

Day.

Se

existe

alguém tão rápido quanto
eu para música, é o Lex.

Então ele e os outros me
seguem, e o público aprova.

Pobre público inocente,
não é para você que eu
toco. É para ela.

Na

primeira

parte,

continuo

olhando

para

Viviane, querendo dizer

que é um desafio.

Na

segunda

parte,

reforço tudo, só que agora

canto

baixinho.

O

microfone nem está perto

de mim, é apenas um

recado. Quero que ela veja.

She

She's figured out

All her doubts were

someone else's point of

view

Waking up this time

To smash the silence

with the brick of self-

control.

Are you locked up in a
world

That's been planned out
for you

Are you feeling like a
social tool without a use

Scream at me until my
ears bleed

I'm taking heed just for
you. *

Quando repito a última
frase, ela dá um meio-
sorriso e eu ganho a noite.

Ela sabe muito bem que
sou um perigo e nem liga. É
uma garota prestes a sair da
zona de conforto e se
arriscar. Quero pra ontem!

Encerramos e, mesmo
com mais pedidos, por hoje
é só. Ainda tenho um
período no bar, e Lex

precisa retomar sua função
na gerência. Trabalhamos
juntos há três anos. A
melhor parte é que o dono
é amigo do Lex e quase
não aparece por aqui.

Entrego as baquetas
para um dos caras da
banda e desço do palco.

Viviane não está mais à
vista, mas vejo Rodrigo
falando com a loira que
estava com ela. Peituda,
mas não tem bunda. É...

Fiz uma avaliação rigorosa.

Quando me aproximo,
escuto:

— Eu já disse e repito:
você é moleque demais pra
mim, Rodrigo. Sai fora. —

Ela se afasta, sem se
importar que acaba de
nocauteá-lo.

Acho

que

devia ficar claro que só eu

posso

chamá-lo

de

moleque.

Entro no bar. Lucas e

seu aprendiz fizeram uma

bagunça moderada, mas

pelo menos deram conta da

situação com mais dois

caras. Não sou o único

barman daqui, mas tenho

mais tempo de casa e sou

responsável por todos os

outros. Também sou o

único

performático

e

preciso estar pronto daqui a

pouco. Então organizo tudo

e vejo se temos o material

necessário para trabalhar
até o fim da noite.

Rodrigo entra logo em
seguida. Dou uma olhada
no ambiente e encontro o
que queria: uma ruivinha
sentada a uma mesa com as
amigas. Eu a conheço de
outros carnavais. Eu a
chamo e apoio os braços no
balcão para que possa falar
com ela sem que os outros
escutem. Ela ri e concorda,
depois volta para a mesa.

— Moleque, vem cá —

chamo

Rodrigo,

que

curiosamente

está

arrumando

a

bagunça.

Duvidei que fosse trabalhar
de verdade, mas não é que
ele está se esforçando?

— Que foi? Se for pelo
Red Label que eu quebrei,
vou pagar — ele diz bem
baixinho.

— Você quebrou um
Red Label?! — pergunto
em voz alta, jogando o
pano nos ombros.

— Ah, fui testar aquele
lance de girar a garrafa e
quebrei durante o show de
vocês, mas vou pagar.

— Relaxa.

“Relaxa.” A palavra
que uso para acalmar as
pessoas quando tudo vai
dar errado. Dou risada, não
tem como evitar.

— Tá bom.

Coloco

algumas

garrafas de vodca na parte
central do balcão.

— Não é disso que eu
quero falar. Tá vendo
aquela ruiva? — aponto
com a cabeça.

— Vi... — Ele dá um
sorrisinho. Quer resolver o
problema de um cara,
aponte uma ruiva. — Que
que tem?

— É sua. — Dou dois
tapinhas em suas costas. —
Por hoje, não pra sempre
— brinco, enquanto ela
pisca da mesa para ele.

— Você arrumou isso?

— Ele coça o queixo. —

Além de barman e músico,
também é...

Dou um tapa na cabeça
dele antes que me chame

de cafetão ou algo assim.

— Não, moleque. Ela tá de olho em você desde que chegou. Só arrumei as coisas. — Coloco os copos na parte baixa do balcão, porque vou precisar usar depois. — É uma amiga minha.

— Amiga, sei.

— É amiga, sim. —

Recolho os copos sujos e levo para a pia.

— Já pegou? — ele pergunta, vindo atrás de mim, como um filhote.

— Já peguei todas as minhas amigas. — Dou de ombros.

— É oficial: quando eu crescer quero ser você.

Dou uma gargalhada.

— Posso te ensinar uma

coisinha ou outra. Aí vai a
primeira:
nunca,
em
hipótese alguma, babe por
uma mulher como você
estava babando por aquela
loira. — Coloco a mão em
seu ombro. Quero que ele
confie em mim, depois me
surpreendo
por
me
importar.

— Ah, a Branca é irmã
do meu amigo. Tá nem aí
pra mim. — Ele balança a
cabeça,
visivelmente
chateado.

— Muda essa cara ou
vai perder a ruiva. —
Aponto para a mesa que

minha amiga divide com
outras pessoas.

— Mesmo se eu não
babar, ela não tá nem aí
pra
mim.

Me
acha
moleque.

— Você é moleque.
— Meu! — Ele cruza

os
braços,
revoltado,
parecendo a irmã.

— Você é. Mas aí é
que está o segredo: você vai
ser homem um dia. A
maravilha do mundo é que
ele dá voltas — giro a mão
para ilustrar. — Faça o que
estou dizendo e daqui a, sei
lá, dez anos a gente tem

essa conversa outra vez.

— Tá bom. Me fala o que tenho que fazer. Além de pegar a ruiva, porque isso já estava nos meus planos. — Ele dá um sorrisinho besta.

— Essa Branca... Nada de tentar pegar, dar em cima ou fazer essa cara de quem vai morrer. Você tem cara de quem pega mulher direto.

— Até pego, mas a Branca... — ele suspira. Tão inocente...

— Nada de “mas a Branca”. Ela é assunto proibido até você ter uns vinte e um. É, acho que nessa idade já dá pra arriscar com ela sem tomar toco. Saquei a dela logo

que vi. É do tipo que
escolhe, e você precisa
estar
preparado
pra
enfrentar uma dessas. Ela
tem
que
querer
você
primeiro. Ai é sua pra
sempre, mesmo que negue.
Paro de falar, porque
Lex passa fazendo sinal
para
mim.
As
luzes
começam
a
piscar,
o
público grita e me preparo.

É hora do show.

— Fica ali com o

Lucas, moleque. Preciso de

espaço. Só os outros dois

caras vão ficar no bar, mas

é

mais

para

uma

eventualidade,

porque

agora dificilmente alguém

pede bebida.

— Ué, por quê?

— Espera pra ver —

digo bem a tempo de

perceber

que

Viviane

deixou minha jaqueta ali,

então a visto, já me

preparando para o show.

Não tenho tempo de

procurar por ela agora, mas
espero que ela possa ver o
que virá a seguir.

O local fica à meia-luz.

O foco é o bar. Minha área.

Meu domínio. Todas as
atenções se voltam para
mim. Em todas as caixas de
som, um barulho de avião é
seguido pelo toque de um
celular. Pego meu aparelho
e finjo atender. Uma voz
fala comigo como se eu
estivesse

numa

missão

impossível, em que nem a
Lara Croft — aquela do
videogame, interpretada no
cinema pela gostosa da
Angelina Jolie — pode me
ajudar. Deixo o celular de
lado.

Massageio o pescoço,
como se estivesse prestes a
correr um risco de verdade.
“Elevation”, do U2, começa
a tocar. Começo a dançar
devagar, sem mover os pés.
Uma garota dá um gritinho
histérico. Típico.
Pego duas garrafas de
vodca e mostro para o
público, que nem pisca de
tanta expectativa. Então
jogo as garrafas para o alto,
fazendo-as
rodopiar
e
agarrando-as em seguida.
Jogo apenas uma, mas giro
o corpo antes de pegá-la.
Agora a lanço por trás de
mim e, com a mesma
habilidade, a seguro outra
vez.

Sigo girando e girando,
aumentando o grau de
dificuldade, assim como o
envolvimento
de
quem
assiste.

Bato as duas garrafas
no balcão para começar a
melhor parte, e é bem aí
que vejo Viviane.

Nota

* “Ela/ Ela percebeu que/ Todas as suas
dúvidas eram o ponto de vista de outra
pessoa/ Acordando dessa vez/ Para
quebrar o silêncio com o tijolo do
autocontrole.//Você está trancada num
mundo/ Que foi planejado para você?/
Você está se sentindo como uma
ferramenta social sem utilidade?/ Grite
comigo até meus ouvidos sangrarem/
Estou dando atenção só para você.”

Viviane

Listen to your heart

When he's calling for you

Listen to your heart

There's nothing else you can do.

— Roxette, “Listen to Your Heart”*

Tive que sair do bar, porque
meu telefone estava tocando
sem parar. César contou para o
meu avô que terminamos, e é
claro que meu avô me ligou
para dizer que fui precipitada e
pedir que eu passe no escritório
dele amanhã para almoçarmos
juntos e repensarmos minha
atitude.

Assim

mesmo,

“repensarmos”, como se eu não
fosse capaz de decidir sozinha.

Quando finalmente desligo o
celular e entro, mal posso
acreditar no que vejo. Rafael

está no bar, girando garrafas
para todos os lados, com o olhar
mais sensual que já vi na vida.

Ele se mover assim, ao som de
“Elevation”, devia ser pecado,
eu penso, tocando minha blusa,
tomada por um calor repentino.

Rafael joga a garrafa, pega,
joga, gira, deixa quicar no braço
e pega de novo. Tudo isso numa
velocidade surpreendente e...

dançando!

Ele não para de se mover,
como se fosse uma máquina de
sedução. Ah, meu Deus! Três
garrafas.

Ele

está

fazendo

malabarismo com três garrafas.

Quatro

garrafas!

Como

é

possível?

Todos aplaudem, eufóricos.

Vejo meu irmão de longe, e seu
olhar brilha. Ele certamente tem
um novo ídolo.

Rafael

interrompe

o

malabarismo.

Penso

que

acabou, mas ele recomeça a
dançar enquanto tira a jaqueta
devagar, passando a mão no
abdômen. Olho ao redor só para
constatar o que já estava
ouvindo: as mulheres estão
histéricas.

Cruzo novamente o olhar
com o dele. Ele me encara e
atira a jaqueta para mim. Eu a
agarro,

entre

chocada

e

deliciada

com

os

olhares

femininos recriminadores que recebo. Não consigo evitar e inspiro, sentindo o perfume que marca a peça de roupa. Ele sorri de forma lasciva e recomeça.

Agora

ele

pega

duas

coqueteleiras e duas garrafas, fazendo com que se encaixem no ar. É maravilhoso ver como ele tem pleno controle da situação. Ele retoma as quatro garrafas e a dificuldade agora é maior: enquanto uma gira no ar,

ele para outra na palma da
mão, depois joga duas por entre
as pernas. Tenho certeza de que
estou boquiaberta.

Rafael recoloca as garrafas
no balcão e dança esfregando
as mãos uma na outra, como se
estivesse preparando um grande
ato. Ele bate palmas e não sei o
que faz, mas duas garrafas
começam

a

pegar

fogo,

enquanto o barman mais sexy
do mundo arruma copinhos, um
atrás do outro, sobre o balcão.

Quando

ele

reinicia

o

malabarismo com as garrafas
em chamas, levo a mão ao

peito. Em um último rodopio,
ele para e enche cada um dos
copinhos,
deixando-os
em
chamas também. Para finalizar,
bebe um, fazendo com que
todos gritem alucinadamente.
E então seu olhar cruza com
o meu, e sou eu que queimo.
Como resistir a esse homem? As
mulheres querem ser dele, os
caras querem ser como ele.
— Meu Deus! — Branca
exclama ao meu lado. — Vivi,
diz agora que você vai pegar
esse cara. Diz agora! Porque,
sério, se você não pegar, eu
pego. Puta que pariu! É sexy
feito o capeta. — Ela se abana
sem parar.
— Eu sei.
— Todas sabem, gata! Agora

me diz. Responde. Você quer:

sim ou não?

— Sim — respondo e o vejo

deixar

o

balcão,

sendo

cumprimentado por qualquer um

que

cruze

seu

caminho

enquanto tenta escapar, sem

parar de me olhar e cada vez

mais perto de mim.

Nota

* “Ouça o seu coração/ Quando ele chama
por você/ Ouça seu coração/ Não há mais
nada que você possa fazer.”

20

RAFAEL

Complicated

X-rated

I want you bad

I mean it

I need it

I want you bad.

— The Offspring, “Want You Bad”¹³*

Sempre que termino uma performance, as pessoas querem falar comigo.

Normalmente, nessa hora consigo até fechar eventos para os meus dias de folga.

Coisas assim me rendem um bom dinheiro extra, mas agora tudo o que quero é me livrar dessas pessoas e chegar até Viviane.

Ela está parada mais para o canto do salão, com a amiga ao lado, e não deixa de olhar para mim.

Ela poderia fingir que não

me nota ou agir como uma
dessas meninas afetadas,
mas não faz isso. Não
existe
jogo
entre
nós.

Apenas duas pessoas que
não se dão ao trabalho de
negar o óbvio: queremos
um ao outro.

Sei o que quero fazer,
mas sei que Lex me
mataria se beijasse alguém
na boca dentro do bar. Já
basta o que eu apronto no
estoque. Então, quando me
aproximo, toco sua cintura
e beijo seu rosto, o mais
próximo dos lábios que
posso chegar sem quebrar
nenhuma regra. Viviane
não se afasta nem me

empurra, mas, no susto,
põe uma mão no meu peito.

Ficamos assim alguns
segundos, e posso dizer que

é

o

momento

mais

eletrizante que já vivi. Que
diabos tinha naquela vodca?

O pensamento me faz

olhar para o bar. Os outros

já

reassumiram

suas

posições e preciso voltar.

— O dever me chama.

— Eu a solto devagar,

deslizando a mão por sua
cintura.

— Ok

Rio baixo. O som sai

rouco e a razão me faz

sorrir. Cara, como eu quero
essa garota.

— Fica até a hora de
fechar? — as palavras
escapam. Acho que nem
raciocino, só sinto.

— Fico — ela responde
e tira a mão do meu peito,
parecendo espantada por
ainda a manter ali.

— Ótimo.

Não vou negar, estou
comendo essa garota com o
olhar. Meu desejo é levá-la
para
o
estoque
neste
minuto, mas, ao mesmo
tempo, tem alguma coisa
que me faz querer apreciar
essa atração. Dar um passo
de cada vez, todos na

direção dela.

— Sua jaqueta — ela

diz com um sorrisinho

tímido.

Meu Deus!

Eu a seguro e meus

dedos encostam nos seus,

antes que ela solte. Se eu a

puxasse, ela viria.

— Talvez seja melhor

ficar com você. Aposto que

ela tá curtindo esse vai e

vem.

Certeza

que

ela

gostou de dormir na sua

casa

—

digo

sem

interromper o contato de

nossos dedos.

— Não sei. Eu a
amassei
um
pouquinho
quando dormi com ela. —
Eu a vejo corar ao dizer
isso, como se esse tipo de
confissão
não
fosse
característico dela.

— Puta merda! —
Passo a mão pelos cabelos
devagar. — Minha jaqueta
dormiu melhor que eu.
Ela ri, umedece os
lábios e olha para o lado.
Uma sequência que acaba
comigo. Depois fica séria e
arregala um pouco os
olhos, como se tivesse se
lembrado de algo. Acho
que ela finalmente se deu

conta de que a amiga
evaporou quando percebeu
o clima. Aquela ali pode ser
uma
destruidora
de
moleques, mas ninguém
pode dizer que não é
esperta.

Viviane volta a atenção
para sua mão segurando a
jaqueta e os meus dedos
sobre os dela. Estamos bem
próximos, nossas mãos na
altura da cintura, sem
intenção de interromper o
contato. São apenas dedos
se tocando e já estou louco.

Ela levanta os olhos
para mim, lentamente, e sei
que está checando meu
abdômen. Muito bem. Isso
me dá licença para checar

seus peitos — como se eu precisasse de autorização.

A blusa dela é fechada e não consigo ver como quero, mas, pelo que pude analisar agora e antes, ela tem belos peitos.

Nossos

olhares

se

cruzam outra vez, e tudo o que penso é em vê-la sem roupa. Ela suspira e acho que pensa o mesmo sobre mim. Ah, e eu tenho que trabalhar..

— Preciso ir — digo, mas não me movo. —

Aparece lá daqui a pouco que preparo algo especial pra você.

— Apareço, sim.

Sinto como se o jogo

tivesse

virado.

Ela

se

arrisca comigo e eu espero.

Nunca esperei por ninguém

e ainda assim me ouço

dizendo:

— Vou esperar.

Então solto seus dedos

e deixo minha jaqueta com

ela.

Nota

* “Complicada/ Censurada/ Eu te quero
malvada/ Falo sério/ Eu preciso/ Eu te
quero malvada.”

21

Viviane

Kiss me beneath the milky twilight

Lead me out on the moonlit floor.

— Sixpence None the Richer, “Kiss

Me”*

Quando Rafael me solta, levo a

mão ao rosto. Estou quente,
tanto a ponta dos dedos quanto
o rosto. O que foi esse
momento?

Procuro Branca e a encontro
ao celular. Ela desliga assim que
me vê.

— E aí, pegou? — me
pergunta.

— Ele teve que voltar pro
trabalho. — Ela me fuzila com o
olhar antes que eu complete: —
Mas me perguntou se eu ficaria
até fechar e eu disse que sim.

— Ahhh! — Branca dá um
gritinho e me abraça. — Se
prepara, gata, porque esse aí
vai te estragar pra todos os
outros. É muita... Que droga,
ainda não sei a palavra. Estava
agorinha falando com a Clara no
celular pra ver se ela me ajuda
nesse tormento. Enquanto eu

não souber definir esse homem,
não vou sossegar. Aliás, ele tem
irmãos? De preferência, gêmeo
univitelino! — Dou risada e ela
continua: — Tô falando sério!

— Não. Só um primo, da
idade do Rô. — Aponto para
Lucas, que passa por nós.

— Ah, não. Tô fora de
pivete. — Branca faz uma
careta.

— Ai, Branca, não gosto
quando você fala assim do meu
irmão. — Cruzo os braços. Eu
posso xingar Rodrigo, mas não
aceito que outras pessoas façam
o mesmo. — Você sabe como
ele se sente.

— Vivi, não começa! Eu te
xinguei quando você dispensou
o meu irmão? Não, né? Então
cala a boca. Seu irmão é bonito,
mas é moleque.

— Eu tinha quinze anos, e
são situações diferentes. Bom, o
Rô vai crescer e você vai querer.
Só tô dizendo — provoco,
enquanto ela bate três vezes na
mesa.

— Mudo meu nome pra, sei
lá, Josefina se um dia eu pegar
o moleque ali. — Ela vira o rosto
para olhar para ele no bar. — Se
bem que ele tá bem sexy como
barman. Acho que é culpa do
seu homem. É tão gostoso que
saiu contagiando todo mundo.
Retiro esse negócio de mudar o
nome, só por precaução.
Meu telefone toca outra vez.
Está muito barulho ali e procuro
um lugar mais calmo. Tem um
corredor que dá para uma saída
nos fundos. Saio sob o olhar de
um dos seguranças. Nossa,
como está frio! Que virada de

tempo maluca.

— Alô.

— Posso saber onde você
está?

— Oi, César. Saí com a
Branca.

— Mas já? — Seu tom é
repleto de indignação.

— Sim, já. O que você quer?

— Passo a mão livre pelo braço,
morrendo de frio. Percebo que
ainda
estou
segurando

a
jaqueta.

— Falei com o seu avô.

— Eu sei — respondo,
fazendo contorcionismo para
vestir a jaqueta e ao mesmo
tempo falar com César.

—

Ele

ficou

bem

decepcionado.

— Eu sei. — Tropeço e

trombo com a parede, mas

finalmente estou vestida.

— Você vai falar com ele

amanhã, né?

— Vou sim. Quero deixar

minha decisão bem clara. —

Minha voz é envolvida pelo

perfume de Rafael.

— Não vai voltar atrás? — Eu

o ouço bufar.

— Não.

— Seu avô vai colocar juízo

na sua cabeça. Tenho certeza.

— César, por favor... — Não

sei o que dizer. Não quero

magoá-lo, mas como posso ficar

calada? — A gente não vai

voltar. Preciso de um tempo pra

mim e pra descobrir o que eu

quero.

—

A

gente

conversa

amanhã, depois que você falar
com o seu avô. — Ele desliga na
minha cara.

Coloco a mão na testa. Que
nervoso! Não quero entrar me
sentindo assim. Encosto na
parede e coloco as mãos nos
bolsos. Então encontro algo que
não estava ali antes. Pego e tiro
do bolso, ao mesmo tempo em
que a porta dos fundos se abre
outra vez, mas nem olho.

— Mas o que...

— Então você encontrou.

Dou um pulo quando ouço a
voz de Rafael atrás de mim. Ele
está
carregando

um

saco

grande, cheio de garrafas. Ele o coloca sobre a lixeira e vem na minha direção.

— O que é isso? — Estendo o rolinho, que parece um cigarro, mas é diferente. Até acho que sei, mas prefiro que ele diga. — Espera. Você colocou pra eu encontrar?

— Sim. Sou o que sou, não tenho vergonha disso. — Ele está a alguns passos de mim. — É um baseado.

— Então você é esse tipo de cara — concluo, jogando o baseado fora.

— Sou pior que esse tipo de cara. — Ele apoia a mão na parede, com o braço esticado. Nunca prestei atenção em sua tatuagem tão de perto. Não tem

muito espaço entre nós agora.

— Pior quanto?

— Se quiser, vai ter que descobrir. Por sua conta e risco.

— A voz dele demonstra autoconfiança, mas há um medo discreto

em

seus

olhos,

mergulhados nos meus.

— Você já matou alguém? —

pergunto baixo e olho em volta.

O segurança sumiu de vista.

Estamos sozinhos.

— Não. Ainda — ele me

provoca.

— Você vende drogas?

— Não. Nem vou vender. —

Ele é taxativo. Como em tudo o que diz, sinto verdade.

— Certo...

Quero me afastar. Quero

correr para longe, mas meus
pés estão grudados no chão. Ele
não parece um drogado, não
parece um dependente. É tão
saudável. Talvez ele só queira
me assustar, e seu maior
problema
seja
apenas
um
baseado ou outro.

— Você vai embora? —

Rafael pergunta, um pouco
tenso.

— Não — respondo sem me
mover, porque, se eu der um
passo, me choco com ele.

— Quer tomar aquela bebida
e conversar?

Silêncio. Estou refletindo. Ele
está ali parado, olhando para
mim. Esperando.

Está nas minhas mãos virar

as costas e ir embora ou ficar.
Ninguém pode me obrigar a
entrar e conversar com Rafael. E
ambos sabemos que, se eu
entrar, a coisa vai muito além
de
uma
conversa.

Estarei
aceitando todos os riscos.
Talvez se meu pai ainda
fosse vivo, eu corresse para
casa e conversasse com ele
sobre o bad boy que está
despertando sensações malucas
em mim. Mas meu pai se foi e,
como Rafael me disse, ainda
que eu quisesse, não poderia
ser mais aquela menina. Então,
apenas digo:

— Quero.

Ele ouve e não diz nada.

Continua olhando para mim,

como se de repente eu fosse a
única pessoa do mundo.

— Preciso fazer uma coisa
antes de entrar — ele diz, e
engulo em seco. — Se quiser
fugir de mim sem olhar pra trás,
vou entender.

— E o que acontece se eu
não quiser fugir?

A verdade é esta: não vou
fugir. Ele tem seus problemas,
eu tenho os meus, e nos
encontramos no meio. Ali,
naquele mar sem fim que nos
aflige, com todas as nossas
dores, frustrações e revoltas.

Tudo o que queremos é nos
sentir vivos outra vez.

Ele coloca o outro braço na
parede atrás de mim. Estou
entre seus braços, e seu rosto
está a poucos centímetros do
meu. Ele me encara, desviando

o olhar dos meus olhos para a
minha
boca,
me
fazendo
estremecer por antecipação. Ele
passa a língua entre os lábios.
Eu o sinto se aproximar, como
se uma corrente elétrica o
atraísse
para
mim.
Minha
respiração se acelera e não
fecho os olhos até o último
segundo.
Naquele
momento
intoxicante em que ele toca
meus lábios com os dele.
Rafael
começa
devagar,

como se tivesse medo de me
partir ao meio ou apenas para
me provocar. Subo uma das
mãos por sua camiseta até
chegar ao pescoço, meus dedos
tocando as pontas de seus
cabelos. Acho que é o incentivo
de que ele precisa, porque
envolve minha cintura, me
puxando para ele.

Quando sua língua toca a
minha, agarro sua camiseta.

Estamos tão grudados que sinto
cada músculo de seu abdômen e
seu peito contra mim. Tão forte,
tão firme e tão intenso. Ele tem
gosto de coisa proibida, álcool e
perigo.

Quando ele aprofunda o
beijo, me pressionando contra a
parede,
sinto
meu

desejo

explodir, assim como o dele,

que parece não ter mais

controle.

Ele me puxa mais e eu vou.

Sinto que irei eternamente.

Nota

* “Me beije sob a Via Láctea/ Me leve para
fora, no solo enluarado.”

22

RAFAEL

All I ever wanted

All I ever needed

Is here in my arms.

— Depeche Mode, “Enjoy the Silence”*

Soube que estava perdido

no exato momento em que

Viviane não correu para

longe de mim. E, quando a

olhei e ela não desviou o

olhar, decidi que era hora

de fazer o que nós dois

queríamos.

Quando a beijo tento

ser

suave,

não

quero

assustá-la. Já basta ter

deixado o baseado para ela

encontrar. Mas qualquer

tentativa de calma se perde

ao sentir os dedos dela

passando

pelo

meu

abdômen.

Preciso

me

controlar para não levantar

sua saia e terminar com

isso de uma vez.

Ela puxa meu pescoço

e, em êxtase, desacredito

que exista tanta paixão

assim nela. Ao mesmo

tempo em que vejo que era
óbvio. Eu nunca ficaria
desse
jeito
por
uma
patricinha qualquer, tinha
que ser uma capaz de
incendiar meu mundo.
Envolver sua cintura e a
aperto contra mim. Ela me
aperta mais. Que garota!
Não vejo mais nada.
Não ouço mais nada. Tudo
o que quero é ela, e por
trás da menina doce e
atrevida tem alguém em
ebulição. Sei que, se eu a
convidar para ir para o
estoque agora, ela vai, mas
isso está tão bom que quero
que dure mais.
Mordo seu lábio, depois

o sugo devagar e ouço seu
gemido baixinho. Eu faria
qualquer coisa que ela me
pedisse agora.

Quando ela toca minha
cintura e brinca, deslizando
os dedos ali, eu a beijo com
força, me surpreendendo
com

quanto

estou

envolvido. Ela não se afasta
e isso me provoca mais.

Não resisto e toco a

base de seu seio. Penso por

um segundo se vou levar

um tapa na cara, mas é

pior. Digo, melhor. Ela

acomoda dois dedos no cós

da

minha

calça

e

enlouqueço. Não tem como
esconder minha ereção, sei
que ela sente, sei que ela
gosta. Caralho! Caralho!
CARALHO!

A porta se abre, mas ela
não
percebe.

Continua
retribuindo
cada
toque.

Protejo seu corpo com o
meu para que não a vejam
e escuto uma voz atrás de
mim:

— O Lex tá chamando!
O garoto novo quebrou
outra garrafa e disse que
paga cinco se a gente
deixar ele trabalhar aqui
outro dia. Só pode ser
pirado. Vem resolver. — E

a porta se fecha outra vez.

Viviane prende o ar,

assustada. Encosto a testa

na dela, e ela volta a

respirar. A mesma busca

feroz por oxigênio que

enfrento.

Meu peito sobe e desce

e mal posso acreditar em

tudo o que sinto. Ela me

olha, corada, e tudo o que

consigo pensar é em ter a

garota na minha cama.

— Ele viu a gente? —

ela pergunta, num suspiro.

Ver Viviane sem ar por

minha causa é demais para

mim. Eu a beijo outra vez e

ela não me nega nada.

Pouco importa se nos virem

ou não. Nossa entrega dura

poucos segundos, porque a

porta se abre outra vez.

— Ô, Don Juan, o Lex
disse que na próxima vem
te buscar. E tá tapando a
garota por quê? Tu nunca
ligou de esconder mina
antes... — Há um estrondo
quando ele fecha a porta.

Continuo

protegendo
seu corpo da visão dos
outros. Não sei exatamente
por quê. Só quero poupá-la
do rótulo de ser mais uma
da minha lista. Embora
tudo o que eu queira seja
que ela pertença à minha
lista. Não, ao topo da lista.

— Preciso entrar. —

Toco seu rosto devagar.

—

Tudo

bem.

—

Viviane balança a cabeça,
tão desnorçada quanto eu.

—

Na
verdade,
é
melhor
você
entrar
primeiro.

—

Dou
um
sorriso safado e olho para
baixo.

Ela fica vermelha, mas
não vira o rosto.

— Vou entrar então. —

Ela não me solta.

— Isso. — Eu não a
solto.

Demoramos
mais

alguns segundos assim, até
que
ela
se
move,
caminhando até a porta
devagar e virando no último
momento para me olhar.

Encosto

na

parede,

completamente

rendido

quando ela sorri antes de

entrar.

Olho

para

o

céu,

tentando entender o que se

passou. Só de lembrar, o

arrepio volta. Sim, eu senti

um frio na barriga. Peraí,

eu senti um frio na barriga?

Sim, sr. Rafael Ferraz, *você*

sentiu um frio na barriga.

PUTA QUE PARIU!

Nota

* “Tudo o que eu sempre quis/ Tudo o que eu sempre precisei/ Está aqui em meus braços.”

23

Viviane

So tell me when you're gonna let

me in

I'm getting tired

And I need somewhere to begin.

— Keane, “Somewhere Only We

Know”*

Assim que entro no bar, procuro

o banheiro. No espelho, estão

as provas do que fizemos lá

fora. Meu rosto ainda está

corado, meus lábios vermelhos,

e tem marcas da barba dele em

todo o meu pescoço.

Sinto um arrepio gigantesco
ao lembrar de cada toque e
aonde teríamos chegado se não
tivéssemos sido interrompidos.

Nunca na vida senti tanta
vontade de ser de outra pessoa
como agora.

César, apesar de seu jeito
certinho, era bom de cama e
nos dávamos muito bem nesse
quesito, mas hoje ansiei tanto
por mais que estou assustada. A
mera pegada de Rafael em um
simples beijo — que de simples
não teve nada — me matou.

Imagine continuar... Não, para.

Ou seria não para?

Meu

Deus!

Preciso

me

controlar ou não sei o que vai

acontecer.

Duas mulheres entram rindo
no banheiro e é meu sinal para
sair. Do lado de fora, percebo
que está tocando “I Could Die
for You”, do Red Hot Chili
Peppers. Ouço muito porque
Rodrigo adora e ainda não
aprendeu que existe fone de
ouvido, mas essa nunca foi
minha banda favorita.

Porém pelo menos essa
música tem tudo para se tornar
inesquecível. Enquanto caminho
para o bar, Rafael me vê
abrindo passagem entre as
pessoas.

Ele
prepara
uma
bebida para alguém, mas está
tão concentrado em mim que
não sei como não derruba tudo.
E não derruba mesmo.

Eu me sento em uma
banqueta alta, encostada no
bar, e fico ali, enquanto ele
termina a bebida e troca olhares
comigo.

Eu me concentro na música,
mas é pior. Parece que hoje o
universo conspira.

Come again and tell me
Where you wanna go
What it means to me
To be with you alone
Close the door and
No one has to know
How we are. *

Rafael entrega a bebida ao
garçom, que vai levá-la até o
cliente, e foca a atenção em
mim durante esse trecho da
música. Está claro. Se eu quiser,
teremos a sequência do que
aconteceu lá fora — ninguém
precisa saber ou se envolver.

Como ele mesmo disse, o perigo é evidente. Ele é alguém de quem se deve fugir, mas eu não quero e não vou me censurar por desejar ficar com ele. Nunca quis nada como quero isso.

Meu celular começa a tocar de novo. Vejo que é César e desligo o aparelho.

— Algum problema? — ele pergunta, colocando uma bebida colorida na minha frente. São tantas cores se misturando que não imagino como ele pode ter feito isso. — Eu disse que ia preparar algo especial para você.

Bebo
um
gole
e
me

surpreendo. É uma delícia. Algo cítrico e doce ao mesmo tempo.

— Obrigada. Nunca tomei algo assim. — E ignoro a pergunta que ele fez ao me entregar a bebida.

— Não vai tomar muito — ele diz, pegando outro pedido e já começando a preparar.

— Por quê?

— O doce esconde o álcool.

Se beber muito, vai acabar fazendo striptease na mesa de sinuca — ele aponta para a mesa no outro canto do salão.

— Pensando bem, acho que vou te dar mais alguns quando o bar fechar. — Seu olhar é tão safado que preciso me esforçar para não desviar o meu.

Meu irmão surge de repente, e Rafael se concentra em jogar gelo

picado

dentro

uma

coqueteleira.

— Ei, Vivi! Seu namorado me ligou — Rodrigo diz, e Rafael acrescenta morangos ao que está fazendo, ao mesmo tempo em que me lança um olhar de canto de olho. — Tava meio puto, dizendo que você desligou o celular. Queria saber onde você estava. E eu falei.

— O quê? — Quase caio da banquetta.

— Eita, garota, me deixa terminar!

—

Ele

dá

um

sorrisinho besta, e eu sei que planejou minha reação desde o

início. — Eu falei que você estava dormindo, de pijama cor-de-rosa, agarrada a um bichinho de pelúcia, como um anjinho. O básico de todas as noites.

Rafael dá uma gargalhada, mas nem se vira para olhar para nós.

Quero xingar meu irmão e não posso, porque ele me salvou de um belo inconveniente.

César não sossegaria se descobrisse onde estou.

— O Lex disse que por hoje chega pra mim, Rafa. Que eu até posso voltar outro dia, se você deixar e me treinar antes.

Eu queria... — Meu irmão faz
sua melhor cara de cachorrinho
sem dono. — Não precisa ser
todo dia, mas o clima é legal. —
Ele para um pouco, parecendo
pensar. — É, todo dia não. Só
de vez em quando.

— Tá. Eu te chamo de vez
em quando para um extra, mas
a prioridade é do Lucas.

— Aí, meu, eu te disse que o
Rafa só tem cara de mau. Por
dentro ele é um ursinho fofinho
— Lucas diz, fingindo que vai
apertar as bochechas de Rafael.
Agora sou eu quem ri.

Parece que Rodrigo e Lucas
adoram nos envergonhar.

— Saiam os dois daqui! Vão!

— Rafael começa a enrolar um
pano molhado e os dois saem.

É a primeira vez que vejo
Lucas e Rodrigo juntos fora da

terapia, e é incrível como cada um é quase uma extensão do outro. Ver meu irmão sorrindo assim, tão feliz, me faz bem.

Os dois sentam a uma mesa e Rodrigo começa a fazer pedidos. Esse é o meu irmão — provavelmente vai gastar muito mais

do

que

ganhou

trabalhando no bar.

Rafael segue atendendo os clientes, sem me perguntar nada, mas sinto vontade de explicar.

— O César não é mais meu namorado.

Ele abre a geladeira, pega duas garrafas de Stella Artois, entrega para o garçom e diz para

mim,

de

um

jeito

completamente displicente:

— Não seria a primeira

garota de outro cara que eu

pego.

Finalmente ele para e acho

que

analisa

o

efeito

das

palavras em mim.

Não sei se ele esperava por

isso, mas minha reação é a pior

possível. Coloco a jaqueta dele

no balcão, me levanto e vou

andando em direção à saída

sem dizer uma palavra.

Como não sei exatamente

onde Branca está, pego o

celular para ligar para ela

quando consigo sair. Antes que

a ligação se complete, Rafael

segura

meu

braço.

Olho

zangada para ele.

— Me deixa em paz! — Puxo

o braço com força.

— Não vem bancar a menina

mimada pra cima de mim. — Ele

segura meu braço outra vez.

— Se você não me soltar,

vou chamar meu irmão. —

Assim que a frase sai, vejo

quanto é idiota, mas já foi.

Parece que sou realmente uma

menina mimada.

— E ele vai fazer o quê?

Jogar notas de cem reais em

mim?

— Idiota! — Tento bater

nele com o braço livre, mas ele

me segura.

— Não faz mais isso. — Seu tom é baixo e sério, e sua expressão é nervosa.

— Me solta — digo baixo também.

— Você ficou brava com o que eu disse — ele afirma o óbvio sem me soltar. — Por quê?

— Porque eu não sou esse tipo de garota. — Tento puxar o braço, mas é impossível me soltar.

— E que tipo de garota você é? Tô tentando te entender, mas tô meio perdido. Eu sabia que você não era só uma patricinha, mas não imaginava que tivesse tanta coisa dentro de você. Eu te provoco o tempo todo e só agora você reagiu assim. Por quê?

Não sei o que dizer. Não sei

o que me ofendeu mais: ele
pegar garotas com namorado ou
pegar tantas garotas, enquanto
meu único cara foi o César. O
que estou sentindo é tão
irracional. Acho que é ciúme.
— Não somos o tipo um do
outro. Por que ainda estamos
conversando? — Nem sei a
razão de perguntar isso. Tanto
faz se ele é meu tipo ou não. O
que interessa é que eu o quero.
— Porque não conseguimos
evitar? — ele diz com um meio-
sorriso e uma tentativa de
resposta
perdida
em
uma
pergunta.
— Por quê?
— Não sei, garota. Não
tenho essa resposta. Queria ter,

mas não tenho. — Ele solta meu
braço e toca meu rosto.

Rafael vai me beijar de
novo, está a um passo de fazer
isso, e não pretendo oferecer
resistência.

Notas

* “Então me fale quando você vai me
deixar entrar/ Estou ficando cansado/ E
preciso de algum lugar para começar.”

** “Venha de novo e me diga/ Aonde você
quer ir/ O que significa para mim/ Estar
sozinho com você/ Feche a porta e/
Ninguém precisa saber/ Como estamos.”

24

RAFAEL

Eu vou fazer de tudo que eu puder

Eu vou roubar essa mulher pra

mim.

— Charlie Brown Jr., “Proibida pra
mim”

— Que que tá acontecendo
aqui? — Lex sai correndo

de dentro do bar e pergunta
de supetão. Sua expressão
se confunde quando me vê
segurando

Viviane.

—

Andressa, cadê a briga que
você
falou?

—

ele
questiona nossa hostess
fura-olho, filha duma puta.
Andressa está ao lado
dele, com uma sobrancelha
levantada para mim.

— Puta que pariu! Ele
ia pegar ela agora! Mas que
merda! — a amiga loura de
Viviane reclama. Dessa vez
nem
eu
percebi

que

tínhamos companhia.

— Vixe, perai, seu

primo tá pegando a minha

irmã, Lucas? — Agora é

Rodrigo que sai do bar. —

Não sei se gosto disso não.

— Não sei de nada.

Não vi nada. Não falo nada

— Lucas diz, enquanto faz

sinal de positivo com as

duas mãos para mim.

De repente parece que

estamos

num

hospício.

Percebo que ainda estou

com a mão no rosto de

Viviane e a tiro devagar.

Ela não se afasta.

— Toda a tensão da

briga...

Nossa!

Ia

ser

explosivo e eu ia ver, né?

Quem é você e por que

atrapalhou?

—

Branca

fuzila Lex com o olhar.

— O gerente — ele

responde,

cruzando

os

braços, sem se intimidar.

— Você não era o

vocalista da banda? — Ela

estreita os olhos e o analisa,

depois dá um sorriso, já

sem se importar com a

cena que estava espiando.

Viviane está calada,

mas contém um sorriso

quando olha para a amiga.

Ela sabe de algo que eu não

sei.

— Vocalista, guitarrista

e gerente. — Lex relaxa

quando percebe que o tom

dela se amenizou e que não

tem briga para separar. —

E arranho na bateria.

— Moto e tatuagens?

— Branca checa o cara dos

pés à cabeça.

Essa loira é perigosa!

Não acredito no que estou

vendo. Ela está dando em

cima do cara bem no meio

da confusão!

— Sim. — Lex dá de

ombros, mas sorri. Ele já

sabe

o

que

está

acontecendo. Todo mundo

já sacou. A amiga da

Viviane quer meu amigo.

— Hum... Pode me
falar mais sobre isso? Lá no
bar, de preferência. Você
também já foi barman,
tenho certeza. — Ela pisca
descaradamente
para

Viviane, que coloca a mão
na testa.

Lex olha para mim,
depois para ela, e me diz:

— Eu cubro a sua no
bar e você tá livre pra
resolver seu lance. Mas,
cara, você me deve uma.

— Se você conseguir a
garota, não te devo nada —
grito enquanto eles se
afastam.

— Me deve uma do
mesmo jeito — ele grita de
volta, entrando outra vez no

bar.

A plateia se afasta,

menos

Andressa,

que

continua parada, com as

mãos

para

trás,

nos

olhando.

—

Perdeu

alguma

coisa?

—

pergunto,

querendo tocar Viviane,

mas com medo de que ela

se afaste.

— Na verdade, sim. —

Seu tom é mordaz.

Entendo o que ela quer

dizer e devolvo no mesmo nível.

— Ninguém perde o que nunca teve. Vaza.

Ela vira as costas para retomar sua posição. Sei que isso não vai acabar aqui, mas pelo menos ganho tempo.

— Então, cara, eu até entrei pra pensar melhor..

— É hoje! Ouço a voz de Rodrigo atrás de mim e, quando o vejo, meu primo está ao lado dele, sem saber o que dizer. — Mas não vai rolar não.

— O que não vai rolar?

— Olho para os céus, bufando.

— Você pegando a minha irmã. Eu sei das suas histórias. — Rodrigo se

aproxima mais de nós, e eu
encaro Lucas, irritado, que
pede desculpas com o
olhar. Cagueta miserável!

— A Vivi não vai ser só
mais uma na sua lista. Pode
continuar

pegando

suas

minas aí, mas não a minha
irmã.

— Eu não posso pegar
como? Assim? — E dou

um

beijo

rápido

em

Viviane, que se afasta,
entre chocada e surpresa.

Ela me dá um tapa no
peito, e é o suficiente para
o irmão dela achar que é
um galo de briga e me

empurrar.

— Mas que merda! —

Rodrigo grita, alterado.

Não reajo. Não vou
bater nele por fazer o que
qualquer cara que se preze
faria: impedir que eu fique
com sua irmã.

— Rodrigo, chega! —

Viviane toca seu braço e o
faz virar para ela. — Eu sei
me virar. Ele é um cara
legal.

Eu me surpreendo com
a defesa, é claro. Já fui
chamado de muitas coisas.
“Cara legal” é novidade.

— Eu sei que é — o
irmão dela responde, e me
surpreendo ainda mais. —
Só que não é pra você, né?
Você sempre gostou dos
certinhos. E o César?

— Terminamos.

— Ah, que merda, a
porra é séria — ele solta.

— Olha, acho que não
é bom você andar com o
Lucas. Desde quando você
fala assim? Ou será culpa
do primo dele? — Ela
coloca as mãos na cintura e
ele dá de ombros, com sua
já

conhecida

cara

de

inocente. Não sei se sou
um bom exemplo para esse
moleque. Essa coisa não vai
prestar.

— Tem certeza que
sabe se virar? Você não
acha que vai dar merda?
Porque é tão claro que vai
dar. Não é, Lucas? —

Rodrigo envolve o outro
moleque na conversa.

Nós três olhamos para
ele ao mesmo tempo.

— Ei, me inclua fora
dessa. — Meu primo filho
duma égua sobe no muro e
não toma partido.

— Não! — Rodrigo e
eu respondemos juntos.

— Acho que... — ele
começa,

pensando

na

melhor

resposta

—

estatisticamente... — mexe

as

mãos,

visivelmente

enrolando — tem tudo pra

dar

errado.

É

aquela

paradinha de Romeu e

Julieta, sabe? E o Rafa me

disse pra relaxar. É sina.

Não tem como não dar

merda... — Ele enrola para

dizer

cada

palavra

enquanto levanta as mãos,

como

se

me

pedisse

desculpas. — Mas cada um

sabe o que faz, né? —

acrescenta rápido, quando

o fuzilo com o olhar.

— Exato — Viviane diz

e se volta outra vez para o

irmão. — Rô, está tudo

bem, tá? A gente só está se
conhecendo. Nada de mais.

Sem motivo para você
arriscar quebrar um nariz
tão lindo assim em uma
briga — ela toca o nariz
dele

com

carinho

e

automaticamente

me

lembro da minha irmã.

Entendo o que Rodrigo

sente. Ele está certo. — E,

se der errado, não preciso

que você me defenda.

Ainda me lembro de cada

um dos conselhos do pai.

Rodrigo

dá

uma

risadinha e sei que ele se

lembrou

do

conselho

“esmaga as bolas”, que

Viviane me contou quando

esqueci meu celular na

jaqueta, na noite em que

procuramos por Rodrigo e

Lucas. Já vi pessoalmente e

prefiro ficar fora dessa.

Não sei mais o que

fazer

para

tirar

esse

moleque daqui, quando a

doce ruiva cujo nome

desconheço aparece. E,

não, a gente não precisa

saber o nome de todas as

nossas amigas. É só chamar

a ruiva de Ruiva, a morena

de Morena, a loira de

Loira, e assim por diante.

— Ai, caramba. O que escolho agora: a honra da minha irmã ou a ruiva? A ruiva ou a honra da minha irmã? — Rodrigo finge estar em um grande dilema.

Esse moleque é mais safo que eu.

— Eu cuido da minha honra — Viviane toca o próprio peito. Um bom lugar para deixar a honra, hein? — E você cuida da ruiva, certo?

— Ok Mas vou querer saber cada passo dessa parada
aí

—

Rodrigo

aponta para nós dois e

finalmente, GRAÇAS A DEUS,

todos entram.

— Onde estávamos? —

pergunto para Viviane, que
está um pouco pensativa,
analisando a situação.

— Você acha que é o
fato de sermos opostos que
nos atrai? — ela pergunta
do nada, como se deixasse
escapar um pensamento.

Parece que realmente quer
entender o que se passa.

Essa garota pensa demais.

Nem

estávamos

nessa

parte. Pelo que me lembro,
eu roubei um beijo dela.

— Não. Nós não somos

opostos,

somos

iguais.

Podemos ser de classes

sociais

diferentes,

mas

somos iguais, e é isso o que nos atrai. A gente se vê por trás da fachada — aponto de mim para ela.

— Como você pode saber que somos iguais? A gente mal se conhece.

— Não é verdade. Eu nunca falei sobre o meu pai com nenhuma outra garota, e acho que você me disse coisas que também nunca contou a ninguém quando falou do seu pai. Talvez as palavras não sejam “somos iguais”, mas “temos dores iguais”.

Ela desvia o olhar e sei que isso é um “sim”.

— Acho que estou

maluca. TPM adiantada ou algo assim. Normalmente não sou tão confusa. É melhor ir embora.

Tocar no assunto “TPM” é realmente vontade de mudar o rumo da conversa, mas não sou tão fácil assim.

— Não acho que sejam hormônios, é algo seu, algo que você esconde. Você quer se encontrar, quer se aceitar, e vê em mim uma chance, justamente por...

— Termos dores iguais

—

ela

completa

me

analisando, depois sorri. É um sorriso triste, como o que vejo muitas vezes no espelho, depois percebo um

pouquinho de felicidade ali.

Algo que eu disse a acertou

em cheio. — Não sabia que

ocê era do tipo idiota

fofinho.

— Não sou fofinho.

Idiota,

às

vezes,

não

consigo evitar. Ainda acho

que mulher na TPM foi coisa

do capeta pra compensar

todas as delícias que só

uma boa garota tem. Ou

uma garota má, no caso. —

Eu me arrisco e dou um

passo para perto dela,

segurando seu braço outra

vez, mas devagar. Ela

poderia tirar se quisesse.

— Sou uma garota má?

— Ela levanta o queixo, me

provocando. Adoro quando
fica assim.

— A pior de todas. —

Pior

de

um

jeito

maravilhoso.

—

Talvez

eu

seja

mesmo.

— Talvez não. Você é.

—

É...

Talvez —

Como é teimosa. — Acho

que vou embora — ela diz

outra vez, mudando o rumo

da conversa bruscamente.

— Tem certeza?

— Sim — balance a

cabeça, decidida.

— De vez? — Tiro uma mecha de cabelo de seu rosto e coloco atrás da orelha.

— Que que você acha?

— Que não.

— Então... — Sua respiração se agita, mas ela está se segurando.

— Eu sabia.

— Idiota. — Ela me dá um tapa fraco no braço e se afasta.

— Opa! Melhor parar com isso antes que “idiota” vire um apelido carinhoso — digo enquanto ela pega o celular. — Pra quem vai ligar?

— Para o táxi. Não quero estragar a noite da Branca.

— Ah, para. Já vimos
esse filme. Eu te levo.

25

Viviane

I know I can be afraid

But I'm alive

And I hope that you trust this heart

Behind my tired eyes.

— Dido, “I’m No Angel”*

E, mais uma noite, Rafael

diminui

a

velocidade

para

estacionar em frente à minha

casa.

— Pode parar ali, por favor?

— aponto para um lugar perto

do muro, bem embaixo da

guarita.

Desço, tiro o capacete e

entrego a ele. Rafael tira o dele,

já que no bar tinha um

sobressalente. Ele coloca ambos
em cima da moto e se aproxima
de mim, quando encosto no
muro.

—

Então,

o

namorado

rodou... — Ele para a meu lado
e olha para frente, como eu.

— É. — Minhas mãos estão
para trás, encostadas no muro
gelado, esperando que o frio
mantenha meu corpo calmo.

— Alguma razão específica?

Suspiro

e

as

palavras

escapam, como bolhas de sabão
seguindo o rumo do vento.

— Meu pai dizia que, quando
descobrimos

que

estamos

apaixonados, o coração fica tão

assustado

que

pula

um

batimento, como se estivesse se

preparando

para

todas

as

variações de velocidade que vai

ter que enfrentar a partir daí. É

o que ele chamava de “batidas

perdidas do coração”. Segundo

ele, o coração nunca recupera o

ritmo correto até se encontrar

no peito de outra pessoa.

Não nos olhamos enquanto

eu falo. Faço uma pausa, depois

continuo:

— Eu fui apaixonada pelo

César. A gente namorou por três anos e foi muito bom por um tempo, mas nunca senti meu coração pular um batimento.

Nunca

perdi

uma

batida.

Quando meu pai morreu, tanta coisa foi acontecendo, e me apeguei a cada uma das nossas conversas. Agora eu quero isso.

Quero perder uma batida. Você já sentiu algo assim?

— Nah! Só se perdi uma batida da bateria sem perceber ou errei no preparo de alguma bebida, o que é pouco provável.

Nós rimos e Rafael se vira para mim, ainda encostado no muro. Faço o mesmo em direção a ele. Sua expressão fica séria, antes de começar a falar:

— Meu pai acreditava que
existe apenas uma pessoa certa
para cada um de nós. Eu não
sei. É uma visão romântica e
arriscada. Mas talvez nossos
pais tenham razão, sei lá. Vai
ver que é por isso que a minha
mãe nunca mais encontrou
outra pessoa pra amar.

— E é por isso que a minha
deixou
de
viver...

—
É
impossível não desviar o olhar,
mas volto os olhos para ele
quando o sinto segurando minha
mão. — Se o coração só
recupera o ritmo no peito da
outra pessoa, o coração da
minha mãe vai viver para
sempre fora do compasso. —

Uma lágrima escorre e, antes
que eu possa enxugar, sinto sua
mão em meu rosto.

— Eu penso muito nisso.

Perdi meu pai, meus tios, minha
irmã, mas minha mãe perdeu
todos e o homem por quem se
apaixonou. Perdeu o homem
que seu coração escolheu amar.

Não escolhem amar nossa
família. Amamos e pronto. É
uma extensão de nós. Um amor
que nasce e morre com a gente.

Mas

um

parceiro...

Aquela

pessoa que vai viver com você
até o fim, é diferente. É muita
coisa pensar em quanto você
tem que amar alguém pra tomar
essa decisão e depois ter isso
arrancado de você.

— Você tem razão — digo,
enquanto nossos dedos se
acariciam.

— Normalmente eu tenho,
mas do que você está falando?

— Ele se aproxima mais.

— Nossas dores, elas são
iguais. — Toco seu peito. — Eu
sinto o que você sente, e você
sente o que eu sinto. As pessoas
veem a morte e a aceitam de
formas
distintas,
mas
nós

sentimos isso do mesmo jeito.
Dói igual. — Minha mão está
parada sobre seu coração. Eu o
sinto bater sob meus dedos,
sinto cada sofrimento que existe
dentro dele. — Por mais incrível
e maluco que possa parecer o
que vou dizer agora, eu tenho

sorte, porque neste mundo
imenso, em meio a toda essa
minha dor, eu te encontrei.
Poderia ser muito pior sem
você.

— E eu encontrei você. —

Sua mão desliza pelo meu rosto
até parar na altura dos lábios.
Rafael olha para cima, para a
guarita, depois volta a me fitar.
Olho para o relógio e o encaro
de volta. Nós dois sabemos que
o limite está aí, estamos bem
em cima da linha. Prestes a
cruzá-la e a tornar isso aqui algo
mais sério que pegação nos
fundos de um bar. — Queria
muito te beijar agora.

— Eu também, mas se fizer
isso é capaz de um alarme soar
e agentes secretos pularem em
cima da gente.

Ouçó seu riso rouco, ele quer

muito mesmo me beijar agora.

Tanto quanto eu quero ser

beijada.

— O segurança? — ele quer

saber

enquanto

me

puxa,

devagar, mais para perto.

— Arrã. Se meu avô souber
de você, tudo vai se complicar.

Não sei como ele não sabe

ainda. — Paro no limite que

acho seguro, embora já não

saiba se é possível esconder o

que fazemos.

— E não tem nenhum ponto

cego nas câmeras? — ele olha

ao redor.

— Tem um, mas se formos

pra lá, garanto que não vai

demorar trinta segundos para

um dos seguranças sair e vir

checar. Meu irmão já contou.

—

Tem

mais

de

um

segurança? Quem vocês são? Os

Kennedy?

— A agência de publicidade

da minha família é a mais

conhecida de São Paulo. E meu

avô é um grande investidor,

completamente bitolado com

segurança. Não sei como ainda

não instalou chips na gente. Vai

ver que já instalou.

—

Putá

que

pariu!

Provavelmente vou ser caçado

até a morte se te machucar, né?

— Provavelmente. — Sorrio

e ele balança a cabeça para
mim, me comendo outra vez
com os olhos.

— Gosto de correr riscos.

Esse ponto cego, onde é? — A
brincadeira acaba, e a forma
como ele diminui a voz indica
que está disposto a tudo para
me beijar.

— Trinta segundos — repito
o que sei que será o tempo até
os seguranças perceberem que
nos afastamos e saírem de casa.

Rodrigo já passou por isso
inúmeras vezes. Eu não, porque
César é certinho demais para
correr riscos.

— Então vamos fazer esses
trinta segundos valerem a pena.

— Ok — digo, sentindo a
respiração se acelerar. — Atrás
da árvore — mostro a ele.

— Aquela a... o quê? Cinco

passos daqui? — Ele já começa a andar, de costas para mim e eu o sigo, devagar.

— Arrã. Por isso não importa muito que seja um ponto cego. Eles podem ver se alguém for até lá.

— Mas não sabem o que acontece lá atrás. — Ele inclina a cabeça e uma mecha de cabelo cai em sua testa. Tão sexy...

— É. E precisam de um tempo para descer as escadas, abrir a porta e...

—

Os

benditos

trinta

segundos — ele diz e some atrás da árvore. Mais um passo e também estarei oculta.

Nem sei por que estamos

nos escondendo. A essa hora já ficou claro o que vamos fazer. Vou ter que me entender com meu avô depois, mas pouco me importa. Quero esses trinta segundos.

Rafael me puxa pela cintura e toco seu peito. Ele enfia a língua entre meus lábios, e eu puxo seu pescoço, querendo-o mais perto. Ele sobe as mãos pela minha cintura até esbarrarem na curva dos meus seios e aumenta a pressão.

Desço a mão por suas costas e surpreendo até a mim quando acaricio sua bunda. Ouço seu gemido ao inserir os dedos no cócs da calça e tocar sua pele por baixo da cueca. Estamos em

pleno desespero. Eu o sinto
descer a mão até minha coxa e
levantar minha saia, mas aí...
bem aí...

— Dona Viviane, está tudo
bem? — ouço a voz de
Henrique, o segurança.

Estou com as costas contra a
árvore e Rafael está com os
dedos presos na minha calcinha.

Na penumbra, com a testa
colada à minha, ambos lutamos
para respirar do jeito mais
normal possível.

— Estou indo — grito e
inclino a cabeça para espiar. Só
não caio porque Rafael me
segura. — Pode entrar que eu
vou em seguida. Só um minuto.

— A senhora sabe que é
perigoso ficar aí a essa hora.

Vou ter que pôr isso no relatório
para o seu Fernando — ele

ainda diz, referindo-se ao meu
avô, mas o som se afasta e o
portão se fecha em seguida.
Rafael me dá mais um beijo
rápido e acaricio seu rosto,
sentindo sua barba sob a minha
palma.

— Minha vontade agora era
te colocar nessa moto e fugir
com você pra sempre — ele diz
baixinho. Tão rouco que quase o
impeço de falar e subo na moto
de uma vez. — Mas, gata, nunca
me senti assim e quero que
essa expectativa continue. Nem
quero ver o que vai acontecer
quando eu finalmente transar
com você. Não, quero sim.
Porra, quero muito ver! Mas
quero sentir tudo, então vou
dizer algo que já disse muitas
vezes e nunca cumpri... — Ele
passa a mão pelos cabelos,

desestabilizado. — Te ligo
amanhã.

Rafael se afasta e sobe na
moto. Eu o sigo de perto, mas
nos separamos quando caminho
em direção ao portão. Paro com
a mão na maçaneta. Meus
batimentos estão acelerados.
Ele prende um capacete à moto
e coloca o outro. Levanta o visor
e nos olhamos por vários
segundos em silêncio. Mal posso
controlar o que sinto, e é aí que,
surpreendentemente, acontece:
meu coração perde uma batida.

Nota

* “Eu sei que posso estar assustada/ Mas
estou viva/ E espero que você acredite
nesse coração/ Atrás de meus olhos
cansados.”

26

RAFAEL

I was just a lad, nearly twenty two

Neither good nor bad, just a kid
like you
And now I'm lost, too late to pray
Lord I paid a cost, on the lost
highway.

— Jeff Buckley, “Lost Highway”*

Chego em casa e tiro a
jaqueta. No fim, ficou
comigo. O perfume de
Viviane está misturado ao
meu, não sei mais o que é
meu ou dela. É como se
nossos perfumes tivessem
transado por nós.

Viro o trinco da porta.

Acho que Lucas não vai
chegar tão cedo, mas quero
um pouco de privacidade.

Meu primeiro pensamento
é ir para o banho, depois
mudo. Logo quando tenho
a intenção de ligar para a
garota no dia seguinte, me

lembro do óbvio: não tenho
o número. Foi para o meu
celular que liguei da última
vez.

Só tem um jeito de
conseguir.

— Lucas, quero o
telefone
da

Viviane.

Arranca desse moleque aí
— digo quando meu primo
atende.

— Primo! Boa vida
essa, hein! — ele zomba.

Está bêbado.

— Tá no bar ainda?

Quem vai te trazer? —

Incrível como agora esse
lado desperta em mim. É
como ter um filho sem
fazer a parte boa.

— “Vou de táxiiii, cê

sabeeee...” — Afasto o
telefone do ouvido porque o
puto resolveu cantar a
música da Angélica.

— O Lex tá aí? —
pergunto quando parece
que ele terminou de cantar.

— Passa pra ele.
Não demora muito e
Lex atende.

— E aí, pegou?
Filho da puta! Eu sabia
que
seria
a
primeira
pergunta que me faria. Lex
é educado demais para
perguntar: “E aí, comeu?”
E, sei lá, pela primeira vez
acho que a pergunta não se
encaixaria com a garota.
Eu, por outro lado, poderia

ter me encaixado. Aff...

Tudo o que tiver de

analogia

vou

usar

até

comer... Não, até transar.

É, transar é melhor. Pelo

menos não é fazer amor. Aí

seria apelação para mim.

Transar

é

mais

que

suficiente.

— E aí, pegou? — Lex

repete.

— Nah. Quer dizer,

sim, mas não finalizei. —

Sento no sofá.

— Ai, cara. Você sabe

o que dizem, sempre tem

uma primeira vez — ele diz

assim, como se fosse a
coisa
mais
natural
do
mundo.

Coloco a mão no rosto
e balanço a cabeça antes de
responder.

— Meu equipamento
continua funcionando muito
bem. Ela quis ir pra casa e
eu levei.

— Sem tentar levar pra
um motel?

—

Sem tentar. —

Coloco os pés sobre a
mesa, porque a casa é
minha e eu posso.

— E pra que me ligou?
Ficou carente? Precisa de
atenção? Apoio? Quer que

eu cante uma música pra
você dormir? — Ele se
mata de rir do outro lado.

— Porque quero o
telefone dela.

— Cara... — a surpresa
marca seu tom de voz

— É...

— Cara!

—

É!

Consegue o
número com o irmão dela
aí, vai? Fico te devendo
uma.

— Duas.

— E você, pegou? —

Reclino a cabeça para trás,
me acomodando melhor.

— Yeap! E vou sair
com ela quando o bar
fechar.

— Cara...

— Pois é.

Ficamos mudos, cada
um pensando na sua noite.
Eu, pelo menos, estou. Lex
e eu não somos do tipo
amigos
que
conversam
muito
pelo
telefone.

Normalmente tem algumas
cervejas entre nós.

— O telefone — repito.

— Ah, tá bom. Só
espero que não chova
canivete.

— Não prometo.

Silêncio. Ele vai e volta
com o número. Antes de
me despedir, acrescento:

— Vê se meu primo vai
sair daí com alguém.

— Vai. Tá com a loira,
amiga da ruiva.

Dou risada. Lucas pode
ser quieto às vezes, mas
está longe de ser devagar.

— Coloca todos num
táxi, falou? Não quero o
Lucas em um carro com
algum motorista bêbado.
Nem o Rodrigo.

— Vou colocar, Rafa.



Tá tranquilo. Aproveita o
banho gelado aí.

— Filho da...

Nem completo, porque
ele desliga rindo.

Tiro a roupa no quarto,
lembrando o que fiz essa
noite. Nada. Quase nada.

E,

ainda

assim,

tudo.

Consigno imaginar Viviane
na minha cama. Penso no
que vou fazer com ela.

Pego uma toalha limpa e

vou

para

o

banheiro

levando as roupas sujas.

Ligo o chuveiro e continuo
pensando nela.

Saio do banho e enrolo
uma toalha na cintura.

Ainda

estou

pingando

quando pego o telefone e
deito na cama. São quatro
da manhã. Então, se ela
não atender logo, vou
desligar. Dois toques.

— Alô — a voz dela.

— Oi, Viviane. É o

Rafa.

— Oi, Rafa.

É a primeira vez que ela

me chama pelo apelido.

Quando é que comecei a

prestar atenção em detalhes

assim?

— Te acordei?

—

Não,

estou

esperando o Rodrigo. —

Sua voz parece cansada.

— Ah, ele vai demorar

— respondo, ajeitando o

travesseiro.

— Eu sei. Vou esperar

até o sono me vencer.

— Sei que eu disse que

ia

ligar

amanhã,

mas

quando cheguei em casa vi

que já tinha passado da

meia-noite. — Esse sou eu,

inventando desculpas para

ligar para uma garota e

chocado comigo mesmo.

— Já tinha passado da

meia-noite quando você

disse que ia me ligar — ela

faz graça.

— Então desligo e ligo

de novo depois de amanhã?

— provoco, terminando em

um sussurro.

— Hum... Acho que

não precisa.

Dou

uma

risada

preguiçosa. Sei que não a

engano.

— Deu tudo certo com

o segurança?

— Deu. Não falei com

eles quando entrei, mas sei

que o meu avô vai receber

o tal relatório.

—

Te

arrumei

problemas.

—

Estou

preocupado. De verdade.

— Não mais que os que

já tenho. Meu avô quer me

ver

amanhã,

meu

ex-

namorado falou com ele.

— *Peraí*. Sua vida é tão

controlada assim?

— Meu pai nunca foi

do

tipo

controlador.

Sempre foi muito aberto.

Tanto que o Rodrigo não sabe o que quer fazer da vida e meu pai dizia que o tempo mostraria a ele, sem pressão. Já meu avô...

Desde que meu pai ficou doente, ele começou a se impor mais. Não que ele seja mau, não é nem de longe. E não me controla também. Só gosta de tentar.

— O namorado ligou de novo?

Segunda

vez

que

pergunto

do

namorado.

Segunda vez que espero a resposta com um pouco de apreensão.

— Depois que liguei o celular, não. Ele dorme cedo. Amanhã resolvo isso. Silêncio. Sou péssimo com telefone, mas quero muito dizer a coisa certa, mesmo que eu não faça ideia do que seja.

— Vivi... — É a primeira vez que a chamo pelo apelido. É oficial. Virei um idiota. — Quer sair comigo na minha folga?

— Quero.

Sorriso por ela não ter enrolado para responder nem perguntado o dia ou qualquer coisa do tipo.

—

Minha

folga

é

domingo.

—

Então

vai

ser

domingo.

— Ok — imito seu tom.

Ela ri. Gosto do som e

isso provoca um sorriso em

mim.

— Daqui a três dias. —

Falo isso porque, se eu não

falar, é capaz de Viviane

não saber que domingo é

três dias depois da quinta.

Queria saber quando foi

que me tornei o cara que

diz coisas óbvias.

— Sim. — É quase um

suspiro.

Uma

pequena

fagulha na palha. Sinto meu
peito se encher de um
sentimento estranho.

Penso no que dizer em
seguida e minha campainha
começa a tocar sem parar.

— Você tem visita. —

Agora é ela que parece
apreensiva.

— Deve ser o Lucas.

Passei o trinco na porta.

Vou lá. A gente se fala.

— Ok

— Boa noite. — Eita!

De

onde

saiu

essa

formalidade em mim?

— Boa noite. — Ela

desliga.

Nem esquento, não é a

primeira vez que fico no
vácuo com ela.

Largo o telefone e vou
para a sala. Ajeito a toalha
no caminho, viro o trinco,
abro a porta, pronto para
xingar o Lucas por não tirar
o dedo da campainha, e
topo com Andressa usando
um casaco fechado. Não
precisa ser muito esperto
para saber que ela está sem
nada por baixo.

Ah, merda!

Ela abre o casaco.

Me distraio.

Ela entra.

Tô ferrado.

Ou não.

Posso mandar a garota
embora, posso fechar a
porta.

Andressa só esteve aqui

uma vez, mas age como se
estivesse em casa. Vai até a
cozinha, volta com dois
copos, para, olha para mim
com
uma
garrafa
de
Johnnie
Walker
Double
Black
e
levanta
uma
sobrancelha.

Continuo parado com a
mão na porta aberta. Ela
coloca os copos na mesinha
em frente ao sofá e deixa
cair o casaco, ficando
pelada na minha frente. Ela
está

pelada

na

minha

frente. Puta merda, ela está

pelada na minha frente!

Ela serve a bebida e me

estende o copo. Fecho a

porta e pego, sem saber o

que é pior: resistir a uma

dose de Johnnie Walker ou

a uma mulher nua se

oferecendo.

Bebo sem dizer nada,

qualquer

pergunta

seria

óbvia. Melhor acabar com

isso de uma vez.

— Se fechou a porta é

porque ela não está aqui —

Andressa diz, sentando no

braço do sofá e abrindo as

pernas para mim. Se eu

sobreviver,

exijo

ser

santificado. — E se não

está aqui é porque você não

deixou ela dormir, como

não deixa nenhuma garota.

Ela é só mais uma.

— Ela não é só mais

uma. — As palavras me

escapam entre um gole e

outro. Tento me convencer

de que o Johnnie Walker é

o culpado, mas sei que é

tarde demais.

— Então cadê ela? —

Andressa

se

levanta,

irritada.

Sei

que

está

surpresa por eu não ter tido

uma

ereção

ainda,

e

honestamente até eu estou

preocupado.

Viviane

amaldiçoou meu pau.

— Não é da sua conta.

— Termino meu copo e

encho outro. Álcool e eu...

Parceiros de longa data. —

Deixei você entrar pra

encerrar isso de vez. — É

mentira, deixei porque me

distraí com seus peitos

siliconados,

mas

quero

mesmo encerrar. — Você

me conhece. Qualquer uma

que passa por aquele bar

me conhece. Não tenho
compromisso
com
ninguém. Não vai rolar, se
é
isso
que
você
tá
querendo.

— E por que você
parecia
tão
preocupado
com aquela garota? Só
porque ela se faz de difícil?
— Ela não se faz de
difícil e eu não estava
preocupado. — Ou estava?
Será que demonstrei tanto
assim?

É
o

que

me

pergunto

quando

um

sorriso surge em meus

lábios

ao

pensar

em

Viviane.

— Você gosta dela! —

A acusação se perde na

surpresa.

— Não é da sua conta

— repito e jogo o casaco

para ela. — Veste essa

porra logo. Não vai rolar.

Andressa me olha com

fúria enquanto se veste.

— Você é um idiota. É

só olhar pra patricinha pra

saber que não vai durar.

Ela jamais perderia tempo
com um cara como você!

Eu já estava esperando
por essa. Andressa não
sabe perder.

— Não minto sobre
quem eu sou pra ninguém.

— Sento no sofá e coloco o
copo na mesa de centro, ao
lado da garrafa, tentado a
tomar outra dose.

— Mas omite, tenho
certeza. Ela sabe tudo
sobre você? — O veneno
transborda.

Encho o copo, mas
ainda não bebo.

— Vai saber. — Não
olho para ela, meu foco
agora é a garrafa. Essa
conversa
mexe
comigo

mais do que eu gostaria.

— Ela sabe quanto você
bebe? Sabe que é um
alcoólatra? — Ela pega a
garrafa.

— Deixa essa porra aí!
— digo em voz alta, e ela
só sorri.

— Você é patético. É
só saber chegar. Bastou
mostrar a garrafa que se
entregou
como
um
cachorrinho.

— Cala a boca —
murmuro, bebendo mais
um gole do maravilhoso
líquido encorpado que me
entorpece.

Ela gargalha.

— Sabe o que é o
melhor de tudo? O álcool é

só a ponta do iceberg
quando se trata de você. E
uma riquinha como ela vai
sair correndo para o colo
do papai quando descobrir
o monstro aí dentro.

— O pai dela tá morto
— respondo, sentindo o
efeito dormente do álcool.

É bom estar em casa.

Andressa faz biquinho e
finge que está com dó. Sei
o que vem por aí.

— Que lindo! Então a
dor uniu os órfãos... Quero
só ver quanto tempo vai
durar.

Sou

capaz

de

apostar que não passa da
sua primeira crise, que... —

Ela levanta o meu queixo,

querendo que eu olhe para
ela. — Olha que maravilha!

A crise está vindo.

Afasto a mão dela da
minha cara.

— Cai fora daqui!

Ela pega a bolsa, mas
ainda tem algo a dizer.

— Sabe o que vai
acontecer? Você vai ficar
com ela, porque, afinal, é

de

você

que

estamos

falando. Mas e depois?

Você vai cansar disso em
cinco minutos. Ou ela vai

descobrir

o

seu

lado

sombrio, e aí, querido, eu

vou estar bem aqui.

Andressa

finalmente

sai, mas o derrotado sou

eu. Não consegui resistir a

Viviane.

Fomos

nos

aproximando

cada

vez

mais, mas ela não tem

noção exata de quem eu

sou. Eu me deixei levar,

porque

foi

impossível

evitar, e agora, quando ela

souber da verdade, não vai

ter nem o colo do pai para

correr.

Eu me levanto e tranco

a porta. Pego a garrafa,

caminho até o quarto e
tranco a porta também.
Destranco a gaveta do
criado-mudo, um cuidado
que tomei quando Lucas
veio para cá. Dou um
sorriso triste ao pensar
nisso. Sou um péssimo
exemplo,
em
tantos
aspectos.
É
um
caminho
automático, sem paradas,
sem interrupções.
Deixo a toalha cair,
pego o saquinho de pó,
estico uma carreira sobre a
cômoda com meu cartão de
crédito,
mecanicamente.

Uma fileira branca que
sinaliza meu socorro. Aí
chega o momento. Aquele
momento
breve
que
antecede a merda e você
tem um flash de sanidade.
Um lado seu diz: “Não
usa”, e o outro se abaixa e
aspira a cocaína. Você
perde. Você ganha. Você
morre um pouco mais.
Sento na cama e me
jogo para trás, nu em todos
os sentidos, olhando para o
teto, que vai se perder em
poucos minutos.
Sinto vergonha de mim
por mais uma vez não
conseguir me impedir de
me destruir. Bebo deitado,
o álcool escorre sobre mim,

sobre a cama, sobre a
minha vergonha.

A dor dura pouco, o
prazer falso e ilusório me
toma como um orgasmo
prolongado.

Nada mais me prende.

Nada.

E, no último segundo,
antes de me entregar à
extrema euforia, vejo o
rosto de Viviane se perder
em rodopios de adrenalina.

Nota

* “Eu era só um moço, com quase vinte e
dois anos/ Nem bom nem mau, apenas
uma criança como você/ E agora estou
perdido, é muito tarde para rezar/ Senhor,
eu paguei o preço, na estrada perdida.”

27

Viviane

I know I don't know you

But I want you so bad

Everyone has a secret locked

But can they keep it?

Oh, no, they can't.

— Maroon 5, “[Secret](#)”⁸

Estou na recepção da agência
de publicidade da minha família,

aguardando meu avô terminar

uma reunião. Uso uma saia

preta de pregas, apenas dois

dedos acima do joelho, e uma

baby look vermelha com um

coração amarelo no centro, por

dois motivos. A saia porque é

comprida o suficiente para que

ele aprove, e a baby look

porque

tem

as

cores

da

Espanha. Quer ver vovô feliz?

Lembre-o de sua terra natal. Na

verdade são três motivos: o All

Star vermelho foi presente da
vovó.

A recepcionista diz que
posso entrar, e assim que ele
coloca os olhos em mim seu
sorriso surge. Ele capta a
mensagem que quero passar e
também sabe que fiz de
propósito.

— Cariño, sabe que fico
triste quando preciso ligar para
que você venha aqui. — Ele me
abraça e a razão de eu fugir
está aí. Seu cheiro, sua postura
e seu tom de voz são iguais aos
de meu pai, apesar de serem
pessoas diferentes, tanto em
personalidade
quanto
em
aparência. Tem também a
presença de um forte sotaque
espanhol. — Sua avó também

está com saudades. Você e seu
irmão não podem se isolar
assim. Aliás, não gostei nada do
seu irmão cancelar o almoço.

Ele disse que passa em casa
depois,

mas

fiquei

decepcionado.

— É uma fase complicada. —

Eu o observo se sentar outra vez
e apontar para a cadeira vaga
de frente para a sua. — A gente
não ia almoçar?

— Vamos, sim. Só estou
esperando uma pessoa.

Eu me sento, ajeito a saia,
passo os olhos pela mesa
perfeitamente organizada e vejo
a foto de minha família, que
antes ficava na mesa do meu
pai.

— Como está sua mãe? —

ele pergunta, entrelaçando os
dedos e descansando as mãos
sobre o colo.

— Daquele jeito... — O que
dizer?

— Ainda acho que devíamos
mandá-la para uma clínica.
Assim ela receberia todo apoio
possível. — Ele se inclina mais
para perto de mim, tentando
segurar minha mão sobre a
mesa.

— Ela não aceitaria. — Eu
me afasto. Ninguém vai internar
minha mãe.

— Podemos fazer isso sem a
autorização dela. — Ele quer me
convencer.

— Não. — Fico ereta na
cadeira, na defensiva.

—

Hoje

é

um

dia

especialmente difícil para a sua
mãe.

Expresso confusão ao olhar
para ele. Não sei do que está
falando.

— É o dia em que ela e o
seu pai se conheceram.

Eu não fazia ideia. Meu vô
tem

uma

memória

surpreendente.

— Ela estava a mesma
quando saí. — Não que isso seja

bom. — Vou voltar para casa

depois do almoço e passar o
resto do dia por perto.

— Soube que você tem saído
bastante... — ele comenta,

aproveitando o tema.

Vovô é muito bom em jogar

o tema certo na hora certa,
preparando a pessoa para tocar
no assunto que ele quer.

— Na verdade, passei o
último mês praticamente todo
em casa.

— Exceto pelos últimos dois
dias. — Ele pega algumas folhas
de papel. — O relatório de
entrada e saída da casa mostra
horários preocupantes.

— Vovô, você sabe que é
errado
controlar
nossos
horários. Meu pai nunca fez isso.

Não somos mais crianças. —
Meu tom é brando e cuidadoso.
Se eu despertar sua curiosidade,
será pior.

— Vocês sempre serão
minhas crianças. E já perdi uma
esse ano, não quero perder

outra. — Ele se refere, claro, a
meu pai, tocando bem no ponto
fraco.

Ai, Deus. Está para nascer
homem mais esperto que esse.
Encaro seus olhos azuis por
trás dos óculos de leitura
enquanto ele os ajeita. Os
cabelos cinzentos lhe dão um ar
austero
que
poucos
têm
coragem de enfrentar.

— A gente se cuida bem.

—

Ah,
sim.

Chegando
completamente alcoolizado de
manhã, como o seu irmão, ou
na garupa de uma moto de
madrugada, como você — ele

diz tranquilo, como se me
oferecesse um algodão-doce
quando eu era mais nova.

Ai, droga! Ele quer me
pegar.

— Um amigo me deu carona.
Você sabe que eu não sei dirigir.

— Certo... E suponho que o
cartão com limite nas alturas
que você tem não dava para
pagar o táxi.

Ele me pegou. Não posso
dizer que estava em um local
em que seria perigoso esperar
um táxi ou ele arranca meu
couro. E dizer que quis voltar
com Rafael da segunda vez
seria ainda pior.

— É só um amigo. — Estou
tão aflita que quero apertar as
mãos, mas, se eu fizer isso, o
ninja/agente
secreto/superprotetor do meu

avô vai perceber que estou mentindo.

— Não quero a minha neta montada na moto de amigos.

Muito menos de madrugada.

— Mas o Rodrigo coloca as netas dos outros na moto dele o tempo todo.

— Que os outros avôs se manifestem, então — ele abre as mãos, como se não tivesse nada a ver com elas.

Cruzo os braços. O próximo passo é levantar o queixo para ele, mas ainda tenho amor à vida e me contenho.

—

Só

tenho

que

me

preocupar, já que você terminou com o César também.

— Eu não amo mais o César,
vovô.

— Tudo bem. É justo. Se não
ama, não tem que ficar junto.

Mas precisa sair com alguém tão
oposto? — Não respondo. —

Minha querida, acredite, eu sei
como funcionam garotos assim.

Como é que vocês dizem nos
dias de hoje? Bad boy! — Ele dá

uma risada, que de cômica não
tem nada. — Você está falando

com o pai de todos eles. A quem
acha que seu irmão puxou? Não

foi ao jeito tranquilo do seu pai.

— Reviro os olhos. — Viviane

Lorena Villa!

Pronto, meu nome completo.

Logo mais ele vai querer me

deixar de castigo. Vai ficar

querendo. Gostaria que a vovó

estivesse presente. Ela já o teria

contido. Ou meu pai... Meu pai

resolveria tudo. Ele diria que não adianta querer segurar um jovem, que se aprende vivendo e que às vezes não dá para dizer que alguém vai bater a cabeça, quando a natureza da pessoa é ter vontade de arriscar.

— Desculpa, vô. Sei que você se preocupa, mas estou tomando cuidado e também estou acompanhando o Rodrigo. Ele não chegou bêbado hoje, só chegou de manhã. É normal. Não é porque eu nunca fiz isso antes que não possa acontecer agora.

— Não, não pode. Vocês são crianças e precisam de rédeas.

— Ele apoia as duas mãos na mesa.

— Sei que você se preocupa com a gente e agradeço por

isso, mas dizer que somos
crianças não funciona mais. A
vida pouco se importou se
éramos ou não crianças quando
levou o nosso pai, e continua
não se importando em nos
deixar sem mãe. Somos adultos,
vô. Fomos forçados a ser.
Enquanto falo, ele apenas
me
observa
atentamente.
Quando acho que vai dizer algo,
a porta se abre e eu olho para
trás.

—

Tio

Túlio!

—

digo

enquanto abraço meu padrinho.

Algo que poucas pessoas

sabem é que meu pai cursou

dois anos de direito antes de
mudar para publicidade, e foi lá
que
conheceu

Túlio

Albuquerque, que se tornaria
seu melhor amigo, pai da
Branca e do Bernardo e meu
padrinho.

— Boa tarde, Túlio — vovô o
cumprimenta, já em pé. —

Vamos almoçar. Preciso que me
ajude a colocar algum juízo na
cabeça da minha neta.

Então, vovô tem um plano.

Eu sabia!

Durante

o

almoço,

a

conversa flui mais tranquila. É
um pouco difícil para tio Túlio
me dizer o que fazer, quando

ele é pai da Branca e todo mundo sabe a liberdade que ela tem. Podemos dizer o mesmo de Bernardo, que, aos dezesseis anos, simplesmente deixou o país e foi morar com o tio na Inglaterra.

Por tio Túlio, sei que eu teria mais liberdade.

Ele me aconselharia muito, mas me deixaria viver. Já o vovô... Este quer me prender em uma torre, com o detalhe machista de que Rodrigo pode fazer o que quiser com as netas dos outros.

Quando eles já estavam tomando café e eu mexia no celular para ver se tinha alguma mensagem, vovô soltou o que estava guardando:

— Então, carinho, o que você perdeu no ponto cego ontem de madrugada e por que o seu amigo a ajudou a procurar? Meu Deus! Sinto como se o restaurante estivesse em um vácuo e eu não conseguisse respirar.

Tio Túlio olha de mim para o meu avô. Ele sabe. É claro que sabe.

— Fernando, você está constrangendo a Viviane. É desnecessário. — Ele coloca a xícara de café vazia sobre a mesa.

— Oras, só quero saber. Tenho que zelar pelas pessoas que amo.

— Tem, mas não assim. — Tio Túlio toca meu ombro e afasta meus cabelos, algo que meu pai sempre fazia. — Vivi,

estamos preocupados. É a nossa
obrigação. O Bernardo também
está. — Bernardo devia ser
preso por fofocar. — Não
queremos
que
você
se
machuque.

— Eu não estou fazendo
nada de mais, tio. É só um
amigo. — Eu sei que não é
totalmente verdade, mas o que
nós somos? — Ele entende o
que eu sinto. — Se pudesse,
meu avô soltaria fogo pelos
olhos.

—
Estamos
nos
conhecendo.

— Eu sei. Só tome cuidado.

E, se vocês saírem desse “nos

conhecendo” — ele faz um sinal de aspas com as mãos —, quero que marque um almoço para que eu possa conhecer o rapaz. Não do mesmo jeito que você, é claro.

Muito amor por tio Túlio, que conseguiu fazer um momento horrível explodir em risadas.



Meia hora depois, eu me despeço dos dois. Meu avô ainda está contrariado, mas não há nada que possa fazer. Estou me afastando quando o escuto dizer a tio Túlio:

— Você é mole demais. Hora de acionar o plano B, Túlio.

Lanço um olhar irritado para os seguranças quando entro em casa. Na sala, Rodrigo está deitado no sofá, me esperando.

— E aí, como foi? — ele

pergunta.

— Passei no interrogatório,
por enquanto, mas só porque o
tio Túlio estava lá. — Eu me
sento a seu lado, mas logo me
levanto. — Rô, você viu a mãe
hoje? O vô disse que hoje é
aniversário do dia em que ela
conheceu

o

pai

e

estou

preocupada.

— Passei pelo quarto dela
mais cedo. Tudo fechado.

Sinto um calafrio.

— Vou lá ver como ela está.

— Eu me levanto e subo a

escada

rapidamente,

com

Rodrigo atrás de mim.

A porta está fechada, como
sempre, e batemos algumas
vezes, sem resposta. Giro a
maçaneta devagar. Escuridão e
silêncio. A luz do corredor
penetra
no
quarto
como
fantasmas em trevas.

Eu me aproximo da cama
lentamente, piso em algo duro,
quase caio e seguro em meu
irmão.

Minha mãe está deitada na
cama; toco seu braço e a chamo
baixinho. Ela não responde.

Troco um olhar com Rodrigo e
encosto a ponta dos dedos no
rosto dela. Tão gelada...

— Rô, acende a luz! — digo
e me sento ao lado da minha

mãe, já chacoalhando seus
ombros, precisando que ela fale
comigo. Mais silêncio.

A luz revela uma verdade
assustadora: vários frascos de
comprimidos caídos no chão.

Desesperada, eu me ajoelho e
os pego. Estão vazios. Olho para
Rodrigo, estendendo um deles.

Ele

me

olha

boquiaberto,

entendendo, mas não querendo
entender. Eu me viro para a
cama outra vez e vejo o braço
da minha mãe caído para o
lado.

Dou um pulo e toco sua pele
fria e extremamente pálida. Seu
rosto tão bonito não é mais do
que um espectro do que já foi
um dia. Minha mãe... Cubro a

boca, implorando a Deus que
não me deixe entrar em choque.

— Chama uma ambulância,
Rodrigo! Agora!

Meu irmão pega o telefone
correndo e o derruba no chão,
assustado. A bateria vai parar
do lado oposto do quarto. Ele
corre à procura de outro
aparelho.

Continuo tentando acordar
minha mãe. Tento infinitas
vezes, as lágrimas turvando
minha visão. Não, de novo não.
Não posso perder outra pessoa.
Minha mãe não pode nos deixar
também.

Eu imploro, choro, grito, mas
ela não abre os olhos.

Nota

* “Eu sei que não te conheço/ Mas te
quero tanto/ Todo mundo tem um
segredo guardado/ Mas conseguem

mantê-lo?/ Ah, não, eles não conseguem.”

28

RAFAEL

How I wish

How I wish you were here

We're just two lost souls

Swimming in a fish bowl.

— Pink Floyd, “Wish You Were Here”*

Um barulho ensurdecedor

me

acorda.

Como

se

milhares

de

sinos

estivessem tocando juntos.

Eu me levanto devagar e

empurro a garrafa para o

lado com mais força do que

desejava. Ela se choca

contra o chão e se quebra.

O barulho não para.

Não para. Não para.

Eu me levanto em um
pulo, sentindo a cabeça
doer e um gosto horrível na
boca. Então vou rápido até
a porta e piso em um caco.

O vidro corta minha pele.

Uma lembrança da dor que
o seu conteúdo ajudou a

levar

para

longe

na

madrugada.

O relógio mostra onze
horas da manhã. É cedo.

O telefone — agora sei
que é daí que vem o som
— não para. Levanto o pé,
arranco o caco e caminho
pingando sangue até o
aparelho.

— Alô.

— Filho, desculpa te
acordar. Sei que você
trabalha à noite.

Minha mãe. Toda a
culpa que preciso agora.

— Não tem problema,
mãe. Tá tudo bem?

Meus olhos ardem com
a luz e pisco várias vezes
para me acostumar. Lucas
está dormindo como o uma
rocha no sofá. Preciso
comprar um sofá-cama.

— Está sim, anjo, não
se preocupe. É uma boa
notícia. Sabe o Tico, que
trabalha

no

posto

de

gasolina

perto

do

seu

trabalho, filho da Maria,

minha amiga?

— Sei. — Se minha

mãe ligou para falar da vida

alheia, eu me joga pela

janela.

— Ele disse que tem

uma vaga de dia lá pro

Lucas. Que quer conversar

com você primeiro, que

precisa de um favor. Só não

me disse o que era.

Eu sei o que o Tico

quer, e ele tem que ser

muito filho da puta para

usar minha mãe para me

pedir droga.

— Vou lá falar com ele,

mãe, mas tô tentando

arrumar algo fixo pro Lucas

no bar.

— Ah, filho, eu prefiro

que ele trabalhe de dia.

— E eu prefiro que ele
trabalhe perto de mim.

Nem a pau que ele vai
ficar com o Tico. Não sou
uma boa influência, mas o
Tico é conhecido em todos
os pontos de drogas e isso
não é nada bom.

— Você pode, pelo
menos, ir falar com ele?

Meus

motivos

são

diferentes dos dela, mas eu
vou, sim.

— Daqui a pouco eu
saio. Vou só tomar um
banho. — E beber mais



para

não

aumentar

a

ressaca.

— E quando vem me
ver?

— Em breve, mãe, em
breve.

Uma hora depois, estaciono
a moto no posto. Tico está
conversando
com
um
colega de trabalho e para
quando me vê.

— E aí, Rafa, quanto
tempo...

Eu o pego pela camisa e
o encosto na parede.

— O que aconteceu
quando você me pediu pó
da última vez?

— Eita! Calma! — ele
ergue as mãos, assustado.

— O que aconteceu?

— Você não quis me

dar. Ficou regulando.

— Não sou traficante,

Tico! Porra! Te conheço

desde moleque. Nunca que

vou te dar droga.

— Mas você usa.

Eu

o

encaro

tão

violentamente que ele retira

o que disse.

— Tá bom, tá bom. Foi

vacilo meu.

— Depois você vai

dizer pra minha mãe que se

enganou e que a vaga já foi

preenchida. Nem a pau que

o meu primo vai trabalhar

com você.

— Beleza, eu digo. —

Ele não para de balançar a cabeça.

Eu o solto como se nada tivesse acontecido e começamos a falar de outros assuntos. Ele me apresenta para seu colega de trabalho e diz que não foi dessa vez. Eu entendo e quero descer a porrada nele por fazer propaganda de que eu ia trazer alguma coisa, mas relevo. É só mais um moleque perdido.

— Aproveita que tô aqui e abastece a moto pra mim — digo, bebendo um copo de água, sentindo meu corpo pedir mais líquido a cada segundo.

Depois de pagar, subo na moto, dou partida e estou quase saindo quando

uma Ducati nova para perto
de mim. Minha admiração
pela moto se perde ao ver o
motorista tirar o capacete.

É o moleque que apostou
um racha na avenida e
causou a morte de quatro
pessoas da minha família.

Nem penso. Desço da
moto, tiro o capacete e dou
um murro na cara dele. Ele
desmonta no chão. O outro
frentista tenta se meter e
Tico o segura. Ele sabe
que, se estou batendo, é
porque o cara merece.

— Lembra de mim? —
pergunto quando ele tenta
se levantar, com o nariz
quebrado, jorrando sangue
e empapando a camisa de
marca.

— Pode levar a moto

— ele estende as chaves.

— Não é um assalto,

seu filho da puta! — E lhe
dou um chute no estômago.

Mal posso acreditar que
ele não se lembra de mim.

Como quatro vidas podem
significar tão pouco a ponto
de ele não ter meu rosto
gravado na mente? Não é a
primeira

vez

que

ele

apanha de mim.

Ele

se

levanta,

cambaleando, e tenta me

bater. Desvio e o acerto de

novo. O sangue respinga na

minha camiseta. Pouco me

importa. Bato sem parar,

até que ele cai outra vez.

Subo em cima, disposto a
matar o cara. Não consigo
parar. Posso acabar preso,

e

ele

nunca

vai

ser

condenado pelo que fez.

Isso me revolta ainda mais.

Algumas

peessoas

passam e observam, mas

Tico trata de tirar todo

mundo

dali.

Ele

me

conhece. Sabe o que pode

acontecer.

O moleque está caído,

sem forças para tentar me

acertar, e só penso em vê-
lo morto. Se ele morrer
minha dor vai passar? Se
ele morrer minha família
terá sido vingada?

Meu celular vibra no
bolso. Ignoro, mas ele não
para. Sei que, se eu bater a
cabeça desse garoto no
chão, vou matá-lo. E estou
a um passo disso quando
escuto Viviane perguntar
em
minhas

lembranças:

Você já matou alguém?

Paro. Minha respiração
está acelerada.

O moleque está caído.

O celular não para de
tocar.

Estou perdido.

Estou morto.

Atendo.

Respiro.

É ela.

— Rafa, minha mãe
está no hospital. Ela tentou
se matar. Não sabem se ela
vai sobreviver. Vem pra cá,
por favor. Vem pra cá.

Ela diz o nome do
hospital e continua falando,
mas não respondo.

Desligo.

Olho para o garoto
caído, para minhas mãos
cobertas com o sangue
dele.

Preciso escolher entre
arrebentar o cara que
matou minha família — e
talvez chegar a um limite
que nunca ultrapassei — ou
ir confortar Viviane. Parte
de mim quer mandar tudo à

merda e acabar com esse
cara, não importa quanto
tempo eu passe na cadeia
por isso, mas outra parte
sabe que, se eu ficar preso,
Viviane vai ficar sozinha.
Então não tenho dúvida:
escolho ela.

Nota

* “Como eu queria/ Como eu queria que
você estivesse aqui/ Somos apenas duas
almas perdidas/ Nadando em um
aquário.”

29

Viviane

Catch me as I fall

Say you're here and it's all over
now.

— Evanescence, “Whisper”*

Minha mãe foi levada para
dentro do pronto-socorro há
meia hora. É pouco tempo, eu
sei, mas é desesperador. Não

consigo ficar parada. Sinto que,
se eu não andar de um lado
para o outro, vou desmoronar.
Se me movimento, parece que
faço algo, apesar de não fazer
nada. Estou enlouquecendo.
Olho para o celular outra
vez. Nenhuma ligação de Rafael.
Não sei nem se ele me ouviu
quando liguei.
Estou à beira de um ataque
de nervos. Rodrigo me abraça
de repente.
— Calma, Vivi. Calma. Você
é tudo o que eu tenho. Se
acalma, porque, se eu perder
você, vou pirar. Fica comigo e
não surta.
Eu o abraço de volta,
encosto a cabeça em seu peito
e choro. Sabemos que temos
nossos avós, tios e primos, mas
nossa família — nós dois, o

papai e a mamãe — sempre foi
tão apegada que cada perda
deixa um buraco imenso.
Deixo escapar um soluço
desesperado. Queria entender
quando minha vida se tornou
essa sucessão de catástrofes.
Devia ter um aviso prévio:
“Prepare-se, a partir de hoje
tudo vai desmoronar”. Uma hora
eu
estava
no
shopping
escolhendo roupas novas e no
minuto
seguinte
estava
acompanhando meu pai na
quimioterapia,
assinando
os
papéis no hospital, escolhendo

seu caixão. Não quero ter de
fazer isso por minha mãe. Não
tenho mais forças para isso.

Meu

irmão

massageia

minhas costas e diz:

— Vai ficar tudo bem.

— Você acha? — fungo ao
perguntar.

— Só posso me apegar a
isso. Vai ficar tudo bem.

— É o que o pai diria.

— É o que eu estou dizendo
agora.

Sei o que ele quer dizer.

Nosso pai se foi, mas ele está
aqui. Ele não vai me deixar.

— Niños! — ouvimos vovô e
nos viramos para ele, correndo
para seus braços exatamente
como

ele

nos

chamou:

“crianças”.

Ele nos abraça. Cada um perdido e envolto por um braço, desejando o colo do homem de quem tanto queremos fugir às vezes.

— Vovô, ela estava tão

gelada — conto, ainda muito assustada.

— E não respondia —

Rodrigo acrescenta, e percebo que também chora.

— Vai ficar tudo bem — vovô diz, e nos entreolhamos.

Vovô ensinou ao papai, que nos ensinou. Somos pontas soltas cujo centro se foi para sempre.

— Quero falar com o médico.

Vocês

sabem

quem

é

o

responsável?

— Não — respondo, olhando
à nossa volta. — Ninguém nos
diz nada.

— Vou descobrir — vovô diz
e eu acredito. É claro que ele
vai. — Fiquem aqui, já volto
com notícias. Sua avó deve
chegar logo. A Fernanda passou
para buscá-la, já que vim direto
da agência — ele informa, se
encaminhando para a porta por
onde os médicos levaram minha
mãe.

— Você não pode entrar aí.

O acesso é restrito — Rodrigo
avisa, apontando para a placa.

— Tem alguém aqui para
nos dar respostas? — vovô
pergunta, mostrando a sala de

espera ocupada apenas por

pessoas

angustiadadas

aguardando notícias. — Então,

vou atrás delas.

— Não vão te deixar entrar

— digo só para ver meu avô

levantar a sobrancelha, com a

mesma expressão que fazemos

quando ele nos proíbe de algo.

—

Volto

logo

com

informações da sua mãe ou não

me

chamo

Fernando

Villa

Sanchez

Del

Toro

—

ele

responde orgulhoso. Só o vovô
mesmo para manter a altivez
até em momentos assim.

Rodrigo segura minha mão e
ficamos olhando para as portas,



que balançam com a passagem
do vovô.

Quando

meu

avô

retorna,

minutos depois, acompanhado

de

dois

seguranças,

vovó

acabou

de

chegar

com

Fernanda. Minha avó está com
uma aparência tão triste que
sinto culpa. Uma culpa que nem
sequer me pertence. Desde que
meu pai se foi, às vezes sinto
como se tivesse a obrigação de
cumprir seu papel, e ele sempre
fazia
com
que
todos
se
sentissem bem. Eu queria ter as
palavras certas, queria saber
como agir, mas, acima de tudo,
queria que meu pai ainda
estivesse vivo.

— O senhor está proibido de
cruzar esta porta — um dos
seguranças diz.

— Então, trate de dar
respostas

à

família

dos

pacientes e não nos faça ter de

buscá-las — vovô responde,

ajeitando o paletó, e depois os

ignora, virando-se para nós. —

Sua mãe está fora de perigo,

mas ainda em tratamento. —

Levo as mãos ao peito, aliviada.

— Uma enfermeira vem nos

trazer

notícias

assim

que

possível. Não deve demorar

muito. Ou eu entro de novo —

ele encara o segurança.

Estou sufocando dentro do

hospital e saio acompanhada de

Fernanda. Ligo para minha avó

materna, que mora no Rio de

Janeiro. Meu tio atende e mais

uma vez tenho que dar uma

notícia

triste.

Odeio

esses

momentos.

Peço

para

ele

chamar minha avó e conto. Eu

me sinto um lixo por dizer a ela

que sua filha “acidentalmente”

tomou medicamentos demais.

Não tenho coragem de dizer que

minha mãe quis isso e que não

estava bem o suficiente nem

para nos deixar uma carta. Ela

se apagaria como uma lâmpada

queimada. De repente, sem

aviso

e

nos

deixando

mergulhados na escuridão.

Estamos

na

frente

do

hospital.

Carros

estacionam

bruscamente, pessoas entram

apressadas.

Odeio

essa

movimentação. É como reviver o

câncer do meu pai. E é pior

pensar que não tenho mais a

esperança de que ele sobreviva.

Quando desligo, Fernanda

me abraça e conto a ela como

foi

encontrar

minha

mãe

daquele jeito. Não sei por que

repito

tanto

isso,

mas

é

impossível evitar.

— Sinto muito que vocês

tenham que passar por isso,

Vivi. — Ela enrola uma mecha

dos cabelos castanhos nos

dedos.

Eu me foco nela um pouco,

querendo esquecer de mim.

Minha prima está diferente, só

não sei exatamente o que é. Às

vezes acho que ela me esconde

algo. Não que seja ruim, ela só

parece não saber como dizer.

Sempre fomos como irmãs, por

isso a sensação me incomoda.

Quero falar com ela quando

tudo isso passar. Eu a ouço falar

de minha mãe outra vez e volto

para o drama atual.

— Ver minha mãe assim tão triste, a ponto de tentar tirar a própria vida, me machuca demais. E se não tivéssemos chegado naquela hora?

— Mas chegaram. — Ela aperta minha mão e pisca os olhos cor de mel rapidamente. Tão carinhosa.

— Viviane! — eu me viro quando ouço a voz de César, que me abraça e depois se afasta. — Como está sua mãe?

— Ainda não tem os notícias concretas.

— Espero que ela fique bem. Seu avô me ligou e disse que você poderia precisar de mim.

— Seu tom é esperançoso e isso me incomoda. Como se ele

achasse que pode se aproveitar
da minha fragilidade para tentar
reatar o namoro.

— Estou bem. Obrigada por
ter vindo.

Fernanda tenta fingir que
não presta atenção em nós, mas
às vezes troca olhares comigo,
querendo saber se deve se
afastar ou não. Não deve.

César segura minha mão e
tenta me puxar para seus
braços. Não vou. Não quero
passar a mensagem errada.

— Não é hora de fazer birra,
Vivi — ele diz, e entreabro os
lábios, chocada.

— Não é birra. — E me
afasto para o lado.

— Já pensou que nosso
término pode agravar ainda
mais o estado da sua mãe?

Quando

foi

que

nos

tornamos

peessoas

tão

diferentes? Eu o amava, sei

disso. Será que a morte vem

com um pó mágico que nos faz

enxergar as pessoas como elas

realmente são? A pessoa que eu

sou hoje jamais namoraria

alguém como ele.

Viro as costas para César e

caminho

para

dentro

do

hospital, com minha prima ao

lado. Escuto quando ele me

chama, mas não paro. Estou

explodindo de raiva. Como ele

pode usar esse momento? Como

pode ser tão egoísta?

— Viviane!

Paro.

Meu

coração

estremece. Eu me viro e vejo

Rafael parado um metro atrás

de César, com o capacete na

mão. Os dois são opostos. O

jeans rasgado, a tatuagem e os

cabelos úmidos e despenteados

de Rafael se sobrepõem à roupa

engomada

e

aos

cabelos

perfeitamente penteados de

César. A paixão e a intensidade

de Rafael se chocam com o jeito

comedido

e

controlado

de

César. O novo e o velho que se antagonizam. O certo e o errado que se digladiam sem dar uma palavra sequer. Passionalidade contra racionalidade. Coração versus razão.

Não preciso pensar duas vezes — o coração vence e corro até Rafael. Só paro quando me choco contra seu peito e sinto seu braço livre me envolver.

Há um brilho estranho em seu olhar, mas não consigo identificar o que é.

— Você veio — murmuro, sentindo o perfume de sabonete nele.

— Claro que vim.

— Foi tão desesperador.

Achei que minha mãe ia morrer.

— Foi horrível, eu sei — ele diz, e sei que sabe de verdade, só não sei como. Seu pai. Tem

algo a ver com seu pai.

— Obrigada por estar aqui.

— Eu que agradeço. Você
me salvou hoje.

Rafael afrouxa o braço e me
afasto para olhar melhor para
ele. Parece cansado, muito
cansado.

Toco

seu

rosto

devagar.

Ele

pisca,

se

concentrando em mim. Existe
dor em seu olhar, tanta dor.

— Você está bem? —

pergunto, apreensiva.

Rafael beija meus lábios
com delicadeza. Um beijo fugaz
e singelo, enquanto coloca uma
mecha de cabelo atrás da minha

orelha. Um gesto doce e breve,
que me diz muito mais do que o
fogo que nos consumiu quando
nos beijamos nas outras vezes.

É uma mensagem cifrada, como

uma

música

composta

exclusivamente para mim.

— Agora estou. — Ele me

puxa para seu peito outra vez,

afundando o nariz em meus

cabelos,

inspirando

profundamente. — Agora estou

— ele repete e beija minha

testa. Sei que é apenas uma

tentativa de se convencer. —

Agora estou.

Nota

* “Me pegue enquanto eu caio/ Diga que
você está aqui e que está tudo acabado
agora.”

RAFAEL

I wanted you to know

That I love the way you laugh

I wanna hold you high

And steal your pain away.

— Seether feat. Amy Lee, “Broken”^{13*}

Passo em casa para tomar

um banho rápido. Não

quero assustar Viviane com

essa quantidade de sangue

em mim. Quando saio do

banheiro,

enrolado

na

toalha, Lucas entra e vê

minhas roupas manchadas.

Ignoro sua reação e vou

para o quarto, mas, antes

que eu feche a porta, ele a

empurra.

— Que porra é essa? —

questiona, segurando minha

camiseta branca manchada.

Depois franze a testa, e
vejo sua preocupação. —

Tá machucado?

— Não.

Lucas corre os olhos
pelo quarto à procura de
pistas. Não vai encontrar
nada. Limpei tudo antes de
sair. Ele estreita os olhos,
como uma águia, e me
encara.

— O que você fez?

— Moleque... — É um
aviso.

—

Moleque

uma

merda! Você usou de
novo?

— Lucas, sai daqui —
seguro a porta aberta.

— Porra, Rafa! Porra!

Quer se matar?

— Preciso me trocar. A
mãe da Vivi tá no hospital.

— Péssima escolha de
palavras.

— E você sabe por
quê? Eu sei. O Rodrigo me
ligou.

Overdose,

mano!

Overdose! Overdose! — ele

repete

sem

parar,

e

percebo

que

está

convivendo demais comigo.

— É isso que quer pra
você? Que um dia eu faça
uma ligação desesperada
pra alguém? É isso? — ele

empurra meu peito, e
preciso segurar a toalha
antes que caia. Visto uma
boxer preta e sento na
cama,
enquanto

Lucas

segue emputecido. — O
Rodrigo me disse que a
Viviane tá desmoronando
lá, que ligou pro meu primo
filho da puta e ele atendeu
o
telefone,
mas
não

respondeu. O que você tá
fazendo, cara?

— Vou pra lá agora —

tento me defender, abrindo
o guarda-roupa e pegando
uma camiseta azul.

— Rafa, pensa no que

você está fazendo, por favor.

Não sei o que é, se ele percebe que brigar não adianta ou se simplesmente explode, mas meu primo senta no chão encostado à parede e começa a chorar.

Primeira crise de choro depois

que perdeu

a família. Estava demorando.

Visto a camiseta e me ajoelho perto dele, tocando suas costas. Ver meu primo assim me machuca. Sua cabeça está apoiada nas pernas, e ele não consegue se controlar. Não sei o que fazer. Lucas é o único da família que sabe o que eu

vivo. Minha irmã, Priscila,

sabia.

Mais

ninguém.

Minha

mãe

não

quer

enxergar

o

óbvio,

e,

honestamente,

eu

até

entendo.

Ver o Lucas desabando

assim, por minha causa, é

como

um

murro

no

estômago. Estou magoando

quem já foi destroçado pela
vida e isso me incomoda
demais. Suas costas sobem
e descem enquanto ele,
apenas um menino, tenta
me alertar.

Antes eu era sozinho, e
o que eu fazia refletia
apenas em mim. Pouco me
importava se eu morresse e
fosse
encontrado
dias
depois. Mas, de uma hora
para outra, ele apareceu e
por ser tão calado às vezes
nem me dou conta de como
o afeto. Agora, se eu
morrer, é ele quem vai me
encontrar. O choque me
abala
e
enxugo

uma

lágrima.

A coisa mudou de

figura. Não estou rumando

sozinho para o precipício,

estou

levando

outras

pessoas comigo. Não sou

diferente do garoto que

matou minha família. Posso

me tornar um assassino

como ele. Por tabela, é

verdade, mas ainda assim

vai ser minha culpa.

— Lucas, tá tudo bem.

Vou ficar bem. Relaxa... —

A palavra me escapa, assim

como outro soluço escapa

dele.

— Não diz “relaxa”,

pelo amor de Deus. — Ele

levanta o rosto molhado

para mim. — Rafa, eu
perdi tudo. Meu irmão,
meu pai, minha mãe e
minha melhor amiga. Você
sabe que a Priscila era a
pessoa
que
mais
me
conhecia no mundo. E eu
perdi ela. Poxa, Rafa, meu
irmão era uma criança. Ele
não pôde viver e eu não
tenho mais nada nessa vida.
Só tenho você... — Ele me
encara. — Não, não tenho
nada.

— Não diz isso. Ainda
estou aqui. — Toco seu
ombro e ele me empurra.

— É, mas por quanto
tempo? Você precisa parar
o que está fazendo.

— Não é que eu não
queira, você sabe.

— Então precisa querer
com mais força. Pensa
nela. Pensa no que vai
fazer com a Viviane. Ela
sente algo forte por você.
Dá pra ver só pelo jeito
como ela te olha. Você
pode querer se destruir, eu
entendo sua dor como
ninguém, cara. Eu vivo
isso! Todos os dias. Mas
não é esse o caminho. Se
matar não traz ninguém de
volta. Como ela vai ficar? E
a sua mãe? E eu? Você
precisa parar.

— Preciso. — Eu me
levanto e visto a calça
jeans, como se não tivesse
dito nada de mais, mas sei
o que eu disse. Sei o que

significa.

Lucas limpa o rosto,

surpreso. Nunca assumi

antes, mas sei o que estive

perto de fazer hoje e sei o

que me barrou. Sei que

assumir

não

muda

a

dificuldade do processo de

reabilitação.

E

se

eu

tentasse não por mim, mas

por

aqueles

que

se

importam

comigo

e

precisam de mim?

Depois de tudo o que



passei, perdi meus motivos

para seguir em frente. E se

o motivo cruzou comigo

justamente em um dos

piores dias da minha vida,

vestindo um casaco cor-de-

rosa e uma saia curta? E se

o motivo for ela?

Deixo a moto em um

estacionamento perto do

hospital.

Preciso

dessa

pequena caminhada para

colocar os pensamentos em

ordem. Lucas aguarda o

comprovante e eu corro. É,

corro!

Achei

que

conseguiria andar devagar e
refletir sobre uma saída
segura para tudo isso, mas
não consigo. Preciso ver
Viviane.

Só paro quando a avisto
quase entrando no hospital
e grito seu nome. Ela se
joga nos meus braços como
se fosse a coisa mais certa
possível e percebo que
estou em casa.

Ainda não sei como me
permiti ter uma ligação tão
forte assim com ela. O que
sei é que ela precisa de
mim, e precisa de mim
vivo.

— Quem é esse cara?

— um mauricinho metido a
besta pergunta atrás de nós.

Viviane se vira para ele

e me olha, sem saber como nos apresentar. Então esse é o ex-namorado. Toco sua mão e ela entrelaça os dedos nos meus.

— Rafael — respondo, dando um passo à frente.

Ela não consegue definir o que somos. Nenhum de nós consegue. Sei que estou me impondo para ele e não estou nem aí se ele não gosta. — E você é o ex.

— Então ele é a causa — o mauricinho continua.

— César, não é hora disso — Viviane avisa.

— E aí, Viviane? —

Lucas aparece e a abraça.

— Como está sua mãe? E seu irmão?

— Ela ainda está em tratamento, mas vai ficar

bem — Viviane responde,
enquanto meu primo a
solta. — O Rodrigo está
lá...

O
moleque
sai
do

hospital e ela interrompe a
fala.

— O vô tá chamando.

Daqui a pouco vamos
poder ver a mãe, Vivi —
Rodrigo diz e nos vê. —

Eita, climão!

Tem
uma
garota
olhando para mim e para
Viviane com um sorriso
meigo no rosto, como se
visse algo mágico, tipo
unicórnios

saltando

um

arco-íris ou sei lá o quê. Já

me olharam de muitas

formas, mas nunca como se

eu fosse um príncipe em

um cavalo branco.

— Essa é minha prima,

Fernanda — Viviane nos

apresenta.

O

ex

continua

emburrado,

murmurando

coisas sobre falar com o

avô etc. Homem que não se

garante é foda.

Depois Vivi entra no

hospital sem soltar minha

mão. Minha camiseta azul

é de mangas curtas, e a

tatuagem está bem visível

por todo o braço. Ela se
vira para mim me lançando
um sorriso tranquilo. Sei
que seu avô está lá dentro e
ela simplesmente não liga.

Não está nem aí para o que
vão pensar. Isso me faz
querê-la ainda mais.

E então eu o vejo. O
avô está com as mãos nos
bolsos da calça e, quando
nos vê, cruza os braços.

Não é preciso dizer
quem ele é. O olhar de raio
laser na minha direção é
como um sinalizador.

Eu esperava algo como
um coronel do exército,
mas ele está mais para
Sean Connery em *James*

Bond,

porém

com

a

aparência mais velha, como

e m *Lancelot, o primeiro*

cavaleiro,

e

uma

sobriedade marcante, como

e m *Encontrando Forrester.*

Muito

bem,

me

descobriram. Adoro esse

cara. O Sean Connery, não

o tio que quer minha

cabeça.

Conforme

nos

aproximamos, pelo jeito

que ele me olha, tenho

certeza de uma coisa: esse

homem não está nem aí se

tem ou não licença para me

matar.

Ele também passaria
fácil por uma versão de
Don
Corleone
em *O*
poderoso chefão. Se eu não
fosse quem sou, correria
bem rápido.

— Primeira vez que
esse olhar do vô não é pra
mim — Rodrigo sussurra às
nossas costas.

O avô caminha em
nossa
direção.

Viviane
aperta minha mão. Acaricio
a dela. Ele abre a boca e
um médico se aproxima,
desviando sua atenção.

— Como está minha
mãe? — Viviane pergunta
antes de todos.

O médico olha para ela
por um segundo. Depois
sorri,
transmitindo
tranquilidade. Ele tem uma
aparência calma, como se
fosse capaz de dar qualquer
notícia sem se alterar.

— Ela está estável. Sou
o dr. Matheus, fui eu que
atendi sua mãe. — Ele
lança um olhar divertido
para o avô que eu não
compreendo. — Também
fui eu que tirei seu avô da
sala de emergência antes
que ele tomasse a seringa
da minha mão e aplicasse o
medicamento. — É, saquei
bem
a
do
avô.

—
Administramos

alguns

medicamentos para limpar

o organismo e ela já pode

receber visitas, mas está

sonolenta e confusa, então

não se assustem.

As pessoas começam a

falar ao mesmo tempo,

depois se contêm, quando o

médico

levanta

uma

sobrancelha.

— Posso ir? — Viviane

pergunta, ansiosa.

— Só dois de cada vez

e por pouco tempo. Preciso

que saibam que sua mãe

está presa à cama. —

Viviane solta um gemido

baixo e o médico aperta os

lábios,

percebendo

a

situação. — Quando voltou

a si, ela demonstrou raiva e

provou que pode ser um

risco

para

si

mesma.

Precisamos conversar sobre

o tratamento adequado,

mas faremos isso depois.

Logo ela terá que ser

sedada outra vez para

descansar,

então

vocês

podem ir vê-la agora.

Viviane

solta

minha

mão e se afasta com

Rodrigo,

seguindo

o

médico. O avô abre a boca

para me dizer algo, mas a

prima o segura pelo braço.

— Não é hora, vô, por

favor.

Ergo uma sobrancelha,

esperando, mas ele me dá

as costas, praguejando em

espanhol.

— Diz pra ela que

estou lá fora — aviso Lucas

e me viro para sair.

— Vai embora? — o

avô não resiste.

— Vô! — a prima o

repreende.

Paro, olho em seus

olhos,

me

encosto

na

parede e, sem hesitar, digo:

— Quer saber, vou

esperar aqui mesmo.

Nota

* “Eu queria que você soubesse/ Que adoro o jeito como você ri/ Eu quero te abraçar forte/ E levar sua dor para longe.”

31

Viviane

Beautiful girl

May the weight of the world resign

You will get better.

— William Fitzsimmons, “Beautiful

Girl”*

Se eu achava que encontrar

minha mãe inconsciente era o

pior,

encontrá-la

amarrada

quase acaba comigo.

Eu me aproximo da cama

devagar.

Tem

medicação

injetada em seus braços. As
gotas descem devagar, e sinto
como se o quarto tivesse um
eco de desespero tão grande
que me faz ouvir cada uma
delas pingando e descendo até
encontrar o ponto de contato
com o corpo de minha mãe.

Aparelhos

fazem

bipes

cadenciados. Olho para eles e
só vejo números que não
compreendo, os quais indicam
que ela ainda está entre nós.

As gizes dão apoio às

amarras que a prendem na
cama. Toco o tecido devagar,
como se pudesse rasgá-lo. Meu
olhar anda a passos lentos,
apavorado com o que vai

encontrar quando chegar ao
rosto.

Ela geme baixinho e não
consigo mais evitar. Aperto uma
mão na outra ao ver que é
possível ficar ainda mais pálida
do que ela estava quando a
encontrei. Seus olhos estão
muito fundos. É como ver meu
pai indo embora mais uma vez.
Quando ela nos vê, tenta se
mexer e percebe que está
presa.

— Me soltem — ela mostra
as mãos.

Dou
um
passo
para
obedecer.

— Não, Vivi — Rodrigo me
impede.

— Se não me soltarem,

quando meus filhos chegarem,
eles vão me soltar. — Sua voz é
pausada e meio grogue.

— Somos nós, mãe. — Toco
seu rosto, sem conter as
lágrimas.

— Não, não são. Eles me
soltariam.

Ela não nos reconhece. Sinto
o chão sumir debaixo dos meus
pés. Nossa mãe não sabe quem
somos.

— Você vai melhorar, vai
ficar bem. Só fica calma —
Rodrigo fala enquanto ela se
agita, tentando se soltar.

— Quero sair, quero sair!
Meu marido vai me soltar. Ele
vai...

—

ela

choraminga

enquanto a enfermeira lhe

aplica uma injeção. Depois se
acalma e para, olhando para o
teto.

— É melhor vocês saírem
agora — a enfermeira diz
gentilmente.

Então saímos. Não sei como
consigo andar. Não sei o que
pensar. É como se minha mãe
tivesse se perdido.

Quando
passamos
pela
porta, a enfermeira avisa que as
visitas estão suspensas por
enquanto,
mas
que,
em
algumas horas, minha mãe vai
ser transferida para um quarto
em uma unidade semi-intensiva
e vai poder ter um de nós

sempre com ela.

Meu avô toca meu ombro e

me abraça. Fico ali por um

tempo,

depois

vou

me

afastando e paro nos braços de

Rafael. Ele não diz nada. Não

promete o que não pode

cumprir, apenas me envolve e

acaricia minhas costas.

Rodrigo se senta, também

desolado. Eu me sinto dividida

entre consolar meu irmão e ser

consolada. Branca coloca a mão

nas costas dele e o acaricia

devagar. Tio Túlio também está

ali.

Devem

ter

chegado

enquanto estávamos lá dentro.

Meu avô está visivelmente
contrariado e balança a cabeça
em minha direção, enquanto
César fala algo que não posso
ouvir e tio Túlio balança as
mãos, como se pedisse calma.

Dr.

Matheus

retorna.

Começa a falar com meu avô e
me aproximo, assim como
Rodrigo.

— Recomendo que ela seja
internada assim que tiver alta
do hospital — ouço o final do
que ele diz.

— Como assim? — pergunto,
confusa.

O médico inspira e expira
profundamente e olha bem
dentro dos meus olhos, como se
isso pudesse ajudá-lo a se
conectar comigo. Não funciona.

Reconheço todos os sinais após
os
dez
meses
em
que
praticamente morei aqui. Esse
olhar indica que ele vai me dizer
algo ruim, muito ruim.
— Sua mãe é uma paciente
com tendência suicida. Ela vai
passar
pelo
psiquiatra
do
hospital
assim
que
estiver
consciente e pronta para isso,
mas o fato é esse. Ela se viciou
nos
antidepressivos

e,

na

primeira oportunidade, pode

atentar contra a própria vida

outra

vez.

Aconselho

a

contenção.

Ela

precisa

de

tratamento contínuo.

— O que você quer dizer?

Internar minha mãe numa

clínica, é isso? Prender ela lá? —

Minha voz soa estridente, pela

lembrança da visita que tivemos

há pouco. — Não concordo. Ela

não quer isso. Vai ficar pior.

— Cariño, ouça o médico —

meu avô me adverte.

— Posso cuidar dela. Posso

ficar com ela vinte e quatro

horas por dia, se necessário.

— Eu ajudo — Rodrigo diz

— Não aconselho — dr.

Matheus balança a cabeça. —

Ela

precisa

de

peessoas

treinadas. Um segundo de

distração pode ser fatal.

— Então não vou me distrair

— insisto, irritada.

— As pessoas se distraem,

Vivi... — Rafael se intromete,

surpreendendo todos nós. Então

se aproxima devagar. — Quanto

tempo

de

internação?

—

pergunta para o médico.

— Ela precisa passar por um

especialista, mas creio que em

torno de três semanas.

Rafael toca meu rosto e

levanta meu queixo, sem se
importar com ninguém à nossa
volta.

— Três semanas, Vivi. Três
semanas e sua mãe volta pra
você. Três semanas e ela
finalmente vai começar a viver
depois da morte do seu pai. —
Ele me acaricia com ternura.
Sinto que posso chorar de novo
a qualquer momento. — Ela não
vai conseguir sozinha. Ouça o
médico.

Pisco

para

segurar

as

lágrimas e olho para Rodrigo,
numa comunicação muda para
saber o que ele pensa. Meu
irmão assente para mim. Não é
o
tipo

de

decisão

que

gostaríamos de tomar.

— Tudo bem... — digo, sem
muita convicção. Tudo o que
quero é que ela volte a ser
como antes.

Levanto a cabeça para o
meu avô e o vejo lançar um
olhar de admiração para Rafael,
logo substituído por outro olhar,
claramente preconceituoso.

— Seu namorado sabe o que
diz. — Dr. Matheus aprova a
conclusão a que chegamos e
não sei o que dizer. Não quero
dizer que Rafael e eu não
namoramos, mas também não
quero
passar
a
impressão

errada.

Meu avô se esforça para não ter uma síncope. Rafael me abraça outra vez, e a frase do médico fica para trás. Isso não importa agora.

Nota

* “Garota bonita/ Que o peso do mundo ceda/ Você vai ficar bem.”

32

RAFAEL

Though I know I'll never lose affection

For people and things that went before

I know I'll often stop and think about them

In my life I'll love you more.

— The Beatles, “In My Life”*

Uma hora depois, a mãe de Viviane é transferida para um quarto particular, mas permanece sedada, e vai

continuar assim por um
tempo,
conforme
recomendações
médicas.

Parte

da

família

vai

embora, já que não há nada

a fazer e apenas dois

podem ficar no quarto. O

avô está possesso, mas o

padrinho o leva embora,

meio que na marra. Sei que

uma conversa entre nós

dois não vai demorar.

Rodrigo

e

Viviane

decidiram se revezar para

ficar com a mãe, caso ela

acorde e precise deles. Vou

ficar aqui até a hora de ir
trabalhar, depois a prima
vai ficar com Vivi no meu
lugar.

Por

mim,

eu

continuaría aqui, mas já saí
ontem e Lex não pode
cobrir a minha toda hora.

Pela

primeira

vez

ficamos sozinhos no quarto.

Estou sentado em um sofá
e ela ao meu lado, com a
cabeça deitada em meu
peito, em silêncio. Acaricio
seus cabelos e sinto que
poderia ficar assim por
muito
tempo.

Fico

procurando o momento em
que tudo mudou e ela se
tornou tão importante, o
mesmo momento em que a
intimidade
simplesmente
explodiu entre nós.

Uma enfermeira entra,
mexe na medicação e sai,
fechando a porta. Viviane
se afasta um pouco para
poder me olhar, como se
lembrasse algo de repente.

— Como eu te salvei?

Por que você disse isso
quando chegou? — Ela se
ajeita no sofá e arruma a
saia, a mais comprida que a
vi usando, e ainda assim
acima do joelho.

O

pensamento

me

causa um sorriso, que passa
quando encaro seus olhos.

Ela está preocupada, e me
arrependo do que disse
mais cedo. Não que ela não
tenha de fato me salvado.

— Vivi, vamos deixar
essa conversa pra depois?

Não vou mentir para
ela. Não vou. Ela tem todo
o direito de se afastar
quando souber a verdade.

Prefiro contar tudo, mas
não agora, com sua mãe
dopada na cama.

— Me conta. — Ela
segura minha mão. — Seja
o que for, eu preciso saber.

Não

sei

por

onde

começar, então recorro à

música.

—

Você

conhece

Johnny Cash?

— Não.

— E Justin Timberlake?

— pergunto para fazer

graça.

— Esse eu conheço.

Adorava ele com a Britney

— ela responde, achando

que é sério.

Dou risada. O que

posso fazer? Ela consegue

ser adorável até falando de

algo

fora

da

minha

realidade.

— Era brincadeira.

— Idiota — ela me dá

um tapa de leve, mas não
está brava.

— Johnny Cash foi um

cantor

e

compositor

americano que fez muito
sucesso nos anos 60. Antes

disso, ele tinha um irmão,

que

morreu

em

um

acidente. Cash nunca se
perdoou por não estar lá,

por não ter impedido, e

nunca mais foi o mesmo.

Apesar de todo o sucesso,

ele

se

envolveu

com

álcool... — Falo baixo,

olhando para Viviane. Cada
palavra é pensada. Sei que
ela percebe a relação,
porque se senta mais ereta,
um pouco incomodada. —
E com drogas. Cada vez
que ele tentava melhorar,
algo
acontecía.

Sempre
perdia quem amava em
acidentes que acabavam
com ele, e então ele
afundava mais e mais. Aí,
um dia, ele conheceu June
Carter. E se apaixonou.

Não
conseguiu
resistir,
como se fosse impossível
não se apaixonar. Era uma
ligação forte, sabe? — Eu
me mexo no sofá e toco

seu rosto. — Acho que ele
perdeu aquela batida que
seu pai dizia, e o coração
dele se encontrou no peito
dela. — Viviane dá um
sorriso triste. — Ele queria
melhorar, mas nunca era
forte o bastante e tinha
recaídas, muitas. June e
seus
amigos
nunca
desistiram dele. Arriscaram
tudo pra trazer ele de volta
à razão e o libertar de toda
dor que ele sentia. Não foi
fácil, ele quase morreu
várias vezes, mas um dia,
depois de muitos anos de
luta e sofrimento, June
finalmente conseguiu salvar
Johnny Cash.

Viviane morde o lábio

inferior, abalada. Posso vê-la hesitar. Está morrendo de medo de perguntar. Eu já lhe dei essa chance uma vez com o baseado, disse que era pior, e ela deixou passar. Não dá mais para deixar passar.

— É uma metáfora? —

Seus lábios tremem. Ela sabe que é.

— Quando eu tinha dezenove anos, meu pai tinha uma tapeçaria. Eu estudava administração. —
Percebo o espanto nela. —
Um dia, eu não tive aula e resolvi fazer uma surpresa para a Priscila, minha irmã, e a busquei na escola. Ela tinha treze anos na época.
Fomos para a tapeçaria do meu pai. Eu queria mostrar

para ele minhas notas,
queria que ele se sentisse
orgulhoso.

Queria

surpreender meu pai, como
no dia que ele me deu
minha guitarra e me disse
que eu podia tocar, cantar e
fazer administração, que
não era maluquice querer
tudo. — Eu me sinto

fragilizado ao contar minha
história. Não gosto da
sensação, mas continuo. —

Quando eu e minha irmã
chegamos, estranhei porque
não vi meu pai. A Priscila

correu

antes

que

eu

pudesse

dizer

qualquer

coisa. Entrei apressado e vi

minha irmã parada, em

estado de choque, olhando

para

os

bandidos

que

tinham rendido meu pai.

No susto, eles atiraram nele

e fugiram. E eu não fiz

nada além de ficar na

frente da minha irmã,

protegendo ela com o meu

corpo.

— Isso já é muito, Rafa.

— Viviane está chorando.

— Você pode ter salvado a

vida dela.

— Por mais quatro

anos... — Dói pensar que

minha

irmã

viveu

tão

pouco. — Eu já lutava na

época e nunca me perdoei

por não ter reagido. Os

bandidos fugiram e meu pai

morreu

antes

da

ambulância chegar. Ele só

ficava

repetindo

quanto

amava a gente e que tudo ia

ficar bem. Só que não

ficou.

Emocionada,

Viviane

coloca as mãos nos lábios,

segurando um soluço.

— Não foi sua culpa.

Não foi.

— Larguei a faculdade

depois que ele morreu,
nunca mais toquei minha
guitarra, que foi o último
presente que ele me deu, e
me entreguei. Não fui forte
o bastante. A dor era tão
grande que não resisti. Não
foi tudo de uma vez. As
coisas foram acontecendo
aos poucos, como uma
reação em cadeia que me
levava cada vez mais para o
fundo.

— Como Johnny Cash.

— É. Às vezes eu fico
limpo por um tempo. —

Engulo em seco. Nunca me
abri assim. As pessoas que
sabem é porque me viram
drogado, mas, tirando com
o Lucas e o Lex, não é um
assunto que eu aceite
abordar. — Não totalmente

sem, mas usando menos.

Eu já tentei parar, mas não
de verdade.

— Você nunca quis
parar?

— Nunca. Até agora.

— Por que agora? —

Sei que ela sabe, mas quer
ouvir de mim.

Estamos

muito

próximos. Seguro sua nuca

e

a

beijo.

Um

beijo

molhado

de

lágrimas.

Viviane toca meu rosto e

não me afasta. Encosto a

testa na dela, abro os olhos

e a espero fazer o mesmo
para dizer:

— Se eu fosse o tipo de
cara que tem esperanças,
diria que você é minha
última.

— Quando eu encontrei
minha mãe hoje, pensei que
fosse morrer com ela. —

Viviane olha para a cama,
constatando que a situação
de sua mãe continua a
mesma. — A dor rasgou
meu peito e me atravessou.

Pensei que ia perder todas
as esperanças de viver. —

E volta a olhar para mim.

— Não sei o que atraiu a
gente um para o outro. Só
sei que é tranquilo estar
com você. É como se fosse
o lugar mais seguro onde
eu pudesse estar. Não dá

pra entender, dá? — Ela
franze
a
testa,
sem
compreender como isso é
possível. Sinto o mesmo. —
Você acha que pode sair
dessa? — ela sussurra,
amedrontada.
— Não sei, mas nunca
quis tanto descobrir.
Estou apavorado. Não
existem mais segredos, e,
ao contrário de Viviane, eu
sei exatamente tudo o que
vem pela frente. Quero
deixar ainda mais claro e
conto o que fiz pela manhã
e como ela me salvou ao
me ligar. Foi quando me dei
conta de que era ela. Minha
June.

— Eu faria o mesmo
pela minha família — ela
responde rápido.

— Não imagino você
batendo em alguém até
quase matar.

— É porque ninguém
feriu minha família. — Seu
tom é tão sério que quase
acredito que ela seria capaz
de matar por quem ama. —

Fico

feliz

por

ter

te

impedido, Rafa, mas a
reação não é tão horrível
assim. Aquele cara tirou
parte de você e nunca vai
ser condenado. É natural se
revoltar.

— Agora que você sabe

de tudo, não vai correr? —
murmuro, e ela se ajeita no
sofá, deitando a cabeça no
meu peito outra vez. — Eu
entenderia.

— Por que eu correria?

— Ela passa os dedos pela
minha
tatuagem,
talvez
pensando em quando a fiz
e o que significa. Ela é tão
inocente.

—

Não

sei

—

respondo, apesar de ter mil
razões para dar.

— Não vou mentir e
dizer que isso não me
assusta,

Rafa.

Nunca

imaginei passar por isso,
mas também nunca pensei
que meu pai morreria nem
que minha mãe tentaria se
matar. A vida é uma
loucura. Ela faz o que quer
com a gente. Meu pai dizia
que, quando sentimos que
alguma
coisa

é

certa,

devemos seguir em frente.

Eu sinto que ficar com você

é o certo. O que sentimos...

Não sei... É confuso, bom,
confortável, doce e, o mais
importante, é impossível
evitar.

— Eu não consigo ficar
longe de você, mas ficaria,
se você me pedisse. — É a

declaração mais estranha
que já dei. Quando me
tornei esse cara que abre
mão do que quer?

— Não vou pedir. O
que tiver que ser, será.

Você teve suas perdas. Eu
tive as minhas. De certa
forma, se a gente não
tivesse passado por isso,
não teria se conhecido.

Tem que sair algo bom
disso.

— Minhas perdas me
levaram a um caminho que
pode não ter volta.

— E as minhas me
levaram até você.

— E se eu for um
caminho sem volta?—

Estremeço. É incrível como
ela me alcança por baixo
da superfície.

— Eu construo uma via
e crio um retorno. — Ela se
vira outra vez. Trocamos
um olhar intenso. — E a
gente
descobre
como
voltar. Juntos.

—
Você
faz
tudo
parecer fácil. Mas não é.
Você precisa saber, não vai
ser fácil. Vai ser qualquer
coisa menos fácil. — Quero
tanto que Viviane tenha sua
chance de ser feliz.

— Sei que é horrível
seu pai ter dito que ficaria
tudo bem e depois ter
morrido. Meu pai me disse

mesmo

e

também

morreu. Você já pensou

que, talvez, o que nossos

pais quiseram dizer é que

ficaria tudo bem com a

gente, mesmo que eles

partissem?

— Você tá vendo pelo

melhor lado.

—

Minha

vida

desmorona mais a cada dia.

Se eu não me apegar ao

melhor lado, não tenho

mais nada. No momento, a

esperança de que pode dar

certo é tudo o que tenho.

Suspiro enquanto beijo

seus cabelos. Queria ter a

fé de Viviane.

— Vou ficar aqui, Rafa.

Bem aqui. — Ela se ajoelha

no sofá e me abraça.

Estamos mais próximos do

que todas as outras vezes

em que estivemos juntos. E

isso é assustador, porque é

como

se

nos

aproximássemos mais a

cada toque. — Aconteça o

que acontecer, temos um

ao outro, ok?

— Ok — Nunca duas

letras fizeram tanto sentido.

Nota

* “Embora eu saiba que nunca vou perder o afeto/ Por pessoas e coisas que vieram antes/ Eu sei que com frequência vou parar e pensar nelas/ Em minha vida eu vou amar mais você.”

Viviane

If I give up on you I give up on me

If we fight what's true, will we
ever be.

— The Calling, “Stigmatized”*

Fecho a porta depois que Rafael
sai. Fernanda deve chegar em
breve.

Vou a passos lentos até a
cama de minha mãe e acaricio
seus cabelos. Ela continua
dormindo, mas cortaram os
sedativos. Espero que acorde
logo. Deitada assim, ela é uma
triste

versão

da

Bela

Adormecida esperando por um
príncipe que nunca virá.

Caminho até a janela e lá
embaixo vejo Rafael saindo do
hospital com o capacete na

mão. Meus dedos tocam o vidro
frio, que logo fica marcado por
minha respiração.

Rafael se afasta cada vez
mais até sumir de vista. Eu me
viro para minha mãe. Lanço um
olhar para a janela. Seguro sua
mão fria. Penso se ela vai ficar
bem. Penso se Rafael vai ficar
bem. Quero soltar suas amarras.
Preciso soltar as amarras que
prendem os dois.

Mesmo vindo de mundos tão
diferentes, minha mãe e Rafael
são iguais. Ambos desesperados
para mandar a dor para longe,
sem perceber a dor que estão
causando às pessoas à sua
volta.

Meu pai costumava dizer que
só sabemos o tamanho de nossa
força quando passamos por uma
dificuldade. Tenho medo do que

vou descobrir até tudo isso

terminar,

mas

não

quero

abandonar

nenhum

deles.

Sempre fiz qualquer coisa por

minha mãe, e não conseguiria

me afastar de Rafael.

Duas batidas na porta e

Fernanda entra, trazendo um

milk shake para mim.

— Como você está? — Ela

me dá um abraço forte demais

para alguém que parece tão

frágil.

— Tentando ser forte. —

Bebo um gole do milk shake.

— Lembra que o seu pai

dizia que, se a gente tentar com

muita vontade, não tem como

não conseguir? — ela pergunta,
apertando o pingente de cristal
de seu colar, presente de meu
pai quando ela fez quinze anos.

— Lembro sim. — Dou um
sorriso triste.

O pai de Fernanda se
separou de minha tia quando
ela e seus dois irmãos eram
crianças. Depois disso, eles
nunca mais se aproximaram. É
por isso que a opinião de meu
pai e de meu avô sempre foi
muito importante para ela.

— Sua mãe está fora de
perigo? — ela indaga de
repente, estreitando os olhos.

Sinal claro de que quer verificar
se está tudo bem para poder me
perguntar outra coisa.

— Está. Tem um caminho
complicado pela frente, mas
está.

Nós nos sentamos no sofá e ela me examina. Aperta os lábios pensando nas palavras certas, até que não se aguenta:

— Você tá namorando o barman tatuado? — Seus olhos brilham.

— Essa é uma pergunta que eu não sei responder. A palavra namoro nunca surgiu. — Passo a mão por minha roupa enquanto falo, percebendo que amassou bastante ao longo do dia.

— Mas vocês estão juntos?

— Sim. — Um sorriso escapa quando confirmo.

— Ai, caramba! O vovô vai morrer! — Fernanda diz e logo percebe que escolheu mal as palavras, ao lembrar que minha mãe está bem ali, apagada. —

Desculpa.

— Tudo bem. Ele vai morrer

mesmo. Mas não de um jeito
horrível... — Refiro-me à morte
de verdade. — Pensando bem,
vai ser sim de um jeito horrível.

Ele vai ter um treco.

— Isso é ótimo. — Ela
suspira de alívio e se joga para
trás, me surpreendendo.

— Como é que é? Você quer
que o nosso avô morra e depois
me mate? Assim, nessa ordem
mesmo? Porque é a cara dele vir
com uma lição de moral. Ele
pode, os homens da família
podem,

nós

não.

Somos

donzelas

indefesas

a

ser

protegidas. — Balanço as mãos,

imitando o jeito do vovô de
falar.

— Vivi, você sabe que eu te
amo demais, mas o vovô precisa
de uma distração.

O segredo. Ela está me
escondendo algo. Eu sabia!

— O que você não me
contou? — Sou eu que a
examino dessa vez.

— Estou namorando há
pouco tempo, você sabe, apesar
de
amar
meu
namorado
loucamente.

— Sim. Mas o Augusto é
engenheiro. — Reviro os olhos.

— E o vovô adora ele.

— Adora, mas vai odiar
quando souber que, depois de
três meses de namoro — ela faz

uma pausa dramática que me
tira o fôlego —, eu engravidei.

—

Ah,

meu

Deus!

—

Instintivamente

toco

sua

barriga. — O vovô vai te matar!

— Não, não vai, porque ele

vai estar ocupado matando o

seu barman! — Ela ri, como se

tivesse encontrado a saída

perfeita.

— Tonta! Ele é esperto o

bastante para matar todos nós!

Duas vezes!

Estamos

sorrindo,

abraçadas. No meio dessas

perdas todas, por mais que o

vovô surte e venha com mais
um de seus sermões machistas,
um bebê é um recomeço, e não
existe nada mais lindo que
recomeços.



Rodrigo abre a porta do quarto
devagar, às seis da manhã.
Estou enrolada em uma manta e
Fernanda em outra. Minha prima
está cochilando, após passar a
noite toda conversando comigo
sobre nossos dilemas, todas as
possíveis reações do nosso avô
e a esperança de que tudo
possa se resolver.
— Trouxe pão de queijo e
roupas pra você — meu irmão
me estende um pacote e coloca
a mochila no braço do sofá. Ele
pega uma cadeira no canto do
quarto e coloca na minha frente,

depois de dar um beijo na testa
de nossa mãe. — Ela passou a
noite bem?

— Passou. Ela resmungou
algumas vezes. Pensei que fosse
acordar, mas acho que era só
um pesadelo. Por que você veio
tão cedo? Não combinamos às
oito?

— Não dava pra dormir. Fico
esperando
tocar
uma
musiquinha de terror a qualquer
momento. Tá horrível. Acho que
você não vai conseguir ficar em
casa. Sabe do Rafa?

— Ele deve chegar logo —
respondo, sem entender o que
meu irmão quer saber e
preocupada por não ter recebido
nenhuma mensagem durante a
noite.

— Ele se meteu numa briga
ontem cedo.

— Eu sei.

— O cara não o reconheceu,
mas ferrou tudo porque o Rafa
já tinha socado ele uma vez.

Como o pai do cara é bem
relacionado,

não

foi

difícil

chegar no Rafa de novo. — Sua

voz é pausada, como se

pensasse bem no que pode ou

não me contar.

— Rô, me conta, o que

aconteceu? — Sinto-me muito

gelada de repente.

— Ele foi preso — meu irmão

responde e solto um gemido

assustado,

que

acorda

Fernanda. — Calma. Ele não vai ficar lá. Eu estava no bar na hora. Sei que eu devia estar dormindo, mas o Lucas me pediu pra ir. Acho que ele já estava esperando algo assim.

Foi o cara que causou o acidente e, meu, o Rafa tem razão em ter batido nele.

— Eu sei. O que você fez?

— O mesmo que faço quando estou encrencado e não quero, e agora não posso, ligar pro pai. — Ele dá de ombros.

— Ligou para o tio Túlio.

Fernanda nos observa sem entender, mas continua calada.

— Liguei, mas só ligar não ia adiantar. O tio Túlio pode ser bom, mas não tinha como tirar o Rafa de lá sem um álibi.

— E aí?

— Aí... — Rodrigo desvia o

olhar e isso me apavora. — Eu disse que, quando encontramos a mãe daquele jeito, você ligou pro Rafa e ele veio pra cá.

Aquela hora — ele engole em seco, acho que se lembrando do pavor que sentiu — foi antes da pancadaria. E não tem como estar em dois lugares ao mesmo tempo, né?

— Mas eu liguei bem depois, e ele nem veio na hora...

— Tô sabendo. Só escuta — ele levanta as mãos, pedindo que eu não o interrompa. — O Lucas me disse que, quando eles pararam no estacionamento, o Rafa saiu correndo pra te ver, ainda de capacete. Ninguém lá viu o rosto dele, não teriam visto nem

que prestassem atenção. O Rafa
estava de camiseta e só pegou
a moto bem depois, de jaqueta.

Você sabe como são esses caras
de estacionamento. Tão nem aí.

— O César viu quando o
Rafael chegou — Fernanda diz o
que está explodindo na minha
cabeça.

— Não. O César viu o Rafa
voltando de algum lugar, uma
lanchonete, sei lá. Ele não tem
como saber de onde ele estava
vindo. Ninguém tem. Só a gente
sabe.

Olho para Fernanda. Não
quero pedir, mas estou à beira
do desespero.

— Eu confirmo a história.

— A questão nem é essa,
não vão perguntar. O tio Túlio
vai tirar o Rafa de lá daqui a
pouco e pronto. Cabou essa

merda. — Ele coloca as mãos nos meus ombros, tentando me tranquilizar. — Talvez já tenha tirado.

— E o cara que apanhou? Ele não viu o Rafael?

— Olha, pelo que me contaram do estado dele, ele não teve tempo de ver muita coisa, e os dois frentistas também disseram que não foi o Rafa. O que estamos fazendo é errado, mas a justiça falhou com ele, Vi. Não posso deixar o cara se lascar, enquanto o filho da puta que causou tudo é protegido pelo pai rico. Então usei as mesmas artimanhas contra o sistema. Se eles jogam

sujo, eu também jogo. — Não consigo conter um tremor ao ver meu irmão tão envolvido nisso. — Vivi, eu odeio mentir pro tio Túlio e acho que no fundo ele sabe a verdade, mas eu teria batido no cara do mesmo jeito e não ficaria preso. Você sabe por quê, né? O vô resolveria a situação em dois tempos. O Rafa não pode se dar mal só por não ter nascido numa família rica. Ele já tá ferrado. Se ficar preso, não vai sair dessa nunca. A chance do Rafa está aqui fora. — Ele sabe muito mais do que está dizendo.

—
Você provavelmente salvou a vida dele.

— Não. Eu só impedi que ele ficasse preso. Salvar a vida dele

vem agora, e, meu, conversei
muito com o Lucas nessa
madrugada. O Rafa tá à beira
do caos. O Lucas tá apavorado,
mas acha que você pode ajudar,
Vivi. Você pode?

Conto a Rodrigo toda a
história que Rafael partilhou
comigo. Sei que é algo íntimo
que deveria manter em segredo,
mas, depois do que o meu
irmão fez por ele esta noite, não
tem
como
esconder
essa
história.

Quando
termino,

Fernanda deixa escapar um
suspiro e diz:

— Ela está apaixonada. Os
dois estão. Eles são como a Bela

e a Fera, só que ele é uma fera
nada feia. — Ela segura minha
mão, tentando me mostrar que
está comigo.

Estou
gelada
e
aflita.

Conheço muito bem minha
família, e qualquer um que
ouvisse essa história diria “Pula
fora,
é
encrenca”,
menos
Fernanda, porque ela sempre
teve
essa
personalidade
sonhadora. Não sei o que vai
acontecer quando Mila souber. E
nem quero pensar no que
Bernardo vai dizer.

— Não é muito rápido pra
você se apaixonar?

A pergunta de Rodrigo é a
mesma que martela minha
cabeça, perdida em muitas
outras. É muito rápido? É muito
cedo?

É
muito
arriscado?

Podemos mesmo medir um
tempo para nos apaixonar?

A
resposta
parece
tão
simples, mas não consigo dizer
sem usar outra pergunta.

— Você não criou um laço
assim com o Lucas?

—
É,
mas

não

tô

apaixonado. — Ele faz um sinal ao lado da cabeça como se eu estivesse maluca.

— Você entendeu.

— É, entendi. A merda da conexão da morte. É como uma ligação invisível do inferno. A gente tá conectado pela dor, e é mais fácil ficar junto. Cara, é como se ver o outro sofrendo entrasse em conflito com o que a gente sente, e querer ver o outro bem fosse maior do que querer enfrentar a própria dor.

— Rodrigo se recosta na cadeira e se espreguiça, como se o que acabou de dizer fosse uma conclusão óbvia.

— Deve ser assustador e ao mesmo tempo muito seguro se ligar a alguém de forma

irreversível porque as dores se completam, como se fizessem parte uma da outra — Fernanda divaga, juntando as mãos e entrelaçando os dedos. — É como se estivesse escrito que seria assim.

— Isso foi tão maduro. Da Fê eu já esperava, agora me surpreendi com você, Rô.

— Ué, eu sou maduro! Só tô guardando esse lado pra quando ficar mais velho. Agora é hora de ser moleque — ele imita o jeito do Rafael de falar e me faz sorrir. — Vivi, eu gosto do Rafa, de verdade. Ele é um cara bem legal por trás daquela pose toda. Sem contar que tô aprendendo técnicas infalíveis com ele. — Ele tenta aliviar o clima. — Digo que são infalíveis porque vejo que o puto aplicou

tudo direitinho em você.

— Rô, eu quero ajudar o

Rafael. Não posso desistir dele.

Abandonar ele agora seria como
desistir de mim.

— Você vai ajudar. — Ele

segura minha mão. — E eu tô

aqui pro que precisar. É claro
que vai dar merda, mas isso já é

rotina pra mim. Sempre toquei

fogo no mundo, e vai ser um

prazer ter minha irmãzinha

comigo. Bora enlouquecer a

família Villa e salvar o cara que

poderia muito bem ser um de

nós, se a gente não tivesse um

ao outro.

Abro a boca para agradecer

e ouço um gemido mais alto

vindo

da

cama.

Nós

nos

levantamos correndo e nossa
mãe abre os olhos, mergulhada
em confusão. Ela tenta mexer
os braços, e o choque que se
espalha por sua face me faz
querer dar um passo atrás, mas
Rodrigo me segura.

— Crianças, o que está
acontecendo? — Sua voz é
baixa, um pouco rouca, pelo
tempo que ficou dormindo.

Rodrigo

e

eu

nos

entreolhamos. Como contar a
nossa mãe que impedimos que
ela encontrasse a paz que
procurava?

— Você não se lembra, tia?

— Fernanda fala por nós, do
outro lado da cama.

Minha mãe aperta os olhos e
balança
a
cabeça
vagarosamente. Um pouco de
cor invade seu rosto quando nos
encara outra vez. Acho que ela
cora de vergonha.

— Podem me soltar? Estou
com sede. — Ela desvia o olhar.

É

o

máximo

que

vamos

conseguir.

— Vou chamar a enfermeira

— Fernanda diz, saindo do

quarto. Ela sabe que poderia

apertar um botão e a questão

estaria resolvida, mas o clima

no quarto assusta qualquer um.

Forço meu corpo a se mexer

e encho um copo com a água
sobre a mesinha ao lado da
cama, depois ofereço a ela, que
bebe alguns goles devagar.

Quero

gritar,

quero

chacoalhar

minha

mãe

e

perguntar se ela só desejava
dormir por mais tempo ou se
pretendia mesmo nos deixar,
mas a resposta é tão óbvia que
tenho medo de ouvir.

A enfermeira entra e dois
médicos surgem logo depois.

Não reconheço nenhum dos
dois. Esta é outra verdade sobre
hospitais: quanto mais tempo
você passa ali, mais percebe
que é difícil encontrar os

mesmos plantonistas.

Os três estão focados em

minha

mãe.

Enquanto

a

enfermeira

aplica

mais

medicação,

os

médicos

a

examinam e fazem perguntas.

São muitas perguntas. Um deles

deve ser psiquiatra.

Minha mãe parece não se

importar comigo e com Rodrigo;

é como se não significássemos

mais nada.

— A senhora vai ficar bem,

se quiser ficar — o médico mais

velho diz, anotando algo no

prontuário. — Como eu disse, a
clínica para onde queremos
transferi-la é uma das melhores
do estado, e a senhora terá
todo o acompanhamento de que
precisa. Será mais tranquilo se
for espontaneamente.

Aperto a mão de Rodrigo.

Uma longa discussão vem por
aí. Ela jamais vai aceitar ficar
presa e vigiada vinte e quatro
horas por dia.

— Pra mim tanto faz.

Quando eu vou? — minha mãe
pronuncia as palavras e nos
surpreende.

Rodrigo

e

eu

nos

entrelhamos mais uma vez,
sem entender. A resposta está

bem

ali,

em

seus

olhos

perdidos. Ela desistiu de viver,

então tanto faz ficar em casa,

em seu quarto escuro, ou em

uma clínica.

Seja lá quem for essa

mulher, não tem mais nada nela

que eu reconheça.

Sem poder lidar mais um

segundo com isso, saio do

quarto. Preciso respirar. Preciso

me segurar em alguém. Mais do

que tudo, preciso de Rafael.

Quero saber se ele está bem e

quero que ele me ajude a ficar

bem também.

E, quando fecho a porta e

olho para frente, Rafael está ali,

encostado na parede, com as

mãos no bolso da jaqueta,

olhando fixamente para mim.

Nota

* “Se eu desistir de você, desisto de mim/

Se lutarmos contra a verdade, ficaremos

juntos um dia?”

34

RAFAEL

This place needs me here to start

This place is the beat of my heart.

– R.E.M., “Oh My Heart”*

Chego

algemado

à

delegacia.

Segundo

o

policial me disse, o filho da

puta que matou minha

família

se

lembra

da

tatuagem e não do rosto. O

que não diz muito, mas ele
é um riquinho filhinho de
promotor e eu sou só um
cara qualquer.

Encosto a cabeça na
parede da cela e só consigo
pensar em Viviane. Se eu
tivesse me segurado, se não
tivesse espancado aquele
cara, se não tivesse bebido
tanto e me drogado na
madrugada passada, nós
teríamos
uma
chance.

Agora acabou.
Como ela vai reagir
quando souber? O que
minha mãe vai pensar? O
que vai ser do Lucas?

Perguntas.

Tantas

perguntas e só respostas

que me perturbam. Ainda assim, penso em cada uma delas durante as próximas horas. Vou perdendo a noção do tempo conforme ele se esvai pelo ralo, aonde vou chegar em breve.

Passo as mãos no rosto e abro os olhos. Tem um homem parado na frente da cela, olhando seriamente para mim.

É ele.

O padrinho de Viviane que vi de longe hoje no hospital.

— Vamos. Solte-o — ele diz para o policial que me encara com raiva. —

Venha, Rafael. — Seu tom é duro, diferente do jeito

simpático que observei à
tarde.

O guarda não entende
por que estou sendo solto, e
nem eu sei.

Eu me levanto, saio da
cela, o padrinho coloca a
mão em meu ombro e me
guia para fora. Assino a
papelada,

pego

meus

documentos e o celular e
pronto.

Não

tenho

a

mínima noção do que está
acontecendo.

Ele

me

acompanha e deixamos a
delegacia. Assim, sem mais

nem menos. Que porra está
acontecendo aqui?

— Tudo foi resolvido e
retiraram a queixa — ele
me

encara
enquanto

pronuncia cada palavra. —

Você tinha um álibi, e o
garoto

agredido

não

conseguiu

fazer

uma

descrição clara. Para a
polícia, você é inocente.

Para mim, teve muita sorte.

Ele recomeça a andar e
para perto de um carro.

Desliga o alarme, que
destrava as portas, e aponta
para o outro lado.

— Entra aí — ordena.

Sim, ele está mandando

mesmo. Na maior.

Não costumo aceitar

ordens,

mas

levo

em

consideração

que

estou

solto e que ele é o

responsável.

Entro sem dizer nada,

encosto a cabeça no banco

e respiro fundo. Quando o

mundo virou de ponta-

cabeça e agora sou eu o

cara que escapa da policia

por ser bem relacionado?

— Você sabe que eu

sou padrinho da Viviane?

— Sei.

— Sabe que ela é como
uma filha para mim, assim
como o irmão dela?

— Sei.

— Sabe que sei atirar?

— Troco um olhar com ele,
sem saber o que é certo
dizer, mas não demonstro
medo, até porque não estou
sentindo.

—

Vou

ser

sincero. Por mim, isso
acabaria aqui. Você iria
para um lado, ela iria para
o outro. Por mim, eu
colocaria a Viviane e o
Rodrigo em um avião para
Londres amanhã mesmo,
para pôr uma distância
segura entre vocês.

— E estaria certo. —

Pela cara dele, minha

resposta

quebrou

suas

pernas.

— Você gosta da minha

afilhada tanto assim?

Não

respondo

de

imediato. Gosto tanto que

nem sei se conseguiria

falar.

— Acho que é mais do

que só gostar.

— Acha?

— Tenho certeza. — É

uma

certeza

que

me

aquece

e

assusta,

na

mesma proporção.

— Você já conheceu a

Branca, minha filha?

— Já.

— Se ela me dissesse

que estava apaixonada por

você,

provavelmente

eu

ficaria

careca

de

preocupação,

entretanto

essa é a Branca. Sempre se

metendo em encrenca. Ela

aprende

assim.

Já

a

Viviane... O pai dela e eu

nunca cogitamos que ela
pudesse passar pelo que
está passando agora com
você. O que aliás eu ainda
não sei ao certo o que é,
mas desaprovo. Não por
você ser quem é. Não vejo
problema nenhum em ser
tatuado ou baixista.

—

Guitarrista

e

baterista — corrijo.

—

Guitarrista

e

baterista — ele repete,

levantando

uma

sobrancelha, como se o que

eu disse não mudasse nada.

Pois muda, tio. Muda sim.

— O problema não é quem

você é, mas no que está
envolvido. Sabe quem foi
seu álibi?

— Quem? — Quero
saber desde que ele tocou
no assunto. Imagino que
seja o Lucas ou talvez o
Lex.

— O Rodrigo.

— O quê? — Seria
impossível
estar
mais
surpreso.

— É, ele mentiu. Nem
por um segundo compreí a
história. Não sou um dos
melhores advogados de São
Paulo à toa. Ele mentiu e
envolveu a Viviane. Sei
que, se eu ligar para ela, ela
vai confirmar a história de
que você esteve no hospital

o tempo todo. Até a
Branca, que nem estava lá,
confirmaria. Se bobear, até
o Bernardo, lá de Londres,
diria qualquer coisa pra
acobertar você, só por
causa da Viviane e do
Rodrigo. Só pra tentar
aliviar a dor de quem já
perdeu demais. Sabe o que
isso significa?

— Sei. — Infelizmente,
saber não muda o que
sinto.

— Você vai se afastar
dos dois?

— Posso impedir o
Rodrigo de ir na minha
casa, mas não vou mentir,
não consigo me afastar da
Viviane. Eu disse pra ela
hoje que só me afasto se
ela pedir.

— Pode me garantir
que não vai envolver os dois
nos seus problemas?

Depois de tudo o que
conversei com Vivi hoje, a
resposta é clara.

— Não. Não dá pra ter
meio Rafael. Os problemas
vêm comigo. Bagagem.

— Pode me garantir
pelo menos que vai zelar
por eles, que não vai
permitir que entrem no seu
mundo? Conheço a sua
história. O Fernando puxou
sua ficha. É, puxou. Ele vai
ser bem menos tolerante do
que eu. Sei que você
perdeu familiares de uma
forma que nem imagino
perder. Entendo que tenha
se irritado contra o sistema
por não ver o garoto atrás

das grades. Contudo, agora
o sistema está quite com
você. Você não merecia
sair hoje, e está saindo
porque a Viviane e o
Rodrigo
conseguem
enxergar algo bom em você
a ponto de se arriscarem.
Por mais que eu queira te
manter afastado, a vida já
mostrou para aqueles dois
que é implacável. Eles
aprenderam a ser adultos,
e, se qualquer um de nós,
os verdadeiros adultos da
história, pressionar, eles
vão
explodir
e
simplesmente nos ignorar.
Não devia ser assim, eles
deviam

ser

crianças

protegidas pelos pais, mas o

pai deles, o Pedro, não está

mais aqui, assim como o

seu. Quando perdi meu pai,

eu tinha mais de quarenta

anos e chorei por dias. —

Sua voz fica embargada. —

A vida toda passa pela

cabeça nessa hora. São

coisas bobas a que nos

apegamos

quando

perdemos

alguém.

—

Assinto. Estou emocionado

também. — Mas antes de

partir ele me moldou, me

deixou

pronto

para

enfrentar a vida. Vocês
perderam isso. A vida bate
e
vocês
reagem
sem
preparo, às vezes de forma
catastrófica. É automático.
Eu sinto muito por você
não ter mais seu pai,
Rafael. E sinto muito que a
Viviane e o Rodrigo tenham
perdido o deles. Só não
posso permitir que você
destrua o que sobrou da
memória do Pedro. Os
filhos eram a preciosidade
dele, seu maior orgulho,
seu projeto perfeito. Ele foi
meu melhor amigo nos
últimos vinte e cinco anos,
e o mínimo que posso fazer
é proteger o que ele deixou.

— Não quero fazer mal
a eles. — Passo a mão
pelos cabelos, incomodado
por não saber se não querer
basta e se vou conseguir
evitar que eles sofram.

— Então me dê a sua
palavra.

— De quê?

— Se perceber que é
um risco para eles, você vai
se afastar.

— Eu sou um risco —
não tenho coragem de olhar
para ele —, mas quero
deixar de ser.

Sinto seu olhar em mim
e me viro para ele. Deixo
que me veja como sou.

Rafael, o cara que ferrou
com quase tudo, mas que
quer muito acertar.

—

Não

posso

te

prometer nada, porque não

sei o que vai acontecer.

Tentei me afastar dela, mas

tudo o que eu consegui foi

me aproximar mais.

— Talvez você se torne

pai um dia, Rafael. Ai vai

entender que, quando os

filhos

deixam

de

ser

crianças e começam a

percorrer

caminhos

turbulentos, nossa vida se

transforma em um caos

diário.

Reconheço

seu

desejo de mudar, mas não
sou ingênuo. Vou observar
vocês de perto e interceder
se achar necessário.

— É justo. Obrigado
pelo que você fez antes e
por agora.

Ele assente, não diz
mais nada e dá partida.

Fico calado. Se o avô
puxou minha ficha, ele tem
meu endereço. Observo a
madrugada

pela

janela,

querendo chegar logo ao

hospital

para

encontrar

Viviane. Depois de tudo
isso, só preciso estar com
ela.

Não reflito muito sobre



as palavras do padrinho. Se eu fizer isso, vou ser obrigado a me afastar de Viviane. É o certo a fazer, mas não consigo. Ainda sou o cara que faz tudo errado. E como resistir quando o errado é ficar com ela? Surpreendentemente, Túlio não me deixa em casa. Ele estaciona em frente ao hospital, destrava as portas do carro e diz:

— Vá cuidar da Vivi.

— Abro a porta e estou quase saindo quando ouço:

— Não me lembro se já falei isso, mas você sabe que eu sei atirar?

— Sei. — Eu contenho um sorriso. Ele é um cara

legal, não dá para negar.

Talvez se eu tivesse alguém como ele, não estaria nessa merda. — Obrigado outra vez.

Corro para o hospital.

Ao

me

aproximar

do

quarto, dois médicos e uma enfermeira entram, então paro e me encosto na parede, esperando.

Quando Viviane abre a porta, sua aparência triste invade todo o corredor. Ela me vê, aperta os lábios e corre para mim. Posso me acostumar com abrir os braços e depois fechar, mantendo-a comigo.

— Minha mãe acordou.

Ela está bem, segundo os
médicos, mas não sei como
aquilo pode ser considerado
“estar
bem”

—

ela
murmura,
sem
tirar
a
cabeça do meu peito. Aí
acho que se dá conta de
onde eu estava, porque se
afasta e tira uma mecha de
cabelo do meu rosto. —

Você está bem?

— Estou. Seu padrinho
cuidou de tudo.

A porta do quarto se
abre e Rodrigo sai. Parece
preocupado. Solto Viviane
e me aproximo dele.

— Moleque! — Dou
um tapa em sua cabeça e
ele me olha assustado,
depois o abraço. — Nunca
mais se envolva nas minhas
coisas.

Obrigado,
de
verdade, mas não quero
que arrume problemas.

—

Problemas onde,
mané?

Tava
tudo
sob
controle.

Tudo
perfeitamente calculado. —
Ele passa a mão na cabeça
e sorri. — Você tá bem,
Vivi? O psiquiatra disse que
a mãe pode ser transferida

para a clínica à tarde. Ela já
está sonolenta outra vez.

Quer se despedir antes de
ir?

— Não sei se devo ir
embora.

— Você vai, sim. Nós
combinamos. Vai, dorme
um pouco e depois volta.

Eu vou ligar para o vô mais
tarde e ver se já tá tudo
certo com a clínica pra
transferência.

Viviane

concorda

e

entra para se despedir da
mãe. Sai pouco depois com

lágrimas

nos

olhos

e

carregando uma mochila.

Eu a abraço outra vez.

—

Minha

tia

vem

buscar a Fê daqui a pouco.

Acho que vou dormir lá.

Não quero voltar pra casa.

Depois de tudo o que

passamos hoje, não estou

pronto para deixar Viviane

ir, então, sem pensar muito,

digo:

— Quer ir pra minha

casa?

— Quero.

Sorrio, porque adoro



suas respostas imediatas.

— Avisa seu irmão e

vamos. Estou sem moto,

então vamos de táxi. Nada

muito diferente do que você

está

acostumada

—

provoco,

tocando

seu

queixo.

—

Idiota

—

ela

murmura. Já estou cansado

de resistir e roubo um beijo.

Quando abro a porta do

meu apartamento, Lucas,

como

sempre,

está

desmaiado no sofá. Não

deve acordar tão cedo,

considerando

que

só

dormiu quando soube que

eu tinha saído da cadeia.

Coloco o dedo nos

lábios para que Viviane não

faça barulho e a guio até o

quarto.

Seus

olhos

percorrem tudo e às vezes

se voltam para mim. Acho

que

ela

analisa

as

semelhanças entre mim e a

decoração.

No quarto, a guitarra

chama

sua

atenção

imediatamente. Ela estica a

mão

depois

recolhe,

hesitando. Então caminha

para perto de mim.

— Você está bem?

— Tô sim.

— Na delegacia... Eles

machucaram você? — Ela

segura a borda da minha

camiseta.

— Não. Você ficou

assustada quando soube o

que tinha acontecido?

— Muito.

— Desculpa. E eu não

queria que o seu irmão

tivesse

envolvido

vocês

também.

— Era o único jeito. —

Uma tristeza passa por seus

olhos. Ela se preocupa com

Rodrigo e sua intromissão.

— Mesmo assim.

— Rafa, você acha que
pode ficar longe de brigas?

—

Ela envolve minha
cintura e deita a cabeça em
meu peito.

— Eu não brigo tanto
assim. Foram só duas esse
ano, e com o mesmo cara.

— Você brigou com
aqueles caras na outra noite
pra me defender.

— Ah, mas aí não foi
minha culpa — sorrio,
tocando seu rosto. — Tudo
bem, então foram quatro e
meia esse ano.

— Você sabe que
estamos em fevereiro ainda,
né? — Ela se afasta, um
pouco zangada. — Não

queremos essa proporção,
queremos? — ela imita o
tom de uma professora de
escola, e a imagino de
uniforme. Inclino a cabeça
e tento, inutilmente, não
sorrir para ela. — É sério.

— Eu sei. Sem brigas.

— E, depois que a
minha mãe for internada,
conversamos sobre o resto.

— Tudo bem.

No táxi, ela me disse
que queria tomar um banho
quando chegasse, então
abro o guarda-roupa e pego
uma toalha limpa. Mostro
onde é o banheiro e a
espero na cozinha. Estou
preparando dois lanches na
sanduicheira quando ouço
o chuveiro ser desligado.

Sirvo

dois

copos

de

refrigerante. Bebo um gole.

Viviane

aparece

na

cozinha e preciso segurar

uma gargalhada quando a

vejo usando um pijama

felpudo rosa e branco,

cheio de ursinhos e pôneis

coloridos. Ela cruza os

braços.

—

Vou

matar

o

Rodrigo. Tenho milhões na

gaveta. Milhões! — ela diz

e, quando me vê rindo,

percebe que ter milhões de

pijamas só a faz mais

patricinha do que estar com
esse,
então
fica
mais
vermelha. — Minha vó me
deu
esse
pijama.
É
quentinho.
— Você está bonita —
digo, fazendo-a descruzar
os braços. — É a primeira
menininha por quem me
apaixono. — Dou um beijo
rápido em seus lábios e vou
para o banheiro, pensando
no que deixei escapar.
Acho que Viviane se
surpreendeu
com
a

confissão tanto quanto eu,
porque nem me xingou pelo
“menininha”.

Sei

que

conversamos abertamente
antes de eu ir trabalhar e
acabar sendo preso, mas
uma metáfora não é o
mesmo que dizer assim de
forma tão direta. Foi tão
impactante que esqueci de
comer meu lanche.

Ligo o chuveiro e é

impossível não pensar em

Viviane nua aqui, poucos

minutos atrás. No espelho,

vejo meu reflexo, mas é ela

que

habita

meus

pensamentos.

Balanço a cabeça, com

um

sorriso

frustrado.

Incrivelmente não foi para

transar que eu a trouxe até

minha casa. Só quero

cuidar dela e impedir que

fique triste sozinha.

Termino o banho, me

seco e me enrolo em uma

toalha.

Não

fiz

de

propósito. Tenho o costume

de me trocar no quarto,

mas sinto um calafrio ao

imaginar a reação dela.

Estou perdido. Perdido!

Perdido!

Quando entro no quarto

e tranco a porta, Viviane

está olhando os livros que

tenho em uma prateleira. A
maioria é biografia de
artistas que admiro, e tem
alguns do Stephen King.

Ela se vira devagar e
arregala os olhos ao me ver
de toalha, depois pega um
livro aleatório e abre.

Estou mexendo numa
gaveta, de costas para
Viviane, quando deixo a
toalha cair e visto a cueca.

Quando me movo, percebo
que ela está olhando para
mim. Ela suspira.

— Será que eu não
devia ter ido dormir na Fê?

— Não. — Tiro a
colcha da cama, estendo
um cobertor e arrumo os
travesseiros. — Você vai
dormir aqui, comigo. —

Deito na cama e dou dois

tapinhas no colchão. —

Vem cá.

Viviane demonstra uma
hesitação que não conheço.

Quase como se não fosse
ela.

— Rafa... — Ela se
senta a meu lado, e, antes
que continue, puxo seu
corpo

e

nos

cubro,

mantendo-a de costas para
mim. Sinto sua tensão.

Acho que sei o que está
acontecendo.

— Tá tudo bem, Vivi.

Tudo bem — sussurro em
seu

ouvido,

enquanto

acaricio seu braço.

Não estamos fazendo
nada e mesmo assim nunca
estive tão envolvido com
uma mulher. Ela segura
minha mão e a leva até seus
lábios, beijando-a de leve.

— Te quero muito,

Rafa.

Putá merda! Que ela
não sinta a minha ereção.
Será que consigo falar sem
demonstrar o que está
acontecendo?

— Também te quero
muito,

Vivi.

Até
me
assusta. E sei o que você
quer me dizer.

— Sabe?

— Sim. Não vai ser
hoje.

Ela beija a palma da
minha mão agora. Puta que
pariu! Puta que pariu! Puta
que pariu!

— Com a minha mãe
nessa situação, eu não vou
conseguir... — Ela vira o
corpo para mim. Agora eu
vou morrer! — ... estar
completamente
aqui.

E
você merece que eu esteja
inteira. Ainda mais depois
do que você passou. — Ela
desliza os dedos pelo meu
peito. Quem foi o corno
que teve a ideia de dormir
só de cueca? Ai, caralho!
Estou pagando por todos os
corações que parti.

— Eu não vou tentar
nada, Vivi. Quando te

convidei, já sabia que a
gente só ia dormir junto.

— Você já “só dormiu”
com alguém antes? — Seu
meio-sorriso me encanta.

— Não. E tô quase
morrendo aqui, porque o
meu pau é um filho da puta
miserável que não me
respeita.

Mas
vou
sobreviver.

Ela gargalha, a primeira
gargalhada que a vejo dar
desde que a mãe foi
internada. Ganhei o dia,
apesar da festa rolando no
meio das minhas pernas,
que não vai me deixar
dormir tão cedo.

Quero
desesperadamente

beijar

Viviane. Pelo menos isso...

Ah, Deus, só me dá isso.

— Eu estou usando um
pijama de menininha — ela
zomba.

— E eu tô com medo

do

que

vai

acontecer

quando eu te pegar pelada.

Deslizo a mão por sua

cintura e a puxo mais para

perto. Já era. Ela sente.

— Rafa — ela diz bem

baixinho —, você sabe que

está me cutucando, né?

— Ah, menina, não

provoca!

Ela

ri

mais,

aconchegando-se a mim.

— Desculpa.

— Não.

— Não?

— Acho que depois
dessa vou ter que te beijar.

— É justo. Mas você
vai conseguir se controlar?

—

Gata,

já

tô

descontrolado

desde

o

banho. — Toco sua nuca,
encosto os lábios nos dela e
murmuro: — Mas eu dou
conta do tranco. Por você,
dou conta de qualquer
coisa.

Sem resistir mais, eu a
beijo. O mais profundo que

consigo chegar, o mais
demorado
que
minha
sanidade permite, o mais
intenso que posso aguentar.
Então a solto com
delicadeza. Ela se ajeita
perto de mim e me abraça,
e faço o mesmo.

—

Agora
dorme,
princesa.

— Princesa?

— Tô tentando pensar
em
você
como
uma
princesa encantada, pra ver
se meu pau dorme. Um
príncipe

saberia

se

comportar numa situação

tensa dessas.

— Está funcionando?

—

A

Chapeuzinho

Vermelho é uma princesa?

— Não, acho que não.

— Então ferrou, porque

só penso em te comer.

—

O

Lobo

Mau

também não é um príncipe,

seu tonto.

Rimos. Apesar de todas

as

coisas

que

têm

acontecido em nossa vida,
tudo o que conseguimos
fazer é rir. Ela boceja,
relaxada.

Seus
olhos
começam
a
pesar.

Consegui o que queria:
cuidar de Viviane.

E agora, enquanto ela
ressona baixinho, sou o
cara mais feliz do mundo.

Sexualmente frustrado e
com uma puta dor no saco,
mas feliz.

Nota

* “Este lugar precisa de mim aqui para
começar/ Este lugar é a batida do meu
coração.”

What if I fall and hurt myself
Would you know how to fix me?
What if I went and lost myself
Would you know where to find
me?
If I forgot who I am
Would you, please, remind me?
Oh, 'cause without you things go
hazy.

— William Fitzsimmons feat. Rosi

Golan, “Hazy”*

Ouço batidas ao longe e abro os
olhos
devagar.
Estou
tão
grudada em Rafael que não
consigo imaginar como ele
resistiu a noite inteira. Pelo sol
que bate na janela, estamos no
meio da tarde. Tento me mexer,
mas seu braço me prende. Ele
desperta e sorri para mim,

mexendo a mão enquanto meu
coração dispara loucamente.

— Rafa, sua mão está dentro
da minha calça. — Estou sem
jeito e ao mesmo tempo
excitada. Hora mais imprópria,
impossível.

— Ai, caralho! — Ele tira a
mão rapidamente e aperta o
cobertor. — Puta que pariu,
caralho! — Sua voz está ainda
mais rouca, e ele ri. Está na
cara que teve outra ereção.

Realmente tem sido uma prova
de fogo.

Minha mãe vem logo em
meus

pensamentos

e

me

levanto, destranco a porta e

saio para me arrumar no

banheiro. Passo por Lucas, que

arregala os olhos e segura um sorriso, surpreso por me ver.

— O Rodrigo pediu pra te avisar que seu avô tá indo pro hospital. Sua mãe vai ser transferida daqui a duas horas. Se ele sabia que eu estava aqui, por que a risadinha? Ah, o pijama.

— Obrigada, Lucas. Vou me arrumar rápido e chamar um táxi.

— Táxi pra quê? Eu voltei com a moto do Rafa ontem. Ele te leva. Né, Rafa? — ele grita para que o primo escute.

O
que
se
prova
desnecessário, já que Rafa aparece na sala segurando uma camiseta na altura do quadril. É

inútil. Se posso ver o volume,

Lucas também pode.

— Ah, foda-se! — Rafael

joga a camiseta de volta para o

quarto. — Levo sim. — Só

preciso de um banho gelado ou

não rola subir na moto. — Vai

logo pro banheiro, gata. Tô na

contagem regressiva pra chegar

a um ponto em que não

respondo mais por mim.

Fecho a porta do banheiro,

bem a tempo de ouvir Lucas

dizendo:

—

Cara,

nunca

pensei.

Nunca pensei!

— Cala a boca, moleque! —

Rafa

responde

e

eu

rio,

enquanto me arrumo para ver
minha mãe.

Meu sorriso desvanece um
pouco. Fecho os olhos e respiro
fundo. Queria entender por que
às vezes, mesmo tendo a mente
aberta e cheia de esperança, é
tão difícil dar risada sem que
outros problemas venham e a



levem embora.

Outra surpresinha de Rodrigo é
que não tinha saia na mochila,
só uma calça jeans. Então entro
no hospital usando calça pela
primeira vez em meses e uma
blusa de frio azul-marinho com
capuz da Hollister. Se minha
mãe já me olhava de um jeito
estranho, agora é que não vai

me reconhecer mesmo. Nem
está tão frio — o dia foi
relativamente
quente,
mas
menos do que deveria para o
verão.

Rafael já checkou minha
bunda duas vezes, pelo menos
que eu tenha visto.

— Você fica bem de calça —
ele diz, enquanto espera o
comprovante
do

estacionamento. — Muito bem.

Não que fique mal de saia. Sei
lá, você fica bem até de pijama
felpudo.

— Não sou muito fã de
calças.

— Nunca usa?

— Às vezes, no inverno,
porque sou obrigada. Às vezes.

Saias são mais... sabe? —

pergunto em vez de completar.

— Ah, sei sim. — Seu tom de voz é tão baixo que me arrepia.

Quando caminhamos para o hospital, novamente o medo me aflige. Estou odiando essa montanha-russa de emoções.

Rafael estende a mão para mim, me puxa para ele e me envolve pelos ombros.

— Ela vai ficar bem, Vivi. Tá

longe

de

ser

um

caso

irreversível. Fica tranquila. O

pior já passou.

Como o tempo esfriou um

pouco,

ele

também

está

vestindo um moletom com
capuz. A ironia é que, nele, o
caimento é supersexy. Sua mão
descansa sobre meu ombro de
forma natural, como se ali fosse
o seu lugar. É como se a gente
se conhecesse há muito tempo.
É assim, como se tivesse de ser.
Vestidos assim, não destoamos
tanto fisicamente, mas gosto do
nosso
contraste,
gosto
de
sermos
diferentes
e
nos
querermos desse jeito maluco.
Infelizmente,
meu
sentimento não é o mesmo de

meu avô, que caminha em
nossa direção com o dedo em
riste logo que nos vê.

—
Onde

você

estava,

mocinha? — ele pergunta.

Rodrigo vem correndo atrás
dele, temendo pelo que pode
acontecer. Eu me preocupo
porque não sei quanto ele sabe
sobre a última madrugada.

— Dormindo. — Sei que é a
pior resposta que posso dar,
mas preciso ganhar tempo.

— Onde? — Ele não se
abala.

Rodrigo está bem próximo e
balança a cabeça atrás do vovô.

Acho que quer dizer que tio
Túlio não contou nada. Espero
que seja isso.

— Na casa do Rafael.

— Cojones! — ele pragueja em espanhol. Dou um passo atrás. Vovô só chega a esse nível quando está à beira de explodir. Ele considera falta de respeito falar em sua língua nativa com pessoas que não a entendem.

—

Sua

mãe

internada e você por aí, com o

namorado

mais

impróprio

possível? Estou decepcionado.

Nunca pensei que você me

decepcionaria assim.

Rafael solta meu ombro,

desliza a mão pelas minhas

costas e segura minha mão.

— Não precisa se estressar

— ele se intromete. — A Viviane precisava de um lugar onde se sentisse confortável, e esse lugar era comigo.

Meu avô empalidece, depois enrubesce. Sua respiração está pesada.

— Vô, quero ver minha mãe — digo e tento andar, mas ele está bloqueando o caminho.

Rafael também não faz questão de se mover.

Não é possível que esses dois vão disputar quem é o macho alfa no meio do corredor.

— Exijo que você se afaste da minha neta. — Então vai ser no modo espanhol mesmo, delicado como um rinoceronte disparando pela mata. — Já deve ter conseguido o que queria.

— Vô! — Rodrigo e eu

dizemos juntos.

— Limite, v^o, sabe? Um

ponto

que

n^o

deve

ser

ultrapassado, entendeu? Voc^ê

passou. Se controla a^í —

Rodrigo tenta interceder, mas

meu

av^o

est^á

de

braços

cruzados, encarando Rafael.

O olhar dos dois est^á

conectado, e cada um cont^{ém} a

fúria a seu modo. Rodrigo e eu

tamb^{ém} nos entreolhamos. N^o

adianta falar nada. ^É entre os

dois.

— A Viviane n^o ^é um objeto

que eu uso e depois dispenso —
Rafael diz, e não tem como não
deixar escapar um sorriso,
porque sei que dispensar era o
que ele fazia até a gente se
conhecer. — Se ela me quiser, é
aqui que eu vou ficar.

Meu avô estreita apenas um
dos olhos. Sinal de que se
impressionou com o que Rafael
disse, mas todos sabemos que
não vai ser assim tão fácil.

— Você sabe que não é bom
para ela — vovô confronta.

— Posso ser bom, por ela —
Rafael rebate.

— Sou contra.

— Ela já é bem grandinha.

— Viviane vai honrar a
família.

— Chega! — digo, pondo fim
na discussão, ainda que não
seja definitivo. — Quero ver

minha mãe.

Solto a mão de Rafael, para
que perceba que vou com ou
sem ele, mas ele me segura
outra vez e me segue.

À porta do quarto, não sei o
que fazer. A minha mãe... A
minha mãe de antes piraria se
visse Rafael. E ela está doente.

— Vou ficar aqui fora — ele
diz, sem que eu precise me
decidir.

Entro. Vovô e Rodrigo vêm
logo atrás de mim.

— A gente só estava
esperando você chegar, Vivi —

Rodrigo

diz,

quando

me

aproximo de minha mãe e lhe
dou um beijo no rosto. — Acabei
de assinar a transferência.

— Oi, mãe. Como está se sentindo? — A única diferença que vejo é que ela está menos pálida.

— Se ela estivesse se sentindo bem, não estaria internada, Viviane. — Meu avô odeia perguntas óbvias. Aí juntou o fato de estar zangado comigo e me deu essa.

Ignoro, e minha mãe só assente.

Antigamente,

ela

brigaria com vovô, que agora tem lágrimas nos olhos. Não sei se causei isso ou se ele está decepcionado pela falta de reação de minha mãe. Vovô tem muitas expectativas

e

se

decepciona bastante.

O clima fica estranho. Nem

Rodrigo consegue aliviar a

tensão.

A porta se abre de repente.

É um dos médicos.

— Hora de ir.



Eu me surpreendo quando
chegamos à clínica. É tudo
menos um lugar triste e sem
vida. Tem verde por todos os
lados. Animais e muita cor.

Seguro o braço de Rodrigo,

já

que

Rafael

não

nos

acompanhou, porque precisava

trabalhar. Meu irmão e eu nos

amparamos

mutuamente.

Amamos vovô e gostaríamos

muito de nos abrir com ele

sobre tudo, mas ele é de outra

época. Não sei se é capaz de

perceber

que

podemos

e

devemos

escolher

nossos

próprios caminhos.

Vovô caminha sozinho ao

lado do funcionário que nos

apresenta o lugar. Minha avó

ficou muito nervosa ontem e sua

pressão subiu, então ela está

em casa. Liguei para ela

enquanto vínhamos para cá.

Quer

falar

comigo

pessoalmente. Já sei o assunto
e não tenho certeza se quero
ouvir mais uma recriminação.

Levaram minha mãe no
momento em que entramos. O
funcionário avisa que vai nos
mostrar o quarto dela para que
a gente possa se despedir.

Ela já está deitada na cama
grande. Fico mais aliviada ao
ver que o quarto reflete o
exterior da clínica. Minha mãe
não vai ficar em uma prisão. O
lugar é bem parecido com os
spas
que
frequentávamos
quando papai era vivo. Sei que
pensar assim é querer camuflar
o
que
realmente
está

acontecendo.

Segundo

os

médicos, ela vai ficar aqui um
mês — uma semana a mais do
que esperávamos. Só vai poder
receber visitas uma vez por
semana, e apenas depois que
completar

dez

dias

de

internação.

Não gosto disso. Não gosto
nada disso, mas uma paz
envolve esse lugar. Algo que
não sei explicar. Acredito que
ela vai sair dessa e voltar a ser
nossa mãe.

Não tem muito o que dizer,
já que ela age como se não
estivéssemos por perto. Os
médicos nos garantiram que

com o tratamento ela vai
melhorar, então é nisso que me



apego.

Se eu esperar um mês, ela
vai voltar para mim.

A clínica fica no interior de São

Paulo,

e,

à

medida

que

caminhamos

até

o

carro,

percebo que vou ter que

enfrentar duas horas na estrada

com vovô. Ele veio calado,

provavelmente preocupado com

a internação da minha mãe. Não

sei como vai ser agora que ela

já está instalada.

Eu me sento no banco de
trás e olho para o céu estrelado,
então escuto:

— Não quero que você veja
mais aquele delinquente. — Meu
vô dá partida no carro e na
conversa.

— Vô, por favor, para de
falar do Rafael assim. Ele não é
delinquente

—
defendo-o,
cruzando
os
braços.

Essa
viagem promete.

Rodrigo me lança um olhar
do banco da frente e tenta
ajudar:

— Ele é um cara legal, vô.
Com muitas perdas, como a

gente. Não é bacana você falar sem saber.

— Sei o suficiente. Ele é má influência, e vocês não vão mais vê-lo.

— Como é que é? — Minha voz sai até estridente. Rodrigo nem se altera, porque faz o que quer desde que tinha uns dois anos.

— É isso mesmo que ouviram.

— Desculpa, vô, mas não é da sua conta com quem a gente anda — Rodrigo fala firme, o que me faz lembrar de nosso pai. — Não vai rolar repressão a essa altura.

— Está vendo? — vovô diz tranquilamente. — Você nunca me tratou assim,

Rodrigo.

Mesmo quando apronta, e não é

pouco,

você

nunca

me

respondeu assim antes.

— Porque você nunca tratou

a minha irmã assim. Sério, vô,

não vou admitir. Nosso pai se

foi. O homem da casa agora sou

eu, não você. Crianças ou não,

quem encontrou a nossa mãe

desmaiada por overdose fomos

nós dois. Quem tem que lidar

com isso somos nós. Não dá pra

ser adultos como a vida obrigou

a gente a ser e crianças só

quando você quer.

— Eu já disse isso pra ele,

Rô. Mas ele simplesmente não

me escuta!

A paisagem passa por nós e

tudo o que importa é a guerra
que se instaurou no carro. Sei
que não tem como terminar
essa conversa sem ninguém se
machucar. O vovô não vai ceder.
Ele inspira ruidosamente e
recomeça:

— Vocês dois podem se
rebelar como as crianças que
são, mas a palavra final é
minha.

Vocês
têm
apenas
dezoito anos.

— Vou fazer dezenove daqui
a uma semana. Nenhum de nós
é criança — retruco.

— Nem um ano de idade
separa
vocês
dois.

Duas

crianças — ele zomba.

Eu o interrompo:

— Vou ver o Rafael com ou sem o seu consentimento.

Vovô fica tão zangado que o carro derrapa na curva. Está garoando

e

a

pista

está

molhada.

— Chega! — Sua voz é estrondosa como um trovão. —

Em casa a gente conversa. Não vou arriscar a vida de vocês e não consigo me controlar com os dois se comportando assim.

Seguimos sem dar mais um pio. Minha respiração está acelerada

e

minhas

mãos

tremendo. Sei o que meu avô

vai decidir e não vou aceitar.

Mando um SMS para Rodrigo:

Se eu for embora, como vc fica?

Não quero te deixar sozinho

A resposta chega rápido.

Vou p tio Túlio. Relaxa q me viro.

N vou ficar sozinho

Vai ser hoje. Logo que

chegarmos. Se prepara. Carro, não

moto

Ok

Ok

— Parem com isso — vovô

ordena, conhecendo nosso velho

costume. Então ficamos calados

até chegar em casa.

Os seguranças abrem a

porta da garagem e desço

correndo, decidida, enquanto o

ouço me chamar.

— Viviane, essa aventura

termina aqui! Você está proibida de ver esse garoto. — Paro no começo da escada e me viro para ele. — Tentei conversar e você não me escutou. Se não for por bem, vai ser por mal. Se ousar me desobedecer, vou cortar a mesada que o seu pai sempre te deu e bloquear todos os seus cartões. Não vou pagar nem a faculdade. A família deve vir em primeiro lugar sempre. Se optar por esse rapaz, você vai ficar sem nós.

Não posso dizer que estou em choque, porque já esperava.

— Você vai me obrigar a escolher?

— Não tem o que escolher.

Família sempre.

Penso em minha mãe. Ela poderia resolver tudo isso se estivesse

aqui.

Acho

que

também sentiria medo de me
deixar com Rafael, mas pelo
menos daria uma chance a ele.

— Minha mãe vai voltar
daqui a um mês.

— Sim, mas quem vai
controlar o dinheiro ainda serei
eu.

Ainda

mais

com

os

problemas que ela vem tendo.

— Ela não vai admitir isso.

Nem o tio Túlio.

— Isso é o que veremos. Por
enquanto é isso. Você fica sem
ver esse rapaz enquanto sua
mãe estiver longe. Até lá, ele já
vai

ter

arrumado

outra

menininha rica pra ocupar o
tempo dele e esquecido você.

É o que basta. Corro para o
quarto e tranco a porta. Ele não
vem atrás de mim. Entendeu
errado. Acha que me chocou e
que vou desistir de Rafael.

Pego uma mala em cima do
armário e começo a colocar as
roupas. Sei que não vão ser
suficientes, mas são o máximo
que posso levar agora. Fecho a
mala.

Mando

um SMS para

Rodrigo dizendo que vou sair
nos próximos minutos.

Esfriou mais hoje, então
pego um casaco quentinho e
jogo por cima do que estou

vestindo. Quando vou ajeitar a
roupa, enfio a mão no bolso do
moletom e sinto um papel. Pego
e abro. É uma carta de Rafael.
Fico pensando quando ele a
colocou no meu bolso e sei o
momento — foi quando nos
beijamos rapidamente atrás de
uma das colunas do hospital,
antes que ele fosse embora
para trabalhar. Reconheço o
logotipo do hospital. Ele deve
ter
conseguido
papel
na
recepção e escrito enquanto eu
estava no quarto da minha mãe.
Vivi, Não sou muito bom nisso
de escrever. Sou bom em
compor músicas, mas não sei
quanto tempo tenho para
tentar.

Escrevo porque quero que
tenha algo meu. Algo pessoal.
Além de nós mesmos, temos
pouco um do outro. Então aqui
vão minhas palavras:

Sou um cara quebrado,
Vivi. O mais quebrado que
você já conheceu, o mais
quebrado que vai conhecer.

Vamos encontrar muitos
problemas pela frente se você
decidir ficar comigo, e quem
vai sofrer as maiores perdas
vai ser você.

Eu só tenho a ganhar,
mas você não.

Não pense que vou
banciar o príncipe encantado
do cavalo branco e desistir da
garota só porque não sou
bom o suficiente. Não vou e
não sou. Sou o puto do cavalo
negro, como naquela música

do Pearl Jam, “Hold On”.

Quero melhorar. Quero
como nunca quis, e é por
você. As cartas estão na mesa.

Não vou pressionar. Se
vier, te quero inteira. Venha
como é, com seus pijamas
felpudos, blusinhas rosa,
saias curtas e músicas ruins
(haha!). Gata, por você escuto
até Britney. Morrendo, mas
escuto.

Você sabe onde me
encontrar. Vou estar
esperando.

Porra! Acho que vou
estar sempre te esperando.

“Through the storm we
reach the shore
You gave it al but I want
more And I’m waiting for
you.” **

Rafa,

O cara durão que se apaixonou

pela menininha

Já

estou

contendo

as

lágrimas quando leio o trecho

da música “With or Without

You”, do U2. Com ou sem você.

Não tenho dúvida.

— Com você, Rafa. Sempre

com

você

—

murmuro,

destrancando a porta, depois de

deixar meus cartões e talões de

cheque bem à vista, sobre a

escrivadinha.

Não vejo meu avô em lugar

nenhum, nem seu carro.

— Ele foi embora, acredita?

— Rodrigo passa por mim com

uma mochila e pega minha mala. — Simplesmente foi embora, achando que a gente ia



obedecer.

— Será que ele vai aguentar quando descobrir? — Por mais que ele seja irracional, eu o amo e não quero que tenha um infarto.

— Vai sim. — Rodrigo destrava as portas do carro e eu entro. — Ele é durão. Vai ficar puto e realmente cancelar o dinheiro, mas vai sobreviver.

Lucas abre a porta já com uma mochila nas costas e me dá um beijo no rosto.

Rodrigo e eu fizemos uma parada para jantar. Com o dinheiro dele, aliás. Não sei se vovô vai cancelar os cartões

dele também. Espero que não.

Não quero prejudicar mais ainda
meu irmão.

— Aonde você vai, Lucas? —
pergunto.

— Vou passar a noite no

Lex. Vou ficar com o Rodrigo por
aí até o bar fechar — ele
responde sorrindo. — Não falei
pro Rafa que você vinha. Vai ser
legal ele chegar e te ver, né?

— Ah, Lucas, aqui é a sua
casa, não a minha. Não quero
que você saia. Ainda nem sei
como as coisas vão ficar —
insisto, me sentindo mal.

— Relaxa. Vocês vão ter que
me aturar morando aqui. Só vou
ficar fora uns dois dias, depois
eu volto. — Ele faz que vai sair,
então volta e me dá um abraço.

— Ei, cara, olha a mão boba
aí! — Rodrigo brinca atrás dele.

— Vai à merda! Quando eu cheguei aqui, o Rafa falou que o que era dele era meu — ele provoca, apesar de não estar com a mão em nenhum lugar além das minhas costas. —

Vivi... Posso te chamar de Vivi?

— ele pergunta sorrindo, e eu assinto. Lucas é encantador. —

Acho que vai dar muito certo, sabia? Acho que você pode salvar o meu primo. Tô tão feliz!

Eles saem e tranco a porta, um pouco apreensiva. E se eu não conseguir salvar o Rafa? As esperanças de todos estão em mim. Não quero me desesperar, então afasto o pensamento.

Faltam umas duas horas para o Rafa chegar. Levo minha mala para o quarto dele e coloco ao lado da mochila que deixei ali à tarde. Um medo

irracional me toma. Será que eu não deveria ter falado com ele antes? Uma coisa é ficarmos juntos, outra é eu chegar aqui de mala. Bem, posso ir para o tio Túlio. Não preciso ficar aqui definitivamente. Vou conversar com o Rafael sobre as alternativas.

Abro a mala e tiro meu babydoll. É, lembrei de pegar um no meio de toda a confusão. Sei que não era necessário, mas abri a gaveta de pijamas e lá estava ele. Presente da Branca, que tem uma noção

de

sensualidade bem diferente da

vovó.

Respondo

os SMSs

das

minhas amigas sem contar o

que fiz. Prefiro falar com elas

depois.

Vou para o banho. Estou tão

ansiosa que meu estômago

parece dar cambalhotas. Lavo

os cabelos e seco com secador.

Visto o babydoll supersexy e

congelou. Meu Deus, como está

frio!

De jeito nenhum vou colocar

o pijama felpudo. Depois de

dormir comigo sem tentar nada,

Rafael merece me ver assim.

Dou alguns pulinhos pelo

quarto. Ai, não vai dar. Que frio!

Acho que meu avô invocou o El

Niño só de pirraça. É verão, não
deveria estar tão frio, meu
Deus.

Para não trocar de roupa,
deito na cama e me cubro.

Apoio a cabeça no travesseiro
do Rafa e seu perfume me
envolve.

A temperatura começa a
subir e já não sinto tanto frio.

Bocejo.

Só preciso esperar mais um
pouco e ele vai chegar.

Só mais um pouco...

Notas

* “E se eu cair e me machucar/ Você
saberia como me consertar?/ E se eu saísse
e me perdesse/ Você saberia onde me
encontrar?/ Se eu esquecesse quem sou/
Você poderia, por favor, me lembrar?/ Ah,
porque sem você as coisas ficam
nebulosas.”

** “Através da tempestade alcançamos a

costa/ Você ofereceu tudo, mas eu quero

mais/ E eu estou esperando por você.”

36

RAFAEL

In this time, are we loving

Or do we sit here wondering

Why this world isn't turning

around

It's now or never.

— Three Days Grace, “Now or Never”^{9*}

Saio do elevador e bocejo.

Estou

cansado

e

preocupado.

Viviane não me ligou

nem mandou mensagem

depois que foi levar a mãe

para a clínica. Como eu

disse na carta, não vou

procurá-la. Está nas mãos

dela agora. Vou sofrer feito

o diabo, mas vou entender

se ela quiser respeitar a
vontade

do

avô.

Uma

merda que vou entender,
vou ficar puto, mas meu
orgulho vai me fazer ficar
quieto.

Talvez quando a mãe
melhorar ela me ligue. Ou
posso burlar minhas regras
e eu mesmo ligar? Onde foi
parar o tal do orgulho? Ah,
sou um idiota apaixonado,
oficialmente.

Destranco a porta do
apartamento. Tudo escuro.

Acendo a luz do corredor
para ver se Lucas está
dormindo, mas nada. Cadê
aquele moleque?

Deixo o capacete na

mesinha e vou para o
quarto.

A
porta
está

entreaberta e a luz acesa.

Vou matar o Lucas por sair
e deixar a luz acesa outra
vez. Ou será que ele está
no meu quarto, mexendo
no que não deve?

Abro a porta devagar e
a vejo toda encolhida na
cama.

Os
cabelos
castanhos
estão
esparramados

no
meu
travesseiro. Tem uma mala
lilás bem grande no canto.

O

sorriso

mais

idiota

possível surge em meus

lábios, enquanto me movo

devagar para não acordá-la.

Dou a volta na cama,

me agacho e apoio os

braços perto dela. Sua

respiração está tranquila,

ela dorme como um bebê.

Passo as mãos no rosto,

tentando conter a alegria.

Ela veio! Ela veio! Ela veio!

Caralho, estou parecendo

criança.

Entrelaço os dedos e

aproximo as mãos de meus

lábios. Uma risada baixinha

me escapa e ela se mexe,

mas não acorda.

Eu poderia passar o

resto da vida só observando
Viviane dormir. Tudo bem,
talvez não tanto tempo,
porque
pretendo
fazer
outras coisas, mas vê-la
assim tão tranquila na
minha cama faz com que
meu peito se encha de um
sentimento ainda mais forte
do que eu pensava. Cada
gesto, sorriso ou frase dela
desperta uma música em
mim, e isso tem que ser um
bom sinal.

Quando não posso mais
resistir, acaricio seu rosto.
Ela geme baixinho e abre
os olhos. Eu poderia morrer
só pelo modo como ela me
olha.

— Oi... — Viviane diz

baixinho.

— Oi, linda.

Ela sorri. Não, é agora
que eu poderia morrer.

— Acho que eu dormi.

— É o que parece. —

Mexo em seus cabelos.

— Eu saí de casa, Rafa.

Dá para perceber que
ela está aflita com isso.

— Minha culpa?

— Não. Minha escolha.

— Viviane tira uma das
mãos de sob a coberta e
segura a minha. Ela está
quente e convidativa. Estou
encantado e mexido.

— O que aconteceu? —

Sento na beira da cama.

— Meu avô disse que,
se eu te visse outra vez, ele
cortaria a mesada que meu
pai depositava na minha

conta todo mês. — Ela fica envergonhada. — Ele me fez escolher entre tudo o que estou acostumada e você, crente de que eu escolheria a vida que eu tinha. — Olho para ela, sem coragem de dizer nada. — E eu escolhi você.

Não sei explicar o que sinto. O que existe entre nós é forte, mas ela desistir da vida que tinha é... o mesmo que eu desistir daquilo com que estou acostumado — do meu vício, no caso. Ela fez um sacrifício por mim, como estou disposto a fazer por ela. Nas duas situações, não dá para ter ideia do resultado. É imprevisível.

Viviane se ajeita na

cama,
apoiando-se
no
cotovelo para falar comigo,
e o cobertor escorrega por
seus peitos, cobertos por
um fino babydoll vermelho
rendado que não cobre
porra nenhuma.

— Puta que pariu! Cadê
o pijama felpudo? — Passo
as mãos pelos cabelos.

Hoje não vai rolar a parada
de só abraçar.

— Está na mala. Achei
que você merecia esse... —
Ela cora um pouco e não
vou falar o que acontece na
minha calça. A essa altura
está todo mundo ligado. —

Ah,
sobre

a

mala,

precisamos conversar.

Já

estou

tirando

a

jaqueta e jogando sobre a
cadeira no canto do quarto.

Tranco a porta e deixo o
ambiente à meia-luz.

— Conversar o quê? —

Tiro a calça, a camiseta e
as meias. À velocidade da
luz. — Posso entrar aí? Tá
frio aqui fora.

— Eu vim direto pra cá
porque nem pensei na hora,
mas não quero atrapalhar.
Posso ficar no tio Túlio.

Entro

debaixo

da

coberta. O calor de Viviane

já se espalhou pela cama.

— Nah! E quem vai
esquentar minha cama toda
noite?

Ela ri enquanto a puxo
pela cintura, mantendo-a
bem próxima de mim.

— Você me quer aqui
só pra esquentar sua cama?

— ela provoca, enquanto
subo a mão, quase tocando
seu seio.

— Entre outras coisas.
Você fica aqui comigo. Só
vai embora se quiser.

— Quero ficar.

— E babydoll vermelho
pra um cara que ontem te
disse que era o Lobo
Mau... — digo diminuindo

o

tom,

enquanto

ela

encaixa uma perna entre as
minhas.

Estamos tão próximos
que já estou explodindo em
expectativa. Hoje pego essa
menina de jeito.

— Você tem suas
metáforas, eu tenho as
minhas. — Seus dedos
caminham pelo meu peito.

— Ah, garota...

Puxo seu rosto e a beijo
com tesão. A delicadeza foi
parar na casa do caralho.

Viviane se entrega na
mesma proporção. Quando
nossos lábios se afastam
por um segundo, é ela que
volta a me beijar. Sua
língua em minha boca
arrepia todos os pelos da
minha nuca. Faz um calor

da porra debaixo desse
cobertor e eu o jogo para
os pés da cama. Ela ri,
sentindo o mesmo que eu.
Eu a deito de costas
num movimento rápido e
vou para cima dela, sem
interromper o beijo. Não
tenho pressa, mas preciso
deixá-la nua. E daí que o
baby doll é minúsculo e não
cobre
porra
nenhuma?
Quero mais.
Mantenho a mão em
sua nuca e envolvo um dos
seios com a outra. Ela
arqueia o corpo, pedindo
mais.
— Calma, garota. Vou
te dar mais. Você não tem
noção... — Quando minha

mão livre a toca no meio
das pernas, tenho uma
surpresa. — Você tá sem
calcinha... — murmuro,
encostando a testa na dela.
— Ops! — Ela morde o
lábio e se faz de inocente.
Tiro a cueca o mais
rápido que posso.
— Empatamos.
— Na verdade, não —
ela brinca com a alça do
babydoll e dá um gritinho
quando
eu
a
levanto,
arranco a peça e jogo
longe.
Viviane
se
deita
novamente, rindo. Estou de

joelhos bem no meio de
suas pernas. No lugar em
que quero estar desde que
ela me respondeu torto, no
primeiro dia da terapia do
Lucas.

Suas
pernas
estão
dobradas enquanto ela ri,
até
nossos
olhos
se
encontrarem. Um longo e
silencioso olhar que diz
mais que qualquer frase
gritada.

Coloco as mãos sobre
seus joelhos e Viviane
abaixa as pernas devagar,
ao mesmo tempo em que
umedece os lábios. Desço

em direção a ela, me
apoiando
em
um
dos
braços, enquanto o outro
desliza devagar por sua
barriga até minha mão
voltar para onde estava no
momento da surpresa. Sem
interromper o olhar, enfio
dois dedos dentro dela, que
fecha os olhos, envolvida.
Morro. Ela já corresponde
assim
e
ainda
nem
comecei.
Continuo a acariciando
e, quando ela abre os olhos,
vejo o brilho de prazer. Ela
toca meu peito e me

empurra para o lado. Eu
me permito ir, porque essa
garota mexe comigo e me
desafia de várias maneiras.

Um olhar rápido para a
menininha de cabelos loiros

que

vi

no

dia

mais

turbulento da nossa vida

jamaís me prepararia para
esse momento.

Viviane me beija outra

vez e quase me mata de

tesão quando segura meu

pau. Mordisco seu ombro,

seu pescoço e acho que

exagerei no chupão e vai

ficar roxo, mas ela não me

solta. Muito pelo contrário

— aumenta a pressão dos

dedos e sobe e desce. Se é
assim, vou fazê-la delirar
também e volto a tocá-la
entre
as
pernas.

Um
carinho
vagaroso.

Pura
provocação. Não quero que
ela goze ainda. Quero adiar
ao máximo.

Sei muito bem como
enlouquecer uma mulher na
cama.

Nunca
deixei
nenhuma sair insatisfeita,
mas, com Viviane, é como
se cada sensação fosse
nova. Algo

tão

tóxico

quanto o que uso em meus

dias ruins, só que nesse

caso é bom. É muito bom.

Seu toque é como um

bálsamo para cada ferida

que ainda sangra. Porque

esse sou eu — não o cara

das

cicatrices,

mas

o

maldito

com

feridas

abertas.

Seus lábios fogem dos

meus e descem pelo meu

rosto, correndo suavemente

pela minha barba. Sinto

seus dentes arranharem

meu pescoço e ela se vinga,

me dando um chupão que

vai ficar roxo. Viviane me
olha sorrindo, com uma
sobrancelha
levantada,
mostrando
que
sabe
exatamente o que fez.

Pilatra!

Mais uma vez, rolo
nossos corpos e fico sobre
ela. Se é para provocar,
vamos lá.

Viviane tenta me tocar
e seguro seus punhos.

— Quieta! Agora vou te
chupar até você explodir.

— Estreito os olhos ao vê-
la umedecer os lábios. —

Nah, até quase explodir..

Tô guardando uma coisa
pra você.

Se provocar é uma arte,

sou o mestre de todos os

artistas.

Começo

pelo

pescoço, cada área sensível
da pele clara de Viviane.

Da

forma

mais

lenta

possível, chego a seus

peitos. Abocanho um deles

enquanto

minha

mão

envolve o outro. Brinco no

limite entre a dor e o prazer

enquanto Viviane crava as

unhas nas minhas costas e

sinto meu pau crescer mais,

querendo estar dentro dela.

Ele bate em suas coxas e

esbarra entre suas pernas

tantas

vezes

que

sou

obrigado a respirar fundo
para me controlar.

Continuo descendo, e
ela arqueia o corpo. Minha
cabeça está entre suas
pernas. Ainda não é a
cabeça que quero lá dentro,
mas essa vai nos render
bons momentos.

Viviane

prende

a

respiração e solta devagar
quando minha língua toca
seu ponto mais sensível.

Rápida, certa, e é só o
início. Deslizo a boca para
o lado e sinto seu perfume.

Meu coração dispara como
se eu fosse um moleque.

Caralho, acho que sou
mesmo um moleque nesse
lance de pegar uma mulher

por

quem

tenho

sentimentos.

Passo a língua por

dentro e por fora daqueles

lábios, diferentes dos que

beije há pouco, mas tão

suculentos

quanto,

sem

tocar onde Viviane mais

quer, até que ela estremece

e geme baixinho. Faço

movimentos

circulares,

suavemente. Pra que ser

bom,

se

posso

ser

extraordinário?

Viviane agarra meus

cabelos, seu corpo implora
pelo orgasmo, mas sou mau
e aprendi desde cedo que
para fazer bem feito tem
que mandar a pressa à
merda.

Finalmente me entrego
ao lugar mais esperado e
movo a língua formando
um oito, lentamente e sem
parar. Viviane pressiona
minha
cabeça,
quase
enlouquecendo. Ela geme
mais alto. Não consigo
pensar em nada melhor que
isso.

Enfio os dedos outra
vez. Sem me afastar, eu os
movimento com cuidado,
aumentando o prazer que
ela sente e que passa de

sua pele para o meu corpo.

Aumento a pressão e a

velocidade,

e

ela

se

engancha em meus cabelos

com mais força. Vem pra

mim, garota, vem pra mim.

É o que penso segundos

antes de Viviane gozar

deliciosamente em minha

boca. Caralho, ela treme, e

tremo com ela. Puta que

pariu, como isso é possível

se eu nem meti ainda?

— Rafa, vou morrer..

— Viviane geme baixinho e

me deito ao seu lado,

puxando-a para o meu

peito

enquanto

ela

se

acalma.

— Ainda não, gata.

Ainda não. — Toco sua

cintura com a ponta dos

dedos e ela se arrepia

inteira. Todo seu corpo está

sensível.

A gente se beija mais.

Estou me controlando o

máximo que posso. É o

fim. Pronto. Ou meto agora

ou quem morre sou eu.

Eu me levanto na cama

e

abro

a

gaveta

de

camisinhas. Tem dúzias ali

e Viviane percebe.

— Puto! — ela diz e

solto uma risada.

—

Olha

a

boca,

menina! — digo enquanto

ela ri comigo. Fico de

joelhos outra vez entre suas

pernas. — Quero você, e

quero assim, de joelhos!

Pego seu quadril, ajeito

um travesseiro sob ele e a

puxo para mim. Ergo suas

pernas e a faço apoiar os

calcanhares

em

meus

ombros. Sem esperar mais,

enfio meu pau dentro dela,

devagar.

Porra!

Putá

merda! Gemo, é impossível

segurar.

Pela

expressão

de

surpresa

e

prazer

de

Viviane, percebo que nunca

a pegaram dessa forma.

Caralho! Caralho! Caralho!

Minhas

mãos

estão

firmes em seu quadril e a

partir daqui eu comando o

ritmo. A cada estocada,

uma nova sensação. Como

se

eu

nunca

tivesse

transado com uma mulher.

E sinto mesmo como se

nunca tivesse feito algo

assim.

Os

minutos

se

passam e nossos olhares

não

se

desgrudam

conforme eu aumento a

pressão e a força, até ela

demonstrar

estar

consumida por um tesão

tão forte quanto o meu.

Viviane está à beira da

loucura,

como

eu.

É

intenso, urgente e novo.

— Só vou quando você

for outra vez — digo,

segurando forte seu quadril.

Minhas marcas vão ficar

ali.

Eu me movo rápido e

profundamente e a sinto

estremecer com violência,

ao mesmo tempo em que

me deixo gozar. Gozo

como

se

milhões

de

acordes explodissem em

minha mente. Gozo como

um

solo

de

guitarra

perfeito, que ecoa em meus

ouvidos. Gozo como se,

pela primeira vez, fizesse

amor com uma mulher.

Meu

coração

dispara,

capota,

me

choca.

O

recado é claro.

— Então é real... —

murmuro com a voz rouca,

me jogando ao lado dela e a

puxando o mais perto

possível de mim.

— O quê? — ela

pergunta

baixinho,

encostando a cabeça em

meu peito.

— Acho que perdi a tal

batida. Não, perdi várias.

Perdi todas. Não sou mais

nada se seu coração não

estiver

aqui,

batendo

comigo. — As palavras me

escapam e sei que nunca

disse nada parecido antes.

— Meu coração vai

ficar exatamente aqui. —

Ela se vira e beija meus

lábios.

— Na minha cama? —

Não resisto à provocação e

dou um sorriso safado.

— De preferência —

ela responde sorrindo.

Essa é a minha garota.

Nota

* “Destá vez, vamos nos amar/ Ou vamos
ficar aqui pensando/ Por que este mundo
não está girando?/ É agora ou nunca.”

37

Viviane

Let's put our two hearts back

together

And we'll leave the broken pieces

on the floor

Make love with me baby

Till we ain't strangers any more

We're not strangers any more.

— Bon Jovi feat. Leann Rimes, “Till We

Ain't Strangers Any more”*

Ouço Rafael ligar o chuveiro

enquanto ando pelo quarto

enrolada na coberta. Foi só ele

sair de perto para o frio me

pegar outra vez. Quando penso

no que fizemos e em tudo o que

temos compartilhado, sinto que

não existe outro lugar para

estar além de aqui, com ele.

Olho ao redor casualmente,

prestando um pouco mais de

atenção.

Tudo é tão perfeitamente

organizado. Bem diferente de

como eu imaginava o quarto de

um homem. César e Rodrigo são

organizados, ou melhor, seus

quartos são, mas outras pessoas
os arrumam, então não conta.

A parede acima da cabeceira
da cama é exclusiva para a
guitarra

pendurada

e

dois

quadros, um de cada lado. Eu
me aproximo para observá-los
melhor.

Quase

toco

o

instrumento, mas desisto no
último segundo. É o elo com o
pai dele. Algo assim não pode
ser tocado sem permissão.

Os quadros são fotografias
de Johnny Cash. Eu não saberia
dizer quem é se não estivesse
escrito. Um deles é apenas uma
imagem de Cash segurando um

violão e mostrando o dedo do
meio. Tão Rafa que é difícil não
sorrir.

No outro, há uma imagem
do cantor olhando para baixo,
com fogo em volta e uma frase:
“I hurt myself today to see if I
still feel. I focus on the pain, the
only thing that's real”. **

Quanta dor Rafael deve
sentir para manter algo assim
no próprio quarto? Até que
ponto posso acreditar que serei
suficiente para aliviar essa dor?
— É um trecho de “Hurt”. É
uma música linda. Triste, mas
linda. — Estou tão perdida em
pensamentos que a voz de
Rafael me assusta. Ele está
vestindo uma boxer preta, seus
cabelos
estão
molhados

e

algumas gotas escorrem pelo
corpo. — É a minha preferida,
mas ironicamente não é dele. É
um cover que ele gravou há dois
anos. O Lex me deu esse quadro
faz uns seis meses, quando
consegui
ficar
limpo
pela
primeira vez. Não falei dessa
parte no hospital porque não
queria te dar falsas esperanças.
Eu não quis realmente ficar
limpo da outra vez. Fiz porque
achei que podia tentar, e o Lex
quis me lembrar que, se o
Johnny conseguiu, eu também
conseguiria. — Ele desvia o
olhar,
suspira,
depois

me

encara. — Mas não durou muito.

— Quando você voltou a
usar?

— Na noite do acidente e
algumas vezes depois — ele diz
enquanto mexe em um aparelho
de som, e percebo que é uma
vitrola antiga. Ele coloca um
disco de vinil. Não via um fazia
anos. — Eu não lido bem com
perdas.

— Ninguém lida.

— É, mas poucos chegam ao
limite. — Meus olhos se enchem
de lágrimas ao pensar em
minha mãe e no limite que ela
quase cruzou, como Rafael aos
poucos vem tentando. — Essa
música é quase um reflexo meu.
Foi quando ouvi que tentei
largar as drogas, por isso o Lex
me deu o quadro. Tem um outro

trecho... — A canção começa a
tocar e ouço Johnny Cash pela
primeira vez. Sua voz é grave,
triste, como se a dor fosse um
peso grande demais para ser
carregado. Um reflexo meu. As
palavras de Rafael reverberam
em meus ouvidos. — Quando

meus

tios,

meu

primo

e

principalmente

minha

irmã

morreram, eu só pensava nisso.

— Ele começa a cantar baixinho:

— The needle tears a hole, the
old familiar sting. Try to kill it all

away

but

I

remember
everything.

What
have

I
become, my sweetest friend?
Everyone I know goes away in
the end. — Estou chorando; ele
me puxa para perto e encosto o
rosto em seu peito ainda úmido.
Ele não pergunta se entendi,
apenas continua: — A agulha
abre um buraco, a velha picada
familiar. Tento apagar tudo,
mas me lembro de todas as
coisas. O que eu me tornei,
minha mais doce amiga? Todos
que eu conheço vão embora no
final — ele traduz o que eu já
sabia. E na voz dele, tão grave e
baixa, dói ainda mais.

— Eu não vou embora — é
só o que digo, abraçando-o pela

cintura, deixando o cobertor
escorregar pelo meu corpo até o
chão.

— Te contei isso pra mostrar
que já tentei ficar longe. Nunca
cheguei à agulha, porque sei
que seria o fim da linha pra
mim, o caminho sem volta. Mas
o resto... Procurei uma vez pra
esquecer

e

descobri

uma

felicidade química que dura
pouco, mas, enquanto existe,
me faz sentir menos ferido.

— Como você começou?

Como chegou até as drogas?

— Através de um amigo.

Normalmente é assim. Um
amigo ou um conhecido de um
amigo, e assim vai. Eu estava
numa festa com o Gigante e...

— Então ele não é seu amigo. — Eu o solto e dou um passo atrás. Quero que ele veja meu rosto e saiba que estou zangada.

— Pensei em não te contar tudo, porque imaginei essa reação. Não é tão simples, Vivi. Ele é meu amigo sim. Já provou isso. — Ele me puxa de novo. — E, se serve de consolo, quando parei, ele tentou me convencer a não voltar, mesmo estando envolvido com isso.

—
Quanto
ele
está
envolvido? — Eu me reteso.
Tento ficar confortável, mas não dá. Já estou querendo matar esse cara.

— O primo dele vende — ele

responde

e

inspira

pesadamente. Não digo nada.

Não conseguiria dizer nada além

de “Para de ver esse cara agora

mesmo!”, e não sei se ele me

escutaria. — Já vi gente

começar e parar. Gente que tem

sorte, porque o corpo não se

apaixona pela droga. Já vi gente

começar e morrer. São tantos

casos.

É

simplista

demais

marginalizar e pronto. O grande

segredo das drogas é que o

prazer que sentimos é fabricado,

mas viciante. Ele substitui a

felicidade que somos incapazes

de sentir. — Ele acaricia meus

cabelos e o abraço mais forte,

querendo que saiba que pode se apoiar em mim. — Dá pra substituir por um tempo por uma felicidade real, como ter você nos meus braços. O que rolou entre a gente... Nossa! — Rafael me beija por alguns segundos. — O que temos é tão forte e parece tão seguro que supre qualquer felicidade irreal, mas não sou ingênuo e você também não pode ser. Vai chegar a hora, e vai ser antes do que a gente imagina, em que meu corpo vai querer acertar as contas. Vai querer o que estou negando a ele, e a coisa vai ficar feia.

— Eu sei.

— Não, você não sabe, mas vai saber. E quero deixar claro que não precisa ficar quando eu explodir.

— Não vou embora.

Posso não confessar a ele,
mas sei que não sou nenhuma
Mulher Maravilha que vai curá-lo
instantaneamente. Não sou tão
ingênua. Sei também que ele
deveria ser internado, como a
minha mãe, mas que jamais
aceitaria isso, por ser caro, por
não querer ficar preso. Estou
apavorada, porém não vou dizer
isso a ele. Porque, do mesmo
modo como meu pai precisou
que eu cuidasse da família
durante
a
quimioterapia
e
depois que ele se foi, Rafael
precisa de mim agora. Precisa
que eu seja forte e não uma
menina assustada. Então, eu
vou ficar. Não pode ser mais

assustador do que encontrar
minha mãe inconsciente. Não
tem como ser. É, não pode. Não
vai ser pior.

— Quando eu surtar, você
pode ir embora. Não tem
problema se for. Quero que
saiba disso, tá? — Ele beija
meus cabelos com tanto carinho
que me esforço para imaginá-lo
surtando e não consigo. Não dá
para conceber. — E saiba que
eu sinto muito orgulho de você.

Eu vejo vocês, o Lucas, o
Rodrigo e você, e fico pensando
em como conseguem viver com
a dor sem tentar nada desse
tipo. O Lex também. Ele perdeu
o pai há alguns anos e nunca se
voltou para as drogas. Eu queria
ser forte assim.

— Quer saber o segredo?

— Seria bom.

— Nós temos você.

— Ah, para.

— É sério, Rafa. Eu não sei se chegaria a usar drogas. Acho que não, mas não posso ter certeza. Olha o que aconteceu com a minha mãe... E ela sempre foi tão a favor da vida. Não posso falar pelos outros, mas sei que eu estava à beira do desespero quando você apareceu e me deixou bem. Dói menos com você.

— Ótimo. Sou como uma dose de pó. — Ele ri, tentando fazer piada e dissolvendo toda a tensão do momento. É como se suas palavras fossem o vento levando a nuvem negra para longe.

— Você é muito melhor, Rafa. E acho que vicia mais também. — Entro no clima,

porque percebo que é o que ele
precisa, mesmo estando com o
coração
partido
por
saber
quanto ele sofre.

— Quer ouvir outra música?

— Ele desliga o som, e Johnny
Cash fica em silêncio por
enquanto.

— Posso escolher?

— Pode, mas cuidado. Meu
pau é sensível e quero usar de
novo já, já.

— Ah, engraçadinho! Pois eu
tenho uma carta que diz que
você ouviria até Britney por
mim.

— É... Hum... Pera... Tem
certeza que fui eu que escrevi
essa carta? Porque não me
lembro de nada. — Coloco as

mãos na cintura e finjo estar
brava. — Não pode ser Pink,
pelo menos? — ele tenta
negociar.

— Não! — provoco. — Mas
não vou escolher nada agora.

Vou
deixar
você
escolher.

Vamos ver se é tão bom quanto
diz.

— Bom, antes de saber que
eu ia chegar e te encontrar na
minha cama, eu preparei uma
playlist no meu intervalo. — Ele
sorri ao pegar um CD na mochila,
levemente envergonhado por
demonstrar quanto queria essa
noite. — Não deu tempo de
colocar muita coisa, mas tá aí.

Pego, viro a caixinha e leio
os títulos:

“Lay Lady Lay”, Bob Dylan

“You Shook Me All Night

Long”, AC/DC

“Blood Sugar Sex Magik”,

Red Hot Chili Peppers

“Let’s Spend the Night

Together”, The Rolling

Stones

“Suck My Kiss”, Red Hot

Chili Peppers

“Crash Into Me”, Dave

Matthews Band

— Senhor Rafael Ferraz, não
conheço muito essas músicas,
mas todas elas querem dizer
que você já estava preparado
para me pegar, né?

— Tô sempre preparado,
gata. Agora mesmo. — Sua mão
desliza até a minha cintura. —
Você falou em te pegar e
pronto, meu saco já tá doendo.
Você vai ter que me ajudar

nessa.

— Idiota... — a palavra

escapa enquanto dou risada.

— Mas olha aqui, “Crash Into Me” é bonita. Diz que você veio ao meu encontro e eu ao seu, e que dentro do seu coração eu vou bater novamente, doce como uma bala para a alma.

Que eu estou perdido por você.

— Ele não desvia os olhos dos meus e me surpreendo ao vê-lo corar.

— Não sabia que você era tímido. — Acaricio seu rosto tão lindo.

— Não sou. Só nunca disse algo assim pra nenhuma garota. Antigamente era só “Tira a roupa agora” antes e “Hasta la vista, baby” depois. — Dou um tapa nele, rindo. — Agora eu mudei. Quero que você tire a

roupa, mas não quero que vá embora depois. Eu também ia incluir “I Don’t Want to Miss a Thing”, do Aerosmith, mas não deu tempo.

— Essa eu conheço!

— Claro. Viu o filme, né?

— Arrã.

— Alguém precisa te ensinar a não ouvir música boa só em filme. Quando cheguei e te vi deitada na minha cama, essa música passou pela minha cabeça. Você faz essas coisas comigo. Pensa bem, você tirou a minha virgindade. — O idiota gargalha.

— Me engana que eu gosto.

Você sabe muito bem o que faz.

— É, eu sei, mas é verdade.

Você tirou a virgindade do meu coração. — Ele levanta uma sobrancelha e me lança um

sorrisinho besta. — Você me faz
ser esse cara que diz coisas
melosas. Elas escapam da
minha boca, e eu fico pensando:

Quando

foi

que

eu

comi

algodão-doce? Garota, você me
quebrou, mas acho que de um
jeito bom. Com certeza de um
jeito bom. Sexo sempre teve a
ver com música pra mim, como
praticamente todo o resto. Com
as outras, eu ouvia um solo de
bateria, que é a minha segunda
paixão musical, mas com você...

— Ele encosta a testa na minha.

— Com você, tudo o que ouvi foi
um solo de guitarra. Um solo
perfeito. Você é a minha
primeira e... — Ele fecha os

olhos, como se não quisesse
dizer, mas não conseguisse
evitar. — Vou ficar muito feliz se
for a última.

Ouvir algo assim, sabendo o
que significa para ele, me
emociona. A capacidade que
Rafael tem de sair de algo triste
para algo obsceno e depois
dizer a frase perfeita é incrível.
Ele coloca o CD no aparelho e
aperta play, antes que eu possa
dizer qualquer coisa. Às vezes,
suas palavras são tão intensas
que quem perde o fôlego sou
eu.

— E não é qualquer solo, é
esse
aqui.

Uma
versão

instrumental de “Blood Sugar
Sex Magik”. Gravei as duas

versões

no CD. Depois disso,

quero ver você não gostar de

Red Hot.

— Como você sabe que eu

não gosto?

— Tá na sua cara. — Ele

coloca as mãos em meus

ombros, me arrepiando. — Vivi,

quer fazer uma aposta?

— Quero.

— Até a gente parar hoje,

você vai assumir que gosta.

— E o que vamos apostar?

— Se eu ganhar, escolho a

posição. Se você ganhar, você

escolhe.

Levanto a cabeça de tanto

rir.

— Resumindo, é sexo de

qualquer jeito.

— O resumo é sempre sexo,

Vivi. — Ele me beija devagar e

estremeço outra vez. — Está

com frio?

— Não. — Suspiro.

— Bom — ele murmura com os lábios em meu pescoço, enquanto meus dedos passeiam por seu abdômen definido.

A música envolve o quarto e nos arreбата ainda mais do que antes, o que me choca e excita.

Estou vestindo o baby doll outra vez, mas estar agarrada a Rafael eleva a temperatura. Ele sussurra em meu ouvido quanto me quer, e passo as mãos em seus braços até o puxar pelo pescoço para outro beijo.

Sua

ereção

já

ameaça

romper a fina peça de roupa que usa, mas, de novo, Rafael não

tem pressa. Como é possível?

Só Deus sabe. Por mim, já
estariamos na cama. Mas ele
não deixa e agradeço por isso,
porque sentir Rafael me tocando
dessa forma tão sensual é
melhor do que tudo o que já vivi
antes.

Rafael segura firme o meu
quadril e me vira de costas para
ele,
enquanto
beija
meus
ombros. Quando estamos bem
próximos, ele começa a dançar
devagar. Acompanhando o solo
da guitarra, desce as mãos por
meus seios e para o mais
próximo possível da calcinha
que agora visto. Ele dedilha
minha barriga como se eu fosse
sua guitarra particular, tocada

apenas pelos dedos dele e de
nenhum outro. Sei que ele está
me marcando e que é algo
nosso. Outra mulher nunca
esteve em seus braços assim.
Meu corpo inteiro se arrepia.
Quando a segunda versão da
música começa a tocar, penso
que nada pode ser mais sexy,
mas estou enganada. A letra
mexe comigo como se estivesse
se misturando ao meu sangue.
Sem perceber, estou no ritmo
eletrizante de Rafael.

Ele
me
vira
para
ele
novamente
e,
sem
perder

tempo, me beija enquanto
engancha as mãos na minha
bunda. Em um impulso, minhas
pernas envolvem sua cintura e
ele geme em meus lábios. Meu
coração dispara com tanta
intensidade que o sinto pulsar
em todo meu corpo.

Rafael se joga na cama
comigo, e, antes que eu me
perca outra vez, um último
pensamento passa pela minha
cabeça: nunca mais vou ouvir
Red Hot Chili Peppers da mesma
maneira. Perdi a aposta, e perdi
em pleno êxtase.

Notas

* “Vamos reunir nosso coração/ E deixar
os pedaços quebrados no chão/ Faça amor
comigo, baby/ Até não sermos mais
estranhos/ Não somos mais estranhos.”

** “Hoje eu me machuco para ver se ainda
sinto. Eu me concentro na dor, a única

coisa real.”

38

RAFAEL

I could stay awake just to hear you

breathing

Watch you smile while you are

sleeping

While you're far away and

dreaming

I could spend my life in this sweet

surrender

I could stay lost in this moment

forever.

— Aerosmith, “I Don’t Want to Miss a

Thing”*

Melhor noite da minha

vida!

Melhor noite da

minha vida! Melhor noite

da minha vida! Puta que

pariu! Ah, cara, dizer três

vezes é pouco.

Depois que a música

começou a tocar, não
falamos muito e, quando
acabou, não demorou para
cairmos no sono. Viviane
dormiu antes de mim,
enquanto eu conversava
com ela. Isso me fez rir
sozinho.

Ela consegue ser a
primeira em tudo. Primeira
que deixo dormir aqui,
primeira
que
observo
ressonar baixinho, primeira
que me faz querer ser
alguém melhor. São tantas
estreias
que
perdi
as
contas.

Anote

mais

uma:

primeira para quem vou
preparar o café da manhã.

Eu me levanto e a
cubro, sem querer que ela
perceba que não estou mais
dividindo meu calor com
ela.

Perco alguns minutos
no banheiro e sigo para a
cozinha.

Coloco

um

chiclete na boca ao me dar
conta de que não fumo
desde que cheguei em casa.

Mais uma: primeira que me
faz querer parar de fumar.

Nunca fui um fumante
compulsivo. Eram um ou
dois cigarros por dia —
normalmente o primeiro no

intervalo do trabalho e o
segundo às vezes ao sair —
e um baseado de vez em
quando, então esse, de
todos os meus vícios, é o
que menos me preocupa.
Nunca fumei em casa. Era
uma regra da minha mãe
com meu pai, que também
fumava
(só
cigarro,
maconha
não),
e
eu
mantive. Sou chato pra
caralho, acho que isso já
ficou claro. A fumaça dá
um aspecto sujo e deixa
tudo fedendo, e já disse que
sou chato pra caralho com
a casa, né? Pois é...

Coloco o pó de café e a
água na cafeteira e arrumo
a mesa. Pego pão, geleia e
um monte de tranqueiras
que Rodrigo teima em
enfiar na minha geladeira.
Se ele gosta, provavelmente
sua irmã também.

Está praticamente tudo
pronto. Abro o armário e
me pergunto se deixo ou
não uma caixa de cereal
colorido na mesa. Aquele
moleque
é

exagerado,
cacete!

— Você realmente ama
isso — ouço a voz de
Viviane, parada na porta da
cozinha, olhando para mim
e para as seis caixas de
cereal.

Ela está vestindo o
pijama felpudo, que a
obriguei a colocar para
dormir. Podia esfriar de
madrugada, e eu não queria
que
ela
pegasse
um
resfriado só para ficar sexy.

Se ela vestir um saco de
lixo, vai continuar sexy pra
caralho.

— Seu irmão e o Lucas
amam isso aqui, e acho que
tô perdendo o controle da
minha própria cozinha.

Viviane ri e corre para
o banheiro.

Estou de costas para a
porta,
desligando

a

cafeteira,

quando

suas

mãos me envolvem e ela
me abraça por trás. Eu me
viro e nos beijamos.

— Da próxima vez me
chama. Quero ajudar — ela
pede quando me solta e se
senta.

— Você sabe fazer
café? — Não contendo um
tom zombeteiro, e ela
estrita os olhos.

— Não, mas vou ter
que aprender. Saber fazer
café é a menor das coisas
que preciso mudar.

Ela

prepara

um

sanduíche e coloca na
minha frente, então começa

a fazer outro.

— Posso fazer minha
comida — digo, mas mordo
o pão. Não vou rejeitar
tanto carinho.

— Eu sei. E eu posso

fazer

meu

café,

que

provavelmente

vai

ficar

horrível... — Viviane dá de
ombros. — O que vamos
fazer hoje? Tem que limpar
a casa ou algo assim? —

Ela se esforça para não
torcer o nariz, e eu para
não rir.

—

Não.

Antes

eu

limpava nas minhas folgas,

que

são

sempre

às

segundas e um domingo a

cada quinze dias. O Lucas

tem me ajudado no dia a

dia, com a louça, a roupa e

as coisas menores, e o

moleque do seu irmão

arrumou uma mulher pra

vir uma vez por semana.

No começo eu quis matar

ele, depois me acostumei

com alguém deixando tudo

em ordem e contratei a

mulher.

— O Rodrigo é terrível.

Não desiste até que façam

exatamente o que ele quer.

— E eu não sei? Só que

pelo menos tô pagando. Me
sinto melhor assim. No
fundo, ele fez pra ajudar.

— Ah, ele sempre faz
pra
ajudar.

Pode
ser
teimoso, mas é sempre pra
ajudar. Pouquíssimas vezes
vi o meu irmão pensar só
nele.

Mesmo
nessas
sumidas que ele tem dado...
É como se ele tivesse
chegado no limite.

— E chegou.

— Rafa... — Ela parece
tão sem jeito que seguro
sua mão. — Meu avô vai
cortar meu dinheiro. Vou
ser mais uma boca para

você alimentar. O Lucas
 não tem nem cama. Estou
 me sentindo mal, preciso
 arrumar alguma coisa para
 fazer.

— Quanto à cama, é
 relaxo meu. Não é por falta
 de dinheiro. Vou comprar
 um sofá-cama confortável,
 porque cama mesmo não
 rola. Não cabe em lugar
 nenhum além do meu
 quarto, e não vamos dividir
 o quarto com o meu primo.

Quando
 as
 coisas
 se
 acertarem, a gente muda
 pra um lugar maior. Quanto
 ao resto, o que você sabe
 fazer? — pergunto com
 sinceridade, sem querer

menosprezá-la. Não quero
que Viviane se sinta mal.

— Desenhar roupas e
montar looks lindos? —

Sua voz sai tremida.

— Vivi, você sabe
muito mais do que isso.

Não que seja pouco. É
ótimo pro que você gosta,
mas sei que sabe mais.

Você é inteligente pra
caramba.

A primeira coisa que
penso é no bar, claro. Ela
ficaria perto de mim e, se
tivesse qualquer problema,
seria fácil de ajudar. A

gente

também

não

trabalharia

em

horários

diferentes. Cogito pedir pro
Lex mandar a Andressa
embora e colocar a Vivi no
lugar.

Aí

lembro

do

macacão colado, e nem a

pau que ela vai ficar

desfilando num bar cheio

de

machos.

Sou

superaberto e quero que ela

trabalhe, não por precisar

que me ajude em nada, mas

porque sei que ela vai se

sentir bem podendo ajudar.

Mas macacão colado já é

demais. Não posso quebrar

a promessa que fiz de não

socar ninguém se ela vestir

aquela roupa.

—

Sou

boa

com

números, sempre fui — ela

me tira do devaneio.

— Então acho que você

poderia trabalhar no caixa

do

bar.

O

Lex

tá

procurando alguém já faz

um tempinho. Desde que a

última caixa saiu, cada dia

fica alguém diferente lá, e

não dá pra brincar com

dinheiro.

— Será que ele me

aceitaria

sem

nenhuma

experiência?

—

Todo

mundo

começa de algum jeito.

— Vai ser ótimo.

— Já vou avisando: seu

vô vai odiar.



— Vai ser melhor

ainda, então.

Depois que arrumamos a
cozinha, sentamos para ver
um filme. É como se nós
dois estivéssemos dando
passos inéditos. Ela lavando
louça e eu com a cabeça
deitada no colo de uma
garota, assistindo a uma
comédia
romântica,
enquanto

ela

me

faz

cafuné. Fim do mundo. Só

que de um jeito bom.

Quando o filme acaba,

mudo de canal e outro

filme

está

começando.

Ouço Viviane prender o ar,

contendo um soluço. Eu me

sento assustado e enxugo

suas lágrimas.

— O que aconteceu? —

pergunto, preocupado.

—

Um

sonho

de

liberdade

era

o

filme

favorito do meu pai. A

gente assistia todo dia 1º de

janeiro, porque ele dizia

que era uma ótima forma

de recomeçar. Este ano,

assistimos um dia antes de

ele morrer. — Ela passa as

mãos no rosto, tremendo.

Não sei o que dizer. Eu

a trago para o meu peito e

deixo que chore. Pego o

controle para mudar de

canal, mas ela me segura.

— Não, deixa. Quero

ver.

Só

fica

assim,

abraçado

comigo,

até

acabar. Por favor.

— Não precisava nem
pedir

—

respondo,
acariciando seu braço.

Os
soluços

vão

diminuindo e aos poucos
ela apenas funga uma vez
ou outra. Não consigo
deixar de pensar em como
Viviane é forte por se expor
a tanta dor. Nunca mais
consegui tocar a guitarra
que meu pai me deu,
porque foi meu último elo
com ele, e ela está aqui, em
meus braços, expondo uma
ligação com o dela sem se
importar que eu a veja
ferida.

— Meu pai sempre

dizia que tudo o que é bom
nunca morre. É uma frase
desse filme, que se provou
errada, não é? Ele morreu
— é o que ela diz, virando-
se para me olhar, quando
os créditos começam a
subir. Ela sabe que ouvi a
frase, mas quis repetir,
como
se
precisasse
reafirmar para si mesma.

—
Eu
questionei
isso
quando soube que o câncer
era terminal. Aí ele me
disse outra citação desse
filme: “Foi má sorte. O azar
está por aí. Ele tem de
pousar em alguém. Só não

esperava que a tempestade
durasse tanto”. Eu chorei e
ele me escreveu uma carta
naquele dia. Li tantas vezes
que nunca vou esquecer.

Vivi,

Eu vou partir,
disso já não temos
mais dúvidas. Mas
dizer que vou morrer
e que você nunca
mais vai me ver é
exagero. Eu sou você,
sou seu irmão, serei
seus filhos, seus
sobrinhos, sou seus
avós. Você vai me
ver em toda parte, e
eu espero que exista
mesmo um céu em
algum lugar que me
permita ver vocês. Se
eu pudesse, não

morreria. Como não
posso evitar, digo a
você que viva. Viva
como seu coração
quiser. Eu não tenho
escolha. Como a
chama de uma vela,
vou me apagar com
o vento. Mas você
tem a opção de
viver, então não me
decepcione fazendo o
contrário.

Com amor,

Papai

— Ele me escreveu
várias cartas ao longo dos
últimos meses. Para todos
nós, mas essa foi a última.
Eu sempre tento pensar em
coisas boas e que tudo vai
dar certo, mas tenho meus
momentos ruins.

— Todo mundo tem.

Meu pai não teve tempo de
se preparar — digo, com os
dedos

entrelaçados

aos

dela. — Quer dizer, ele não
sabia que estava indo, mas

durante toda a vida a

mensagem que ele tentou

me passar era a mesma do

seu pai. Viver. Era muito

importante para ele que

minha

irmã

e

eu

vivêssemos. — Minha voz

fica embargada. — Eu

falhei. Minha irmã não

pôde nem tentar. É uma

merda.

— Nossos pais eram

parecidos.

—

Talvez

fossem

amigos se tivessem se

conhecido.

—

Talvez

eles

se

conheçam. Não sabemos

para onde vamos quando

chega a hora de partir.

— É, não sabemos.

— Eu sinto culpa. — A

voz de Viviane soa como

uma confissão.

— Por quê?

— Mesmo sabendo que

ele queria que eu vivesse,

por um instante fiquei tão

feliz que esqueci que meu

pai morreu. Isso não é

horrível?

— Acredite em mim, é
assim que tem que ser. Foi
por não conseguir esquecer
que eu me envolvi com
drogas. Você precisa se
permitir esquecer às vezes.

Se sentir dor o tempo
inteiro, viver se torna um
beco sem saída que te
deixa presa à morte para
sempre, mesmo que seu
coração não pare de bater.

— Você acha que
consegue esquecer, Rafa?

— Eu esqueci... Ontem.

Mesmo

quando

conversamos

sobre

as

drogas e sobre como eu me
sentia. Antes e depois,

estando com você, eu
esqueci. Não é como se a
gente estivesse apagando
eles. É um cochilo, sabe?
Uma tentativa de viver. —
Dou um sorriso triste. — E
quando
dormi,
pela
primeira vez em muitos
anos, não tive pesadelos.

—
Você se sentiu
culpado por esquecer?
— De verdade? Pela
primeira vez desde que
perdi meu pai, eu senti
alívio. Pela primeira vez,
meu peito não pareceu
sufocar e respirar já não
era tão difícil. Eu me senti
feliz.
— É, eu também. Você

acha que vamos conseguir

fazer o que eles pediram?

— Viver?

— É.

— Eu quero tentar. —

Eu a deito no sofá e me

ajeito ao seu lado. Ela se

aconchega em meu peito e

continuo fazendo carinho

em seu rosto. — Por você e

com você, quero tentar.

Vem comigo? — pergunto

sem me mexer. O convite

não é para um lugar

específico; é para algo

muito diferente de tudo que

vivemos.

— Você me segura?

— A gente se segura.

—

Beijo

seus

lábios

devagar. — Nunca vou te
soltar.

Viviane apoia a mão na
minha cintura. Não existe
nem um mínimo espaço
sequer entre nós.

— Nunca vou te soltar,
Rafa.

— Então vamos ficar
bem. — E pela primeira
vez, como quase tudo
nesses
últimos
dias,
realmente acredito nisso.

Nota

* “Eu poderia ficar acordado só para ouvir
você respirar/ Ver você sorrir enquanto
está dormindo/ Enquanto está longe e
sonhando/ Eu poderia passar a vida nessa
doce rendição/ Eu poderia me perder
neste momento para sempre.”

Viviane

Enquanto houver você do outro

lado

Aqui do outro eu consigo me

orientar

A cena repete, a cena se inverte

Enchendo a minha alma daquilo

Que outrora eu deixei de acreditar.

— Teatro Mágico, “O anjo mais velho”

A campainha toca e entreabro

os olhos devagar. Rafael e eu

adormecemos no sofá. Ele ainda

está dormindo, mesmo com o

som estridente.

Seu braço me prende a ele e

minha cabeça está apoiada em

seu peito. Tudo o que eu queria

era continuar assim, e pretendia

ignorar

descaradamente

a

campainha quando escuto a voz

de Branca:

—

Dá

pra

parar

um

pouquinho de se comer e abrir

essa merda?

— Ah, Branca, cacete! Pra
que eu te trouxe? — É Rodrigo.

— Quer mesmo que eu
responda, moleque? — Ela de
novo.

— Gente, isso é tão chato...

— Meu Deus, é Fernanda!

— Vocês dois são totalmente
desnecessários...

—

Mila

intercede.

— O Rafa vai me matar por
trazer todo mundo, sim ou
claro? — Lucas pergunta.

— Mas que porra... — Rafael

abre os olhos, confuso.

— Sei que é horrível acordar
assim, mas acho que temos
visitas. — Sorrio sem graça ao
me levantar do sofá.

Logo após o café da manhã,
com a temperatura de São
Paulo finalmente voltando ao
verão, coloquei um vestidinho
amarelo sem mangas e com
saia rodada, que levou Rafael a
fazer suas brincadeiras e
tentativas de levantar minha
saia muitas vezes. Depois nos
acalmamos assistindo aos filmes
e finalmente dormimos.

Não cochilamos nem por
meia hora. Minha roupa está um
pouco amassada, mas não dá
tempo de trocar. Se eu não abrir
a porta, Branca vai derrubá-la.

Rafael está de cueca e o
vejo ir para o quarto, ao mesmo

tempo em que giro a chave.

— Finalmente! — Branca diz quando entra, seguida pelo restante do pessoal. Ela carrega uma caixa, e os outros trazem coisas também, malas e caixas.

— Seu irmão teve a brilhante ideia de esvaziar seu guarda-roupa antes que seu avô interditsse seu quarto e não deixasse mais a gente entrar.

— A ideia foi boa, Branca. — Fernanda coloca uma mala no chão e me abraça. — O vovô já sabe e está furioso. Nunca pensou que você teria coragem.

— Não sei o que pensar disso tudo ainda, talvez você tenha se precipitado e... — Mila interrompe o fluxo de palavras ao ver Rafael surgir sem camisa, abotoando a calça jeans.

Olho para minha prima e

minhas amigas. As três estão

boquiabertas.

—

Apesar

de

ser

completamente compreensível

— Mila finalmente diz.

— Totalmente — Branca

concorda.

— Eu disse — Fernanda

completa.

Rafael estreita os olhos e

passa as mãos pelos cabelos.

Sei muito bem que as três não

tiram

os

olhos

de

cada

movimento dele. Se eu fosse um

pouquinho mais surtada, o

mandaria colocar uma camiseta

para
cobrir
aquele
corpo
definido e absurdamente sexy.
— A gente trouxe umas
coisas da Vivi, Rafa — Lucas
explica e as apresentações
começam.
Branca e Fernanda já tinham
conversado
com
ele
rapidamente
em
outras
ocasiões, mas Mila não, e sei
que a essa altura as duas já
contaram tudo a respeito dele.
Ela o analisa com seus olhos de
estudante de medicina, como se
quisesse descobrir tudo sobre
ele que possa me fazer mal.

— Coloca lá no quarto, Lucas

— Rafa diz, pegando uma das caixas. — Vou comprar um sofá-cama pra você durante a semana, e acho que uma cômoda também, né? Não vai caber tudo isso no meu guarda-roupa. — Ele me dá um sorrisinho e eu dou de ombros, entre sem jeito e divertida.

— É, o fato desse cara ser ainda mais sexy do que eu pensava dificulta minha vida e meu raciocínio — Branca me diz

—,

mas

vamos

ter

que

conversar sobre a sua decisão de vir pra cá, Vivi. Eu entendo que você queira ficar com ele e tal, mas não acha precipitado se

mudar pra cá? Por que você não
fica lá em casa? Meu pai não vai
te impedir de ver o Rafa quando
quiser. Ele pode ir lá também.

— Sei que o tio Túlio
adoraria que eu fizesse isso e
com certeza se sentiria mais
seguro, mas não. Meu lugar é
aqui.

Rafael já está voltando e
não posso dizer mais nada.

— Você se importa se
sairmos

com

a

Vivi

um

pouquinho, Rafael? — Mila

pergunta e Branca assente,

enquanto

Fernanda

respira

fundo, contrariada. Certamente

querem me convencer a não
ficar.

— Claro que não. Aproveito
e passo na casa do Lex. Preciso
resolver umas coisas. — Ele me
puxa e me dá um beijo rápido,
na frente delas. — Tudo bem
pra você? — pergunta sem se
afastar.

— Sim. Acho que volto à
noite.

— Quer que eu te busque?

— Eu te ligo.

Estamos falando baixo, um
para o outro, mesmo sabendo
que a plateia está atenta.

— Vocês vão querer transar
antes de sair? Porque está
parecendo e, olha, se eu fosse
homem já estaria de pau duro.

— Branca, como sempre, faz
todos rirem, mesmo quando o
comentário poderia gerar a

situação contrária.

— Vou me trocar. Já volto.

— Corro para o quarto. Quando vou fechar a porta, Rafael já está entrando.

— Cacete! Não era ideia o que eu estava dando. Estamos com pressa! — Branca cantarola a última frase, enquanto Rafael tranca a porta.

— Essa aí é doída, né? — ele pergunta, fazendo um sinal com a mão ao lado da cabeça.

— Completamente, mas me ama e é recíproco — respondo enquanto separo uma saia xadrez azul e branca, uma blusinha cinza sem mangas, uma jaqueta jeans curta e escura, para o caso de o tempo mudar de novo, e uma boina branca.

Abro

uma

caixa

qualquer e quase morro de
felicidade ao encontrar minha
bota preta, que vai até as
coxas. Se meu irmão não
tivesse tido essa brilhante ideia,
não sei como eu ia me virar sem
tantas opções de roupas e
apenas com meu All Star.

Rafael está encostado na
parede, de braços cruzados, só
me olhando. Finjo que não
presto atenção nele, mas noto
até o subir e descer de seu peito
enquanto ele respira.

— Pensando em seguir o
conselho da sua amiga... — ele
diz quando eu tiro o vestido e
fico só com a roupa de baixo.
Rio baixinho.

— Não foi um conselho, foi
uma ideia.

— Ideia, conselho. Desde que termine em sexo, pra mim tá perfeito. — Como um tigre, ele é tão ágil que, quando dou por mim, está com a mão no fecho do meu sutiã.

— Rafa!

— Vivi... — Ele deposita beijos em minha clavícula. Ah, meu Deus.

— Agora não. A Branca vai começar a gritar em dois segundos.

Como se tivesse me ouvido, Branca me chama. Rafael nem liga e toma meus lábios. Ele me beija intensamente, como se no fundo não quisesse apenas ficar comigo, mas mostrar que é ele quem manda nesta casa, não minhas amigas malucas.

Eu me permito ser beijada, porque não teria forças para

afastá-lo. Rodrigo e Branca
estão discutindo lá fora, e
estranhamente é isso que faz
Rafael retroceder.

— Gata, eu vou sofrer o dia
inteiro, literalmente. — Sei que
ele está falando do volume que
força a calça jeans. — Mas vou
te deixar ir antes que a sua
amiga acabe com o seu irmão.
Aliás, ela que me aguarde.

Questão de honra fazer essa
garota pagar a língua.

— Do que você está falando?

— Realmente estou perdida,
sem entender.



— Depois eu explico. Vou
sair pra você terminar de se
trocar. Se eu ficar, já era... —
Ele aperta minha bunda e sai.
Sento

na

cama

para

recuperar o fôlego e depois me troco. Hora de descobrir o que elas querem.

Vamos

ao

shopping.

No

caminho, Branca e Mila tentam me fazer enxergar que é muito arriscado

ficar

com

Rafael

agora,

no

processo

de

desintoxicação. Fernanda me pede desculpas com o olhar por ter

contado,

mas

eu

já

imaginava que isso aconteceria,

e no fim eu mesma contaria.

Preciso

das

três

comigo,

principalmente Mila, por seu

conhecimento maior de como as

drogas agem no corpo.

Ao chegar à praça de

alimentação, dou de cara com

minha avó Lorena.

— Vovó! — Eu a abraço, sem

saber muito o que esperar.

— Então o turrão do seu avô

conseguiu fazer você explodir —

ela diz quando me solta. Seu

perfume de canela ainda me

envolve. — Eu sabia que não

demoraria muito, depois que
meu filho querido se foi. — Ela
se refere ao meu pai e deixa
escapar um suspiro de tristeza.

Nós nos sentamos e vovó
pede a Fernanda e Branca que
busquem lanches para nós. Mila
está sentada na minha frente.

— Sinto muito por ter saído
de casa, vó, mas o vô não me
deixou alternativa. Com minha
mãe se recuperando e meu
mundo caindo, eu precisava... —

Quase conto sobre Rafael, mas
não sei como ela reagiria, e, ao
contrário do vovô, ela está bem
frágil ultimamente. — Sair.

— Não sei se sair é o nome
do que você precisava. — Vovó
Lorena pisca seus olhos verdes
e vivos para mim. — É o rapaz
do hospital, certo? O jovem
visivelmente rebelde e tatuado

que seu avô quis matar, e que

ainda

vai

matar

se

não

tomarmos

cuidado.

—

Ela

segura minha mão.

— É sim. O Rafael. O que a

senhora

sabe?

—

resolvo

perguntar de uma vez.

—

Você

sabe

como

funcionam essa família e nossos

amigos, não é mesmo? Todo

mundo sabe de tudo, pequena.

— Ela sorri e me chama tão
carinhosamente, mesmo sendo
muito mais baixa que eu. —

Rafael perdeu a família, você

perdeu

seu

pai,

e

vocês

encontraram um ao outro.

Branca e Fernanda sentam e
comemos, enquanto falamos de
assuntos corriqueiros. Vovó tem
uma regra básica: não discutir

ou

falar

de

assuntos

desagradáveis

durante

as

refeições.

Quando

terminamos,

ela

retoma:

—

Cariño,

não

posso

demorar

muito

porque

obviamente não contei ao seu

avô aonde ia, e creio que ele

gostaria que eu desse um gelo

em

você,

como

ele

provavelmente

vai

fazer.

Quando chegar, vou falar com

ele. Vim apenas para dizer que,

apesar de tudo o que o
Fernando disse, você tem sim
alternativa. Se quiser voltar
para casa e continuar a ver esse
rapaz, darei um jeito nisso. Seu
avô só está assustado porque se
enxerga em Rafael e sabe muito
bem tudo o que aprontou
quando era jovem. — Isso é
novo para mim e não sei o que
dizer. — Você conhece uma ou
outra história, mas nunca vai
saber de tudo o que aconteceu
enquanto ainda morávamos na
Espanha. Seu avô está longe de
ser um santo, apesar do altar
que criou para si mesmo. Quer
voltar
para
casa?
—
ela
pergunta, mexendo em meus

cabelos.

— Não, vó. Quando minha mãe voltar, vou conversar com ela e decidir o que fazer. Mas até lá vou ficar onde estou.

— Com Rafael.

— Sim.

— Queria poder dizer que você é apenas uma criança. Queria vê-la assim, como seu avô, mas não consigo. Eu vi você cuidando do seu pai nos últimos meses, dando apoio ao seu irmão, confortando e tentando manter sua mãe com saúde. Mais adulta que isso, impossível. Eu tinha dois anos a menos quando me casei com seu avô. Ele tinha a sua idade. Quero conhecer Rafael para ter

uma ideia mais concreta, mas apoio sua decisão. — Sorrio e pisco muitas vezes, porque não quero chorar. — E tem mais, meu anjo. Eu não queria dizer isso, mas é preciso. Se der errado, se ele não for tudo o que você pensa, quero que corra para mim, como correria para o seu pai.

Assinto

e

enxugo

uma

lágrima.

Sei

que

parece

maluquice o que estou fazendo,

mas meu coração grita que é

certo.

Vovó se despede de nós e

me abraça forte, deixando-me

com as meninas. Ligo para Rafael dizendo que ele pode me buscar quando estiver livre e continuo conversando com elas por mais um tempo.

— Você contou pro tio Túlio sobre o problema do Rafael com drogas, Branca?

— Claro que não! — Ela me lança um olhar ofendido. — Acho que vai ser muito pesado pra você e que talvez você não dê conta, mas eu nunca contaria pro meu pai. Mesmo que pareça que ele já está ligado.

— Bom, Vivi, tenho medo por você. Já vi muita coisa horrível envolvendo drogas e, estudando medicina, isso me assusta ainda mais... Mas, se você quer tentar, estamos do seu lado. — Mila sorri. Nunca duvidei que ela me ajudaria.

— Isso! — Fernanda se
empolga. — Vamos ajudar. Ele é
um cara legal, dá pra ver. Se ele
quer sair dessa, vamos ajudar e
ele vai ficar limpinho.

Até eu, que quero muito
salvar Rafael, sei que Fernanda
tem esperanças demais, mas
não digo nada.

— Avisa pra ele que estamos
nessa — Mila informa, como se
fosse algo tão simples de
resolver. — Não quero nenhum
cara
revoltado
quando
eu

chegar lá na hora da crise. —
Arregalo os olhos, pensando em
como contar ao Rafael que
minhas amigas sabem tanto
sobre sua intimidade. — É isso
mesmo, no primeiro sinal você

me liga. Você não tem noção do
que vai encontrar, mas eu
tenho. E vou estar presente.

As outras duas dizem o
mesmo, e eu concordo. Não há
mais nada que eu possa fazer
nessa situação. Vou ter que
conversar com Rafael e segurar
o tranco se ele ficar bravo.

— Tá bom, agora que já
tratamos de assuntos sérios... —

Branca diz com seu sorriso tão
característico. — Fala do sexo!
Puta que pariu, me dá detalhes!
Preciso saber do sexo!

40

RAFAEL

Eu mudaria até o meu nome
Eu viveria em greve de fome
Desejaria todo dia a mesma
mulher.

— Barão Vermelho, “Por você”

Lex está na garagem de

casa quando paro a moto.

Ele abre e eu estaciono ao lado da dele e de seu carro.

— E aí, cara? Chegou em casa e tinha uma garota linda na sua cama, hein? — ele me provoca enquanto fecha o portão. — Isso que é vida.

— Sabia que você estava metido nisso.

— Não me meti em nada.

Passei

a

noite

tranquilo, de boa, depois que o seu primo finalmente parou de falar. Você é que passou a noite metido numa garota. — Rimos ao entrar na casa. — O Lucas tá empolgado. Não vejo o

cara assim faz um bom
tempo... — Sento no sofá,
Lex vai para a cozinha e
volta com duas cervejas,
colocando-as na mesinha
de centro e sentando de
frente para mim. — Ele me
falou que você quer se
limpar de novo, mas vamos
por partes, certo? Se cortar
tudo ao mesmo tempo, sem
se internar, você não vai
dar conta. Quer começar
por onde?

Lex é prático e me
conhece há muito tempo,
quando eu nem sonhava em
perder meu pai. Ele tinha
doze anos quando seus pais
se separaram e o pai se
mudou para São Paulo, ao
lado da minha casa. Como
a cidade dele era longe, ele

vinha passar quinze dias
nas férias de julho e janeiro
inteiro. Para convencê-lo a
vir, seu pai comprou uma
bateria e uma guitarra, que
ele queria muito. E foi
assim que meu amor pela
música começou, quando o
filho do vizinho se tornou
um dos meus melhores
amigos.

Abro a cerveja e bebo
um
gole.

O
líquido
encorpado e gelado me
refresca, e me incomodo
por gostar tanto. Não seria
um problema se eu não
tivesse
chegado
aonde

cheguei.

— O cigarro é o mais

fácil

—

respondo,

colocando a cerveja na

mesinha.

— É, da outra vez você

deu conta. Tem gente que

engorda. Você só precisa

de sexo à vontade. Acho

que essa parte tá resolvida.

— Yeap! Tô até com

medo de levar essa garota

no bar.

— Ah, cara. Lá vai

você para o estoque de

novo.

— Nah... Estoque com

ela, jamais. Pensei no

escritório.

—

Estamos

rindo outra vez, mas logo
retomo o assunto que me
trouxe até aqui. — Baseado
pode ser um problema. Era
meu escape pra não pegar
tanto na cocaína. Vou
parar com a erva, então se
prepara.

— Arrã, é questão de
dias pra tudo pegar fogo.
Lá vamos nós de novo,
então — ele diz e bebe um
gole
de
cerveja,
sem
hesitar.

Nós dois sabemos como
foi difícil da outra vez e a
recaída que eu tive depois
de alguns meses, após o
acidente. Não sei lidar com
esse tipo de perda. É

sufocante e me consome.

Esquecer é o caminho mais
simples.

— A Viviane e o Lucas
acham que vai ser fácil.

Preciso

que

você

se

envolva, Lex. Se vou passar
por isso, preciso de você lá.

— Vou estar lá. Essa
garota é especial. Nunca te
vi assim. Quando você fala
dela

fica

mais

calmo,

parece moleque de novo.

Sorriso me lembrando

dos olhos castanhos e

brilhantes de Viviane, do

jeito que ela me abraça e

encosta a cabeça no meu
ombro.

—

É
estranho...

Diferente de tudo. Quando
a gente se conheceu, achei
que era só mais uma dessas
garotas mimadas, e mesmo
assim ela mexeu comigo.

Rolou uma atração muito
forte entre a gente. De
cara, coloquei na cabeça
que ela era brisa e eu
furacão. Acabou que somos
dois furacões colidindo. O
avô cortou o dinheiro dela e
fez ela escolher. Agora ela
quer trabalhar.

—

Ela
não
pode

trabalhar, cara. — Sua voz
fica séria de repente.

— Por que não?

— Se você vai tentar
parar, ela tem que ficar
com você. Lembra que
tiramos férias no mesmo
mês, e mesmo assim foi um
inferno?

— Lembro.

— Você vai ter que
adiantar as férias. Se estiver
no bar no meio da crise,
não
vamos
conseguir
segurar o tranco. Você vai
beber e, se beber, pode ser
que a gente não consiga te
segurar.

— É verdade. — Pego
a cerveja e coloco de volta
na mesa, sem querer dar

mais nenhum gole.

— Bebe — Lex diz,

firme. — Não se força.

Não é assim. Seu corpo vai

pedir as contas de tudo e a

gente sabe como é. Não

precisa se matar tentando.

Você não vai ficar bêbado

nem nada. Eu tô aqui. —

Tomo mais um gole. — Faz

assim: fala pra ela que a

gente conversa sobre o

emprego depois e vê algo.

Por enquanto, você precisa

é de uma babá. — Ele

ergue a cerveja, sem nem

um pingo de incômodo por

dizer a verdade. Eu vou

precisar mesmo de alguém

comigo o tempo inteiro. —

E eu vou ver suas férias

direito. Não tem nem um

ano que você tirou a última,

mas

podemos

arrumar

alguém

provisório.

Eu

explico pro André — ele

cita seu amigo e dono do

bar. Lex namorou a irmã

dele há alguns anos, e,

quando tudo acabou, a

amizade com o ex-cunhado

se tornou ainda mais forte.

— Vou dizer que você

precisa desse tempo por

causa do acidente. Ele vai

aceitar de boa. Metade do

sucesso do bar é por causa

das suas performances. Da

última vez tivemos uns

quinze dias antes de você

surtar. É o tempo que

preciso

pra

ajeitar

as

coisas.

— Você se lembra de

tudo.

— De cada detalhe.

— E agora ela vai

presenciar tudo. — Olho

para longe, sem querer

pensar no que vem pela

frente.

— Cara, não começa a

se cobrar. Eu vi você sair,

vi você entrar de novo e tô

aqui pra te ver sair mais

uma vez. — Ele muda de

sofá, senta ao meu lado e

coloca a mão no meu

ombro. — Segura a onda.

Ela vai aguentar.

— Como você sabe?

— Porque eu vou estar

lá.

—

Você

não

vai

conseguir tirar férias dessa

vez. O bar tá crescendo

mais a cada dia, e adiantar

as minhas já vai ser

complicado.

— Não vou tirar. Dá

pra fazer tudo junto.

— Não sei.

— Alguma vez eu já te

deixei na mão? — Ele me

dá dois tapinhas e se ajeita

no sofá.

— Nunca.

— Então acabou. Bora

te tirar dessa outra vez. —

Lex estende a mão para

mim

e

não

recolhe

enquanto não a aperto.

Acordo selado.

— Você sabe que pode

não ser pra sempre.

— Sei.

— E não se preocupa?

—

Claro

que

me

preocupo, Rafa. Cada vez

que você tem uma recaída

eu me preocupo, mas você

é meu melhor amigo, cara.

Quantas vezes você entrar

nessa e estiver disposto a

sair, eu vou ajudar a te

tirar.

— Você pode proteger

a Viviane?

— Do jeito que vocês

estão envolvidos, não tem
como proteger a menina,
Rafa.

— É — passo as mãos
pelos cabelos.

— Ela vai aguentar.

— Como você sabe?

— Porque eu vi como
ela te olha e tô vendo como
você fala dela. Se essa
garota está com você é
porque sente algo forte. Ela
deixou a família. Tá nem aí
pro que o resto do mundo
pensa quando está com
você. Meu, nunca te vi
querendo ficar com uma
garota assim. De uma hora
pra outra ela mudou pra
sua casa, e você tá aqui
todo feliz por ter ela por
perto e preocupado com o
que ela vai pensar. Rafa,

ela já sabe o que esperar.
Pode não saber exatamente
o que vai passar, mas sabe
o que esperar. E ela vai
ficar com você. É o que as
pessoas
fazem
quando
amam alguém — Lex fala
sério,
tentando
me
confortar.
— Ah, que jeito meigo
de dizer que me ama. — A
brincadeira me escapa e ele
chuta de leve meu joelho.
Já estamos rindo e
remarcando o ensaio de
amanhã.
Tenho
outros
planos.

Viviane

You calm the storms

And you give me rest

You hold me in your hands

You won't let me fall

You steal my heart

And you take my breath away.

— Lifehouse, “Everything”*

Lucas e Rodrigo estão jogando videogame quando Rafael e eu entramos no apartamento.

— Nem precisa estressar que logo mais vou sair — Lucas diz para Rafael.

— Vai pra onde? O Lex vai sair com uma garota hoje, não vai rolar você ficar lá. Não precisa passar as noites fora, Lucas. A gente dá um jeito aqui

— Rafael explica ao trancar a porta.

— Ele vai comigo — Rodrigo

se intromete. — Tio Túlio disse pra eu ir pra lá depois, que ele queria conhecer o Lucas e tal.

— Pra quê? — Rafael franze a testa e me olha. Ambos sabemos a razão: meu padrinho quer saber mais sobre ele.

— Não se preocupa, primo. Fico de boa lá hoje e amanhã tô de volta. E com protetor de ouvido, pra não escutar o que vai rolar naquele quarto.

Minhas bochechas queimam e Rafael ri.

— Tudo certo, Vi? — meu irmão me pergunta e me sento ao seu lado, colocando a cabeça em seu ombro e fazendo com que se distraia a ponto de tomar um tiro de Lucas no jogo. — Sua tonta, fez de propósito.

Dou risada. É bom ter meu irmão por perto. A parte ruim de

sair de casa é não o ver com
tanta frequência. Não sei o que
Rafael pensa sobre isso, mas
por mim Rodrigo pode passar
bastante
tempo
por
aqui.

Quando levanto o olhar, vejo a
expressão tranquila de Rafael e
sei que ele não se importa. Nós
quatro nos entrosamos muito
bem. Por mais dores que cada
um de nós carregue, tudo
parece
tranquilo
quando
estamos juntos. É quase como
se a dor ficasse do lado de fora.
— Bom, vou fazer o jantar,
porque alguém precisa comer. E
eu só belisquei o dia todo —
Rafael diz, lavando as mãos na

pia da cozinha.

— O que vai fazer? Precisa de ajuda? — pergunto, me aproximando.

— Acho que uma lasanha rápida. O Lucas gosta e acho que ele merece um pouco de mimo.

Tá

dormindo

em

qualquer lugar só pra deixar a gente sozinho.

Estou espantada com Rafael.

Cozinhar e demonstrar tanto carinho pelo primo. São tantas facetas!

Ele coloca o avental e, por um segundinho, tudo o que penso é em levá-lo para o quarto.

Acho

que

meus

pensamentos

explodem

em

meus olhos, porque ele me

lança um olhar muito safado e

diz:

— Depois, gata, depois — e

abre a geladeira, colocando os

ingredientes na mesa.

— Quero ajudar!

— Claro que quer. — Ele

abre a gaveta, pega uma faca,

depois tira uma tábua do

armário e a coloca na minha

frente. — Já picou uma cebola

antes?

Não resisto e mostro a

língua para ele. A resposta é tão

óbvia. Claro que não!

— Esse lance de chorar é

mito, né? — Pego a cebola da

mão dele e começo a descascar.

— Hum... não. — Ele ri.

— Jura?

— Juro.

Começo a picar, certa de
que ele estava mentindo.

— Achei que era só para
fazer cena bonitinha em filme e
novela. — Meus olhos começam
a arder. — Sabe, a mocinha
chorar, o mocinho fazer graça e
a cena parecer fofinha. — Meu
Deus, como queima. Sinto as
lágrimas
querendo
explodir.

Termino de picar o mais rápido
que posso e dou um passo
atrás, como se a cebola pudesse
me atacar a qualquer momento
e terminar o serviço. — Ai... —
Coço os olhos com o dorso das
mãos, e Rafael já está ao meu
lado com um guardanapo,

secando meu rosto.

Então beija minha bochecha

devagar.

— Essa cena fofinha? — ele

continua enxugando meu rosto.

— É... Mas seria mais fofa se

meus olhos não ardessem tanto.

— Já vai passar. — Rafael

me dá um beijo na testa e puxa

a cadeira. — Agora senta.

Depois eu deixo você me ajudar

com a louça se quiser. Dou

conta de todo o resto. Me fala

da saída com as suas amigas.

Elas falharam, certo?

Rafael percebeu a intenção

de Branca e das outras. Era tão

óbvio. Falo sobre minha avó,

digo que as meninas estão

preocupadas comigo e hesito

quando preciso contar o resto.

Ele já está refogando a carne

quando me lança um olhar e me

vê

mordendo

o

lábio,

preocupada.

— Elas sabem sobre mim.

Tudo. — Ele não está nervoso, nem sinto condenação em sua voz.

— Meus avós não, mas elas sabem.

— Relaxa, Vivi. Seu padrinho me tirou da cadeia. É natural que as pessoas comecem a querer saber mais, e é normal que você conte. Eu não saio anunciando meus problemas pra ninguém, mas tô pouco me fodendo pro que pensam. Você está bem com isso?

— Sim. — Eu me levanto e me aproximo dele. — Só quero te ajudar. Não queria que a sua

casa virasse uma bagunça de gente entrando e saindo para verificar se estou bem, mas sei que isso vai acontecer às vezes.

— Vamos combinar uma coisa? Quando aparecer alguém assim de repente, como hoje, você me compensa de algum jeito.

— Eu sabia!

Ele se afasta momentaneamente do fogão, me pressiona contra a parede e me beija.



— Já tenho algo em mente pra hoje — sussurra, depois volta a assumir o posto de cozinheiro.

— O quê? — pergunto,

arrepiada.

— Você vai ter que esperar

até

alimentarmos

e

dispensarmos os moleques.

A lasanha estava deliciosa. Não

sei quantas surpresas ainda me

aguardam vindas de Rafael. Ele

me deixou ajudar com a louça.

Não vou mentir e dizer que amo

loucamente

fazer

serviços

domésticos, mas gosto quando

é com ele.

Assim que Rodrigo e Lucas

saem, Rafael me lança um

sorriso safado que me arranca

um suspiro. Chega a ser

contraditória a maneira como

me sinto tímida e sedutora

perto dele. Ele desperta meus

opostos, sempre.

Estou

fingindo

prestar

atenção na luz da lua que entra

pela janela quando ele se

encosta em mim por trás e

desliza as mãos até minha

cintura. Qualquer ansiedade ou

temor que tenho sobre ele ficar

chateado com minhas amigas e

minha família se dissipa entre

nossos lábios.

Ele sobe as mãos por baixo

da minha blusa e enfia os dedos

pela renda do sutiã, enquanto

finca

os

dentes

em

meu

pescoço.

— Estava louco pra fazer

isso desde que você saiu.

Hum... — Sua língua me deixa eriçada. — Deixei mesmo uma marca em você ontem. Tá bem escura — ele encosta os dedos no local.

— Você não foi o único. —

Eu me viro e o beijo onde o marquei, no lado livre de tatuagem.

— Marcados... — É só um murmúrio, mas resulta em um frio na barriga intenso.

Rafael

se

abaixa

lentamente, tocando meus seios e descendo devagar. Estou contra a parede agora, e ele levanta minha saia. Enrosca os dedos na minha calcinha e me livra dela.

— Adoro suas saias. — Ele

me toca profundamente, como
na noite anterior.

Sinto que posso desvanecer
e cair se não tiver mais apoio.

Num piscar de olhos, ele se
levanta e me pega no colo.

Não chegamos até o quarto.

Ele me põe no chão, tira a calça
e senta no sofá, me puxando

para cima dele. Nós nos
provocamos o máximo que
resistimos. Quando ele aparece

com

uma

camisinha,

me

surpreendo e tento descobrir de
onde a tirou, mas meu raciocínio

se perde antes mesmo que ele
possa abrir o pacote, ao senti-lo

abocanhar um dos meus seios.

Arqueio as costas, suas mãos

me seguram, me apertam, me

prendem a ele.

— Quero você agora.

Sua voz rouca é suficiente
para me fazer quase derreter,
mas não cedo. Hoje é minha vez
de fazer Rafael esperar para
estar dentro de mim.

Antes que ele possa me
segurar mais forte, escapo e
deslizo para o chão. De joelhos,
em frente ao sofá.

— Lembra quando você
disse que me queria de joelhos?
Quero você do mesmo jeito. —
As palavras escapam dos meus
lábios e um brilho lascivo
atravessa o rosto de Rafael
quando ele percebe o que tenho
em mente.

— Ah, porra... — ele diz
baixinho quando encosto a
língua na ponta de sua ereção.

— Porra... Porra!

Eu o envolvo com as mãos e
o provooco com a boca. Rafael
deita
a
cabeça
no
sofá,
contendo-se, depois volta a
olhar para mim. Nossos olhares
se cruzam e não interrompo a
carícia. Ele geme e afunda os
dedos em meus cabelos, me
puxando mais para perto. Sua
respiração está tão acelerada
quanto meu coração. Dar prazer
a Rafael é tão bom quanto
sentir seu toque.

Quando penso que ele está
prestes a se perder, Rafael
segura meus ombros e me
levanta.

— Vem cá. — Não é um
pedido

e

não

demonstro

resistência. — Eu disse que

queria você, mas vou mudar:

preciso de você agora. Puta que

pariu, vem. Senta em mim.

Obedeço. Nossos gemidos se

misturam.

Seus

dedos

me

apertam, minhas unhas se

cravam em sua pele. Os beijos

roubam nosso ar. Mais uma vez,

Rafael e eu nos entregamos

sem restrições e atingimos o

auge da satisfação.

Quando ele estremece e

solta um palavrão, repetido três

vezes baixinho em meu ouvido,

eu me sinto a mulher mais feliz

do mundo. Nunca pensei que

algo assim pudesse ser tão
sensual. Rafael é tudo o que
preciso, tudo o que quero. E
ninguém pode mudar isso.

Nota

* “Você acalma as tempestades/ E me dá
repouso/ Você me segura nas mãos/ E não
me deixa cair/ Você rouba meu coração/ E
me deixa sem fôlego.”

42

RAFAEL

It's not always rainbows and
butterflies

It's compromise that moves us
along, yeah

My heart is full and my door's
always open

You can come anytime you want.

— Maroon 5, “She Will Be Loved”*

Após a pegação insana no
sofá, Viviane entra no
banho

e

estou

quase

entrando com ela quando o

telefone toca. É minha

mãe.

Conversamos

durante

alguns

minutos,

depois

desligo e vou para o quarto.

Estou

colocando

algumas peças de roupa na

mochila quando Viviane

entra vestindo um baby doll

branco delicado com a

barra rendada. Está longe

de ser o furacão que é o

vermelho e muito distante

do pijama felpudo também.

Se bem que para mim já

não faz diferença.

— Ai, caralho... —

solto e ela sorri, feliz por se sentir tão desejada. — Eu devia ter tomado banho com você — digo ao dobrar uma camiseta e colocar na mochila.

— O que você está fazendo? Não vai fugir, vai?

— Ela senta na cama.

— Eu não sou de fugir.

— Acaricio seu rosto. —

Preciso das suas roupas também. É pra um dia, mas vamos dormir lá, então pode levar um dos seus baby dolls. Ou não. —

Seguro a alcinha entre os dedos e meu desejo é simplesmente rasgar tudo e beijar Viviane outra vez.

— Aonde vamos? — A voz dela sai num sussurro.

Acabamos de transar e
mesmo assim, só de pensar
na próxima vez, ficamos
excitados de novo.

— Visitar minha mãe.

Ela me ligou agora. Quer
me ver e, já que não sei
como vão ser os próximos
dias, é melhor que seja
agora.

— Ela sabe que eu vou?

— Não falei nada, mas
ela vai adorar você.

Ela separa as roupas
que pedi. Eu me distraio e
observo

a

guitarra

pendurada na parede.

— Você acha que
nunca mais vai tocar? —

Viviane

pergunta,

me

tirando do devaneio.

— Não sei. Não me

vejo tocando. Às vezes

pego o violão e sempre toco

bateria, mas, quando penso

em pegar a guitarra, lembro

do meu pai e simplesmente

não consigo. Tem uma

coisa que não te contei. A

Priscila, minha irmã, queria

que eu tocasse guitarra no

aniversário de dezoito anos

dela. Pedia todos os anos.

Eu sempre respondia que

não, mas agora estava

pensando que ela nunca vai

completar dezoito anos. Eu

devia ter tocado pra ela.

Acomodo as roupas

dela, fecho a mochila e me

deixo cair na cama. Ela

deita ao meu lado e se

aconchega a mim.

— Não se culpe por
isso também, Rafa. — Sua
mão acaricia meu peito.

— Não é culpa, é só
tristeza. Talvez seja melhor
nunca mais tocar essa
guitarra. Talvez o certo seja
isso mesmo.

— Às vezes não. Pode
ser que um dia você sinta
vontade de tocar. Pense
em, sei lá, deixar tudo para
trás e viver. Pode ser como
um caminho de transição.

— É, vai saber. Não sei
se um dia vou conseguir
deixar tudo para trás e
focar só no futuro, mas é
uma boa hipótese. — Eu
me viro e a acomodo sobre
o travesseiro. — Ou eu
poderia esquecer o futuro e

ficar aqui, só beijando você.

E, por uns minutos,

realmente esqueço de tudo.

Eu a beijo como se fosse o

bastante para me salvar. E

talvez seja.

— Vou tomar banho e

já volto, gata. Tá tarde e

amanhã vamos sair cedo.

Vou pedir o carro do Lex

emprestado. É uma viagem

longa pra te levar de moto.



— Eu a cubro, depois me

levanto e a deixo ali,

confortavelmente olhando

para a guitarra. Não posso

imaginar o que mais se

passa em sua mente.

A

viagem

é

tranquila.

Viviane fala bastante para
tentar não dormir. Toda vez
que ficamos em silêncio,
seus
olhos
parecem
pesados. Digo que pode
cochilar um pouco, mas ela
se nega e continuamos
conversando.

O celular dela toca. Ela
olha e não atende. Não
digo nada, mas, quando
acontece pela terceira vez,
não aguento:

— Não vai atender?

— Não.

— Por quê?

— É o César.

— Hum... Quer que eu
atenda?

— Eu sei me cuidar,

Rafa.

—

Ele

tem

ligado

sempre?

— Tá com ciúme?

— Não. Só seria bom

se ele parasse.

— Ownnn! Tá com

ciúme. Que fofo, Rafa!

Nunca pensei.

— Não é ciúme.

— E o que é?

—

Instinto

protetor

aguçado

por

um

ex-

namorado filho da puta que

não larga do pé da minha

garota.

— Na última vez que
atendi, eu disse pra ele que
não existe chance de a
gente voltar. Antes mesmo
de ir pra sua casa, no dia
que a minha mãe foi
internada.

— Você disse, então...

—

Arrã.

E

disse

também que eu estava
completamente apaixonada
por outro cara.

— Que cara? — entro
no jogo dela.

— Um barman sexy e
tatuado, que ainda por cima
é músico e me toca como
ninguém.

— Foda esse cara,

hein?

—

Ãrrã...

—

Ela

desliza a mão pela minha
coxa, se aproximando cada
vez mais do meu pau. Puta
que pariu!

— E esse cara aí não se
importa que você fique
passando a mão em mim
assim?

— Idiota! — ela ri, mas
continua com a carícia que
está me matando.

— Caralho, vou bater a
porra do carro! — Ela tira
a mão, assustada, e eu a
seguro. — Não, não para.
Pelo amor de Deus, não
para.

Viviane me dá um beijo



no rosto e inspira meu
perfume, depois se afasta
outra vez, mas não para
muito longe, pois sua mão
continua ali, tentando me
enlouquecer.

Minha mãe abre a porta de
casa e seus olhos se
arregalam ao me ver de
mãos dadas com Viviane.

Eu nunca tinha trazido uma
garota para conhecê-la. E
nunca tive a intenção de
fazer isso.

— Filho — minha mãe
me abraça e Viviane solta
minha mão, dando total
liberdade a ela —, que
saúde! Você está bem?

— Então olha atentamente
para Viviane, esperando

uma apresentação.

—

Oi,

mãe.

Senti

saudade também. Estou

bem. Estamos bem. —

Troco um olhar com Vivi.

— Vivi, essa é a dona

Rosalia, minha mãe. E,

mãe, essa é a Viviane,

minha namorada.

Viviane prende o ar e

aperta mais forte minha

mão. Seus olhos brilham e

sorriso para ela. Tem tanta

coisa que ela me diz em

silêncio. É quase como se

minha mãe não estivesse

por perto.

— Ah, minha querida!

— ela abraça Viviane bem

forte e diz para a gente

entrar. — Nós já nos
conhecemos?

Tenho

a

sensação de já ter visto
você.

É instantâneo. Acho

que as palavras “minha
namorada”,

que

me

escaparam

com

tanta

naturalidade, funcionaram

como mágica, e minha mãe

também se apaixonou por

ela.

Conforme entramos na

sala, dou um passo para

trás. As fotos de meu pai e

de Priscila estão expostas

na estante, e ver os dois me

dói. Viviane percebe, volta
e me pega. O que não
passa
despercebido
por
minha mãe.

A mesa para o almoço
está posta, e eu sei que
minha mãe fez costela
assada, porque é meu prato
preferido. O aroma invade
a casa inteira.

— Por que você não
coloca a mochila lá no
quarto, filho?

Deixo as duas sozinhas
e entro no quarto que era
da minha irmã. Tive uma
crise de choro na última
vez em que estive aqui.

Agora tudo está diferente
no cômodo, todo o cor-de-
rosa se foi. Sei que minha

mãe fez isso por mim e não sei o que pensar. Não era minha intenção obrigá-la a se desfazer de tudo.

Volto para a cozinha devagar e ouço minha mãe perguntar a Viviane:

— Vocês se conhecem há muito tempo?

— A gente se conheceu esse ano — Vivi foge da data.

— E já são namorados? Você deve ser realmente especial. Esperei a vida inteira para ver o Rafael olhar para alguém como olha para você.

Por

quanto

tempo

minha mãe nos viu juntos?

Dois minutos? Sei que eu

deveria entrar na cozinha,
mas não resisto e fico
escutando um pouco mais.

— E seus pais? O

Rafael já conheceu?

É minha deixa. Entro na
cozinha.

—

Mãe,

sem

interrogatórios, por favor.

— Não perguntei nada

de mais. Só quero saber

mais sobre a Viviane. Tem

algum problema?

Viviane

balança

a

cabeça negativamente, lhe

dando o pior incentivo que

poderia dar.

— Aos poucos você vai

descobrir tudo o que quiser,

mãe.

— Ótimo. Agora vamos
comer?

E, pela primeira vez em
muito tempo, almoço com
minha mãe, conversando
sobre diversos assuntos,
sem que meu peito arda e
eu queira sair correndo.

Com Viviane ao meu lado,
finalmente
pareço
estar



aceitando o que a vida me
impôs.

O dia foi ótimo. Minha mãe
continuou
com
suas
perguntas, que evitamos
como pudemos. Até que à

noite, após o jantar, quando
me encontrou no sofá da
sala tentando beijar Viviane
e nos ouviu rindo, ela
resolveu que era hora de
recomeçar.

— Você tem irmãos?

— Um só, o Rodrigo.

— Quantos anos você
tem?

— Vou fazer dezenove
no sábado.

— Uma idade linda. —

Seu suspiro sai tremido.

Talvez pense em Priscila.

— E seus pais?

De novo, a pergunta da
qual é impossível fugir por
mais tempo.

— Meu pai faleceu no
começo do ano — Viviane
diz o que minha mãe
descobriria mais cedo ou

mais tarde.

— No começo do ano...

— minha mãe repete,
considerando, e troca um
olhar comigo. — Espere...

Eu conheço você.

Ah, droga. Por que não
pensei nisso? Se eu cruzei
com Viviane no dia em que
perdemos quem amávamos,
minha mãe também pode
tê-la visto.

— Eu nunca poderia
esquecer,
porque...

o

casaco... — A mesma
sensação que eu tive ao ver
Viviane pela primeira vez.
Ela me fez pensar em
Priscila. — Você estava tão
triste, com um olhar tão
distante...

— Meu pai morreu no dia 2 de janeiro, depois de dez meses lutando contra um câncer de pulmão — Viviane esclarece e eu a puxo para mim, beijando-lhe a testa.

Minha

mãe

nos

observa. Ela não chora ou se entristece, ao contrário do que eu pensava que faria. Apenas sorri. Não é uma felicidade plena, mas é como se reconhecesse o óbvio.

— Vocês se confortam.

Deus age por caminhos misteriosos. — Ela assente e senta perto de nós no sofá, sua mão cobrindo as nossas. — Ela é um

presente para você, filho.
Depois de tudo, ela chegou.
O mesmo vale para você,
Vivi. É quase como se
vocês estivessem destinados
a ficar juntos. Um plano de
Deus. Não sei se você
percebe, meu anjo — ela
faz
carinho
em
meus
cabelos —, mas com ela
você se ilumina.
Minha mãe se levanta,
beija cada um de nós e vai
para o quarto, dizendo que
nos vê pela manhã.
Guio Viviane pela mão
até o quarto. Nós nos
trocamos
em
silêncio.

Depois nos deitamos, ela se
aconchega a mim e eu a
envolvo com o braço. É tão
natural.

— Você está bem? —

ela pergunta baixinho.

— Sim. E você?

— Também.

— Que bom.

Viviane

levanta

o

queixo e nos beijamos com

carinho. É um conforto

mútuo,

já

que

ambos

mentimos sobre estar bem.

Estamos

feridos

e

a

saudade de quem se foi

bate forte.

Ela acompanha com o

dedo o desenho da minha

tatuagem e mexo em seus

cabelos.

Nada

tem

conotação sexual. Hoje, só

precisamos ter o outro ao

lado. Apenas isso.

Nota

* “Nem sempre tudo são arco-íris e borboletas/ É o compromisso que nos mantém juntos, yeah/ Meu coração está cheio e minha porta sempre aberta/ Você pode vir quando quiser.”

43

Viviane

Hold up!

Hold on!

Don't be scared

You'll never change what's been

and gone.

— Oasis, “Stop Crying Your Heart

Out”*

A semana passa rápido. Rafael

me explica por que não posso

trabalhar no bar, nem em

nenhum

outro

lugar,

por

enquanto. Eu cedo, é claro. Não

quero constrangê-lo ainda mais.

Vou com ele até o bar em

dois dias, mas não quero dar a

impressão de que preciso estar

sempre por perto, então, nos

outros dias, fico em casa ou saio

com

Mila,

que

está

perdidamente apaixonada por

meu irmão, mas ele nem olha

para ela.

Rodrigo está numa fase
ainda pior do que antes. Garotas
entram e saem, e ponto-final.

Ele não vai se apegar agora. Por
mais que goste da Mila, nem
percebe o que ela sente. Já

Lucas... Eu o pego olhando para
ela às vezes, mas ela não nota.

O que acontece com eles? Seria
tão mais fácil se os sentimentos
fossem recíprocos, e não essa
ciranda interminável.

Também invento de querer
fazer

coisas

para

Rafael.

Queimo o arroz duas vezes por
distração, mas finalmente dá
certo, e o bife à parmegiana fica
bom,
mas

um

pouquinho

salgado. Ele ri. Adoro o brilho de
orgulho que surge em seus
olhos ao me ver tentando viver
uma vida tão diferente da que
eu costumava ter.

Meu avô continua sem falar
comigo e tio Túlio me liga todos
os dias, assim como minha avó.
Tia Monique, mãe do Bernardo e
da Branca, tem me telefonado
bastante
também.

Todos
parecem com medo, à espera
de que algo dê errado. Não falo
com Bernardo desde que vim
para cá e estranho ele não ter
me ligado mais. Acho que ele
espera o meu contato, mas não
quero
brigar,

então

me

mantenho distante. Não sei se ele aceitaria Rafael.

Fernanda ainda não contou ao meu avô que está grávida e pretende se casar em breve. Ela disse que está esperando o momento certo.

Por enquanto nada de crise de abstinência, mas a cada dia que passa sei que estamos mais perto e me apavoro mais.

Preciso ser capaz de dar conta disso.

— Preparada? — Rafael me pergunta, sem imaginar o que estou pensando. Ele se refere a visitar minha mãe.

O horário de visita começa às treze horas. Hoje faz uma semana que ela foi internada e também é meu aniversário.

Tudo o que desejo é ver minha mãe bem e que Rafael passe pela desintoxicação sem muito sofrimento. Desconfio que você tenha dado um jeitinho de mudar o dia de visita, que seria apenas daqui a três dias, por minha causa, mas, como ele está bravo comigo, nunca vai confessar.

— Acho que sim.

— Seu irmão já está lá embaixo com o carro. Vamos? — Ele me abraça e afundo em seu peito, sem querer sair dali. — Vai ficar tudo bem, Vivi. Vou estar por perto.

— Tem certeza que não vai te atrapalhar com o trabalho?

— Tenho. Dá tempo de ir e voltar até meu turno começar.



Sáimos.

Lucas

nos

acompanha e fico grata por isso.

Ele vai no banco do passageiro,

enquanto Rodrigo dirige e me

aconchego

a

Rafael

atrás,

torcendo para que minha mãe

esteja

pelo

menos

um

pouquinho melhor.

Chegamos. Eu me apoio em

Rafael para descer do carro e o

pior acontece: damos de cara

com vovô. Vovó, Fernanda e

Augusto, namorado e pai do

bebê secreto da minha prima,

estão com ele.

Entrelaço os dedos aos de
Rafael e meu avô nos encara.
Depois simplesmente se vira e
nos ignora. Meu peito se aperta
e sinto como se o ar fosse
levado para longe. Toda essa
situação é horrível, e ser
ignorada por alguém que amo
tanto é a gota-d'água. Quando
me dou conta, estou tentando
enxugar as lágrimas sem que
ninguém perceba.

— Mas que porra... — Rafael
murmura baixinho ao olhar para
mim e me solta, caminhando
decidido na direção do meu avô.

— O que você pensa que tá
fazendo?

Estou parada, com meu
irmão ao lado, ambos sem
reação e boquiabertos. Nunca
em toda nossa vida vimos
alguém confrontar vovô assim.

Meu avô para, olha Rafael
de cima a baixo e o desprezo
dói em mim. Vou rápido até eles
e paro ao lado.

— Fernando, por favor... —

minha

avó

pede

baixinho

quando nos alcança. Ela me dá

um beijo, sem saber como se

aproximar

de

Rafael,

que

enfrenta meu avô com olhos

assassinos.

— O que esse moleque quer

comigo? — ele pergunta ao meu

irmão, que balança a cabeça e

aperta

a

testa.

Meu

avô

continua fingindo que eu não
existo.

— Quem você pensa que é
pra tratar a Viviane assim? —

Rafael questiona. — Será que é
tão cego que não vê como está
ferindo a sua neta?

— Rafa, deixa pra lá... —
peço, segurando seu braço, mas
ele não se move.

Meu avô bate os olhos em
minhas mãos e nas tatuagens
de Rafael. O preconceito grita.

— Ninguém vai te tratar
assim, Vivi. Não se eu puder
evitar. — Sua voz se torna doce

apenas

para

mim,

depois

endurece novamente quando se

volta para o meu avô. — Você perde tanto tempo me odiando por eu ser diferente do que você esperava para a sua neta, mas não vê que a machuca mais do que qualquer um. As pessoas se vão com muita facilidade. Você devia saber como a vida é frágil.

Devia dar valor às pessoas enquanto elas estão aqui.

Minha avó deixa escapar um murmúrio e vejo seus olhos lacrimejarem.

— Quem você pensa que é?

— meu avô aponta o dedo para Rafael.

— Ele é meu namorado! — respondo por ele.

— O quê?! Como se atreve a assumir isso? — Vovô está pálido, chego a pensar que vai desmaiar, mas ele logo fica muito vermelho. — Você me

envergonha, Viviane.

— Olha como fala com ela!

— Rafael não consegue mais se conter.

Os dois se enfrentam. O pessoal da clínica se aproxima, e provavelmente vamos ser repreendidos. Quando não sei mais o que fazer, minha prima dá um passo à frente.

— Ah, seja o que Deus quiser.

Estou grávida!

—

Fernanda grita, chamando a atenção de todos.

Augusto imediatamente a ampara e meu avô fica sem palavras. Olha para todos nós sem reação. Pelo sorriso de minha avó, ela já sabia.

— Mas como? — vovô

finalmente diz.

— Ora, Fernando, me poupe.

Você não quer realmente saber como a Fernanda engravidou, não é? — Minha avó segura o braço dele e o massageia sem parar. É incrível ver como ele cede ao controle dela. — Agora chega. Todos vocês. Vamos entrar e ver como a Alice está. Afinal estamos todos aqui para vê-la bem, não é?

Vovô concorda e começa a caminhar, depois de dizer para Fernanda:

— Conversamos sobre isso mais tarde, mocinha.

Fernanda assente, despreocupada. A mãe dela já sabe e Augusto está com ela, que pouco se importa com os chiliques do vovô.

Vovó vai caminhando com
ele, mas se vira para trás e sorri
para Rafael, que, confuso,
retribui o sorriso, sem entender
direito se o merece ou não. Sei



o que isso significa. Minha avó
está feliz por ele ter ficado do
meu lado, mesmo contra meu
avô. Ela percebeu o que Rafael
sente por mim e aprova.

À porta do salão de visitas,
Rafael se despede de mim.

— Queria muito ir junto, mas
é melhor você ir sozinha.

Quando sua mãe tiver alta você
me apresenta, tá?

Dou um beijo em seu rosto e
o deixo com Lucas.

Rodrigo surge ao meu lado,
assumindo o lugar vago e me
oferecendo o braço, que aceito

com

prazer.

Sinto

sua

ansiedade, e sei exatamente o

que ele sente.

Minha mãe está sentada
numa poltrona branca no canto
do salão, com um livro na mão.

Estamos

tão

tensos

que

permitimos

que

as

outras

pessoas se aproximem primeiro,

mas

somos

surpreendidos

quando ela se levanta e move a
cabeça, claramente procurando
por nós.

Minha mãe toca o peito

quando nos vê e, como crianças,
corremos para ela. O abraço
apertado é de longe tudo o que
mais queremos. É como senti-la

viva pela primeira vez após a morte do meu pai.

— Vocês estão bem? — ela pergunta ao dar um beijo em cada um. Depois olha com atenção para trás de mim e se senta, parecendo cansada. Acho que é muito para a primeira visita.

Eu me sento no sofá ao lado, bem perto dela, assim como Rodrigo.

— Como você está, mãe? — pergunto, inquieta.

— Estou melhorando. — Sua voz é suave, muito triste ainda, mas já não soa irreconhecível.

— Quero saber de vocês.

Cruzo o olhar com meu avô e o vejo limpando as lágrimas disfarçadamente com um lenço.

Quero muito abraçá-lo, porque sei que seu coração é grande

por trás daquela fachada, mas
me seguro. Minha mãe olha de
mim para o meu avô, captando
que há algo errado, e aperta os
olhos, pensativa. Esse simples
gesto me deixa tão feliz que
sorrio. Ela está voltando. Pode
demorar mais alguns dias, mas
minha mãe está voltando para
nós.

Nota

* “Agente firme!/ Continue!/ Não se
assuste/ Você nunca vai mudar o que já foi
e passou.”

44

RAFAEL

Meu bem me deixa sempre muito à

vontade

Ela me diz que é muito bom ter

liberdade

Que não há mal nenhum em ter

outra amizade

E que brigar por isso é muita

crueldade

Mas eu me mordo de ciúme.

— Ultraje a Rigor, “Ciúme”

No fim, Viviane sai da

clínica muito feliz. A mãe

ainda tem um caminho

longo pela frente, mas vê-la

bem melhor do que quando

entrou deixa Vivi cheia de

esperança. Sua alegria me

contagia.

A avó se aproxima de

mim rapidamente, me dá

um beijo no rosto e diz:

—

Cuide

dela.

—

Depois se afasta, sem me

dar chance de falar nada.

O avô segue com o

gelo. Levo Viviane para o

carro

e

acarício

seus

cabelos em todo o trajeto.

Quero que ela fique bem.

Paramos em casa. Eu a

deixo lá, para que possa

tomar banho e se preparar

para mais tarde, e vou de

moto para o trabalho. Ela

ainda

não

sabe,

mas

chamei suas amigas para

irem ao bar e encomendei

um bolo, sem ter certeza se

ela estaria no clima para

comemoração. Com a mãe

bem, ela vai estar.

Durante todos esses

dias, Rodrigo e Lucas têm

ficado comigo no bar. Sei

que Lex também me vigia,
mas é mais discreto.

Há uma hora estamos
apenas eu e Lucas, porque
Rodrigo foi buscar a irmã.

Estou

preparando

uma

caipirinha de saquê quando

a vejo entrar. Engulo em

seco. Puta que pariu! Ela

está usando um vestido

pink

curto,

com

uma

jaqueta de couro preta por

cima e um coturno que vai

quase até os joelhos.

— Quero ver escapar

do estoque... — Lex passa

e me provoca. Realmente,

quero ver como vou me

segurar para não agarrar
essa mulher até o fim da
noite.

Quando

ela

vê

as

amigas, quase chora de
felicidade. Estou de longe,
apreciando cada uma de
suas reações, extasiado.

Até Clara veio, a amiga que
eu não conhecia e que é
casada com o primo do ex-
namorado da Vivi.

Viviane se afasta das
amigas e vem até mim.

Tenho um presente para
ela. Aperto o bolso e sinto a
caixinha.

Meu

coração

dispara em expectativa.

— Lex, vou ali no
escritório.

— Ah, Rafa!

—

Relaxa,

volto

rapidinho. Só quero dar um

beijo nela. Por favor, cara.

Só um beijo.

— Vai, vai — Lex

responde, rindo.

Cruzo com Andressa

quando saio do balcão, mas

nem paro. Pego Viviane

pela mão e ando o mais

rápido que posso até o

escritório,

trancando

a

porta atrás de nós.

Antes que eu consiga

falar, Viviane me empurra

contra a parede e me beija.

Porra! Porra! Porra! Como
vou
conseguir
manter
minha palavra de que seria
só um beijo?

Minha mão já está
procurando a barra do
vestido, sem controle. Puta
que pariu! O que me segura
é que ela pressiona o corpo
contra mim e esbarra na
caixinha.

Viviane se afasta só um
pouco, encosto a testa na
dela e digo:

— Feliz aniversário,
gata. Posso saber por que
sou eu que tô ganhando o
presente? — Passo a mão
em sua bunda. — Não que
eu me importe.

— Gostou da roupa? —

ela gira, me provocando.

— Se gostei? Vou ficar
com dor nas bolas até a
gente chegar em casa. —

Em casa. É tão natural
pensar na minha casa como
também dela. — Tenho um
presente pra você.

— Sério? — Seus olhos
brilham. — O que você fez
hoje, e tudo o que tem
feito, já são presentes
lindos.

— Pode até ser, mas
esse é melhor.
Pego a caixinha preta
de veludo e entrego a
Viviane. Ela abre devagar e
suspira, sorrindo.

— Ah, meu Deus! Um
anel de Claddagh! É um
anel de Claddagh! — ela dá
pulinhos, explodindo de

felicidade. Meu coração se
dissolve no peito. — Como
você sabia?

—
Sua
prima
me
ajudou.

O anel de Claddagh é
composto por um coração
com uma coroa e duas
mãos que o seguram. E é o
anel de prata que Angel
deu a Buffy na série *Buffy*,
a caça-vampiros, que Vivi
adora. O significado da
coroa é lealdade, das mãos,
amizade, e o coração é o
óbvio: amor.

— Eu amei, Rafa. De
verdade, amei muito. O
melhor presente que já
ganhei.

Enxugo uma lágrima
em seu rosto e a beijo outra
vez.

— Posso colocar em
você?

— Pode.

Pego o anel e deslizo no
dedo anelar da mão direita,
com a ponta do coração
direcionada para o punho.

— Isso significa que
você é comprometida. —

Toco sua mão com os
lábios.

— Você sabe até o que
o anel significa?

— Sei. Sempre vou
querer saber mais sobre as
coisas que você gosta.

Viviane olha a própria
mão, admirando o anel,
sorridente.

— Obrigada.

—

Não

precisa

agradecer. Ou melhor, me

agradeça mais tarde, em

casa — digo, abrindo a



porta.

—

Infelizmente

preciso voltar para o bar.

—

Ah,

só

um

minutinho. — Ela fecha a

porta correndo e me beija

outra vez.

Uma hora depois, Viviane

se

aproxima

do

bar

novamente.

— Não precisa ficar aqui. Vai lá com as suas amigas — digo, querendo que ela se divirta.

— Já vou. Só passei um pouquinho para ver como você estava.

—

Ainda

querendo

você

—

provoco,

colocando duas garrafas de Smirnoff Ice sobre o balcão para o garçom.

Ela morde o lábio

inferior sem deixar de me olhar. Um cara alto e loiro se aproxima da mesa em que

as

amigas

estão

sentadas, e Branca aponta

para o bar. Ele caminha

decidido.

Um

pressentimento

me

incomoda. O tal cara está

olhando para as costas de

Viviane.

O garçom me pede

mais duas cervejas e me

viro para abrir a geladeira,

no mesmo momento em

que Viviane dá um gritinho.

Olho para ela e o filho da

puta está com as mãos em

volta

de

sua

cintura,

tirando-a

completamente

do chão.

— Bernardo!

Então

esse

é

o

Bernardo. Ótimo.

— Vivi! — Ele dá um

beijo estalado nela, que

continua longe do chão.

Putaquepariu! Se controla,

Rafael. Se controla! Se

controla!

Nunca na vida senti

tanto ciúme.

— O que você está

fazendo

aqui?

—

ela

pergunta

quando

ele

finalmente a põe no chão.

Sem dar a mínima para

mim, o puto coloca a mão

no rosto dela, ajeita seu

cabelo e diz:

— O quê, você não

sabe? Sou oficialmente o

plano B.

Q u e *porra* é essa de

plano B?

45

Viviane

Everything inside me looks like

everything I hate

You are the hope I have for change

You are the only chance I'll take

When I'm on fire when you're near

me

I'm on fire when you speak

— Switchfoot, “On Fire”*

Mal

posso

acreditar

que

Bernardo está aqui e muito
menos que ele é o plano B a que
meu avô se referiu quando
soube do Rafael.

A menção a isso me faz dar
um passo atrás. Eu me choco
com a banqueta e me viro para
Rafael, cuja expressão fechada
me diz tudo o que preciso saber.
Ele não gostou nada dessa
situação, isso porque nem sabe
o que a presença de Bernardo
realmente significa.

— Cara! — Rodrigo surge do
nada e abraça Bernardo, dando-
lhe tapas nas costas. — O que
você tá fazendo aqui?

Se nem meu irmão sabia
que ele estaria aqui hoje, é
porque tem muito mais coisa

por trás disso. E basta um olhar para Branca para saber que ela tem algo a ver com isso. Ela me lança um sorriso sem jeito, querendo dizer que não tem culpa e que só quer o meu bem e o de seu irmão. É irônico, porque o bem de Bernardo envolve a Clara, que está sentada ao lado dela — e que por sinal é casada.

Bernardo segue meu olhar e abaixa a cabeça. Certamente é um alívio — quer dizer, é horrível saber que ele ainda tem sentimentos por alguém com quem não pode ficar, mas pelo menos ele não transferiu isso para mim quando a gente ficou. Só nos machucariamos mais.

Entro devagar na área do bar. Rafael está enxugando as mãos sem desviar o olhar do

meu amigo. Lex sai da cozinha com o celular na mão e caminha para o bar, percebendo que algo não está bem.

— Rafa, acabei de falar com o André. Considere-se de férias a partir de amanhã. Já tá tudo certo.

Rafael assente e Lex toca meu ombro, esperando que eu saiba o que está acontecendo.

— Bernardo, esse é o Rafael, meu namorado — começo as apresentações que estão implorando para acontecer, antes que as faíscas causem um incêndio e o álcool intensifique tudo.

Lex

cruza

os

braços,

compreendendo.

Apresento

Bernardo como filho do meu
padrinho e um grande amigo, o
que ele é mesmo. Bernardo
estende a mão para Rafael, que
aceita, e o aperto é firme.

Não sei o que fazer. Rafael
está muito irritado, fora do
normal. Ah, meu Deus... Venho
me preparando para isso, mas
não é possível que a crise de
abstinência vá começar bem
agora. Li dois livros sobre isso
que mencionam irritabilidade
excessiva. Mas ele é tão
confiante, não é natural que se
sinta apreensivo com meu
amigo.

Rodrigo nos tira do momento

de tensão levando Bernardo
para longe, para apresentá-lo a
Lucas. Lex se afasta devagar e
eu coloco a mão no punho de
Rafael,

posicionando

meus

dedos de modo que possa sentir
sua pulsação acelerada. Meu
pavor deve ter transparecido,
porque Lex volta rápido.

— Leva o Rafa pro escritório
agora, Vivi.

— Não vou a lugar nenhum.

Tenho uma apresentação pra
fazer, porra! — Rafael se nega a
se mexer.

— Vai com ela ou vai

comigo! — Lex o encara, sem
dar chance de recusa. — Fica lá
pelo tempo que precisar. Se
conseguir,

volta

pra

performance. Se não conseguir,

tá dispensado. Vá pra casa.

— Não vou pra casa. Se é

meu último dia, vou fazer

direito.

— Tá bom, mas só depois

que se acalmar. Se conseguir se

acalmar. — Lex coloca a mão no

ombro

de

Rafa,

tentando

confortá-lo, depois se vira para

mim. — E você me chama se

não der conta. Não tem que

bancar a heroína, tá?

Estou segurando Rafael pela

mão e me viro para olhar para

trás. Felizmente Rafa não vê

Bernardo estreitando os olhos e

querendo se aproximar, mas

sendo barrado por Rodrigo. As

meninas se preocupam também
e Branca se levanta. Em dois
segundos, Lex está conversando
com ela, e me tranco com
Rafael no escritório o mais
rápido possível.

Eu me encosto na porta,
enquanto ele anda de um lado
para o outro com os punhos
fechados, como se segurasse
um impulso gigantesco dentro
de si. Não me mexo. Quero que
ele se acalme primeiro.

— Esse cara... Por que ele tá
aqui justo hoje? E que porra é
essa

de
plano B? — ele
pergunta, revoltado.

Por mais que eu fique
tentada
a
mentir,

Rafael

percebe que não é só uma
visitinha. Bernardo não deveria
ter dito nada, mas quem o
conhece sabe que, por trás do
bom
garoto,
existe
um
provocador nato.

— Ele é um amigo, Rafa.

Como as meninas, mas é
homem, e por isso meu avô o
chamou — explico baixinho
enquanto ele apoia as mãos na
mesa, de costas para mim. —
Não sei exatamente o que o
vovô espera. Mas o fato de
Bernardo estar aqui não muda o
que eu sinto por você.

— Pode não mudar, mas
talvez seja melhor você ir
embora e acabar logo com isso.

— Seu tom grave me choca,
mas não me mexo.

— O quê? Você está louco?
Não vou a lugar nenhum.

— Viviane, a coisa está
prestes a ficar muito feia. — Ele
se vira rápido e começa a mexer
nos bolsos. — Preciso fumar.

— Não, você não vai fumar.

— Paro na frente dele, com a
esperança de que se acalme,
pois sei que, se ele quiser algo
de verdade, não tenho como
impedir. Ele passa as mãos nos
cabelos

e

me

olha,

desesperado. — Você precisa é
se acalmar. É você que eu
quero, Rafa. Pouco me importa
o que as pessoas dizem. É com
você que eu vou ficar. Não

precisa ficar tão nervoso.

— Claro que preciso!

— Por quê? — pergunto,

querendo

que

ele

tente

raciocinar.

— Porque eu te amo, porra!

Não era assim que eu pretendia

dizer. — Ele dá um murro na

parede, enquanto meu coração

dispara. — Queria fazer tudo

certinho, cozinhar pra você,

fazer

carinho,

amor...

Eu

encomendei

flores,

caralho!

Queria ser o cara certo, mas não

sou o cara que faz tudo perfeito.

Esse seu amigo é. Faço tudo errado e até tinha orgulho disso antes de você chegar. Agora tô perdido. Nunca tive tanto medo de perder alguém. Puta que pariu, como tenho medo de perder você! Cara perfeito que vai te dar o mundo que você merece — ele aponta para a porta, mostrando que Bernardo está lá fora. — Filho da puta miserável que nunca amou ninguém como te ama, mas que vai te machucar mais cedo ou mais tarde — aponta para si mesmo. — Talvez mais cedo...

Rafael está a um metro de mim.

Seus
olhos
estão

dominados pela dor do que vive e do que espera viver se eu for

embora. Caminho até ele e
apoio as mãos em seu peito.
Nós nos entreolhamos. Sorrio
devagar, sentindo que poderia
amar
Rafael
mesmo
que
estivéssemos
à
beira
do
precipício sem condições de nos
salvar.

— Nunca foi uma escolha.
Você não tem rivais. O Bernardo
não é perfeito e nem me quer
desse jeito, e mesmo que
quisesse... Quer saber? Se fosse
uma escolha, eu escolheria o
filho da puta miserável — eu o
surpreendo, e ele arregala os
olhos pelo palavrão. — Eu te

amo, porra.

Não sei se são minhas
palavras, meu toque ou os
palavrões que o fazem se
acalmar aos poucos. Ainda sinto
seu coração disparado sob meus
dedos, mas a raiva está se
dissipando. O menino perdido
dentro de Rafael surge em sua
expressão travessa.

— Ótimo, você me faz
querer ser o cara bom e eu te
faço falar palavrão. — Ele ri
baixinho, descendo a mão pela
minha cintura. — Repete, vai...

— Seus lábios estão em meu
pescoço.

— O quê? Que eu te amo ou
porra? — Eu me sinto um pouco
sem jeito. Não por amar Rafael.
Posso amá-lo para sempre.

— Ah, caralho... Os dois...

Você me mata, Vivi, me mata,

mas é tão bom que eu passaria
a vida inteira morrendo por
você. — Seus olhos azuis se
perdem nos meus. Rafael está
concentrado apenas em mim. Eu
me tornei uma boia que o tira
da correnteza forte e inesperada
do mar e o coloca em segurança
na
areia.

É
uma
grande
responsabilidade, e é nisso que
me foco. Quero que ele fique
bem, preciso que ele fique bem.
— Eu te amo, linda. Tanto que
não sei explicar — ele acaricia
meu rosto com o dorso da mão.
— Eu te amo, Rafa. Amo
cada particularidade sua. Amo
que você não seja perfeito. Amo
que lute para ser um cara

melhor, mesmo que isso possa e
vá te machucar. E amo que
esteja tão confuso e perdido
quanto eu nesse amor. É um
sentimento tão forte que chega
a sufocar, mas encontro em
você o ar que preciso para
respirar.

Ele segura minha nuca, me
puxa para ele e me beija
violentamente. Nunca sentimos
essa urgência antes. O medo de
que algo possa nos separar é
sufocante. Não pretendo ir
embora e preciso que ele se
convença disso.

— Então... Cadê nosso ar? —

Rafael pergunta, ofegante.

Seguro sua mão e a levo até
meu peito.

— Aqui.

— Você é perfeita. Eu te
amo tanto... E nem preciso pedir

pra colocar a mão no seu peito.

— O idiota faz piada e rimos
abraçados.

— Você acha que consegue
sair daqui e terminar sua noite
de trabalho ou é melhor irmos
pra casa?

Sua respiração se intensifica,
e ele responde:

—

Posso
ficar.

A
apresentação de hoje vai me
render um bom extra. Vamos
precisar depois. Eu tô bem. Não
sei por quanto tempo, mas dá
pra aguentar mais um pouco. —

Sei a que ele se refere e o
abraço forte.

— O Bernardo vai falar
comigo — digo o que me aflige.

Por mais que eu ame Rafael,

não posso esquecer minha vida
de antes. Bernardo é meu
amigo
e
não
quero
simplesmente
parar
de
conversar com ele.

— É natural. Eu tô bem. Me
pegaram de surpresa e hoje é
um dia complicado, mas eu
entendo. Relaxa. Sou eu que
você ama, porra.



Rafael volta para o bar e sento
com minhas amigas e, claro,
com Bernardo. Ele arrasta a
cadeira para perto de mim e
sorri. Sei que ele é a última
pessoa que me machucaria e

que, se está no Brasil, é por se preocupar comigo.

— Senti sua falta. —

Estamos na ponta da mesa. As meninas conversam e ele diz baixo, só para mim: — Ainda mais na última semana. A gente se falava todos os dias e de repente você sumiu.

— Também senti sua falta.

Desculpa por sumir. Meu vô me fez escolher, e depois tudo aconteceu muito rápido. Não queria ter que brigar com mais alguém.

— Eu sei. Desculpa por não ter vindo quando seu pai morreu e agora por provocar o cara. Foi mal — ele balança a cabeça, arrependido.

— Foi sim. Você sabe o que ele está passando?

— A Branca me contou. O

que eu fiz podia ter te
machucado, fui inconsequente.

— Você tem dezoito anos,
Bê. Ser inconsequente faz parte.

— E você acabou de fazer
dezenove, então não aja como
se tivesse trinta — ele me
provoca e damos risada.

— Você tinha dezesseis e já
agia como se tivesse trinta.

Nem vem querer falar nada.

Às vezes Rafael olha para
nós e sorrio para ele, que
corresponde. Espero que esteja
bem de verdade.

— Eu amo o Rafael. — Ele é
o primeiro dos meus amigos
para quem assumo isso com
todas as letras.

— Ah, eu sei. Eu sabia que
isso ia acontecer quando você
começou a me contar sobre ele.

Amor é assim. A gente não

escolhe. — Seus olhos passeiam
sobre a mesa e param em Clara,
que conversa animadamente
com as outras meninas.

— O que meu avô espera
que você faça?

Estamos bem próximos, mas
não nos tocamos. Apesar disso,

Bernardo

está

plenamente

focado em mim. Com ele é
assim, a outra pessoa recebe
toda sua atenção. Não importa
quem seja, se forem amigos, é
assim que acontece.

— Ele quer que eu te salve.

Só não sei se você precisa ser
salva. Não, né? — Ele levanta as
mãos, se rendendo. — Sou o
plano B. Como você não acatou
os conselhos do seu avô, ele
espera que eu resolva. O

problema do plano B é que,
quando o assunto é o coração, o
plano A é o único possível. Seu
avô acha que nós dois podemos
nos apaixonar, mas tanto eu
quanto você sabemos que não é
assim que as coisas funcionam.

— Há tristeza nele e também
um pouco de apreensão. —

Mesmo assim, como amigos,
quero te levar comigo quando
eu voltar pra Londres na
semana que vem, Vi. Você e o
Rô. Sei que vocês querem ficar,
mas estou preocupado. Aquele
cara tá perto de uma crise e não
quero que você se afunde nisso.

Sua mãe pode ir também
quando sair da clínica. Meu tio
insiste que todos vocês são
bem-vindos.

— Não posso. Ele precisa de
mim.

— Mas você poderia ir e
voltar se ele realmente se
recuperar. Se for pra ser, vai
ser. Não é isso o que você
sempre me diz?

É. Repito essas palavras
para Bernardo há mais de dois
anos. “Se for para ser, vai ser.”

E o espertinho usa isso contra
mim.

— Não no meu caso. Ele

precisa

de

mim

para

se

recuperar, Bê. Não posso deixar

o Rafa agora. Se você pudesse

resgatar o seu amor e soubesse

que só a sua presença pode

ajudar, o que faria?

— Eu ficaria.

Tem tanta coisa por trás

dessa resposta.

— Então...

— Tá certo, eu entendo. Seu avô vai ficar furioso, mas você está certa. Quero pedir uma coisa. Depois de tentar salvar esse cara, se infelizmente não funcionar, você vai pra Londres e me deixa cuidar de você.

Parece que cada uma das pessoas que me amam tem um conselho parecido. É uma triste constatação perceber que pelo menos lugar para eu correr não vai faltar.

— Ok Espero que não aconteça, mas ok

As

luzes

diminuem

de

repente e sei o que vai

acontecer:

mais

uma

performance de Rafael começa.

Dá para perceber pela reação

das pessoas quem está vendo

pela primeira vez e quem já viu

e

está

apreciando

cada

improviso que ele faz.

Minha boca seca quando o

vejo dançar e fazer malabarismo

com as garrafas em chamas.

Meu Deus, como ele pode ser

tão sexy? Quando nossos olhos

se encontram, ele não disfarça

que me quer e estremeço.

Bernardo balança a cabeça e ri.

— Que que esse cara tem,

hein, Clara? — Branca está

intrigada, tentando encontrar as

palavras. — Tem algo forte que

não sei identificar, e isso está
me matando.

— Humm... Não sei. Ele é...

Não sei — Clara responde e olha
para baixo quando Bernardo
cruza o olhar com o dela.

— Ai, caramba! — Branca
bate na mesa. — Não é algo
que exista! É isso! Esse cara

tem

uma

coisa

só

dele:

paudrecência. — Ela abre as
mãos e sorri para mim.

— Ai, Branca... — Bernardo
murmura.

— Cala a boca, moleque! O
bom de inventar uma palavra é
que posso dar o significado que
eu quiser. Não é só ao tamanho
que me refiro, porque é óbvio

que é grande. É tudo isso, essa sexualidade forte, esse jeito de olhar e pronto, fim de caso. E não adianta negar — ela me provoca, segurando minha mão e sorrindo. Acho que finalmente vai me deixar ficar com ele sem um plano mirabolante para me proteger. — Esse aí tem paudrecência gigantesca que eu sei.

Nota

* “Tudo dentro de mim parece com tudo o que odeio/ Você é a esperança que tenho para mudar/ Você é o único risco que vou correr/ Fico em chamas quando você está perto de mim/ Fico em chamas quando você fala.”

46

RAFAEL

You are my sunshine, my only
sunshine

You make me happy when skies

are grey

You'll never know, dear, how

much I love you

Please don't take my sunshine

away.

— Johnny Cash, “You Are My

Sunshine”*

Depois

da

minha

performance,

vou

até

Viviane e seus amigos. É

meu

intervalo

e

tecnicamente

eu

nem

deveria ter um, já que

passei um tempo com ela

no escritório. Mas Lex

insiste. A noite de hoje,
apesar
de
tudo,
está
rendendo bem, e todo
mundo
sabe
que
as
performances são o carro-
chefe do bar. Acho que por
isso André fecha os olhos
para o que sabe que
acontece comigo.
Bernardo
me
vê
chegando e move a cabeça
na
minha
direção,
mostrando a cadeira vaga

ao seu lado. Eu me sento.

Viviane

está

a

duas

cadeiras

de

distância,

cochichando

algo

com

Fernanda, que sorri para

mim,

agradecendo

pela

bebida sem álcool que fiz

especialmente

para

ela.

Vivi começa a levantar

quando me vê, mas faço

sinal de que está tudo bem.

É melhor mesmo ver qual é

a do cara.

— Acabou por hoje? —

ele

me

pergunta,

me

surpreendendo por puxar

papo comigo.

— Não.

— Sei o que pareceu

quando você me viu com

ela mais cedo, mas a Vivi e

eu somos apenas amigos.

— Ela me disse.

Andressa passa por nós

e é a segunda vez que me

lança um olhar fulminante.

Lex disse que está se

preparando para substituí-

la, e espero não a encontrar

mais aqui quando voltar

dessas férias forçadas.

Bernardo percebe o

olhar e sua expressão se
fecha. Algo que nunca
pensei
viver
foi
me
apaixonar por uma garota e
vir todo um pacote com ela:
melhores amigas loucas,
prima
romântica,
avô
ditador,
irmão
moleque
superpresente e agora o
melhor amigo que atravessa
um oceano só para se
certificar de que ela está
bem. Minha vida sempre foi
mais restrita.

— A Viviane é como
uma irmã pra mim. Eu

insinuei e agi como se fosse
mais quando cheguei, mas
não é o caso. Só que isso
não me impede de me
preocupar com ela.

— Tudo o que eu quero
é fazer a Vivi feliz.

— Bom saber, é o que
eu quero também. Logo
mais

vou

voltar

pra

Londres, e quero poder
falar com ela e que isso não
seja um problema. Por isso
estou colocando as cartas
na mesa: não tem, não teve
e nunca terá nada entre
nós. — Ele me encara,
decidido. Está aí um que
não tem medo de levar
porrada.

— Não vai ser um
problema.

Vocês
são
amigos.

— Ótimo.

— Você é sincero. E eu
achava que eu era sincero
demais.

—

Sou
aberto.

O

Rodrigo é meu melhor
amigo, sempre foi, mas,
depois que me mudei para
Londres, era com ela que
eu falava quase todos os
dias. Tenho meus segredos,
que meio mundo sabe, mas
todos fingem que não veem
e... — Seu olhar corre para
o outro lado da mesa, mas

não dá tempo de eu ver
qual é a garota em questão.

— Ela me ajuda com isso.

Nem todo mundo pode
ficar com quem ama.

Não sei por que ele me
diz isso. Não somos amigos
nem nada. Acho que quer
me mostrar que posso
confiar nele. Eu o encaro

por

alguns

instantes.

Apesar de ter a mesma

idade

de

Rodrigo,

ele

parece

mais

velho

e

maduro. Talvez por morar

há um tempo longe da
família.

— Bom... — Eu me
levanto. Melhor encerrar
essa pausa logo. — Fui. —
E simplesmente saio. O
moleque pode ser amigo
dela, mas não sou obrigado
a bater papo nem a disputar
território com criança.

A

banda

que

está

tocando esta noite é a que
normalmente se apresenta
no bar. Lex, eu e os outros
somos exceções, apesar de
bastante
apreciados
e
solicitados.

Eu me aproximo do

palco e converso com um
dos caras, explicando o que
quero fazer. É tradição no
bar que a última música
seja
escolhida
pelo
aniversariante, caso tenha
um ali. Sei que deveria
perguntar a Viviane, mas
quero fazer uma surpresa,
então nem vou esperar a
última música.

Pensei em tocar minha
guitarra, até a tirei da
parede mais cedo. Mas não
consegui. Meu peito travou
e ela parecia queimar em
minhas mãos. Então vai ter
que ser com o violão. Um
acústico,
especialmente
para ela.

A banda termina a
música e Lex assume o
palco. Ele dá um sorrisinho
besta para mim, como se
não acreditasse que existe
uma garota capaz de abalar
o meu mundo. Está tão
orgulhoso que paro para
pensar
quanto
ele
se
importa comigo.

Talvez
muito mais do que penso.

— Hoje vamos ter uma
apresentação especial, e
peço que a aniversariante
se aproxime.

Viviane não pode nos
ver de onde está sentada,
então

Lex

chama

seu

nome.

Arrumo a banqueta no
palco e me sento, ajeitando
o violão, enquanto ela se
aproxima
devagar.

Sua

jaqueta está em algum lugar
pelo bar, e tudo o que vejo
é a menina de vestido pink
e coturno, um contraste
que sei que criei ao cruzar
seu caminho. Não somos
mais dois desconhecidos
opostos. Parte de mim está
nela, e parte dela está em
mim. Consigo pensar no
futuro,
em
uma
vida

normal, e tudo graças a ela.

O amigo perfeito está

ao lado de Viviane, mas

nem me importo. É tão

visível que ela é minha.

Tanto quanto eu sou dela.

Como ela disse mais cedo,

não existe escolha, não

existem rivais. Somos um

do outro, e não tem espaço

para outras opções.

Começo a tocar e

cantar “Hold My Hand”,

do Hootie & the Blowfish.

Os

clientes

fixos

sorriem,

curiosos,

por

nunca terem me ouvido

cantar antes, mas pouco

percebo,

porque

estou

ligado nela e em mais

ninguém.

As palavras saem de

meus lábios e voam pelo

salão

para

pousar

no

coração de Viviane. Ela

está parada a uns dois

metros de mim, com a mão

no peito e os olhos cheios

de lágrimas.

Conforme

a

música

avança, faço um sinal para

que Vivi se aproxime. Ela

vem, incerta, até parar do

meu lado. Como estou

sentado, nossos olhos estão

na mesma altura, e não vejo
nada além da garota que
amo e que significa tanto
para mim.

'Cause I've got a hand
for you

I've got a hand for you

'Cause I wanna run with
you

Ah, won't you let me
run with you?

Hold my hand

Want you to hold my
hand

Hold my hand

I'll take you to the
promised land

Hold my hand

Maybe we can't change
the world but

I wanna love you the
best that

The best that I can. **

Quando

termino,

Viviane não esconde as
lágrimas. Ela me envolve
pelo pescoço e me aperta.

Dou um beijo em seu rosto,
tentando me segurar ao
máximo para respeitar o
lugar em que trabalho e não
piorar ainda mais as coisas
para mim.

— Foi tão lindo... — ela
murmura em meu ouvido.

— Nah, eu quis te dar
algo diferente.

— Você já fez isso —
ela mostra o anel.

— Hum... Então quis
fazer de novo. — Tiro uma
mecha de cabelo da sua
testa. — Preciso voltar para
o bar. Mais umas duas
horas e tô liberado. Se

quiser ir pra casa ou sair
com as suas amigas, tudo
bem.

— Vou ficar aqui, te
esperando. — Ela se afasta,
tão feliz que quase saltita, e
meu coração encontra a
paz outra vez.

Notas

* “Você é meu raio de sol, meu único raio
de sol/ Você me faz feliz quando o céu está
cinza/ Você nunca vai saber, querida,
quanto eu te amo/ Por favor, não leve
embora meu raio de sol.”

** “Porque eu tenho uma mão para você/
Eu tenho uma mão para você/ Porque eu
quero correr com você/ Ah, você não vai
me deixar correr com você?// Segure
minha mão/ Eu quero que você segure
minha mão/ Segure minha mão/ Eu vou te
levar para a terra prometida/ Segure
minha mão/ Talvez a gente não possa
mudar o mundo, mas/ Eu quero te amar

da melhor forma/ Da melhor forma que eu

puder.”

47

Viviane

Oh, I don't wanna share you with
nothing else

I gotta have you to my self

Oh, I can't help it, I'm so in love

I just can't get you close enough,
no.

— Shania Twain, “I'm Jealous”*

O

expediente

está

quase

acabando. Rafael passa por mim
e diz que precisa ir ao estoque
para deixar a lista de compras
atualizada para Lex. Depois
podemos ir embora.

A hostess passa ao lado da
nossa mesa pela milésima vez.

Ela deu em cima do Bernardo a

noite inteira, agora segue na
direção em que Rafael foi.

— Se eu fosse você, ia atrás

— Branca avisa, trocando um
olhar com Mila.

— Essa aí vai aprontar. —

Até Fernanda, que é a mais
ingênua de nós, percebe.

— Ela quer seu macho. Tô

avisando — Branca insiste.

Bernardo desvia o olhar do
meu e me levanto. Ele também
percebeu. Não é que eu não
tenha visto, só pensei que ela
respeitaria o fato de Rafael ter
me assumido como namorada.

Meu sangue ferve quando
sigo na mesma direção. Já fui
até o estoque uma vez com
Rafael, mas fiquei na porta
enquanto ele fazia a contagem
da mercadoria. Agora encontro
a porta fechada e ouço a voz de

Rafael lá dentro:

— Já falei que não quero,
caralho!

— Ah, vá. Tá namorando
agora? — a garota zomba. —
Não ligo, se esse é o problema.
Você pode muito bem dar uma
rapidinha comigo e voltar pra
menina doce pra quem você
canta.

Coloco a mão na maçaneta e
me assusto ao ver minhas
amigas atrás de mim. Até Lex
nos observa de longe.

— Vou dar uma rapidinha na
sua cara! — digo ao entrar no
estoque e ver a vaca com o
zíper do macacão aberto até o
umbigo.

— É bom mesmo, porque se
não der eu dou. — Branca larga
a bolsa nas mãos da Fernanda e
para ao meu lado.

Rafael me pede desculpas
com o olhar. Ironicamente,
terminamos a noite invertendo
as posições — agora sou eu
quem está morrendo de ciúme.
— Fecha essa merda e vaza
— ele diz para a garota,
referindo-se ao macacão, e
continua anotando algo em uma
prancheta.

Ao mesmo tempo em que o
pouco-caso de Rafael a irrita, eu
me acalmo. Nesses últimos dias
aprendi muito bem a reconhecer
quando ele está excitado, e
para essa menina sobra apenas
desprezo.

A vagabunda o encara e,
sem se importar com a cena,
umedece os lábios.

— Pra mim chega, vou te
matar! — tento dar um passo à
frente e sou suspensa no ar

pelas mãos do Bernardo.

— Calma, Vivi. Olha em volta — ele diz tranquilo, e Rafael aperta a prancheta, nos encarando. — É um estoque cheio de bebidas. Não é lugar pra brigar.

Eu me sinto com doze anos de novo, quando tentei bater em três garotos que se juntaram para quebrar a bicicleta de Rodrigo. Bernardo estava ali para me segurar e evitar que eu piorasse a situação. Tudo bem que depois, quando eu estava bem longe

dali, ele, Rodrigo e outros
garotos se vingaram.

— Chega, Andressa. Sai —

Lex está na porta e sua voz é
dura como nunca ouvi. — Vamos
acertar suas contas de uma vez.

— O quê?! — ela se revolta.

— Tá louco?

— Você está no meu
estoque, com os peitos de fora,
assediado meu funcionário.

— Muito sexy — Branca
murmura, e todos sabemos que
não é da Andressa que ela fala.

— Eu? Todo mundo conhece
a fama do Rafael. Ele pode
muito bem ter começado — ela
fala, balançando a cabeça de
forma absurdamente irritante.

— Ele poderia, no passado,
mas não agora. Você sabia que

o

seu

trabalho

aqui

era

temporário. Está no contrato,

então acabou.

— O Rafael não vai ser

punido? Geral sabe que ele

comia todo mundo aqui!

— Punido por quê? Por não

te comer? Não, não vai. Você

sabe muito bem o que o Rafael

significa para o bar. O André

esteve aqui ontem. Lembra do

que ele disse, né? Que o Rafael

é

essencial

e

o

único

funcionário, além de mim, que é

insubstituível. Pode parar com a

cena. Tenho várias testemunhas

de que você está dando em

cima dele desde que chegou.

— Mas que vaca... —

murmuro, revoltada.

— Vem. Vamos até o

escritório agora. — Lex balança

a mão, e ela passa por mim

contrariada. Tento meter a mão

na cara dela, mas Bernardo me

segura outra vez, enquanto

Rafael bate a prancheta na

prateleira, irritado.

Branca se aproveita do

momento e dá um pisão com o

salto agulha no pé de Andressa,

que sai xingando, amparada por

Lex.

— Vamos sair também —

Bernardo diz e vai puxando as

meninas, até que fico sozinha

com Rafael.

Nem por um segundo achei

que ele estivesse cedendo à

provocação de Andressa, mas

estou irritada com a cena.

Devagar, ele se aproxima de mim e fecha a porta, mantendo a mão ali e o rosto próximo ao meu.

— Então é aqui que você pegava as meninas, seu puto?!

— Tá virando moda isso. —

Um brilho encantador surge em seu olhar. Ele aprecia meu ciúme. — Acho que é melhor voltar a me chamar de idiota.

— Puto! — Levanto o queixo e cruzo os braços. Ele dá um meio-sorriso, exatamente como fazia logo que nos conhecemos, quando eu me comportava assim.

— Sim, eu era. No passado, sabe? Desde que te beijei pela primeira vez, acabou pra todas as outras. Eu olho pra elas e é como se viessem com um saco

embutido. Só você me dá tesão.

Só quero você. Posso ter
transado antes, como você
também

fez,

mas

isso

é

passado. É por você que eu
acredito num futuro. Foi com
você que eu descobri que as tais
batidas perdidas do coração
existem.

Eu me lembro dos nossos
beijos no escritório e não
consegui evitar a pergunta,
mesmo sabendo que não é da
minha conta.

— Você já ficou com alguém
no escritório?

— Não.

— O estoque é seu motel
particular.

— Era. No passado, lembra?

Agora é você que está com
ciúme.

— Não, não estou.

— E o que é isso então? —

Ele

descruza

meus

braços

devagar e segura meu queixo

perto do seu rosto.

—

Instinto

protetor

despertado por uma vaca que

acha que pode chegar tirando a

roupa para o meu homem.

Rafael ri baixo, perto da

minha boca, e me beija antes

que eu possa reagir.

— Vamos pra casa — ele

sussurra sem se afastar. — Tem

algo que nunca fiz aqui e tô

louco pra fazer com você a noite
inteira.

— O quê? — acaricio sua
barba, já me esquecendo de
todo o resto.

— Amor.

Nota

* “Ah, eu não quero te dividir com nada
mais/ Preciso ter você para mim/ Ah, eu
não posso evitar, estou tão apaixonada/
Eu simplesmente não consigo ter você
perto o suficiente, não.”

48

RAFAEL

The beast in me
Is caged by frail and fragile bars
Restless by day
And by night, rants and rages at the
stars
God help the beast in me.

— Johnny Cash, “The Beast in Me”*

Amo Viviane com calma,
ternura e paixão até que

seu corpo se esgota e ela se

aconchega

em

mim,

adormecendo

pouco

depois. Fiz o possível para

que ela não percebesse o

estado

em

que

me

encontrei.

Beijo seus cabelos e a

acomodo devagar sobre o

travesseiro, cobrindo-a em

seguida. Depois me deito

de lado e me encolho. Cada

célula

do

meu

corpo

começa a se partir.

Passo a mão em meu
rosto quente. Gotas de suor
surgem e o frio me faz
vestir um moletom. A
temperatura sobe conforme
a dor aumenta. Quero ser
forte por Viviane, mas a
lembrança do que vem a
seguir
começa
a
me
atormentar.

Eu me sento na cama,
meu
estômago
está
embrulhado. É hora de
pagar o preço por negar a
meu corpo aquilo que ele
aprendeu a amar. Nem
toda a felicidade que sinto
com Viviane é capaz de

apacar a vingança da
antiga felicidade fabricada.

Aperto

o

colchão

abaixo de mim, querendo
me concentrar em qualquer
coisa, menos no mal-estar
que me consome e me faz
tremar absurdamente.

Então me levanto e

caminho devagar, tentando
chegar

ao

banheiro

a

tempo.

Uma

dor

insuportável

me

rasga

inteiro e perco o equilíbrio.

Tento
me
segurar
na
primeira coisa que vejo e
tropeço no sofá, caindo de
joelhos no chão. Mordo
minha mão para conter o
urro que explode em meus
lábios e só paro quando
sinto o gosto metálico. Eu
me cortei. Limpo o sangue
no
moletom
cinza,
deixando
uma
mancha
onde toco.
Eu me apoio no chão. A
mão arde, o estômago dói,
a cabeça estoura e a mente
começa a se perder. Tento

chegar

ao

banheiro

engatinhando, mas não dá

tempo. Uma ânsia violenta

traz o vômito, que atinge

minhas roupas e o chão.

Sem alternativa, choro

de vergonha porque sei que

chegou a hora, e Viviane

vai ver exatamente o que eu

me tornei.

Nota

* “A fera em mim/ Está enjaulada por
barras fracas e frágeis/ Inquieta de dia/ E,
de noite, cria confusão e se enfurece com
as estrelas/ Deus ajude a fera em mim.”

49

Viviane

Light up, light up

As if you have a choice

Even if you cannot hear my voice

I'll be right beside you, dear.

— Snow Patrol, “Run”^{9*}

Ouço ruídos que parecem tão
distantes,
como
uma
mão
querendo me agarrar dentro de
um pesadelo que me sufoca. Em
um impulso, eu me sento na
cama, sem ar. Um calafrio me
chacoalha. Estou sozinha, o
colchão está gelado. Onde está
Rafael?
Dou um pulo e saio da cama
ao ouvir um acesso de tosse. Da
porta do quarto, vejo Rafael
caído à meia-luz, iluminado pelo
fraco brilho do corredor. Acendo
a lâmpada da sala. Meu coração
para e acelera de uma vez, me
dando a sensação de que pode
sair pela boca a qualquer
momento.

Corro para Rafael e me
ajoelho a seu lado.

— Sai... — sua voz escapa
por um fio enquanto uma das
mãos tenta me afastar sem
coordenação nenhuma.

— Meu Deus... — murmuro
quando vejo sangue na mão
estendida. — O que aconteceu?

— pergunto, sentindo o cheiro
do que ele quer esconder.

— Por favor, só sai daqui —
ele implora, sem esconder as
lágrimas.

Um espasmo de dor o faz
tremor e passo a mão em seus
cabelos. Minhas reações estão
lentas. Tento me lembrar do
que li e como devo agir, mas
tudo o que faço é sentir que
estou me afogando.

— Não vou sair. — Corro
para o banheiro e volto com

uma toalha umedecida. Então eu o limpo, tentando fazer com que ele se sinta melhor.

Seu corpo desaba de vez no chão e Rafael se contrai, sem conseguir reprimir outra onda de vômito.

— Me deixa sozinho, Vivi. Tô te implorando. — Ele não tem forças nem para falar alto.

— Não vou sair.

— Tira a chave da porta, se tranca no quarto, liga pro Lex e não sai até ele chegar. Não tô conseguindo me segurar mais.

Vai ser horrível, Vivi. Preciso da droga.

— Não, não precisa. Para —

peço,

como

uma

criança

assustada, ao mesmo tempo em

que tento confortá-lo.

A fragilidade de Rafael é
absurda, como se não restasse
muito mais do homem que
conheci e que luta pela vida,
como se ele estivesse refém do
desejo absurdo pela droga.

Eu me levanto rápido e
escondo as chaves. Pegó o
telefone, e depois de duas
chamadas Lex atende com a voz
sonolenta.

— É a Vivi.

Silêncio.

Uma

respiração

profunda e a resposta:

— Chego aí em quinze
minutos. — É só o que diz. Ele
sabe.

Deixo o telefone na mesinha
e me ajoelho ao lado de Rafael
outra vez.

— Você não vai me deixar,

né?

—

ele

choraminga,

envergonhado,

enquanto

procura minha mão e a aperta

forte para passar pelo próximo

espasmo de dor.

— Nunca. Aguenta firme,

amor. — Acaricio suas costas e

ele se move devagar, apoiando

a cabeça em meu colo e

envolvendo minha cintura com a

mão livre.

— Preciso da droga, Vivi. Por

favor, me deixa usar, por favor,

por favor. Faça o que você

quiser, mas me dá só um

pouquinho — ele implora como

uma criança, e seu sofrimento é

tão doloroso em mim que não

sei o que vou fazer se o vir

assim por mais tempo.

Não consigo segurar as

lágrimas, que escorrem por meu

rosto e caem sobre os cabelos

dele, já empapados de suor. Um

nó

se

forma

em

minha

garganta. Só consigo pensar em

meu pai e nas primeiras crises

de náusea após a quimioterapia.

Imagens se sobrepõem em

meus pensamentos. Mais uma

vez, vejo um homem que amo

se reduzir a pó, e não há nada

que eu possa fazer para diminuir

a dor.

Quinze minutos que se

parecem horas se passam e

Rafael

continua

gemendo

baixinho, quando Lex abre a porta com sua chave. Acho que eles estavam preparados para isso. Branca está com ele, e não preciso de muito tempo para perceber que dormiram juntos outra vez. Agradeço a Deus por Lucas e Rodrigo terem saído com Bernardo após o bar fechar e não presenciarem o que vamos ter de enfrentar.

Lex caminha até mim, toca meu rosto e balança a cabeça. Seu olhar é calmo e experiente. Ele quer me tranquilizar. Depois tira a jaqueta e esfrega a mão nas costas de Rafael. Ele se curva, coloca Rafael sobre o ombro e faz força para tirá-lo do chão.

— Liga o chuveiro, Branca.

Apoia o corpo dele na frente,

Vivi.

Com prática, Lex nos dita

ordens. Ver que ele sabe como

agir

me

alivia

momentaneamente, até que

sinto Rafael se agitar em nossos

braços.

— Me dá, Lex! Me dá essa

porra!

— Não tem porra nenhuma

aqui, cara. Desculpa.

Colocamos Rafael sobre o

assento do vaso e Lex puxa o

moleto dele por cima da

cabeça, assim como a camiseta,

enquanto tento tirar sua calça.

Após ligar o chuveiro, Branca

nos ajuda e colocamos Rafael

apenas de cueca sob a água

morna. Ele se debate quando se

sente molhado e, em um impulso, dá um murro para o lado, acertando a porta do boxe, que se solta e só não se espatifa no chão porque eu a seguro rápido. Por pouco ele não acerta Lex, que enxaguava seus cabelos. Rafael desaba no chão frio e seu amigo se abaixa, ainda cuidando dele, sem se importar com a água que molha todos nós.

— Vocês duas saiam daqui.

Vão separar uma roupa pra ele. Uma cueca limpa e uma regata, Vivi. Nada muito pesado. — Nós saímos e ouvimos a voz dele de longe: — Se me bater, vou te acertar também, cara. Juro. Tô avisando.

Quando

volto

para

o

banheiro, Rafael está vomitando
outra vez e Lex pega o
chuveirinho para lavá-lo melhor.

— Coloca tudo pra fora. Vai,
tudo.

Rafael balança a cabeça,
tentando afastar o jato de água
que acerta seu rosto por vários
minutos, enquanto ele fica limpo
de toda a sujeira.

—

Foi
tudo...

—

diz,
tossindo.

Lex espera alguns minutos e
depois desliga o chuveiro.

— Vou levantar ele e você o
cobre com a toalha.

Aperto a toalha limpa nos
braços e cubro Rafael assim que

Lex consegue colocá-lo sobre os ombros outra vez.

Chegamos ao quarto e Rafa cai na cama, ainda molhado. Eu o seco com cuidado, enquanto Lex tira a guitarra da parede e entrega a Branca.

— Coloca na cozinha, em cima do armário. Depois tranca a porta e me dá a chave. Da última vez, ele tentou quebrar.

Visto Rafael, que está mole, mas consegue ter um pouco de controle sobre o corpo. Lex dá uma geral no quarto. Abre todas as gavetas, olha dentro do guarda-roupa, no meio dos livros. É minucioso e não encontra nada.

— Não tenho mais pó em casa, cara. Fui um idiota e joguei tudo fora — Rafael se lastima, ao mesmo tempo em

que

termina

de

vestir

a

camiseta. Está fraco, mas essa
situação não vai durar muito.

Quando termino de secar
seus cabelos, eu me sento ao
lado dele e Lex se apoia na
escrivadinha,

de

braços

cruzados. Trocamos um olhar e
ele aperta os lábios, balançando
a perna, tenso.

Cubro Rafael e espero. Se
tudo o que aprendi nesses dias
for verdade, a noite está só
começando.

Nota

[* “Anime-se, anime-se/ Como se você
tivesse escolhido/ Mesmo que você não](#)

possa ouvir minha voz/ Eu vou estar bem
ao seu lado, querido.”

50

RAFAEL

And then I see a darkness

Did you know how much I love

you?

Is there hope that somehow you

Can save me from this darkness?

— Johnny Cash, “I See a Darkness”*

Aos poucos o frio vai

passando

e

retomo

o

controle do corpo. Sinto

uma dor constante, como

uma gripe forte, daquelas

capazes de te derrubar por

dias, mas os espasmos já

não me rasgam ao meio.

Levanto da cama e

começo

a

andar

pelo

quarto.

—

Cadê

minha

guitarra? — questiono, me

sentindo

absurdamente

irritado.

— Tá guardada — Lex

responde sem se alterar.

— Me dá!

— Não.

— Me dá, porra!

— Não.

— Quem pegou?

— Eu peguei.

— Você ou aquele puto

que quer a minha garota?

— Só consigo pensar em

Bernardo com as mãos na

cintura de Viviane e fecho
os punhos, disposto a matar
alguém.

Lex se levanta e pega
Viviane pela mão. Isso me
deixa louco. Puta que
pariu! Levanto um braço
para acertá-lo, mas ele é
mais rápido e me empurra
para a cama, enquanto a
leva para fora do quarto.
Tem alguém na sala, não
sei quem é. Se for aquele
cara, vou matar alguém
agora.

— Você está delirando,
Rafa. Se controla. — Lex
para na porta e não me
deixa sair.

— É o cara, né? Esse
filho da puta veio tirar a
Viviane de mim — grito e
enfrento Lex, que não se

move.

— É a Branca, Rafa —

ouço Viviane dizer e um

segundo

de

paz

me

envolve. Só um mísero

segundo que precede o

tormento.

— Vem cá, Vivi —

chamo, e ela tenta passar

por Lex.

— Fica aí. — O tirano

maldito se põe no caminho.

— Como é que é,

porra? Não vai deixar

minha garota entrar?

—

Não.

Você

tá

delirando. Ela fica fora.

Você já quase me bateu no
banheiro. Se encostar nela,
vou descer o cacete em
você. — Sinto raiva da
calma em sua voz.

Posso ver Viviane atrás
dele, seus olhos castanhos
assustados. Eu fiz isso? Eu
a apavorei? Não, claro que
não. Foi outra pessoa. Vou
matar
quem
fez
isso!

Matar! Matar! Esmurro a
parede
várias
vezes,
enquanto ela grita para eu
parar, e agora minhas duas
mãos sangram.

Viro as mãos para mim.
Quem me cortou? Como

isso aconteceu? Por que as
paredes estão manchadas?

— O que é isso, Lex?

— pergunto, estendendo os
braços para ele.

— Você fez isso.

— Ah, que caralho! Vai
mentir na minha cara,
porra? O que aconteceu?

Eu caí da moto?

— Não.

—

Cadê

minha

guitarra?

Ele não responde. Não
entendo por que quer me
enfurecer.

Ando pelo quarto. A
prateleira de livros está
bagunçada. Tiro todos os
livros de lá, coloco sobre a
escrivadinha e começo a

arrumar um por um. Meu
nariz coça. Meu corpo
estremece.

Minha

boca

seca. Minha cabeça dói.

Grito, jogando os livros
no chão. Está tudo errado.

Tudo fora de lugar.

— Me deixa entrar, Lex

— Viviane se esforça para
passar por ele.

— Quero ficar com ela.

Por que você não deixa ela
entrar, Lex? — Estou
confuso. Não me lembro de
ontem.

Quem

derrubou

meus livros? Cadê minha
guitarra?

Uma fúria vem de
dentro

de

mim.

Não

entendo por quê, não sei a
razão nem como controlar.

Grito, viro o colchão, o
atiro para fora da cama e
chuto tudo muitas vezes.

Meu pé acerta uma cadeira
e me enfureço, jogando-a
longe. Algum vizinho filho
da puta bate na parede.

— Quem manda aqui
sou eu, caralho! — grito,
incontrolável.

Uma

eletricidade
começa a envolver meu
corpo. Chacoalho as mãos
e me deixo levar. De onde
veio todo esse sangue?

Visto uma calça e
procuro minhas chaves pelo

quarto. Preciso delas, vou
sair. Quem bagunçou tudo?

Tento passar por Lex e
ele cruza os braços para
mim, como um leão de
chácara filho da puta.

— Sai da frente. Vou
atrás dela. Preciso dela.

— Você não vai a lugar
nenhum.

— Eu quero, seu filho
da puta! Quem disse que é
você que manda agora?
Inferno! Miserável filho da
puta!

Tudo o que consigo
sentir é um desejo absurdo
de me drogar e esquecer
todo o resto.

Lex

está

distraído

comigo e Viviane passa por

baixo dos braços dele,
parando na minha frente.

— Isso, gata. Me ajuda
a sair daqui? Esse imbecil
acha que é meu pai. Meu
pai morreu... Tudo o que
eu amo morre. — A

tristeza me envolve e toco o
rosto de Viviane devagar.

— E se eu perder você
também?

— Você não vai me
perder, Rafa. Vou ficar
aqui, tá? Só tenta se
acalmar.

— Ah, linda. Tô calmo.

Eu só preciso sair. Não dá
mais pra ficar aqui. —

Aperto os dedos sem parar.

— Tá doendo... Preciso ir.

Os lábios de Viviane
tremem e ela chora em
silêncio. Me dói saber que

algo a está ferindo assim,
me dói saber que sou eu. O
que estou fazendo? Por que
não posso sentar aqui e
esperar isso passar? Porque
dói, porque me rasga,
porque parece que meu
corpo
é
apunhalado
repetidas vezes e preciso
encontrar uma cura. A cura
está lá fora.
Ela passa os dedos em
meus
ferimentos.
É
estranho, sei que deveriam
estar ardendo, mas não
consigo mais sentir minhas
mãos. Não sinto muito além
da dor pungente que me
envolve por inteiro.

Num impulso, empurro
Lex e corro para a porta da
frente. Cadê a porra da
chave?

Sinto alguém me tocar e
me
viro
com
tudo,
empurrando sem querer
Viviane e me assustando ao
vê-la se chocar contra a
parede.

— Cacete, Rafa! Fica
longe dela! — Lex bate
com as mãos no meu peito.
— Eu não sabia que era
ela. —

Eu me sinto
perdido,
inconsolável
e
absurdamente triste.

Tento tocar Viviane, e
ela se encolhe perto de
Branca, que a abraça.

Quando Branca chegou
aqui?

Lex segura meu braço e
o empurro.

— Não encosta em
mim, caralho! Não encosta
em mim! Não encosta em
mim!

Ando de novo de um
lado para o outro, como se
fosse surgir uma saída. A
janela! Corro para a janela.

— Ah, meu Deus! —

Viviane
agarra
minhas
costas, quando tudo o que
quero é sair daqui.

— Pega ela, Branca —
ouço a voz de Lex, e o

toque de Viviane se vai.

Não dá tempo de fazer
nada. Os braços de Lex me
seguram firme pela barriga.

Tento me soltar e ele me
domina. Não dá para lutar
com quem conhece todos
os meus pontos fracos. Se
eu pudesse, o mataria. Isso,
o mataria para sempre. De
novo, de novo e de novo!

Um
desespero
me
envolve.

É
sufocante.

Queima. Me mata mil
vezes.

— Me solta, Lex. Não
dá. Não consigo. Não
consigo respirar — choro e
imploro ao mesmo tempo.

— Eu não consigo respirar.
Pelo amor de Deus, só me
deixa abrir a janela, preciso
respirar. Por favor. Por
favor. Por favor. Eu vou
morrer! Se não usar agora,
vou morrer! Tô morrendo!
Me ajuda, por favor! Sou
seu irmão, cara. Me ajuda,
por favor. Não dá pra
respirar!
Tudo
está
girando,
meus olhos estão pesados.
Meu coração bate num
ritmo que não pode ser
natural. Quase o sinto
rasgar meu peito e saltar
para fora de mim. Lex me
puxa para o quarto como se
eu não fosse nada, e de
repente, pouco antes de

desabar, eu entendo. É isto

o que sou: nada.

Nota

* “Então eu vejo uma escuridão/ Você sabia quanto eu te amo?! Há alguma esperança de que, de alguma maneira, você/ Possa me salvar dessa escuridão?”

51

Viviane

Lights will guide you home

And ignite your bones

And I will try to fix you.

— Coldplay, “Fix You”*

Um grito histérico escapa dos meus lábios quando Rafael cai

no

chão,

debatendo-se

incontrolavelmente.

Rápido e precavido, Lex

pega o travesseiro e coloca sob

a cabeça dele, virando-o de

lado. Rafa se debate sem parar,

e a cada espasmo meu coração
se parte. Sinto que não há mais
nada para se partir em mim. É
terrível e doloroso admitir, mas,
por um segundo insuportável,
sei que eu lhe daria a droga, só
para vê-lo bem outra vez

— Vamos levar o Rafa para o
hospital, Lex. — Pego o telefone
e começo a discar.

— Não, Vivi. É só a primeira
noite. Se a gente internar o
Rafa, na primeira oportunidade
ele foge e volta a usar. É
horrível, mas tem que ser assim.
Ele tem que sentir a dor.

— Mas é perigoso... —

Branca intercede.

— Já parou. — Ele passa a
mão nos cabelos de Rafael. —
Não foram nem trinta segundos
de convulsão. Vamos observar a
noite toda. A qualquer sinal de

perigo,

eu

chamo

uma

ambulância. — Ele me olha

diretamente. — Sei que você

quer levar o Rafa, mas ele não

nasceu pra ficar preso. Não dá.

Não vai funcionar com ele.

A respiração de Rafael está

agitada e aos poucos recupera o

ritmo normal. Ele abre os olhos,

confuso, e fecha outra vez,

esgotado.

Branca

e

eu

ajudamos Lex a arrumar a cama

e a deitá-lo.

Eu deveria ficar feliz por vê-

lo calmo, mas tudo o que sinto é

pesar.

Branca sai do quarto quando

Lex cobre Rafael, e eu a sigo.

— Desculpa por te fazer

passar por isso, Branca.

Seus olhos, normalmente

tão vivos, estão preocupados.

— Eu falei com a Mila.

— Quando?

— Agora há pouco. Liguei

pra ela quando você foi pro

quarto.

— O que ela disse?

— Ela não pode sair agora

sem alertar os pais dela, mas

vem amanhã bem cedo. Disse

pra gente ligar se a coisa ficar

feia. Ficou feia, né? Só que ela

me falou que tem pior. — Ela rói

a ponta da unha. Nunca a vi

fazer isso antes. — Você não

tem medo do pior, Vivi?

— Tenho mais medo de

perder o Rafa, Branca. — Eu me

movo enquanto falo, limpando a

sujeira que a crise de Rafael gerou. Estou tão tensa que, se não me movimentar, vou ter uma crise de choro. — Sei que você está preocupada comigo. Sei que só quer o meu bem e que parece que longe do Rafael é um lugar mais seguro, mas eu preciso estar por perto. Por pior que pareça, sei que ele vai conseguir se eu ficar aqui.

— Vem comigo — ela diz quando coloco de molho os panos sujos no tanque da lavanderia. Em seguida, ela me guia até o banheiro e fecha a porta atrás de si. — Vai, toma um banho. Ele vai dormir agora.

— Como você sabe?

— Você é minha amiga. Não quero você com ele pelos motivos óbvios, mas, se era pra passar por isso, eu estudei.

Agora é a fase do esgotamento.

— Tiro a roupa e abro o
chuveiro, sem me importar com
a presença dela. — Ele parecia
tão perdido, como se nem
estivesse ali — Branca diz,
pensativa.

— É porque a dor é maior
que ele, por isso ele precisa
tanto da droga.

— Vou pegar sua roupa.

Espera aí.

Branca sai por pouco tempo
e volta com meu pijama. As
lágrimas escorrem pelo meu
rosto e se misturam à água.

— Não quero que você se
machuque. — Ela me passa a
toalha quando fecho o chuveiro.
Movo o braço e vejo seus olhos
se arregalarem. O reflexo no
espelho mostra uma marca
arroxeadada se formando onde

Rafael bateu ao me jogar contra a parede.

— Não foi de propósito —
defendo, vestindo a blusa.

— Eu sei, eu vi, mas mesmo assim... — Branca morde o lábio inferior, nervosa.

— Por isso você chamou seu irmão.

— Só queria que vocês se entendessem. O Bernardo não pode viver de paixão enrustida, e você está arriscando tanto nesse relacionamento. A Mila disse que é só o primeiro dia, como o Lex já falou. Você acha que dá conta de passar por isso vários dias seguidos? E se ele te machucar? Eu mato esse cara, Vivi. Meu Deus, nem dá tempo do Bernardo matar. Eu arranco a cabeça dele. Estou avisando — ela diz, tentando segurar a fúria.

Eu a entendo — é difícil,

parece

horrível

e

incompreensível que eu esteja aqui lutando por um homem que está se perdendo em si mesmo e não deu nenhuma garantia de que vai melhorar. Mas, para mim, é cristalino: meu lugar é onde ele estiver.

— Eu não tenho escolha.

Preciso cuidar dele. Ele não vai me machucar. Não vai.

— Vamos tentar, então. —

Ela me abraça, ciente de que ele já me machucou e que mesmo assim não vou ceder.

— Você vai parar de tentar me convencer a deixar o Rafa?

— Se depois de tudo o que viu hoje você não desistiu, não tem mais nada que eu possa

fazer. — Saímos do banheiro.

— Eu amo o Rafael, Branca.

Amo tanto que ver ele se
machucando hoje me feriu mais
do que qualquer coisa. Isso —
toco o local que provavelmente
vai ficar muito roxo amanhã —
não é nada perto de ver ele
ferido. A marca vai sair com o
tempo. Mas e ele? Será que a
marca que o Rafael tem no
coração
vai
desaparecer
também?
Preciso
que
ele
aguente. É mais do que salvar o
Rafa, é salvar quem eu amo
para que eu não desabe
também.

— Eu preciso dela — escuto

a voz de Rafael do quarto e
corro para lá. — Não sou inteiro
sem ela.

— Não vou te dar drogas,
cara — Lex insiste.

Rafael continua deitado, sem
forças para se mexer.

— Não, não das drogas. —
Cada palavra é um esforço
gigantesco.

—

Preciso

da

Viviane.

Sem que ele precise pedir
duas vezes, entro debaixo da
coberta, me encosto nele e o
trago o máximo possível para
perto de mim.

— Estou aqui, Rafa. Estou
aqui — digo entre lágrimas.

— Eu te amo, Vivi. Eu te
amo tanto, tanto, tanto...

E, antes que eu possa

responder,

Rafael

já

está

dormindo com os braços firmes

em volta da minha cintura.

Agarrado a mim, como se eu

fosse a única pessoa que o

prendesse a este mundo. Eu me

permuto chorar com a cabeça

em seu peito, desejando, mais

do que tudo, que meu amor seja

suficiente para trazê-lo de volta.

Nota

* “Luzes vão te guiar até em casa/ E inflamar seus ossos/ E eu vou tentar consertar você.”

52

RAFAEL

There are many things that I would

like to say to you

But I don't know how

Because maybe

You're gonna be the one that saves

me

And after all

You're my wonderwall.

— Oasis, “Wonderwall”^{*}

Abro

os

olhos,

desnorteados. O quarto está

na penumbra e a porta

entreaberta. Ouço vozes

abafadas,

pequenos

sussurros

que

me

preocupam. Sento na cama

devagar. Meu corpo dói,

como se tivesse passado

vários dias levantando mais

peso

do

que

posso

aguentar.

Saio da cama, dou um

passo e me sinto tonto.

Apoio a mão na parede e

me arrasto até a porta. A

camiseta está grudada em

mim, molhada de suor.

Estou fraco, tão fraco que

uma brisa seria capaz de

me derrubar.

Na sala, Lucas, Lex,

Fernanda, Mila, Rodrigo e

Branca estão sentados no

sofá e param de falar

quando me veem. Até

Bernardo

está

ali,

encostado na parede perto

da cozinha, com as mãos

nos bolsos e a testa

franzida, aguardando minha
reação.

Meus olhos vasculham
o ambiente à procura de
Viviane, que surge da
cozinha com um copo de
água e quase o derruba ao
me ver. Bernardo pega o
copo tão rápido que me
pergunto quanto está ligado
nela, quanto se preocupa e
a observa de perto, para
checar se não vou destruí-
la.

Desde que contei sobre
os meus problemas, este
era o momento que eu mais
temia: a maneira como ela
me olharia após a primeira
crise. Sou tomado por uma
vontade absurda de chorar
ao não encontrar nem uma
sombra de julgamento em

seu

rosto.

No

sorriso

inseguro que ela me lança,

antes de correr para mim,

quase me derrubando com

o impulso, existe apenas

alívio.

Tento ampará-la e lhe

dizer algo, mas minha voz

custa a sair. Lex, como um

raio certo, me segura

quando cambaleio.

— Eu assumo daqui,

Vivi — ele diz, querendo

me dar mais tempo. — Por

que não esquento a sopa

que eu preparei? O Rafa

precisa de outro banho

agora.

Nem tento dizer nada.

Aproveito que meu amigo

me dá cobertura nessa
louca e tenebrosa volta da
morte
e
me
calo,
caminhando
para
o
banheiro sem soltá-lo.

Lex abre o chuveiro
enquanto tiro a roupa. Ele
se vira de costas, mexendo
na pia e me dando um
pouco
de
privacidade,
como se eu não imaginasse
tudo o que ele deve ter visto
durante a noite.

A água morna é um
conforto. A vontade de
arrancar meus músculos

ainda me domina, e saber
que a dor vai durar vários
dias me assusta.

— Por quanto tempo
dormi?

—

pergunto,
lavando os cabelos.

— Quinze horas e vinte
e três minutos.

— Você contou até os
minutos?

— Eu não, mas a Vivi
contou. Acho que ela é
mesmo a garota certa pra
você. Deu até orgulho de
ver.

Tem
algo
nela...

Quando a gente bate o
olho, acha que é uma
patricinha, mas aí, se olhar

com atenção, dá pra ver
que ela é forte e capaz de
qualquer coisa por quem
ama. E ela te ama, não
tenho dúvida.

Um sorriso triste me
escapa e um sentimento
quente se espalha pelo meu
peito. Eu amo tanto essa
garota.

— Eu machuquei a

Viviane?

— Não. Ela tá bem.

—

Ficou

muito

assustada?

—

Ficou

mais

preocupada que assustada.

Bastante — ele diz ao me
entregar a escova e a pasta

de dentes.

— O amigo estava aqui

ontem?

— O Bernardo? — A

menção ao nome não me

passa despercebida. Lex já

o conhece, o que significa

que

ele

está

no

apartamento há um tempo.

Não me lembro de ver os

dois conversando no bar.

— Não. A Branca veio

comigo. O irmão dela

chegou de manhã e os

outros vieram em seguida,

em fila indiana.

— Ele quis levar a

Viviane

embora?

—

pergunto, fingindo que não
dou muita importância, e
escovo os dentes debaixo
do chuveiro.

— Se quer mesmo
saber, não. Nem uma vez.
Ele é um cara legal,
prestativo. Ela pisca e ele
está por perto. Ela funga e
ele se aproxima. Acho que
se preocupa mesmo e só.
Não vi nada que indique
que ele queira a sua garota.
Fica de boa, tá?

— Tô bem. Eu só
queria saber. — Desligo o
chuveiro.

—
Ãrrã...

Fica
tranquilo. Ela não vai a
lugar nenhum.

— Eu senti que ela

estava comigo enquanto eu
dormia.

Tive

tantos

pesadelos que às vezes era
difícil saber qual dor era
real e qual era parte do
sonho.

— Ela ficou lá com

você. Passou praticamente
o dia inteiro no quarto.

Tentei fazer ela dormir,
porque sei que temos mais
noites pela frente, mas ela
me ignorou. Parecia até
você.

Enrolo a toalha na

cintura e piso no tapete.

Outra onda de tontura me
pega de jeito e Lex me
segura.

— Você dormiu?—

Estou com medo e ele sabe

exatamente a razão.

— Dormi sim. A tarde

toda.

Quando

a

Mila

chegou com o Rodrigo, fui
pra casa um pouco. Ela é
estudante de medicina e ele
poderia te segurar com o
Lucas, se fosse o caso.

Aliás, ela insiste que você
devia se internar.

—

Não

vou

me

internar.

— Eu sei, mas tô

avisando. Agora para de
pensar nisso e se foca em
melhorar. Até terça na hora
do trabalho tô liberado,

depois vemos as escalas.

— Escalas?

Preciso dele desperto

quando a crise voltar.

— É, a Branca passou

horas

trabalhando

em

planilhas. — Lex dá um

sorrisinho besta que me

surpreende, balançando a

cabeça. — Ela disse que se

acalma.

— Obrigado, cara. —

Trocamos um olhar rápido

e ele me abraça, pouco

ligando que eu esteja só de

toalha.

— Relaxa. Só aguenta

firme. — Então me solta e

abre a porta.

No quarto, Viviane está

sentada na cama, ao lado

da roupa que separou para
mim. Depender assim de
outras pessoas não é algo
que eu aprecie, mas sei que
jamais conseguiria passar
pela abstinência sozinho.

Lex nos deixa e me
sento — não, desabo a seu
lado. Ela se arrasta na
cama e apoia a cabeça em
meu ombro, acariciando
meu braço e contornando a
tatuagem com a ponta do
dedo. Isso já se tornou
parte do nosso cotidiano, e
sinto como se um pedaço
dela
se
prendesse
às
marcas em meu corpo,
ficando sempre perto de
mim.

Eu a puxo devagar para
o meu peito e aspiro seu
perfume,
querendo
que
meus sentidos provem que
ela é real e não mais uma
das muitas alucinações que
tive durante a noite. Preciso
que eles me mostrem o que
é pesadelo e o que é
realidade.

Não dizemos nada por
longos minutos. O som de
nossa
respiração
nos
mostra que estamos vivos, e
por enquanto isso é tudo o
que importa.

Viviane ergue a cabeça
e
nossos

olhares

se

encontram. Há olheiras em

seu

rosto

lindo,

tão

profundas quanto as que vi

em meu reflexo no espelho.

Com a ponta do dedo, toco

a área escura embaixo de

seus olhos, devagar. Ela

pisca

rápido.

Lágrimas

contidas.

— Você me perdoa? —

São as primeiras palavras

que consigo dizer a ela.

Sua

expressão

se

confunde e ela puxa a

manga

da

blusa,

sem

entender.

— Por quê?

Ah, essa voz... Fecho os

olhos,

querendo

que

Viviane fale mais. Algumas

horas atrás, quando eu

estava perdido nas trevas,

foi sua voz que me guiou de

volta para casa.

— Por tudo o que eu fiz

— murmuro, beijando sua

testa.

— Você não fez nada.

—

Mentirosa.

Uma

mentirosa linda que quer

me proteger.

Com carinho, Viviane

passa pomada em meus

dedos cortados, depois os

cobre com gaze, prendendo

com esparadrapo.

— Não quer comer um

pouco?

— Já vou.

— Posso trazer aqui, se

ocê quiser.

Abro os olhos outra

vez.

— Não. Já vou.

Eu não pretendo, nem

sequer

estou

pensando

nisso, mas, quando dou por

mim, cubro sua boca com a

minha.

Meus

lábios

a

tomam bem devagar. Seu
beijo é leve, como se
temesse me machucar. Ela
não sabe que o efeito é o
contrário

—

está

me

curando,

como

se

de

repente

eu

fosse

uma

espécie torta de príncipe

encantado, e ela minha

guerreira salvadora.

Viviane acaricia meu

peito tão lentamente que

sinto as células se agitando

em cada ponto de contato.

Seu

toque

quer

me

reconstruir e me livrar da

dor que ainda habita em

meus músculos.

Ela interrompe o beijo,

apoia a cabeça em meu

peito, encosta os lábios no

ponto em que fica meu

coração, que é incapaz de

bater por outra, e se afasta.

— Se troca, vai. Depois

quero que coma.

— Sim, senhora. —

Sorrio

para

o

tom

autoritário que ela assume.

Enquanto

me

visto,

percebo que Viviane está
vermelha.

— Por que você está de
manga
comprida?

Está
quente.

— Por nada. Estou com
um pouco de frio.

— Você tá vermelha.

Não é febre? — Toco seu
rosto e a temperatura
parece normal, mas não
entendo a coloração. —

Tem certeza que não tá
com calor?

Balançando a cabeça
negativamente, Viviane se
levanta e tenta sair do
quarto. Eu me viro e seguro
seu braço, e ela dá um

pulo, se encolhendo.

— Puta que pariu... —

o palavrão me escapa baixo
com a revelação do que
aconteceu.

Em

algum

momento na noite passada,
machuquei Viviane. — Tira
a blusa, Vivi — peço com o
coração aos trancos. O que
foi que eu fiz?

Sabendo que nada vai

me fazer mudar de ideia,
ela tira, e o impacto do que
vejo me faz dar um passo
para trás. Seu braço direito
tem uma mancha roxa
escura, grande o suficiente
para ter sido causada por
um murro.

Bato

as

costas

no

guarda-roupa e passo as
mãos nos cabelos. Minha
respiração acelera e me
sinto o pior cara do mundo.

— Olha pra mim —

Viviane segura meu rosto
com as duas mãos. — Não
era você, tá?

— Claro que era. —

Não a olho.

— Não, não era. Você
estava

descontrolado.

Alterado por causa da
abstinência. Não foi culpa
sua.

— Porra, Vivi... Porra.

Porra. Como eu pude fazer
isso? — Continuo sem
conseguir olhar para ela.

—

Pouco

importa.

Rafa, olha pra mim. — É

uma ordem. Chega a ser

irônico

como

ela

tem

assumido o controle. Tão

forte e tão frágil. Obedeço.

— Vou dizer uma vez só,

depois você vai sair desse

quarto e comer. Você vai

escutar e parar de se

afundar em culpa, ok?

É tão firme que me

sinto um menino, apenas

esperando a solução de um

problema.

— Ok

— Não importa o que

aconteceu ou o que ainda

vai

acontecer.

—

O

franzido em sua testa se
dissipa e um sorriso ocupa
o lugar da preocupação,
querendo que eu sinta que
está tudo bem. E, aos
poucos, é isso o que sinto.

— Não importa se você
acha que é um monstro,
você não é. Eu estou bem e
você vai ficar bem. Sabe
por quê?

—

Por

quê?

—

pergunto, mas já sei a
resposta. Está no jeito
como ela mexe o lábio e
morde a pontinha dele.

— Porque eu te amo.

— Só ama?

Ela cora outra vez e sei
que é pela provocação.

— Eu te amo, porra.

— Ah, fica tão melhor
assim. — E me concentro
nela
mais
uma
vez,
buscando
a
paz
que
preciso.



Um a um, os dias se
passam. É como se um
borrão bloqueasse minha
vista. Nunca sei exatamente
o que aconteceu no dia
anterior. A dor extrema se

intercala com momentos de
cansaço. Não sei mais
diferenciar dias e noites.

Odeio

me

sentir

tão

confuso, sensível e incapaz.

De tudo, o que mais

detesto são os lapsos de

memória. Em um segundo

estou no chão, no outro

Lucas está com o nariz

sangrando,

no

próximo

estou

arrancando

a

maçaneta da porta da sala,

depois gritando, chorando,

sendo contido por alguém e

implorando por qualquer

coisa que me faça sofrer
menos.

É uma rotina insana e
insuportável.

Mal

fico

sozinho com Viviane e,
quando fico, preciso que
ela me conforte, ou ajo
como um estúpido, um
ignorante. Explodo quando
quero ser seu homem e não
a criança de quem ela
precisa cuidar.

Ela se

contém por mim, mas,
quando vejo seus olhos
vermelhos por ter chorado,
dói mais do que a ausência
da droga.

As pessoas se revezam
para me vigiar como se eu
fosse um bebê, mas Viviane

está sempre por perto.

Cada vez que acordo, ela
está ao meu lado com um
sorriso doce, não importa
que eu tenha ameaçado
arrancar

a

cabeça

de

alguém ou esmurrado uma
das janelas, me cortando.

Bernardo, o moleque
que me deixou com tanto
ciúme na primeira noite, é
quem cuida da polícia
quando ela vem, porque é

óbvio

que

os

vizinhos

chamam. Não sei a que
ponto o pai dele teve ou
não

que

se

envolver.

Quando tento agradecer,

tudo o que ouço é:

— Só se concentra em

ficar bem pra ela. Enquanto

a Viviane estiver bem, não

vai ter problema entre a

gente.

Fico um pouco puto,

justamente por ele não

facilitar a minha vida. Não

dá para não gostar dele. É

quase como se não fosse

uma opção. Cara folgado.

Ah, nem, ele é uma boa

pessoa. Eu também quero

ser, por ela.

Nota

* “Há muitas coisas que eu gostaria de te

dizer/ Mas não sei como/ Porque talvez/

Você seja aquela que me salve/ E depois de

tudo/ Você é minha fortaleza.”

53

Viviane

I'd live and I'd die for you

I'll steal the sun from the sky for

you

Words can't say what love can do

I'll be there for you.

— Bon Jovi, “I'll Be There for You”*

Aos

poucos,

os

dias

vão

deixando de ser tão ruins, e a

cada amanhecer Rafael dá mais

um passo em direção à vida.

Saio apenas duas vezes do

apartamento, nos dias de visita

da minha mãe.

Quando ela sorri, sinto que

vai ficar tudo bem. Nas duas

ocasiões, meu avô está junto e

não conversamos de imediato.
Ele me observa, parece que
procurando as palavras certas
para falar comigo, mas nunca
abre a boca.

— Que anel é esse? — A voz
de minha mãe me traz de volta
à visita. — Parece um anel de
compromisso. — Ela segura
minha mão entre as dela.

Meu avô se levanta e
caminha um pouco pelo salão,
mas se mantém por perto, nos
observando.

— É de compromisso —
respondo, apreensiva com sua
reação, mas muito feliz por ela
ter notado.

— O César te deu?
É o que basta para me
preocupar. Não quero deixar
minha mãe nervosa nem mentir.
Ela vai ter alta na próxima

semana, e os médicos nos

aconselharam

a

conversar

normalmente,

sem

tratá-la

como incapaz.

— O César e eu terminamos,

mãe.

— O quê? Mas como?

Quando foi isso? E já tem outro?

Assim tão sério para um anel de

compromisso?

Normalmente, quando ela

fazia perguntas assim eu me

apavorava, mas agora estou

rindo. É minha mãe, inteira.

— O César e eu não

estávamos nos entendendo já

fazia um tempo. Foi melhor para

nós dois.

— Hum... Isso explica por

que ele não veio me visitar —
ela reflete, e Rodrigo nem
disfarça a risada quando a vê
tamborilar os dedos no joelho.

Sempre foi um sinal de que ela
está juntando as peças do
quebra-cabeça, quando nós, os
filhos, contávamos as coisas
pela metade. — Mas me diga...

O rapaz que te deu o anel, eu
conheço? Quem é ele?

Vovô revira os olhos, vovó
ajeita a blusa, Rodrigo mexe no
celular e eu aperto as mãos,
sem saber se é uma boa hora



para revelar tanto. Tenho medo
de dizer algo e meu avô me
contrariar ou falar mal de
Rafael.

E então, como que num
passe de mágica, enquanto

estou pensando nas palavras
certas, Fernanda diz, radiante:
— Tia, eu não te contei
ainda. Sabia que estou grávida?
Quando estamos saindo, felizes
por saber que a alta da minha
mãe foi confirmada para a
semana que vem, ouço a voz de
meu avô:

—

Podemos
conversar,
cariño?

Ele para, fingindo prestar
atenção em volta e tentando
não
demonstrar

como

é

importante

para

ele

falar

comigo.

— Claro, vô. — Caminho com
ele até sentar em um banco ao
seu lado.

— Quer almoçar comigo um
dia desses?

— Quero.

Nenhum de nós se mexe.

Existe uma linha que nos
separa,

e

ambos

estamos

lutando

para

ver

quem

consegue resistir por mais

tempo a cruzá-la. Sim, com os

Villa é preciso teimar para não

ceder. Rodrigo nos observa de

longe.

Vovô

está

tão

desconfortável quanto eu.

— O Bernardo me disse que

vocês não se acertaram — ele

comenta,

provavelmente

se

referindo ao fato de eu não ter

deixado Rafael por Bernardo,

como

ele

queria

que

acontecesse.

—

Na

verdade,

nos

acertamos — respondo em voz

baixa,

mantendo

a

tranquilidade.

— Aquele garoto ama muito
você.

— Eu também o amo muito.

— É, mas os dois amam do
jeito errado. — Sua mão fica
suspensa no ar, indo e vindo,
até que ele não se aguenta e
segura a minha. — Se vocês se
amassem

direito,

poderiam

resolver os meus problemas.

— Não tem jeito errado de
amar, vô.

— Mas tem jeito perigoso. —

Meus ombros ficam tensos. —

Não sei se você sabe, mas não
sou um cara mau — ele abre e
fecha aspas, marcando a última
palavra. — Sou só um velho
apavorado que não sabe mais
se vai conseguir proteger sua

menininha.

— Eu sei. Não queria te

deixar preocupado.

— Preocupação é inerente

ao sangue. Basta nascer. Não,

basta ser gerado. Sua prima

Fernanda me deu esses fios

brancos aqui, ó — ele mostra

seus

cabelos,

ainda

mais

grisalhos nos últimos meses. —

Sua vó quer fazer uma pequena

reunião de amigos no dia em

que a sua mãe sair daqui.

Sábado que vem. E eu estava

pensando

que

talvez

você

pudesse ir.

— É minha mãe, vô. Claro

que eu vou.

— Eu sei... E o que acha de
levar seu... namorado? — Quase
não posso acreditar no esforço
que ele fez para dizer essa
palavra.

— Sério?

— Não, estou brincando. —
Sua espontaneidade me faz rir.

— Claro que é sério.
Por mais que eu queira dizer
sim na hora, preciso consultar
Rafael antes.

— Vou conversar com ele,
tá?

— Se ele não for, vou
considerar uma afronta. — Ele
cruza os braços.

— Vô!

— O quê? Eu dou um passo,
ele dá outro. É assim que
funciona. Ninguém pode esperar
que eu seja o único a ceder.

— Hum... E desde quando
você cede?

— Desde que o inútil do
plano b me disse que, se eu não
cedesse, perderia você.

— Não fala assim do
Bernardo — peço, mas não
estou zangada. Envolve seu
braço e encosto a cabeça em
seu ombro.

— Por acaso o plano B foi
útil?

— Foi sim, a seu modo. —
Dou tapinhas em sua coxa. Não
tem jeito, ele precisa entender
que, nesse caso, quem não cede
sou eu.

— Não, não. Ou ele foi útil
ou foi inútil. Está vendo? Foi só
se envolver com quem eu não
aprovo e já ficou burra. Duvido
que esteja lendo os jornais
diariamente e...

— Eu te amo, vô. — Beijo
sua bochecha e me levanto,
puxando-o pela mão. — Mais do
que você imagina.

Meu avô tira um lenço do
bolso e enxuga os olhos, antes
de me abraçar.

— E eu também te amo,
cariño. Tanto que não consigo
dormir quando não sei se está
bem.

— Eu estou bem.

— Até quando? — Seus
dedos se perdem nas pontas
dos meus cabelos, algo que ele
faz desde que eu era criança.

— Não sei, até a vida me
permitir estar.

— Meu maior medo é esse
rapaz partir você ao meio.

— Já fui partida, vô. Fui
partida em dezenas de pedaços
quando descobri o câncer do

meu pai, em centenas quando
disseram que era terminal, em
milhares quando ele se foi e em
milhões quando achei que
perderia minha mãe também.
Não sobrou muito aqui para ser
partido. Eu só não demonstro
tanto.

—

Sabe
que
dá
para
multiplicar mais vezes, não
sabe? — ele caçoa de mim,
bagunçando
meus
cabelos,
tentando fugir do fato de que fui
muito machucada.

— Sou sua neta, claro que
sei. — Pisco várias vezes,
imitando a menininha que ele

adora proteger.

— Bem, traga-o na semana
que vem. Sua mãe vai querer
conhecê-lo, e eu vou tentar não
matar aquele rapaz.

— Hum... Você pensa muito
nisso, não é? — finjo que estou
zangada, estreitando os olhos.



— Em matar esse garoto?

— Sim.

— São tantas opções... —

ele

agita

os

braços

inocentemente.

— Vô!

— Quer a lista em ordem
numérica ou alfabética?

Rodrigo resolve passar em casa
para pegar algumas roupas e

me deixa esperando no carro.

Quando ele estaciona em frente

ao prédio de Rafael, já é noite.

Estou preocupada, mas Lex disse que ficaria até eu chegar, mesmo que isso o fizesse se atrasar para o trabalho.

Abro a porta e meu coração dispara.

As

luzes

estão

apagadas, tem velas espalhadas

pela sala e pétalas de rosa

formam um caminho até o

quarto. Um perfume adocicado

envolve

o

ambiente.

Tão

diferente do que temos vivido

nos últimos quinze dias.

Entro no quarto devagar. Em

pé, segurando rosas brancas,

está Rafael.

— Quis comprar rosas, mas
vermelho é muito óbvio e, gata
— ele estreita os olhos, sorrindo
de

forma

assustadoramente

sexy —, eu sou tudo, menos
óbvio.

Eu me jogo em seus braços,
apertando-o o mais forte que
posso, como se tivéssemos
passado meses longe. Quando
ele me envolve, percebo que se
sente exatamente do mesmo
jeito.

— Cadê o Lex? Ele te deixou
sozinho?

—

Não

consigo

esconder a preocupação.

—

Calma.

Não

tenho

nenhuma crise há seis dias. O

pior já passou. Calma. Calma. —

Ele acomoda a mão em meu

pescoço, despertando sensações

que

mantive

adormecidas

durante a fase de tensão. —

Agora

é

basicamente

autocontrole

e

frequentar

reuniões semanais por, sei lá, o

resto da vida.

Quero perguntar se ele ficou

muito

tempo

sozinho,

se

esperou demais por mim, mas
me seguro. Vou ter que ficar de
olho nele por muito tempo
ainda, e não quero que pense
que está sendo vigiado. Ele
precisa se sentir bem, cada dia
melhor. E isso depende muito
mais de Rafael do que de mim.

— São lindas. Obrigada. —

Inspiro o perfume das flores. —

Gostei mais por serem brancas.

— Achei que combinava.

Você zerou a minha vida. Sou
uma folha em branco. Não uma
folha nova e sem passado,
porque seria impossível. Sou
uma folha amassada, pisada e
provavelmente
rasgada
em
alguns pedaços, mas acho que
ainda dá pra tentar escrever
uma história nova.

— Como funciona agora? —

Minha voz treme, mesmo que eu
me esforce para soar natural.

— A gente vive um dia após
o outro. Não tem fórmula
mágica. A gente tenta, e talvez
dê certo, talvez não. Quero que
dê.

— Eu também.

— Então pronto.

Rafael coloca as flores sobre
o criado-mudo, segura minha
mão e entrelaça os dedos nos
meus, sem deixar de me olhar.

Depois me beija como se
tivesse todo o tempo do mundo
e precisasse me degustar. Corro
as mãos por seus cabelos,
trazendo-o o mais perto que
posso.

— Porra, que saudade de
você assim — ele murmura,
procurando o zíper do meu

vestido. — Só minha, sem
ninguém
pra
chegar,
sem
ninguém pra atrapalhar. Como
eu senti a sua falta. — Sua mão
encontra o fecho do meu sutiã
ao mesmo tempo em que
desabotoo sua calça.
O desespero nos consome.
Todos
esses
dias
nos
controlamos,
nenhum
toque
tinha conotação sexual. Eu
cuidava dele para que ficasse
bem, sem pensar em nada mais.
Agora quero, preciso, necessito
desesperadamente sentir Rafael

dentro de mim.

— Rafa... — Eu me agarro
em seus ombros quando ele me
toca entre as pernas. Meu
coração bate tão rápido que
sinto como se nunca tivesse me
perdido em seus braços antes.

— Por favor...

Imploro

por

ele.

Não

aguento mais esperar e puxo
sua cueca enquanto ele me
empurra para a cama. Nossos
corpos agem por conta própria.
Não há racionalização. Não há
espera. Não há contenção.

Neste momento, Rafael e eu
somos apenas entrega. Intensa
e plena entrega.

Nota

[* “Eu viveria e morreria por você/](#)

Roubaria o sol do céu para você/ Palavras
não podem dizer o que o amor pode fazer/
Eu estarei lá por você.”

54

RAFAEL

Did I say that I need you?

Did I say that I want you?

Oh, if I didn't I'm a fool, you see

No one knows this more than me.

— Pearl Jam, “Just Breathe”^{**}

Está aí algo que nunca

pensei:

que

eu

seria

convidado para um almoço

na casa da família de

Viviane. Ela passa o dia

anterior inteiro mexendo

em suas roupas, e nosso

quarto acaba parecendo

mais uma zona de guerra.

Sem prestar atenção,

ela atira peças na cama,
muitas vezes me atingindo,
sem nem se dar conta.

— Você fica perfeita
com qualquer roupa, Vivi.

—

Não,

você

não

entende. Eu quero que seja
realmente perfeito.

— E vai ser.

— Você acha? — Ela
sobe na cama de joelhos e
se aproxima de mim.

— Acho.

— Estou tão confusa.

— Joga o vestido azul-
marinho sobre o lençol e
encosta a cabeça no meu
peito sem camisa. — Sei
que parece bobo, mas
roupa significa tanto pra

mim.

— Não parece bobo. —

Acaricio sua barriga com
calma. A praga tinha que
estar só de calcinha e sutiã.

— É que, se eu não
fizer assim, se eu não
escolher com cuidado cada
peça de roupa, parece
que...

— Você tá perdendo o
controle — completo.

— É, é isso.

— Acho que é normal.

Eu sou assim também com
a casa. Quer dizer... —

Pego

uma

blusinha

e

balanço

para

ela.

—

Alguém

descontrolou

o

meu mundo!

Eu

a

surpreendo

agarrando-a

e

girando

nossos corpos até que ela

fique

presa

sob

mim,

fazendo-a rir.

— Ah! — ela dá um

gritinho. — Eu arrumo

tudo, juro! — promete,

balançando

as

pernas

enquanto faço cócegas em
sua barriga. — Por favor,
para! — as palavras saem
em meio a gargalhadas, até
que eu paro, deixando-a
respirar.

— Depois você arruma.

Posso

aguentar

um

pouquinho de descontrole,
assim como você. Qualquer
roupa que usar vai te deixar
linda. Quer parar de se
preocupar?

— Ok — a resposta sai

com um suspiro, e ela sorri

após

morder

o

lábio



inferior.

—

Ah,

garota...

Problema

de

roupa

resolvido: tira tudo agora.

Rodrigo e Viviane buscam

a mãe na clínica com os

avós. Depois de deixar os

mais

velhos

em

casa,

passam para me pegar.

Apesar de preferir estar

com minha moto, quero

que Viviane vá de carro.

No fim, ela se decidiu por

meias pretas até os joelhos,

a saia vermelha que usou

na primeira vez em que nos

beijamos e uma blusa preta
com alguns detalhes, mas
quem disse que consigo ver
muito
além
da
saia
vermelha?

Entramos na casa de
mãos dadas, com Lucas e
Rodrigo, um de cada lado.
De longe, ouço a risada da
Branca e nunca pensei que
diria isso, mas ela me
tranquiliza. Por mais louca
que seja, não tenho dúvida
de que é de confiança. Ela
pode te xingar na maior
parte do tempo ou te olhar
com
desdém
algumas
vezes, mas vai te proteger

se achar que deve. Quando
nos vê, ela se levanta e vem
sorrindo até nós.

— Vivi! — a abraça
carinhosamente. — Mestre.

— Ela me chama assim às
vezes,

fazendo

Viviane

revirar os olhos. Ninguém
me explicou a razão ainda,
só sei que tem algo a ver
com uma palavra que
Branca inventou a meu
respeito.

Por trás do muro, a
casa é muito mais do que
imagino. A família de
Viviane tem dinheiro e não
faz questão de esconder.

Entramos na sala, estou
com o coração disparado.

É uma sensação estranha.

Uma ansiedade incômoda.

Um

garçom

passa

oferecendo

bebida

e

normalmente,

numa

situação

dessas,

eu

aceitaria. Mesmo agora a
tentação é grande. Não é só
passar pela abstinência —
não existe ex-vício, é para
sempre, a grande questão é
saber lidar com o desejo.

Viviane não me olha,
mas sua mão aperta a
minha devagar, quase como
se lesse minha mente e
soubesse que, por trás da

fachada, estou inseguro. É
a mãe dela que vou
conhecer hoje. Por mais
que eu saiba que Vivi não
vai me deixar caso a mãe
peça, não gostaria que ela
tivesse de escolher. Sem
saber o que se passa
comigo, o garçom oferece
bebida novamente. Não
quero. Não posso. Não
vou.

Coisas assim são os
maiores testes que alguém
pode enfrentar — ver o que
precisa bem na sua frente e
escolher entre o sim e o
não. Em meio a um
momento
desesperador,
Viviane desliza a mão livre
pelo
meu

braço,
desenhando o contorno da
tatuagem,
parecendo
distraída. Mas, quando me
olha e sorri, sei que quer
me acalmar. Ela é meu
porto seguro em meio ao
caos.

A reação das pessoas
ao me ver é a mais diversa
possível. Enquanto Mila é
doce,
mas
desconfiada,
Fernanda me abraça tão
forte que me sinto um
gatinho
nas
mãos
da
Felicía,
do

desenho

animado *Tiny Toons*. É, já

fui criança, como todo

mundo. Não tem como

nascer já sendo um cara

mau, sexy e tatuado.

Túlio aparece com a

esposa. Mais solidários,

impossível. Quase todas as

pessoas já sabem quem eu

sou quando se dirigem a

mim.

Viviane

segue

cumprimentando e pedindo

licença até chegarmos à

área externa. Tem uma

piscina gigantesca, e várias

pessoas conversam perto da

churrasqueira. Reconheço

a avó e a mãe, que observei

de

longe

durante

a

internação

na

clínica.

Quando nos aproximamos

delas,

as

peessoas

se

afastam, e tenho a sensação

de que todo mundo neste

lugar sabe quem eu sou e o

que vim fazer aqui. Como

eles

se

comunicam?

Telefone sem fio?

Agora, com o rosto

mais corado e as roupas

arrumadas,

é

fácil

reconhecer

Viviane

na

mãe.

Elas

são

bem

parecidas.

— Mãe, esse é o

Rafael. Rafa, essa é a

minha mãe, Alice.

Nossas

mãos

se

encontram em um aperto

formal. Ela me surpreende

e me dá um beijo no rosto,

mas o olhar apreensivo que

lança à tatuagem não passa

despercebido.

Confesso

que,

pela

primeira vez na vida, nunca
estive tão apavorado. Quero

ser

aceito

por

essas

pessoas, e não é por mim.

Viviane não merece se

afastar de todos por querer

ficar comigo. Quero que ela

tenha tudo. Estar com essa

garota me tira do eixo, ao

mesmo tempo em que

recupera meu equilíbrio.

Sua avó e sua mãe

conversam banalidades e às

vezes me fazem uma ou

outra

pergunta

sobre

trabalho e família. Quando

meu pai e minha irmã vêm

à tona, não há dúvidas de

que

ganho

um

olhar

complacente, como se de

repente eu me tornasse

mais apreciável por saber

na pele o que elas sentiram

ao perder quem amavam.

Não é tão difícil quanto

eu

pensava,

mas

não

consigo

afastar

uma

comichão na palma das

mãos. Sorrio, sou educado

e não sei se me surpreendo

ou fico chocado com o

modo como a mãe e a avó

parecem

gostar

rapidamente de mim.

Os

primeiros

trinta

minutos se passam e ainda

estou

esperando

o

momento em que a casa vai

cair e alguém vai saltar das

sombras

querendo

que

Viviane escolha. Quando

ela se ajeita rapidamente na

cadeira, sei que algo a

deixou apreensiva, e, ao

seguir seu olhar, a última

pessoa por cuja avaliação

tenho

que

passar

se

aproxima.

Vovô “Sean Connery”

está com uma sobrancelha

levantada. Quando tira a

mão das costas e a estende

para mim, eu o encaro,

preparado

para

alguma

palavra dura que possa

machucar Viviane ou até,

sei lá, um punhal para

acabar com a minha raça.

— E aqui está o rapaz

que faz minha neta feliz—

ele

surpreendentemente

sorri.

A falta de ironia em seu

tom leva minha ansiedade

para longe. Nunca pensei

que pudesse agradar todos

eles, e honestamente sei
que não vou, mas não estou
pronto para uma briga por
Viviane. Por mais que eu a
queira comigo, sei que ela
precisa deles.

O sorriso escancarado
que ela lança para o avô, e
que é retribuído na mesma
medida, me alegra mais do
que se fosse direcionado a
mim.

Neste momento, depois
de tudo o que passamos, só
o que posso querer é ver
Viviane feliz.

Nota

* “Eu já disse que preciso de você?/ Eu já
disse que te quero?/ Ah, se eu não disse,
sou um tolo, veja você/ Ninguém sabe
disso melhor do que eu.”

If every one goes away, I will stay

We push and pull

And I fall down sometimes

And I'm not letting go

You hold the other line

'Cause there is a light in your eyes,

in your eyes.

— Mat Kearney, “Breathe in, Breathe

out”*

Apreendi com meu pai a nunca

ter medo de viver, então,

quando os dias se tornam

semanas e a tranquilidade

preenche nosso cotidiano, não

me surpreendo nem temo que

possa passar. Apenas vivo.

Não voltei para a casa da

minha mãe quando ela saiu da

clínica, mas a vejo todos os

dias. Como eu não quis retomar

a faculdade por um semestre,

ela me faz acompanhá-la a

várias

reuniões

com

suas

amigas. Também tem ocupado

seus dias com projetos sociais

deixados pelo meu pai, e assim

a memória dele é lembrada e

ela não se sente tão só. Rodrigo

voltou a morar com ela, o que

me dá mais tranquilidade.

Às vezes durmo por lá, mas

não gosto. Por mais que não

fique procurando sombras no

presente, se não estou perto de

Rafael, tenho medo do que pode

acontecer com ele.

A maior surpresa desse

período

é

que

vovô

simplesmente morre de amores

por ninguém menos que Lucas!

Se Rodrigo não fosse tão bem resolvido, teria ciúme. No dia em que minha mãe saiu da clínica, meu avô estava discutindo informalmente uma campanha publicitária para uma marca de carro e Lucas deu sua opinião, assim, do nada, deixando todos nós boquiabertos. O investidor que existe em meu avô está completamente obcecado em tornar Lucas seu funcionário, querendo até financiar sua faculdade.

A princípio, Rafael não quis que seu primo aceitasse, mas depois teve a brilhante ideia de dizer que Lucas só pode cursar publicidade se Rodrigo parar de enrolar e prestar vestibular também. E foi assim que Rafa deu um passo importante no gráfico mental que vovô tem sobre ele.

Rodrigo concordou. Então, no semestre que vem, vou retomar meus estudos e eles vão iniciar os deles.

Meu avô quis me dar meus cartões de crédito de volta. Não banquei a orgulhosa, aceitei, mas quase não gasto com nada no apartamento. Rafael faz questão de pagar as contas. Estamos pensando em nos mudar para um apê de dois quartos, para que Lucas não

precise mais dormir na sala.

Não sei exatamente como
minha família se sente com meu
relacionamento. Às vezes tenho
a sensação de que eles não
batem de frente comigo para
que eu não me rebelo e assim
me afaste deles. Mas isso não
quer dizer que aprovem. Talvez
estejam só esperando que eu
volte. Como não dá para ter
certeza, sigo vivendo.

Rafael já voltou a trabalhar
no bar, que, graças a Deus, não
tem mais Andressa entre as
funcionárias.

Nossa vida se entrelaça mais
a cada dia, e sei que nunca
amei outra pessoa como amo
Rafael.

Converso com dona Rosalia,
a mãe dele, de vez em quando,
e ela tenta me ensinar a

cozinhar, apesar de eu ser um fiasco total. Passamos uma semana com ela quando Rafael ainda estava em férias, e seria impossível amar mais aquela mulher. É a pessoa mais fofa do universo.

Minha mãe também faz questão de me ensinar, apesar de não saber cozinhar nem um ovo sozinha.

Rimos constantemente de nossas tentativas frustradas.

A diferença é que minha mãe tem a cozinheira para salvá-la, e eu... bem... tenho um cara que fica lindo de avental.

Não deu outra — agora, saio
correndo do banho enrolada na
toalha no exato segundo em
que
Rafael
entra
no
apartamento e descobre que
queimei a comida.

— Ah, droga — choramingo,
enquanto ele pega a panela
quase preta e coloca na pia.

— Relaxa, Vivi. — Ele beija
meu rosto e dá risada. — Só
quero saber como você não
sentiu o cheiro de queimado.

— Fui tomar banho e acendi
velas aromáticas no banheiro.
Achei que dava tempo. Acho
que deixei o fogo muito alto.

Poxa...

— Não tem problema. A
gente pede uma pizza e pronto.

E, como sempre, ele resolve
as crises na cozinha. Ou pede
algo ou ele mesmo faz.

— O Lucas vai demorar? —
pergunto com o telefone na mão
para saber o que pedir.

— Vai. Ele disse que ia sair
com uma garota. Não sei quem
— ele acrescenta, quando faço
que vou questionar.

Jantamos,
conversamos,
vemos televisão. A vida vai
colocando tudo nos eixos e uma
rotina deliciosa nos envolve. É



quase
bom
demais
para
acreditar.

— Banda ou cantor com B —

Rafael pergunta horas mais
tarde,
deitado
na
cama,
enquanto estou apoiada em seu
braço.

Talvez
música
seja
o
assunto sobre o qual mais
falamos.

Rafael
tem
um
conhecimento
musical
gigantesco e com brincadeiras
assim ele diz que me ensina,
apesar do preço alto a pagar
com minhas respostas. É o que
o idiota diz.

— Britney, claro — respondo,
sorridente.

— Deus do céu...

— Deus é com D.

— Gracinha.

— Ah, para. Você tem que
lembrar que eu nunca te fiz
ouvir. Minha vez: banda ou
cantor com P.

— Papa Roach.

Pisco, buscando o nome na
mente. Não, nunca ouvi.

— Hum... Achei que você ia
responder Pearl Jam.

— Pelo menos essa você
conhece. Papa Roach é muito
bom. Acho que você vai gostar
de algumas músicas, não de
todas.

Rafael já está em pé
mexendo no som. Toda vez que
ele me pergunta sobre música
terminamos ouvindo uma, ou

duas, ou várias.

— É, gostei de “Scars” e
achei “Last Resort” bem mais ou
menos.

— Fresca. — Ele pula na
cama e prende minhas mãos
acima da cabeça.

— Grosso.

— Para de me elogiar — ele
usa seu tom mais sensual e me
mata.

— Idiota.

Ele gargalha e meu peito se
enche de calor. Amo esse som.

É a melhor música que eu
poderia ouvir.

— Eu estava pensando...

Você tem aprendido várias
músicas boas, mas tô te
achando preguiçosa. E se a
gente dificultasse um pouco as
coisas?

— Dificultar como?

— Se você não reconhecer
uma banda que eu gosto, a
gente transa. — Sua língua
acaricia

a

curva

do

meu

pescoço.

— Se fizermos isso, vamos
transar o tempo inteiro!

— E por que isso seria um
problema?

— Por nada — respondo, e
ele me surpreende quando se
levanta, me pega no colo e me
carrega até o banheiro. — O que
está fazendo, seu maluco?!

— Você tem dois segundos
pra adivinhar — ele diz e me
coloca no chão, já abrindo o
boxe. — Se errar, já sabe, vai
rolar sexo.

— Assim eu vou errar de
propósito!

— Erra, gata. Por favor, erra.

— Ele não desvia os olhos de
mim e isso é tão sexy!

Tiro a blusa ao mesmo
tempo em que Rafael arranca a
camisa. Quando deixo a calcinha
cair pelas pernas, ele abre o
chuveiro e me segura pela mão,
juntando
nossos
corpos
molhados.

Seu

beijo

é

voraz,

possessivo, intenso. Ficamos
sem ar e nos encaramos com a
testa colada. A água escorre
entre nós. Ele retoma o beijo,
lento, doce, insuportavelmente

provocante,
enquanto
meu
coração rodopia sem conseguir
um lugar para se apoiar dentro
do peito.

Rafael coloca distância entre
nossos lábios e passeia por meu
pescoço. Aproveito para fazer o
mesmo com ele depois. O gosto,
o calor do corpo e a textura da
pele dele pipocam em minha
língua. Quando ele geme, quase
desfaço.

Ele me provoca com os
dedos e apoio as costas na
parede, enquanto o outro braço
me agarra.

— Adoro quando você faz
isso...

— Porra, e eu adoro fazer —
ele sussurra para mim. — Puta
que pariu, Vivi. Quando você

pega no meu pau assim, chega
a doer. É bom, é bom pra
caralho, mas me deixa tão louco
que dói. Tem noção?

—

Tenho

—

respondo

baixinho, mordendo seu ombro.

— E gosta, né? Você me
mata e gosta.

— Uhum...

— Vamos empatar, então.

Sua língua invade minha
boca em um dos beijos mais
loucos e provocantes que já
demos. Uma mão aperta meu
seio e a outra desliza entre
minhas pernas, me tocando
delicadamente em um ponto
que não tem mais volta. Estou
prestes

a

me

perder

completamente e ele não se
afasta. Meus gemidos ficam
perdidos entre beijos enquanto
me seguro o melhor que posso
em seus braços e meu corpo se
dissolve internamente.

Suas mãos deslizam e param
em cheio na minha bunda.

Rafael me levanta e enrosco as
pernas nele, ao mesmo tempo
em que ele entra em mim com
urgência,

da

forma

mais

profunda

possível.

Uma

eletricidade nos conecta. Não de
maneira simples. Sinto como se



nossas células fossem capazes
de se misturar e se prender para
sempre. Fazer amor desse jeito
é assustador e libertador.

É
quase
como
se
estivéssemos
à
beira
do
precipício um do outro e
ironicamente esse fosse o único
caminho possível.

Na manhã seguinte, estamos
preguiçosamente
enroscados
um no outro quando o telefone
toca e me levanto para atender.
Não sem escapar de um tapa

em cheio na bunda. Saio rindo,
tropeçando, enquanto ele sorri.
O sorriso mais perfeito e doce
que já vi.

Atendo. Ouço a voz de Lucas
do outro lado. A calma tão
comum está nublada de tristeza
quando ele me dá a notícia que
mais uma vez vai mudar nossa
vida.

Meu pai dizia que o destino
é como uma flecha atirada por
um exímio arqueiro. Às vezes
você
está
ali,
sorrindo,
cantando, amando, e a flecha te
atinge de forma certa, no
coração. Exatamente no lugar
mais frágil.

É assim que olho para Rafael
agora, sorrindo para mim da

cama, sem saber o que o
aguarda, sem saber que todas
as suas feridas vão se abrir
novamente quando eu contar
quem perdemos.

Meus olhos se enchem de
lágrimas e meus pensamentos
buscam uma saída que não
existe, um caminho impossível
de
ser
encontrado.

Rafael
percebe o pesar que me toma e
se levanta. Vejo tudo em
câmera lenta. Queria poder
voltar e não atender o telefone.
Queria poder voltar e não
permitir que acontecesse outra
vez.

Mesmo que eu ame Rafael
como nunca ame ninguém,
mesmo que eu queira dar a vida

por ele, mesmo que a dor dele
se torne minha, sei que, por
mais que ele tente lutar, quando
souber quem perdeu dessa vez,
vai morrer novamente.

Rafael vem até mim e
segura meus braços devagar,
tentando me confortar, sem
nem imaginar o que tenho para
lhe dizer. Meu coração se
despedaça porque sabe que,
assim que lhe der a notícia, eu o
perderei.

Eu queria ser a força que vai
mantê-lo são, mas, depois de
mais uma perda irreversível,
não sei se tenho esse poder. E,
nesses
segundos
que
antecedem a revelação, a única
coisa que consigo pensar é: Por
quê?

Nota

* “Se todos forem embora, eu ficarei/ A gente empurra e puxa/ E eu caio às vezes/ E não vou largar/ Você segura a outra ponta/ Porque há uma luz nos seus olhos, nos seus olhos.”

56

RAFAEL

Baby I've been here before

I've seen this room and I've
walked this floor

You know, I used to live alone
before I knew you

And I've seen your flag on the
marble arch

And love is not a victory march
It's a cold and it's a broken
hallelujah.

— Leonard Cohen, “Hallelujah”*

Viviane está de costas
quando atende o telefone.
Seu tom alegre morre
quase em seguida. Eu não

estou preparado para a
tristeza
em
seu
rosto.

Queria saber menos e não
perceber o exato momento
em que o brilho no olhar
muda e algo se parte.

Um
segundo.

Um
miserico segundo é o tempo
que preciso para saber que
algo terrível aconteceu. É
quase como se um sinal
disparasse, me avisando
que
eu
deveria
me
preparar.

Eu a seguro devagar,

tentando ler mais do que
consigo. Ela desliga o
telefone e me abraça.

— O que foi? — minha
voz sai cortada, como se
tivesse medo da resposta.

— Rafa... — Ela se
afasta, passa as mãos no
rosto e nos cabelos, dá
alguns passos para lá e para
cá e segura minha mão.

Não

consegue

mais

esconder as lágrimas.

A maioria das pessoas
não imagina, mas só existe
um olhar para informar a
morte. O modo como os
olhos perdem o brilho e a
expressão
pesarosa
do

rosto denunciavam o que a
pessoa não quer contar.

— O que foi? —

pergunto outra vez. Viviane
abre a boca e seus lábios
tremem.

Reformulo

a

pergunta: — Quem foi?

Completamente

perdida,

ela

hesita,

apertando

as

mãos.

Viviane, melhor do que

ninguém,

sabe

que

expressões como “Você

tem que ser forte” não

servem para nada. Posso

vê-la procurando palavras
que não existem. Não há
nada de bom em algo ruim.

Sei que a notícia tem a
ver comigo, porque, se
fosse

alguma

coisa

relacionada a Viviane, ela
já teria me dito. O silêncio
é quase dar a notícia sem
revelar quem foi. É tão
assustador quanto, e ela
sabe, porque diz:

— Senta aqui — e tenta
me puxar para o sofá, mas
eu não me mexo.

—

Quem

era

no

telefone?

— O Lucas. — A

resposta sai rápida, ao
mesmo tempo em que ela
arregala os olhos, para
depois fechar. — Rafa,
ligaram
para
o
Lucas
porque a sua mãe...
Solto a mão de Viviane
e cambaleio para trás,
interrompendo sua fala.
— Não diz nada.
— Rafa.
— Não diz, porra! —
xingo em voz alta, tentando
respirar. Onde está o ar
desse
apartamento,
caralho?! — O Lucas tá
bêbado em algum lugar e se
confundiu. Vou ligar pra
casa.

Ligo para minha mãe.

Ela vai atender e tudo isso
não terá passado de um
mal-entendido.

Aí

vou

socar o Lucas.

Viviane senta no braço

do

sofá,

olhando

atentamente

para

mim.

Preciso pedir desculpas por

gritar, mas primeiro vou

descobrir que tudo isso é

um engano.

O telefone toca uma

vez, duas, três...

— Alô.

Franzo a testa ao ouvir

a voz de Matilde, vizinha da

minha mãe. Calma, ela vai
chamá-la e pronto.

Tenho um vislumbre de
consciência, mas não vou
aceitar isso.

— Matilde, é o Rafael.

Chama minha mãe, por
favor.

Um fio delicado é o que
me segura na superfície.

Uma esperança minúscula,
extinta pelo “sinto muito”
seguido

do

choro

de

Matilde.

Desligo.

Viviane

e

eu

nos

olhamos. Ela se move na

minha direção. Levanto a
mão para que não venha. A
ficha cai e meu controle
desaparece. Arremesso o
telefone contra a parede e
caio de joelhos no chão.

O fio que me mantinha
lúcido se parte e estou na
merda outra vez.

Contrariando

o

que

pedi, Viviane cai de joelhos
perto de mim e me abraça.

Eu a aperto tão forte que
tenho medo de esmagá-la.

Choro

compulsivamente.

Depois de tudo, ainda perdi
minha mãe.

— Perdi minha mãe. —

Estou sufocando. A dor é
tanta que cada ferida se

abre e sangra outra vez.

Parece que vou morrer a
qualquer momento.

— Sinto muito, Rafa.

Sinto tanto.

Viviane passa a mão no

meu

rosto,

beija

meu

queixo, me abraça mais.

Está desesperada para me

consolar

e

eu

queria

sinceramente que isso fosse

possível.

— Não sei como foi,

não perguntei como foi...

—

Estou

confuso

e

desesperado.

—

Você

sabe?

— Foi dormindo, mas

não sabem a causa.

— Por quê? Por quê,

porra? POR QUÊ?

A dor começa a dar

lugar à ira. Tô tão puto, tão

puto, tão puto!

Afasto

Viviane,

que

estranha, mas não me

impede, e me levanto. Vou

para o quarto e me visto em

silêncio. O buraco no peito

não vai passar. A agonia de

nunca mais ver alguém que

eu amo só vai me consumir.

A vida virou morte outra

vez. Já não sei a razão de
continuar
tentando
ser
forte.

Viviane se levanta e fica
ali parada, respeitando meu
espaço, mas machucada
por me ver assim. Um lado
meu quer buscar consolo
nela, quer abraçá-la até a
dor diminuir. Mas o outro
lado sabe que não vai parar
de doer porra nenhuma. Se
cada pessoa que eu amo se
vai, quem me garante que

Viviane

não

será

a

próxima?

Pego o capacete e a

chave,

mas

antes

de

destrancar a porta Viviane

me segura.

— Aonde você vai?

— Sair.

— Pra onde?

— Por aí.

— Rafa.

— Preciso de ar.

— Fica. — Ela me

abraça forte.

— Me deixa ir.

— Não posso.

— Vivi — seguro a

mão

que

ingenuamente

pensa que pode me prender

—, preciso sair daqui.

— Sair pra onde? Você

precisa ficar.

— Não dá. — Sei que
isso a machuca, mas agora
já não dou conta de ser o
cara certo para ela.

— Fica comigo, por
favor — Viviane me pede
com
preocupação
e
carinho.

Enxugo as lágrimas,
depois seguro seu rosto
entre as mãos e só o que
consigo pensar é: *Tudo o
que eu amo morre.*

— Eu já saí, linda. Tô
oco. Não tem mais nada
aqui. Já saí, já saí...

Eu a beijo e ela se
distrai,
pensando
que
significa que vou ficar.

Mas, assim como a puxei
rápido, eu a solto, abro a
porta
e
desço
pelas
escadas,
correndo
o
máximo que posso para
não ser alcançado.

Ouçõ
sua
voz
me
chamando. A voz que
aprendeu a acalmar meu
coração e que hoje só me
machuca mais.
Não tem mais nada que
ela possa fazer por mim.

Nota

[* “Baby, eu já estive aqui antes/ Eu vi este](#)

quarto e andei neste chão/ Você sabe, eu
vivia sozinho antes de te conhecer/ E eu vi
sua bandeira no arco de mármore/ E o
amor não é uma marcha da vitória/ É uma
fria e sofrida aleluia.”

57

Viviane

If you're lost, you can look and you

will find me

Time after time

If you fall, I will catch you

I'll be waiting

Time after time.

— Cyndi Lauper, “Time After Time”*

Tento correr atrás de Rafael.

Estou descalça e escorrego

depois de três lances de escada.

Ele não percebe, está muito

longe para me ver ou ouvir.

Apoio

as

mãos

no

chão,
chorando. Machuquei os dois
joelhos. A dor física não elimina
o buraco que começou a crescer
em meu peito desde que eu
soube que a mãe de Rafael
havia morrido.

Lex chega ao apartamento
pouco depois de Rafael ter saído
e me encontra aos prantos.

Ligamos para várias pessoas
que o conhecem e para os
lugares aonde ele poderia ir,
mas é em vão. Mais tarde Lucas
chega, inconsolável pela perda
da tia e preocupado com o
primo, e Lex sai para procurar
Rafael.

É
quase
noite
quando
percebemos que não vamos

encontrá-lo se ele não quiser ser encontrado.

Lucas quer ir velar sua tia, e meu irmão e eu vamos com ele.

Estou me prendendo à pequena chance de Rafael fazer o mesmo, apesar de não atender o celular.

No

trajeto,

envio

mais

mensagens. Começo a me desesperar. Tento ser forte por Lucas e até mesmo por Rafael, mas me sinto desmoronar.

Como vou ajudar o Rafa se ele não me deixa entrar? Como posso curá-lo agora? Será que serei suficiente?

Penso que não e choro.

Então me lembro do que senti quando achei que minha mãe

estava morta. O golpe me
atravessou. Era claro para mim
que eu não aguentaria mais
uma perda.

Rafael foi tão corajoso ao
parar com as drogas, mesmo
sofrendo
por
isso,
mesmo
muitos dias tendo vontade de
usar e fingindo que estava tudo
bem, porque não queria que eu
me preocupasse. Agora nada foi
capaz de segurá-lo perto de
mim. Espero que, pelo menos,
ele ainda seja capaz de se
manter longe do resto.

Não conto a ninguém da
minha família, além de Rodrigo,
o que aconteceu. Não quero que
comecem a se preocupar e não
pretendo

abandonar

Rafael,

mesmo que... Não, mesmo que nada. Que ele não use de novo,



por favor...

Passo a noite em claro no velório e Rafael não dá sinal de vida. São seis horas da manhã quando Branca, Mila e Fernanda aparecem e correm para me abraçar.

Choro sem perguntar como me encontraram e a resposta está logo atrás delas. Lex chega e seu olhar complacente me mostra que fez isso por mim, mesmo contra todas as minhas justificativas. Depois balança a cabeça negativamente.

Ele

continua sem saber onde Rafael está.

Minhas amigas tentam me confortar. Estou segurando uma onda de desespero, tentando mantê-la abaixo da pele, sem estourar, mas temo explodir a qualquer momento.

Um pouco antes do enterro, Mila me força a ir com ela até a lanchonete. Não consigo comer, mas tomo um copo de suco, esperando que o açúcar impeça minha pressão de cair mais.

— Vivi — seu tom é baixo e preocupado —, eu sei que não é hora, mas tudo isso parece tão irreal que a hora certa não vai chegar nunca. Se o Rafael tiver usado, vai ser um caminho sem volta e você precisa estar preparada.

— Eu sei.

— Sinto muito por ele, por
você, pelo Lucas, de verdade. —
Ela coloca uma mecha de cabelo
atrás da minha orelha. — Você
sabe que eu tive medo, mas vi a
força dele, vi como ele tentou. E
tem que querer muito para
largar
as
drogas
sem
tratamento. Ele é um guerreiro.
Acho que a paixão que ele sente
por você ajudou muito nisso
tudo. Paixão mexe com o corpo
também. Eu quase tive um treco
no começo. Achei que era um
risco desnecessário que você
estava assumindo. Depois vi
que talvez desse certo, ele
estava tentando tanto que
comecei a torcer, ainda estou
torcendo. Com medo de novo,

mas torcendo. É tão triste...

Quase como se ele tivesse
agenesia de anjo da guarda.

— O quê?

— Agenesia significa atrofia
de um órgão. No hospital, em
uma das visitas da faculdade,
um residente falou esse termo e
nunca mais esqueci. Mas ele
usou de forma metafórica, como
se a pessoa estivesse destinada
a sofrer muitas provações e
perdas, como se tivesse nascido
sem anjo da guarda.

— Você acha que isso é
possível?

— Talvez, não sei. Vai da
crença de cada um. Muita gente
acredita em anjos da guarda, e
a gente vê cada coisa no
hospital que às vezes fica
tentada a acreditar também.

São

casos

horríveis

que

estudamos todos os dias. Talvez

o Rafael possa ter mesmo

agenesia no campo espiritual,

mas ele tem você. Você tem

sido muito mais do que um anjo

da guarda pra ele.

— Eu quero ser o anjo da

guarda dele, mas como, se eu

não sei nem onde ele está? —

pergunto enquanto caminhamos

de volta.

As

peessoas

estão

se

preparando para seguir com o

cortejo, e, quando o funcionário

do cemitério fecha o caixão de

dona Rosalia, Rafael surge à

porta.

— Abre. — Sua voz sai ainda
mais rouca.

Ele não olha para ninguém,
está focado no caixão. Os
funcionários se entreolham e
Rafael insiste:

— Abre. Não vou falar de
novo.

— Tudo bem, mas tem que
ser rápido — eles cedem.

Rafael se abaixa perto do
rosto da mãe, beija sua testa,
fala baixinho e a acaricia. As
lágrimas caem, molhando-a, e
ele não faz menção de se
afastar. Lucas vai até ele e
coloca a mão em seu ombro.

Rafael se vira, os dois se
abraçam e choram e meu
coração se despedaça. Nada
pode doer mais em mim do que
o ver tão ferido.

— Fica comigo, primo. Por

favor, fica comigo. — O que
Lucas pede é muito mais do que
a presença física.

O caixão é fechado outra
vez, Rafael segura uma das
alças e, pela primeira vez desde
que chegou, seu olhar cruza



com o meu. Seus olhos estão
vermelhos, muito vermelhos. As
lágrimas não param de escorrer
por seu rosto, mas é muito além
disso. Tão além que sinto medo
de perdê-lo para sempre.

O enterro termina e Rafael vira
as costas, sem esperar por
nenhum de nós. Corro para
alcançá-lo, e o teria perdido se
Lex não o segurasse.

— Para agora. — Lex não lhe
dá alternativa. — Não vai sumir
de novo.

— Cai fora, cara — Rafael

empurra a mão estendida e

sobe na moto.

Estou na frente dele e Lex se

afasta,

para

nos

dar

privacidade.

— Não vai embora assim,

Rafa. A gente precisa conversar.

— Seguro o guidão da moto.

— Vivi, aconteceu. A gente

tentou e não deu certo. Acabou.

— Ele dá de ombros, como se

tudo se resumisse a um término

de relacionamento. — Você vai

ter que lidar com isso.

— Rafael, para. Você não

está bem. Não é assim. — Nem

considero as palavras dele.

— Não tô bem e nunca mais

vou ficar. — Ele acende um

cigarro. Não consigo ver bem,
mas o cheiro é diferente. Não é
nicotina.

— Você está usando outra
vez? — A pior pergunta que eu
poderia fazer.

— Tô usando outra vez. —
Suas palavras são pausadas. É
um aviso. — E aí? Ainda quer
ficar comigo? — ele zomba, com
uma risada forçada. — Duvido
que seu avô vai aprovar.

— Meu avô não tem nada a
ver com a gente. — Tento
segurar um espirro e não
consigo.

Rafael

está

despertando minha alergia de
propósito.

— É, mas eu tenho e acho
que já ficou claro: todas as
pessoas que eu amo morrem.

Eu vou perder você de qualquer
jeito, então chega. Só tô
antecipando a merda. Você tá
melhor sem mim.

Quero dizer que não vou
morrer, que ele precisa parar de
pensar assim, mas, ao mesmo
tempo, como posso garantir? Se
tem algo que a vida me ensinou
é que a morte é implacável e
inevitável.

Seguro sua mão. Ele me
olha, reconheço o sofrimento
intenso, por sua mãe, por abrir
mão de nós, por voltar a usar.

— Nunca vou ficar melhor
sem você.

— Você tá errada e vai
aprender.

— Quando se ama, não tem
isso de aprender a viver sem —
teimo inutilmente.

— Tá errada de novo. Melhor

do que ninguém, a gente sabe
que a vida nos obriga a viver
sem as pessoas que a gente
ama. Olha a porra do lugar onde
a gente está, Viviane! — Ele
abre os braços para o cemitério,
revoltado. — Acorda! Eu jurei
que só voltaria morto pra cá e
tô enterrando outra pessoa.
— Você está vivo e eu te
amo. Para de falar merda! — eu
me altero e aumento o tom de
voz, mais do que gostaria.

Rodrigo,
que
está
com
nossos amigos a alguns metros,
dá um passo à frente. Branca o
impede de se aproximar.

— Tô vivo? — Ele dá uma
longa tragada no baseado. —
Você pode afirmar com toda

certeza que eu tô vivo? Se eu
me sinto morto, quem é você
pra me dizer o contrário?

— Alguém que te ama.

— Então, eis um conselho. —

Ele joga o cigarro longe e coloca
o capacete. — Aprenda a não
me amar.

Espirro outra vez. Rafael dá
partida e vai embora sem olhar
para trás.

Para ele, terminamos aqui.

Não choro, não consigo. Na
verdade, estou com raiva por
vê-lo se entregar assim. Tem
que ser muito idiota para achar
que eu vou aceitar sua palavra
como final.

Nota

* “Se você estiver perdido, pode procurar
e vai me encontrar/ Hora após hora/ Se
você cair, eu vou te segurar/ Estarei
esperando/ Hora após hora.”

RAFAEL

If you got bad news, you wanna

kick them blues

Cocaine

When your day is done and you

wanna run

Cocaine.

— Eric Clapton, “Cocaine”^{**}

O problema de ser tão

íntimo de alguém é que ele

sempre

sabe

onde

te

encontrar. Passo os últimos

dias

fugindo

de

Lex.

Dormindo cada noite em

um lugar, isso quando

durmo, e deixando claro

que

não

quero

aproximação.

O

filho

da

puta

bloqueou todos os meus

cartões pelo telefone. Não

sei de quem tenho mais

raiva — do meu “amigo”,

por ter feito isso, ou de

mim, por, quando sóbrio,

ter passado todos os dados

necessários

para

ser

encurralado assim. Onde eu

estava com a cabeça?

Achei que poderia ficar

limpo

para

sempre?

Gargalho por ter sido tão

idiota.

Gigante me arruma um

lugar para ficar. Provisório,

claro. Dá pro gasto e tem o

que

me

mantém

anestesiado.

Minha sorte foi ter

sacado dinheiro antes, mas

a grana não vai durar muito

e preciso de um plano B.

Porra, por que fui me

lembrar disso? Tem um

caralho de plano B em

algum lugar, só esperando

um vacilo meu para pegar a

minha garota, e vacilei em

sequência. Tô fodido. Cara,

eu preciso dela. Não, não

preciso de porra nenhuma.

Preciso é de mais pó e de

outra

garrafa

de

Jack

Daniels.

Sobriedade

é

uma

palavra que não conheço

mais.

Se

não

estou

bebendo, estou dormindo

ou de ressaca. Não dá para

manter a mente limpa,

porque isso me leva até

Viviane, e, se eu pensar

nela, vou ter que voltar.

Sinto sua falta. Mais do que

do seu corpo ou de transar

com ela. Sinto falta da

porra da essência dela.

Queria ela aqui, com seus
dedos contornando minha
tatuagem e trazendo minha
sanidade de volta. Como
ela consegue tão fácil?

Acho que o segredo é
este: eu me viciiei em
Viviane.

Agora

preciso

passar pela abstinência. E,
se ela me tirou das drogas,
as drogas vão me tirar dela.

Ah, preciso chapar mais.

Voltar para as profundezas.

Querer essa garota me faz
querer ficar limpo. Faz com
que eu me sinta culpado
por ter sido fraco.

Não quero sentir culpa,
não quero sentir porra
nenhuma.

Sentir me faz viver, e
tudo o que eu quero é
morrer.

Nota

* “Se você recebe más notícias, quer se
livrar da tristeza/ Cocaína/ Quando seu dia
acabou e você quer fugir/ Cocaína.”

59

Viviane

I know this really isn't you
I know your heart is somewhere
else
And I'll do anything I can
To help you break out of this spell.
— Aly & AJ, “Never Far Behind”*

Nos primeiros dias, vou atrás de
Rafael na casa onde aconteceu
a festa em que ele me buscou
há mais de três meses, no dia
em
que
conversamos

a

madrugada inteira sobre a dor
de perder nossos pais. Se eu
pudesse estabelecer um dia em
que tudo começou, seria esse.
Eu já sabia da conexão que a
morte havia nos imposto, mas,
ao ouvi-lo me contar tão
abertamente
quanto
sofria,
nunca mais consegui me libertar
dele.

Reconheço Gigante, o amigo
dele, abrindo o portão. Então
me lembro de que muitas vezes
as drogas vinham dali.

— E não é que você veio
mesmo?

—

ele

diz,

atravessando a rua e vindo até
mim, antes que eu possa me

mexer.

— Você sabe quem eu sou?

— A mina do Barman. O

Rafa disse que você viria.

— Ele está aqui?

—

Não.

Estava.

Vazou

porque o porra-louca do Lex

veio

buscar

ele.

Os

dois

brigaram. Acho que você sabe.

— Não, eu não sabia. Achei que

Lex

não

tinha

encontrado

Rafael. — Briga feia. Tive que

separar.

— Eu não sabia.

— É. O Rafa tá por aí.

Deixem o cara ter o tempo dele.

Uma hora ele aparece, se
dermos sorte. — Não gosto do
tom de lástima que sinto em
sua voz. Ele sabe mais do que
diz.

— Pode me dizer onde ele
está?

— Não. Se você topar com
ele, ele vai correr. Não se
aperta
alguém
com
tanta
branquinha no sangue. Ou ele
corre, ou te bate. Pergunta pro
Lex. O Rafa vai querer morrer se
te bater, melhor ficar longe.

— Ele nunca me bateria —
levanto o queixo, indignada.

Ele ri, coça a cabeça e

responde:

— Você não sabe nada do mundo, né? O cara que você conheceu não existe mais.

— Quero que você pare de vender pra ele. — Abro a bolsa e lhe estendo um maço de notas. — Pago o dobro ou o triplo para não vender.

— Eu não vendo pro Rafa e não vou pegar o seu dinheiro. Guarda essa porra. — Ele me força a abrir a bolsa e a guardar as notas. — O Barman salvou minha vida uma vez, não tô louco de acabar com a dele. Não sou santo, curto a droga, sei o barato que ela dá, mas não quero perder um amigo. O Rafa fica melhor sem ela. A merda é que eu não sei se dá pra sair mais.

Gigante me lança um sorriso

triste e vejo nele o amigo que
Rafael dizia ter. Ele não parece
tão mal como eu pensava.

— O Rafa vai encontrar
drogas em outro lugar. Já
encontrou. Tá na rua e conhece
a fonte. Foi mal, mas não rola
impedir. Quem quer acha. Tá
em todo lugar. — Nunca vou
esquecer a tristeza que vejo em
seu olhar. Eu me viro para ir
embora. Branca e Mila estão me
esperando no carro, a uns dez
metros de nós. — Ei, menina —
Gigante me chama e eu paro. —
Vê se fica longe. Esse lugar não
é pra você. Eu respeito o Rafa e
não vou te fazer nada, mas não
é geral. Você é cheia da grana,
as pessoas falam. No estado em
que ele tá, é melhor ficar longe,
pra segurança de vocês dois e
da sua família. Se vazar que

alguém no estado dele tem de
onde tirar dinheiro, eles vão
atrás de você ou de alguém que
você ama.



Estremeço.

É

tão

mais

perigoso do que pensei que

seria. Queria que meu pai

estivesse

vivo,

mas,

se

estivesse,

eu

nunca

teria

conhecido

Rafael.

Preciso

encontrá-lo.

Um mês sem notícias de Rafael.

A única vez que ele esteve no apartamento foi logo após a nossa saída para o velório.

Pegou tudo o que precisava e não voltou mais.

Continuo aqui, para dar apoio a Lucas, e na esperança de que ele retorne. Não saio, mal durmo, como pouco. Estar sem ele e preocupada o tempo todo me esgota.

A campainha toca e, sozinha no apartamento, corro para atender. A esperança é horrível.

Meu coração sempre dispara, mesmo sabendo que ele tem chave e não precisaria tocar.

Minha surpresa não poderia ser maior ao ver meu avô do outro lado. Não deu para esconder essa situação da

minha mãe por muito tempo,
mas eu esperava que ele não
soubesse tão cedo.

— Posso entrar? — ele
pergunta suavemente.

Estou tão chocada que não
digo nada, só me afasto. Meu
avô me abraça. Encosto a
cabeça em seu peito e todo meu
autocontrole

se

esvai

em

lágrimas.

Quando consigo parar, fecho
a porta e me afasto, sentando
no sofá. Dobro as pernas e
aperto os joelhos. Sei por que
vovô veio e não sei se ele está
errado.

— Vocês se superaram em
guardar segredo dessa vez —
ele diz. Não há raiva em sua

voz. Parece cansado e bem triste. — O Túlio está indignado e muito preocupado com você. Queria vir comigo, mas nós dois precisamos conversar.

— Quem contou?

— O Bernardo quer largar a universidade e voltar para o Brasil.

— Eu não contei para ele. — Justamente por saber qual seria sua reação. — Foi a Branca?

— Foi seu irmão.

De todas as pessoas que poderiam contar o que estou vivendo, Rodrigo jamais passou pela minha cabeça. Se ele contou, é porque está perdendo as esperanças de ver Rafael bem.

— Não sei o que fazer, vô.

Eu não posso abandonar o Rafael.

Meu avô pragueja baixinho,
balança a cabeça e se senta
bem perto de mim.

— Sabe o que é pior? Eu vim
até aqui determinado a resolver
tudo, levar você para casa e
afastar esse rapaz de vez.

Agora, vendo você tão pequena,
magra e frágil, como um
passarinho

—

seus

dedos

acariciam o meu rosto —, sei
que isso te destruiria. Vim para
propor algo... Que, se você
voltasse, eu faria qualquer coisa
para encontrar esse garoto e
nós o internaríamos na marra,
desde que você fosse para
Londres e não o procurasse
mais.

— Não posso aceitar.

— Eu sei. Seu amor por ele
está destruindo você, e se eu
fizer o que tinha em mente só
vou prejudicá-la mais. Você já
perdeu tanto. Então tenho outra
proposta: você volta para casa e
vou encontrar esse rapaz. Em
parte, ele não tem culpa.

Poderia evitar, sim, mas, meu
Deus, como a vida bate no
Rafael. Já entrei em contato
com o que restou da família
dele

no
interior.

Vamos
interditá-lo e interná-lo à força.

Não
quero
enganar
você,
pequena.

Um

inferno

nos

espera, mas acho que você já
vive nele, não é?

— Sim. — Enxugo o rosto.

Chorar tem sido rotina.

— Então vem para casa
comigo.

— Não posso ir, vô. O Lucas
precisa de mim.

— O Rodrigo conversou com
o Lucas. Ele vai pra casa
também. Esse menino precisa
de alguém que cuide dele, e nós
faremos isso. Se você está
pensando no Lucas também, o
melhor para ele é um ambiente
saudável, não ficar desesperado
neste apartamento, esperando
por notícias do primo.

Mordo o lábio inferior, aflita.

Rodrigo está tomando a frente.

Está ocupando a posição que

era minha desde que nosso pai
ficou doente. Meu irmão está
fazendo o que ninguém mais
consegue fazer e isso me dói.

— Vem comigo, cariño. Eu
ajudo na procura, prometo. Às
vezes, ele não volta porque
sabe que vai te encontrar aqui.
Já pensou nisso?

Sim, já. E saber que meu
avô está certo me faz engolir
um soluço.

Em silêncio, vou até o quarto
e preparo uma mochila. Não
quero ficar longe por muito
tempo. Talvez alguns dias
bastem.

Quando estamos no corredor
à espera do elevador, volto
correndo para o apartamento,
tiro a guitarra da parede e a
levo comigo.

Mais cedo ou mais tarde,

não importa o estado em que
Rafael esteja, ele vai querer a



guitarra de volta. E, quando a
hora chegar, vai ter que me
procurar.

Minha mãe se sente aliviada por

nos

ter

em

casa

e,

principalmente, enche todos nós

de carinho. Ela não deixa Lucas

em paz, o tempo todo querendo

saber se está bem ou se precisa

de algo. Ele continua triste, mas

dá para ver que aprecia o

tratamento.

À noite, assim que abro o

MSN, Bernardo me chama:

Bernardo Albuquerque diz:

Já comprou a passagem?

Viviane Villa diz:

Não vou, Bê. Meu lugar é aqui.

Bernardo Albuquerque diz:

Vem, Vivi.

Larga tudo e vem pra cá.

Viviane Villa diz:

Não posso, Bê. Preciso ficar.

Bernardo Albuquerque diz:

Tô com medo. Nunca senti isso antes.

Viviane Villa diz:

Medo?

De quê?

Bernardo Albuquerque diz:

Perder vc.

Viviane Villa diz:

Vc não vai me perder.

Bernardo Albuquerque diz:

Tô com um mau pressentimento, Vi.

Vem pra cá. É sério.

Viviane Villa diz:

Não posso, Bê.

Bernardo Albuquerque diz:

Vai ficar aí até qdo?

Viviane Villa diz:

Até salvar o Rafa.

Bernardo Albuquerque diz:

E se não conseguir?

Viviane Villa diz:

Vou conseguir.

Ou vou morrer tentando.

Assim

que

envio

a

mensagem, me dou conta do

que escrevi. Eu morreria por

Rafael se soubesse que isso o

tiraria das drogas. É irônico e

assustador, porque, se algo me

acontecer, ele se perde de vez,

mais do que já está perdido.

Ainda assim, eu seria capaz de
morrer mil vezes para salvá-lo.

Nota

* “Eu sei que esse não é realmente você/
Eu sei que seu coração está em outro
lugar/ E vou fazer o que eu puder/ Para te
ajudar a se libertar desse feitiço.”

60

RAFAEL

Look into my eyes and see my pain

Now that I lost what I thought I'd

gained

Sorrowness and fear is all I taste

Now I understand what I had to

waste

My love.

— Seether, “Senseless Tragedy”*

A merda acontece: a porra

do meu dinheiro acaba e

em breve não vou ter como

me manter.

Preciso ir para casa

descobrir o que tem para

vender por lá.

Gigante

manda

um

amigo checar e descobre

que Viviane saiu há quinze

dias. Ninguém sabe para

onde foi, mas acho que a

família

finalmente

se

meteu.

Penso em Lucas às

vezes. Mesmo assim não

telefone para ele. Está

melhor sem mim e Viviane

não o deixaria sozinho. Ela

é

boa

demais

para

abandonar qualquer um.

Porra, para de pensar nela,

mas que caralho!

É noite quando entro no
apartamento. Tudo está
como deixei. Nossa casa.

Tudo o que vivemos volta e
balanço a cabeça tentando
esquecer.

Não tem muita coisa
que eu possa vender. A
televisão e o som, talvez. É,
vou ligar para o Gigante.

Pego o celular e entro no
quarto.

—

Cadê

a

minha

guitarra? O Lex tá muito

folgado, puta que pariu!

Gigante diz que só vai

poder vir me ajudar de

madrugada, então decido

passar parte da noite na

minha cama. Tomo um
banho, enrolo uma toalha
na cintura e saio pingando
pela casa. Quando chego
ao quarto, Viviane está
olhando pela janela.

— Ah, caralho... —

murmuro, chamando sua
atenção.

Ela se vira para mim,
em silêncio. Está usando
calça jeans e moletom. Sei
que só optaria por isso na
pressa. Porteiro filho da
puta!

Ela toca os lábios com a
mão,
emocionada.

Está
mais magra, pálida e com
olheiras. Ainda usa o anel
de compromisso que lhe dei
e isso me mata. Não nos

vemos há quarenta e nove
dias e Viviane ainda não
desistiu de mim. Não nos
vemos há quarenta e nove
dias e meu coração ainda
perde uma batida por ela.
Quarenta e nove malditos
dias.

— Vai embora. — Sou
duro. É melhor assim.

Viviane não se mexe.

Seus olhos percorrem meu
corpo e depois encontram
os meus. Porra, porra,
porra! Ela provavelmente
está querendo ver se estou
bem,
mas
só
consigo
pensar em jogá-la na cama.

—

Você

é

muito

egoísta, Rafael.

De tudo o que eu

esperava ouvir dela, o tom

duro estava fora da lista.

Levanto uma sobrancelha.

Se ela quer seguir por esse

caminho, o jogo dá para

dois.

—

Só

agora

você

percebeu?

— Só agora você foi. O

que mostra que não é algo

seu, é essa droga maldita.

— Vai embora.

Ela cruza os braços e

levanta

o

queixo,

me

enfrentando.

Putá

que

pariu, até disso senti falta!

Eu a conheço bem. Ela

não vai sair. Se está aqui é

porque acha que pode me

salvar. Não pode e vou

mostrar a ela. Mexo na

mochila sobre a cama e tiro

um saquinho de cocaína.

Despejo parte do conteúdo

sobre a cômoda. Viviane

está

tão

chocada

que

demora para reagir. É

tempo suficiente para que

eu estique e aspire. Não

tanto para chapar demais,

mas

o

suficiente

para

escandalizá-la.

Sem pensar, ela vem

para cima de mim e

começa a me bater.

— Como você pode ser

tão estúpido?! Essa merda

vai ter matar! — Um tapa

atinge meu rosto, outro o

peito, e ela não para. —

Por que você faz isso?

Prendo suas mãos e a

empurro contra a parede,

imobilizando-a.

— Isso é o que eu sou,

Viviane — sussurro perto

do rosto dela. Sinto algo

escorrer

na

minha

bochecha. Solto uma das

mãos e descubro que ela
me cortou em um dos
tapas,
estou
sangrando.

Volto

a

segurá-la.

—

Satisfeita?

—

Não.

Devia ter

batido mais. — Seu olhar

baixa e percebo que na

confusão minha toalha caiu.

Estou pelado, prensando o

corpo dela contra a parede.

Caralho! Caralho! Caralho!

— Me solta. A gente

precisa conversar.

— A gente terminou,

ga r o t a . *Você e eu* não

existe mais. Não te devo
satisfação.

— Cala a boca, Rafael.
Ou se abrir que não seja
para falar merda. — Ela
está tão furiosa que me
surpreendo.

— Ah, você é dessas
agora? O que faz no Brasil
ainda? Fiquei sabendo que
seu amigo te quer em
Londres.

— Como você sabe? —
ela pergunta, confusa. Não
sabia até agora! Vou matar
aquele garoto filho da puta.

— Me solta! — ela se
debate.

— Quero que você vá
embora — digo firme,
pausadamente e bem perto
de seu rosto.

Viviane tenta se mover

e eu a prendo mais. Sua
coxa está entre as minhas
pernas
e,
pelo
brilho
repentino que surge em
seus olhos, acho que ela vai
me bater quando tiver
oportunidade.

— Não sei mais quem
você é.

— Sou o cara que vai
partir seu coração.

— Não, você é o cara
que já partiu meu coração.

A droga começa a fazer
efeito, Viviane começa a
fazer efeito. Puta que pariu,
sou um viciado do caralho!
Quero tudo! Quero as duas!

— Me solta. Você está
me machucando.

Afrouxo os braços. Ela
tem marcas vermelhas nos
punhos. Sou um animal.
— Vai embora — digo,
sem me afastar nem um
milímetro.

— Não posso — agora
é ela quem diz. — Você
está me segurando.

Minhas mãos estão na
cintura dela. Quando isso
aconteceu?

— Não dá pra ficar
nisso a noite inteira.

— Então me solta. —
Ela me encara. Pouco
restou da menina inocente.

Mais
uma
coisa
para
colocar na lista do que
matei.

— Não dá — murmuro,
sem desviar os olhos dela.

— Por quê?

— Porque eu te amo,
porra! E isso não sai de
mim, por mais que eu tente.

Se eu tivesse que dizer

como

começou,

jamais

saberia, mas, quando me

dou conta, estou beijando

Viviane

e

pressionando

ainda

mais

seu

corpo

contra a parede. Ela aperta

meus braços e envolve meu

pescoço, me puxando cada

vez mais.

Meus batimentos estão
descontrolados,
assim
como
meu
senso
de
realidade. Cada toque me
alucina. Estou chapado e
não sei qual das duas
drogas desperta mais a
loucura em mim.
Em segundos estamos
na cama, estou dentro de
Viviane, estou em casa.

Nota

* “Olhe nos meus olhos e veja minha dor/
Agora que perdi o que pensei ter ganhado/
Tristeza e medo são tudo o que provo/
Agora eu entendo o que tive de
desperdiçar/ Meu amor.”

I can't believe this could be the
end

It looks as though you're letting go

And if it's real

Well I don't want to know.

— No Doubt, “Don't Speak”*

Pouco

depois

de

nos

entregarmos tão insanamente

um ao outro, eu me levanto da

cama,

decepcionada

comigo

mesma por ter cedido. Ficar com

Rafael,

por

mais

que

eu

quisesse, não vai trazê-lo de

volta e só vai me ferir ainda

mais. Preciso que ele se foque
em melhorar.

Eu me levanto e procuro
minhas roupas. Quando olho
para ele, não consigo esconder
que estou chorando.

— Eu te machuquei — ele
diz, preocupado. Tão perto de
ser o Rafael que aprendi a
amar.

— Não durante o sexo. —
Visto a calcinha e depois a
calça, evitando-o.

— Quando te preendi na
parede? — Ele veste uma cueca
e tenta se aproximar.

Eu
estendo
as
mãos,
barrando-o.

— Quando você cheirou na
minha frente, quando preferiu

fugir de novo, quando me abandonou, quando abandonou o Lucas. — Saio do quarto, completamente vestida. — São tantas opções, Rafael. Você precisa se tratar, e dessa vez com ajuda médica.

— Não fala merda. — A ira volta a seu tom, e isso me fere tanto.

— Você precisa me ouvir.

— Não preciso de porra nenhuma! Vai embora daqui, Vivi. — Ele passa as mãos nos cabelos.

— Quero que você se interne. Se não for por você, que seja pelo Lucas e por mim.

— Quero que vocês se fodam! — ele vira a mesa de centro da sala, jogando-a longe.

— Você não quer isso.

— Ah, não? Tem razão! Sabe

o que eu quero? Comer qualquer
uma por aí. Sabe por quê? Pra
ver se tiro você daqui! — ele
afunda as unhas no peito,
machucando a própria pele. —
Você é pior que cocaína! SAI DA
MINHA MENTE, CARALHO! — bate na
cabeça. — Eu tentei comer
outras,
sabia?
Tentei
de
verdade. Hoje mesmo, antes de
você chegar, marquei com
alguém, porque não aguento
mais te ver em todas as outras.
Tô cansado de te amar! Não
aguento mais essa PORRA! — ele
berra e fecho os olhos. Não
quero pensar em Rafael com
outra. Não me surpreende que
ele tenha tentado, mas dói
demais. — Mas, sabe, meu pau

é um traidor filho da puta e não
levantou. Esse miserável só
quer você! Tô cansado de só
querer você! Não quero mais
isso. Não quero esse amor,
porra! Quero ser livre outra vez.

Antes

eu

conseguia

me

esconder

nas

drogas,

mas

agora, mesmo chapado, tudo o

que eu quero é você, CARALHO!

— Em vez de se revoltar

contra a droga, você se revolta

por me amar e não conseguir

transar com outra, é isso? Você

é patético! — grito ao mesmo

tempo em que a campanha

toca. Rafael arregala os olhos,

como se se desse conta de algo

que eu não deveria saber. —

Quem é? — Tento ir em direção

à porta, mas ele me segura.

— Eu disse.

— Disse o quê? — Estou

completamente confusa.

— A gente terminou. Tô

tentando te esquecer.

— Me solta — digo. Ele não

solta e grito: — A porta está

aberta! Quem tá aí, porra?!

Deixei aberta porque não

sabia como encontraria Rafael.

Tive medo de trancar e precisar

correr para buscar ajuda.

Ele

balança

a

cabeça

devagar. A porta se abre.

Andressa entra, sorrindo.

— Eu disse: um dia você ia

vazar e seria eu que estaria

aqui.

Nota

* “Não posso acreditar que esse pode ser o fim/ Parece que você está desistindo/ E se isso for real/ Bem, eu não quero saber.”

62

RAFAEL

This is the end

My only friend, the end

Of our elaborate plans, the end

Of everything that stands, the end

No safety or surprise, the end

I'll never look into your eyes...

again.

— The Doors, “The End”*

Há tanta dor no olhar de

Viviane que sinto que posso

morrer de culpa. Sou um

maldito miserável. Quero

encontrar

as

palavras

certas,

mas

elas

não

existem.

— Você ia transar com
ela? — O lábio inferior de
Viviane treme.

Não respondo. Apesar

de

não

ter

nenhum a

garantia de que conseguiria,
eu ia tentar.

— Sai daqui, Andressa!

— digo, sem tirar os olhos
de Viviane, que dá um
passo para longe de mim,
colocando muito mais que
distância entre nós.

— Não, não saia — diz
a única garota que amei na

vida e a que mais feri. — Já
passou da hora de eu ir.

Antes que eu possa
fazer qualquer coisa para
consertar a situação, ela faz
o

improvável:

esmaga
minhas bolas e me joga no
chão.

— Nunca mais quero te
ver. Pra mim chega, Rafael.
Sinta-se livre para se matar,
se quiser — são suas
últimas palavras antes de
virar as costas e sair.

Tento me levantar para
ir atrás dela, mas, puta que
pariu, não dá. Que dor da
porra!

Andressa

está

chocada e tenta me ajudar.

— Sai você também,

porra! Sai!

— Ah, Rafael, por

favor.

Esquece

essa

patricinha

e

pronto.

Melhora,

me

fode

e

acabou. Quanta frescura

por uma mulher! Nem

parece você.

Estou caído com a mão

no saco, morrendo de dor,

e ainda consigo pensar que

machuquei

Viviane.

Realmente não sou eu.

— Foda-se se pareço

eu ou não. Só sai daqui.

— Tá brincando?

— Não! Sai daqui,

caralho!

E ela finalmente sai,

batendo a porta.

Não sei de onde veio a

ideia imbecil de achar que

eu conseguiria transar com

alguém além de Viviane.

Há dias que tento, e nem

muito chapado consigo. Só

quero a filha da puta que

me esmagou as bolas.

Minutos depois, tento

ligar

para

Viviane,

inutilmente.

Mando

mensagem e nada.

As tentativas falham e o

desespero

me

domina.

Quero ir atrás dela, mas
não dá. Estou tremendo
feito gelatina. Efeito dessa
porra. Um buraco sem
fundo se abre abaixo de
mim e estou escorregando
cada vez mais.

Depois

de

tudo,

finalmente a perdi. Ela vai
me escutar e sair da minha
vida. É o melhor para ela.

Então por que me dói
tanto?

As últimas palavras de
Viviane se chocam como
ecos na parede vazia da
minha mente: *Nunca mais
quero te ver. Pra mim
chega,*

Rafael.

Sinta-se

livre para se matar, se

quiser. Sinta-se livre para

se matar. Sinta-se livre para

se matar..

Cheiro uma carreira e

mais outra. Bebo um gole e

mais outro.

Não demora muito e o

teto do quarto rodopia.

O exterior se perde, e,

mesmo

quando

quero

apagar Viviane, tudo o que

vejo é ela.

Nota

* “Este é o fim/ Meu único amigo, o fim/

De nossos elaborados planos, o fim/ De

tudo que permanece, o fim/ Sem

segurança ou surpresa, o fim/ Eu nunca

vou olhar em seus olhos... de novo.”

Viviane

Oh, I thought the world of you
I thought nothing could go wrong
But I was wrong
I was wrong.

— The Cranberries, “[Linger](#)”*

Consigo conter as lágrimas ao
chegar ao elevador. Estou com
tanta raiva que a dor se perde
em meio à revolta. Minha
primeira reação é mandar uma
mensagem para Branca:
Branca, avisa seu irmão que está
decidido: eu vou.
O mais rápido possível.
Saio do prédio depois de
receber um olhar pesaroso do
porteiro. Atravesso a rua e fico
atrás de alguns carros, porque
não quero que Rafael me
encontre,
se

resolver

me

procurar. Chamo um táxi e

espero.

Meu desejo é ir embora e

nunca mais olhar para trás, mas

meu amor por Rafael é maior.

Penso melhor, cancelo o táxi e

em seguida ligo para Lex. Já

corri todos os riscos vindo para

cá sem avisar ninguém. Por

mais

que

ele

tenha

me

magoadado, quero que se trate, e

essa é a única chance que

temos.

Não se passam nem dois

minutos e Andressa sai cuspidando

fogo. Pouco depois, meu celular

começa a tocar. É Rafael. Não

vou

atender.

Ele

continua

insistindo. Só não desligo o
aparelho porque Lex pode me
ligar.

As mensagens chegam uma
atrás da outra.

Vivi, não fiquei com ela.

Continuo querendo vc, mesmo
quando quero esquecer.

Volta pra gente conversar.

Não me faça ir gritar no seu
portão, caralho!

É errado querer te esquecer?

E a última, que me mata e
me faz querer correr para dentro
do prédio:

Eu te amo, porra.

Por mais que eu saiba que
grande parte do que levou

Rafael a procurar outras garotas

foi motivada pelas drogas e por
todo o sofrimento que ele está
passando,
não
consigo
simplesmente perdoar. Que eu o
amo não há dúvidas, mas por
quanto tempo vou aguentar
tudo isso?

Antes que eu faça algo de
que poderia me arrepender
depois, Lex estaciona o carro.
— Como ele tá? — pergunta
ao me cumprimentar.

— Drogado.

Ele aperta os lábios, balança
a cabeça, segura meus ombros
e diz:

— Como você tá?

— Eu fiquei com ele, Lex. Sei
que não devia, mas, quando a
gente se beijou, não deu para
parar. Aí logo em seguida vi que

tinha

errado.

A

Andressa

apareceu e... Vou ficar bem. Só

vamos resolver isso. — Volto a

entrar no prédio e paro em

frente ao elevador, apertando o

botão. — Como você pretende

levar o Rafa para a clínica? Só

nós dois não vamos conseguir.

— Eu liguei pro seu avô.

—

O

quê?

—

quase

cambaleio de susto.

— Desculpa. Ele é o contato

com a clínica. Seu vô é o cara

mais influente que eu conheço.

Em cinco minutos ele já tinha

uma resposta. Vão mandar

alguém pra cá em no máximo
duas horas. Só precisamos
manter o Rafa aí, e, se você
disse que ele tá chapado, são
duas opções, dependendo do
nível: ele me derruba ou eu
derrubo ele. Se a coisa ficar
feia, você corre e chama o
porteiro.

— Ok

A porta do apartamento está
encostada. Eu a empurro e
entro, seguida de Lex. Um
calafrio percorre meu corpo ao
encontrar
tudo
no
mais
completo
silêncio.

Caminho

devagar para o quarto. Sei que
ele está sozinho, a menos que

tenha

chegado

alguém.

É

estranho não o ver surgir assim

que entramos, já que não faz

muito tempo que recebi as

mensagens.

No quarto, a luz acesa

mostra Rafael atravessado na

cama, ainda vestindo apenas a

cueca. Seu braço estendido me

chama a atenção. Flashes de

minha mãe após a overdose de

remédio me vêm à mente.

Procuro por medicamentos no

chão. Não encontro, mas sobre

a cômoda estão saquinhos

vazios e, na cama, uma garrafa

de uísque sem uma gota da

bebida.

— Ah, meu Deus! — Corro e

meus dedos procuram seu

punho, em busca de pulsação.

— Calma! — Lex é ainda

mais rápido. — Ele só tá
chapado. Apagou, mas tá bem.

— Com tudo isso que
tomou? Como ele pode estar
bem, Lex? Como?! — balanço a
garrafa

e

aponto

para

a

cômoda.

Descontrolada,

tento

chacoalhar Rafael. Preciso que

ele acorde e me diga por ele

mesmo que está bem. Não dá

mais para viver sem saber se

vou encontrá-lo vivo ou morto

da próxima vez.

— A pulsação está normal,

Vivi. Ele apagou antes que fosse

pior. Fica tranquila.

— Eu disse que por mim ele
podia morrer, Lex! Eu disse. Ah,
meu Deus! Por que eu fui dizer
isso?! — Dou tapinhas no rosto
de Rafael enquanto chamo seu
nome.

— Calma! — Lex segura
meus ombros, tentando de todo
jeito me trazer à razão. — É
melhor assim, pelo menos
vamos
internar
ele
ainda
dopado.

— O caralho que vão
internar o Barman. — A voz de
Gigante quase me faz cair da
cama.

— Gigante, fica na sua! —
Lex já está em pé, enfrentando-
o.

— Fica você na sua — ele rebate, mas seu tom é calmo. —

Estamos em quatro, mano. —
Consigno ver dois deles na sala e não sei do outro. — Ainda bem que resolvi meu negócio antes da hora. Amigo pra caralho você, hein, Lex? O Rafa vai comigo.

— Ele precisa ser internado. Escapou de uma overdose por pouco hoje, cara — Lex tenta dialogar, em vão.

— Não vai rolar. Você não vai prender o cara, não. Nem fodendo. — Gigante se vira para os amigos na sala. — Ei, vamos tirar o Barman daqui.

— Por favor — intercedo, segurando a mão de Rafael. — Por favor, deixa ele aqui. Que fim ele vai ter na rua? Que tipo de amigo você é?

Gigante

também

tenta

checar a pulsação de Rafael,

mas dou um tapa em sua mão.

Um dos caras que estão com ele

dá um passo à frente, mas

recebe um sinal do próprio para

que fique lá.

— Guenta aí, Vitinho —

Gigante balança a mão. — Ela é

marrenta, mas ainda é a mina

do Rafa. Fica na tua.

Vitinho me encara e sinto

um calafrio. Ele é mais baixo

que o Gigante, mas bastante

troncudo. Tem tatuagens nos

dois

braços

e

na

cabeça

raspada.

— Se o Rafael sair, que
chance eu tenho de encontrar
ele
outra
vez?

—
tento
argumentar. — Como posso
salvá-lo das drogas assim? Não
posso perder o Rafa, por favor.

—
Mas
que
porra
de
complexo de salvadora você
tem, garota! Desiste, caralho!
Entre você e as drogas, tá na
cara o que ele quer.

— Não se desiste de quem a
gente ama. Me deixa tentar, por
favor.

Os outros olham para o

Gigante, que pensa por dois segundos, depois balança a cabeça.

— Não. O trato é esse: eu levo o Barman e conto pra ele o plano de vocês. Ai, se ele quiser, ele volta.

— Você sabe que ele não vai voltar. Tô nem aí pra quantos caras você tem, Gigante! — Lex o enfrenta. — O Rafael não sai daqui.

— Ah, mas que porra! — Gigante saca um revólver. — Sai da frente!

Lex cruza os braços sem se mover, disposto a dar a vida por Rafael. Eu me coloco ao lado dele, com uma última esperança nas mãos.

— Eu pago, Gigante. O que você quiser. Para todos vocês.

— A oferta chama atenção.

Vitinho ri e me lança um olhar
de cobiça. Sei que por ele
teríamos um acordo.

— Você precisa falar da
porra do seu dinheiro toda hora,
caralho?! Tô começando a achar
que você é um puta problema
na mão do Rafa. — Ele
engatilha o revólver. — Sai, Lex!

Só vou falar uma vez. Vitinho,
pega o Rafa, mas que caralho!
Puxo Lex pelo braço e sei
que ele só cede por minha
causa. Ele jamais permitiria que
levassem Rafael. Tudo o que eu
faço é por ele também. Se
Gigante ferisse Lex, Rafael
nunca se perdoaria.

Eu me ajoelho ao lado da
cama e beijo Rafael nos lábios,
enquanto acaricio seus cabelos.

— Vou encontrar você outra
vez. É uma promessa.

O sentimento de impotência
que me envolve, quando dois



daqueles

homens

carregam

Rafael, é como uma corda

amarrada em meu pescoço.

Quero respirar e sou impedida.

Meu ar é carregado para longe

de mim, e tudo o que posso

fazer é chorar. Lex e eu nos

amparamos.

Nós

dois

nos

sentimos um nada, incapazes de

proteger a pessoa que tanto

amamos.

Não fui para Londres e também

não tenho notícias de Rafael há

uma semana. Lex ainda não se

perdoou por não ter conseguido fazer nada. Seu sentimento de culpa só não é maior que o meu, por ter dito que Rafael podia morrer e por não ter chamado meu avô antes de ir para o apartamento, naquela noite.

Ao mesmo tempo, bate o medo e um alívio, ainda mais culposo. E se meu avô estivesse lá, esperando o pessoal da clínica comigo? Ele nunca teria permitido que Gigante saísse de lá. A arma seria apenas um detalhe. Eu poderia ter causado a morte do meu avô. É uma hipótese boba que eu nem deveria cogitar, mas, depois daquela noite, tudo o que penso é nas pessoas que posso ferir por amar Rafael. Não que isso mude o que eu sinto. É

impossível. Eu o amo tanto que não dá para simplesmente ser racional e me afastar. Preciso encontrá-lo.

Estou em meu quarto, o sol do meio-dia bate sobre mim, deitada na cama. Minha pressão caiu outra vez. Olho para o teto, esperando que as estrelinhas brilhantes me deem a resposta que preciso, quando Lucas bate na porta e entra, apertando as mãos.

— O que aconteceu? — Eu me sento de imediato. Posso sentir sua tensão.

— Vivi, tô meio mal de te falar... — Lucas está muito pálido. — Eu ia conversar com o Rodrigo primeiro, mas ele tá no banho e não dá pra esperar.

— Aconteceu alguma coisa com o Rafa? Ele... ele morreu?

— Tenho tanto medo de saber,
mas não vou aguentar esperar
que ele crie coragem quando eu
mesma sei como é difícil dar
esse tipo de notícia.

— Não! Não. Ele tá bem.

Quer dizer, tá vivo.

— Você sabe dele?

— Sei. Me ligaram.

— Ele está no hospital ou
algo assim?

— Não. Um cara... Ele ligou
e disse que tá com o Rafa, e
que se a gente não pagar vão
matar ele. — Sua voz treme um
pouco ao falar.

— Como? Quem fez isso?

— O Vítinho.

Não preciso me olhar no
espelho para saber que estou
tão pálida quanto Lucas. Vítinho
é um dos homens do Gigante.

— O Gigante está envolvido?

— Não, eu liguei pra ele. Tá
puto. Não sabe de nada. —

Lucas parece sem jeito. — O
Gigante disse que o Vítinho
soube da sua grana e resolveu
fazer isso.

— Eu ofereci dinheiro para
não levarem o Rafa naquele dia.

— A culpa não é sua.

— Claro que é. Eu expus
todos nós.

— A culpa não é sua. É do
Rafa. — A revolta aparece.

Lucas se ressentiu muito por seu
primo

nunca

mais

o

ter

procurado. — A gente só precisa

pensar no que fazer agora. Ele

disse que se a gente chamar a

polícia vão matar meu primo.

— Quanto eles querem?

— Trinta mil.

— Ok

O valor é bem menor do que eu imaginava. Acho que eles não sabem exatamente quem somos nós, afinal. Espero que não descubram até trazermos Rafael.

— Você tem trinta mil? Sei que você e o Rodrigo têm grana.

Ele já chegou a gastar uns três mil em um fim de semana, mas trinta mil...?

— Eu tenho, só não posso pegar assim. Dá pra juntar sem que meu avô perceba. Ele vai acabar percebendo um dia, mas não agora.

— O que vamos fazer?

— Acho que a primeira coisa é fechar a porta. — Rodrigo entra no quarto de bermuda e

sem camisa, com a toalha
pendurada no pescoço.

— O que você ouviu? —
pergunto, assustada.

— O suficiente. Ainda bem
que fui eu, né?

— O que vamos fazer, Rô? —
Somente o desespero me faria
perguntar uma coisa dessas ao
meu irmão caçula.

— Dá pra chamar a polícia?

— ele questiona Lucas.

— Não. Matariam o Rafa na
primeira sirene.

— Então tá. Vamos manter a
calma, ligar pro Lex, juntar o
dinheiro e tirar o Rafael de lá.
Rodrigo faz tudo parecer tão
fácil que, por um instante,
acredito ingenuamente que tudo
vai ficar bem.

Nota

[* “Ah, eu achava você o máximo/ Eu](#)

pensei que nada pudesse dar errado/ Mas

eu estava errada/ Eu estava errada.”

64

RAFAEL

What if I fell to the floor?

Couldn't take this any more

What would you do, do, do?

— Thirty Seconds to Mars, “The Kill”*

Acordo sem saber onde

estou.

Minha

cabeça

explode. É quase uma

rotina nas últimas semanas.

Acontece pelo menos uma

vez a cada três ou quatro

dias.

— Você não morreu,

cara.

Só

chapou

até

desmaiar — Gigante diz

rindo do outro lado da sala,
enquanto me ajeito no sofá.

— E a Viviane? —

Lembro de ter escutado a
voz dela, mas não sei se
sonhei.

— Ela tava lá. Mano,
faltou pouco pra atirar no
Lex.

— Pouco pra quê?! —

Eu me sento e minha
cabeça roda. Que porra!

— Os dois iam te
internar, Barman. Acho até
legal
você
dar
uma
maneirada, mas internar é
demais. Esquece essa mina.

—

Ele

deixa

a

sala

gargalhando, como se fosse

fácil esquecer Viviane.

Eu me viro para mandar

o cara para a puta que

pariu e tudo fica branco.

Apago e não sei de nada.

Acordo

só

no

dia

seguinte e mantenho minha

rotina longe daqueles que

amo e que ainda me amam.

Não cheiro todos os dias,

mas bebo pequenas doses

constantemente. Sou um

estúpido covarde, porque

quero

morrer

e

não

consigo, então uso doses
que só me mantenham
anestesiado.

Infelizmente
não
tanto
quanto
eu
gostaria.

Mais alguns dias se
passam como repetições
estúpidas de uma realidade
insuportável.

Estou
no
quintal,
fumando,
pensando
inevitavelmente nela. Na
garota mais forte que a
droga.

Na
garota

que

mudaria tudo. Na garota

que eu abandonei.

Gigante saiu para mais

um de seus negócios. Eu

deveria estar sozinho, mas

o barulho de uma garrafa

rolando no chão me faz

olhar para trás.

Vitinho caminha com

seu gingado malandro. Nós

nunca nos demos bem. Já

brigamos mais vezes do que

o Gigante deu conta de

separar.

Ele me lança um sorriso

maquiavélico,

e

estou

prestes a perguntar que

porra ele quer comigo

quando

alguém

acerta



minha cabeça por trás.

Acordo sem saber onde

estou.

Minha

cabeça

explode.

Estou em um quarto

pequeno, sem móveis. A

porta está trancada. Eu a

esmurro.

— Abre esse caralho,

Gigante!

Vitinho abre com uma

arma em punho. Levanto as

mãos,

reconhecendo

a

situação.

— Fica de boa aí,

Barman. Logo mais sua

mina vai chegar com a
grana.

— Que porra é essa?

Cadê o Gigante?

— Tá fora da jogada.

Tô assumindo essa porra.

Você é minha fonte de

renda — ele zomba, mas

não abaixa a arma. —

Quem diria? O filho da puta

que eu quero matar há anos

vai me sustentar graças à

vadia gostosa e cheia da

grana que arrumou. Sabia

que ela oferece dinheiro

pra todo mundo pra te tirar

daqui? Tá na hora de

alguém ser vivo e aceitar.

Cabô pra você, seu pau no

cu! Vou te foder e vou

foder onde mais dói. O

melhor é que vai ser bem

na porra da tua cara!

Não tenho tempo de
reagir. Ele fecha a porta e
me dou conta do que está
acontecendo.

Ah, porra. O que foi
que eu fiz?

Nota

* “E se eu caísse no chão? Não pudesse
mais aguentar isso/ O que você faria, faria,
faria?”

65

Viviane

Run just as fast as I can
To the middle of nowhere
To the middle of my frustrated
fears
And I swear you're just like a pill
Instead of making me better
You keep making me ill.
— P!nk, “Just Like a Pill”*

Rodrigo e eu conseguimos
juntar mais de metade do
dinheiro. Sacamos um pouco de

cada conta, para não levantar tanta suspeita. Provavelmente meu avô vai ser informado amanhã e teremos de enfrentar as consequências, mas eu penso nisso depois. Lex conseguiu o restante.

—

É óbvio que, se dependesse de mim, vocês não iriam — Lex deixa claro quando, por volta das oito da noite, estamos todos no carro rumo ao endereço passado para o Lucas.

— O que vocês precisam saber é que eles são viciados, não bandidos profissionais.

— Isso é bom, não é? —

Rodrigo pergunta.

— Não, na verdade é o

contrário. — Lex passa a mão nos cabelos castanhos, e sei que está pensando em parar o carro e deixar a gente em qualquer lugar, menos com ele. —

Viciados não têm controle, não têm regras e agem por instinto. Fiquem perto de mim, não falem nada e me deixem resolver as coisas. Viviane, você só tá indo porque os caras exigiram.

Eu pedi, certa de que negariam, para ir sozinha. Sei que eles querem me proteger, mas não consigo lidar com a perspectiva de qualquer um deles se ferir por minha causa.

Pensei muito em conversar



com tio Túlio. Porém sua resposta seria chamar a polícia, e isso seria uma sentença de

morte para Rafael.

Assim, sigo com meu irmão,

Lucas e Lex para algo que sei
que não pode terminar bem.

A casa fica em uma zona pobre
da cidade. Para nossa surpresa,
o lugar não se parece em nada
com um quartel fortemente
armado. Não é difícil entrar,
ninguém está tomando conta e
isso me espanta a ponto de eu
comentar com Lex.

— É sempre fácil entrar, Vivi
— ele explica, me puxando para
perto, enquanto Rodrigo assume
o outro lado e Lucas fica atrás
de nós. Não gosto da sensação
de mocinha indefesa, mas não
vou criar caso por algo tão
pequeno perto do que estamos
enfrentando. — Já sair.. E não
estamos tão sozinhos assim. —
Ele aponta com a cabeça para o

telhado e vejo um moleque de
uns doze anos sentado lá, nos
encarando.

Aperto a mochila nos braços.

O dinheiro para salvar Rafael.

Hesitei antes de entrar com ele,

afinal é nossa única garantia,

mas Lex disse que era o melhor

a fazer. Ele está estranho.

Talvez seja pela situação, não sei. Desde que a gente se conheceu, passei a reparar nas nuances de suas mudanças de humor, e aposto que ele sabe de algo que eu não sei.

Estamos em um corredor longo, como o da casa do Gigante, que nos leva aos fundos, e me pergunto se isso é padrão no mundo das drogas.

As imagens de Rafael rindo enquanto saíamos da casa de seu amigo alguns meses atrás invadem meus pensamentos.

Não é hora de pensar nisso, mas nunca mais vou passar por um lugar assim sem pensar.

Tem uma porta e, antes de chegarmos perto, ela se abre.

— Olha só... A marrentinha trouxe guarda-costas — Vítinho

zomba quando nos vê. Lex está tão grudado em mim que sinto que a qualquer momento ele pode bater no imbecil que sequestrou Rafael. Então prefiro não responder. — Ih, o Rafa sabe dessa intimidade toda? Ou ela dá pra geral?

— Onde ele tá? — Lex pergunta antes que eu consiga abrir a boca.

— Traz o cara — Vítinho diz a outro rapaz, e entramos na casa.

Não

tem

móveis

nem

lâmpadas. Lâmpões e velas estão espalhados por todos os lados, banhando o lugar de uma luz sobrenatural. A cada frase, o eco se choca contra as paredes.

É assustador.

Sinto a mão de Rodrigo
segurar a minha. Dois caras
entram arrastando Rafael e o
jogam no chão, a meus pés.

Nota

[* “Correr o mais rápido
deixando doente.”](#)

66

Rafael

But I'm sorry

This illusion has caused you a lot
of pain

And I have no solution

I'll try to never be back again.

— Evergrey, “I'm Sorry”*

Apoio as mãos no chão e
ao levantar os olhos vejo

Viviane. Se eu pudesse
escolher um momento para
morrer, seria este, ao ver a
garota que eu amo neste
lugar

imundo,
correndo
perigo por minha causa.
Não, eu teria morrido
antes. Talvez antes de
entrar na vida dela e causar
todo esse caos.

— Rafa! — ela se
abaixa e me abraça.

Rafa. Achei que nunca
mais
ouviria
isso.

Só
“Rafael”, num tom duro.

Mal
tenho
tempo
de
envolver sua cintura.

— Tá bonito isso, tá
coisa de cinema. Agora se
afasta. — Vítinho faz um

sinal e os dois caras me

seguram mais uma vez.

— O que eles estão

fazendo aqui? — pergunto,

querendo

ouvir

uma

resposta diferente da que

imagino. Que porra eu fiz?

— Vimos pagar seu

resgate — Lucas responde,

e seu tom de voz é muito

diferente

do

que

me

lembro. É a primeira vez

que o vejo desde o enterro.

Seu olhar se divide entre

ressentimento

e

alívio.

Destruí tantas coisas em

meu caminho, e entre elas
está o menino que havia em
Lucas. Foi-se a inocência
de Vivi, a ingenuidade de
Lucas, só falta matar a
alegria de Rodrigo.

— Bom, já que estamos
aqui pra isso, vamos pagar
logo essa merda e levar o
irresponsável aí pra casa,
né? — Rodrigo diz.

— Eu não disse que
seria eu quem trataria de
tudo? — Lex lança olhares
irritados a Rodrigo e Lucas.

— Ah, cara, só tô
sendo prático — Rodrigo se
defende.

Em meio à discussão,
balanço a cabeça e seguro
um sorriso. Um a menos na
minha lista de destruição. O
irmão de Viviane está

intacto.

— Acho que já deu

essa porra toda. Cadê a
grana, engraçadinho? —

Vitinho balança os braços
para Rodrigo, que pega a
mochila

de

Viviane

e

estende. — Tá tudo aqui?

— Pode contar — Lex

diz, sem olhar para mim.

Aliás, nesse tempo todo

Lex não me olhou uma vez

sequer. Sei que ele está

puto por eu ter envolvido

crianças

nos

meus

problemas.

— Conta essa porra —

Vitinho passa a mochila

para o único cara livre e
continua nos encarando.

Franzo

a

testa

ao

perceber que é por Viviane
que ele se interessa.

— Tô pensando em
subir o preço desse filho da
puta. Não que ele tenha
tanto valor assim, mas acho
que
você
pagaria.

—
Vitinho segura o queixo de
Viviane, que balança a
cabeça com força e se
solta. — Não banca a difícil
que isso só me dá mais
tesão.

— Não toca nela! —

praticamente

rujo,

me

debatendo. Quero matar

esse puto!

Vitinho gargalha, me

ignorando. O eco explode

pela sala.

— Então... — Ele se

aproxima outra vez de

Viviane e passa dois dedos

perigosamente perto dos

peitos dela. — Você dá pra

qualquer viciado ou só

praquele ali? — e aponta

para mim.

— Só para aquele ali —

ela cruza os braços e

levanta o queixo.

Isso me dá um puta

orgulho e um medo do

caralho ao mesmo tempo.

É tudo muito rápido.

Vitinho

coloca

uma

mão no peito de Viviane e a

puxa pela cintura.

— Larga ela, porra!

Larga ela, *porra!* LARGA ELA,

PORRA! — Tento me soltar,

mas tomo uma porrada na

cara e caio de joelhos.

Lex empurra Vitinho,

que cambaleia no susto. O

cara que conta o dinheiro

interrompe o que está

fazendo e voa para cima de

Lex. Eles começam a

brigar.

Rodrigo

pula

em

Vitinho e

Lucas puxa

Viviane, tentando protegê-

la com o corpo. Todos
estão na linha de fogo.

Todos. E meu coração para
quando ouço um tiro.

Nota

* “Mas eu sinto muito/ Que essa ilusão
tenha lhe causado muita dor/ E eu não
tenha solução/ Vou tentar nunca mais
voltar.”

67

Viviane

I will never let you fall
I'll stand up with you forever
I'll be there for you through it all
Even if saving you sends me to
heaven.

— The Red Jumpsuit Apparatus, “Your
Guardian Angel”*

Lucas me empurra contra a
parede quando ouço um tiro.

Minha respiração se acelera e
olho rapidamente em volta.

Rafael está caído com a mão no

rosto, mas balança a cabeça
para mim. Não foi ele. Lex
derrubou um dos bandidos e
está
se
levantando.

Neste
momento,
meu
peito
fica
completamente sem ar e meu
irmão desaba de costas no
chão.

— Não! — grito e corro para
Rodrigo, ajoelhando ao seu lado
e o chacoalhando. — Fala
comigo,
fala
comigo,
fala
comigo!

— Calma, Vivi. Foi na

barriga, não tô mudo — Rodrigo
ainda tenta fazer graça, mas
seu gemido mostra que está
com muita dor. — Puta que
pariu! Essa porra queima! — Ele
aperta o ferimento. Está escuro
e não consigo ver direito onde
pegou, mas ele definitivamente
levou um tiro.

— Conta essa porra de
dinheiro logo e deixa a gente ir
embora daqui, seu filho da puta!
— grito, revoltada.

Vitinho está em silêncio,
olhando para o cara que Lex
apagou não sei como durante a
confusão. Ele aponta a arma
para Lex e Lucas, já que Rafael
está imobilizado pelos dois que
sobraram

e

Rodrigo

está

deitado, ferido. Parece hesitar,
pensar ou... Meu Deus... Ele
balança o braço de um para o
outro e para repentinamente,
atirando no peito de Lex, que
cai, gemendo.

— Lex! — Rafa grita, se
debatendo. — Eu vou te matar,
caralho! Vitinho, me solta e me
enfrenta que nem homem, seu
filho da puta!

Aperto os lábios enquanto
Rodrigo segura minha mão. Os
dedos dele estão molhados e
pegajosos. Sei que é sangue.
Troco um olhar com Lucas,
implorando que ele não se
mexa.

— Isso, seu filho da puta, é
pra não vir bancar o herói na
porra da minha área! — Vitinho
chuta Lex, que não solta um
gemido sequer, apesar de não

ter perdido os sentidos. Eu me
levanto correndo para ver como
ele está. — E você também, sua
vadia. — Antes que eu possa
piscar, ele me dá um murro tão
forte na cara que minha cabeça
bate no chão. Meu lábio começa
a sangrar.

— Caralho! — Rafael acerta
o estômago de um dos caras
com o ombro e tenta pegar o
outro,
quando
Vitinho
me
arrasta pelos cabelos e eu grito.
— Tem certeza disso, seu
corno? Porque eu pretendia
comer a sua mulher, mas, se for
bancar o porra-louca filho da
puta, vou ter que matar a
piranha de uma vez! — Ele força
o cano da arma na minha

cabeça e Rafael para de se
debater, me lançando um olhar
aflito.

Lucas está com as duas
mãos no ferimento de Lex,
tentando
estancar

o
sangramento. A situação dele
parece muito mais grave que a
do Rodrigo. O primo de Rafael
me olha em desespero e
balanço a cabeça para ele não
se mexer. Não preciso de mais
ninguém machucado por minha
causa. Se algum deles morrer...

—
Todos

de

boa

e

concordando que eu não devo
estourar a cabeça dessa vadia?

— Vitinho pergunta num tom
que me arrepia. Nunca senti
tanto medo.

— Vou te matar, seu filho da
puta! — Rafael grita. — Seu
problema é comigo! Solta a
minha garota agora!

— Sua garota? — Vitinho
ironiza,
descendo
a
mão
vulgarmente pelo meu corpo,
enquanto os dois caras seguram
Rafael,
praticamente
incontrolável. — Se fosse sua,
eu faria isso? — Ele pega um
canivete, abre, passa pelo meu
peito e rasga minha blusa,
expondo parte do meu seio.
As lágrimas escorrem pelo
meu rosto. Não tem como essa

situação terminar bem. Viemos até aqui sem envolver a polícia porque, caso contrário, o Rafael poderia morrer. Agora, acho que todos nós vamos morrer. E eu causei isso. Ao escolher Rafael, condenei todos os outros.

— Cansei de ver garotinhas deslumbradas como você que pensam que são melhores que a gente. Mas quer saber? A gente é tudo igual depois da primeira carreira — Vítinho diz ao passar a língua pelo meu pescoço e descer, mordendo meu seio. Nunca senti tanta dor e tanto nojo. Meu peito arde demais, acho que cortou minha pele. Meu estômago revira e sinto que posso vomitar. O enjoo é violento. Ele mexe no bolso e estende um saquinho com pó branco. — Olha só o que tenho

aqui. Ai, Barman, vou resolver o seu problema. Essa vadia não vai mais olhar a gente de cima. — Vitinho, não! — Rafael vai da ira à súplica quando o vê me arrastar até uma mesinha no canto, oculta pelas sombras, e depositar o pó sobre ela. — Por favor, solta eles. Me mata se quiser, mas, pelo amor de Deus, não faz isso com a Viviane. PELO AMOR DE DEUS!

Vitinho não se comove. Ele afunda ainda mais a mão em meus cabelos e me abaixa com violência rente à mesa. Posso sentir parte do pó entrando em meu nariz quando respiro, mesmo sem aspirar com força. — Cheira, vagabunda! Prendo a respiração. Ele me bate outra vez. — Solta ela, porra! — Rafael

grita, e sei que está chorando.

— Cheira, vadia! Depois tem outra coisa pra você — ele pressiona o quadril nas minhas costas e sinto sua ereção.

— Tira a mão dela, caralho!

— Rafael se debate, sem se importar com os riscos. — Me mata, mas não faz isso com ela.

ME MATA, CARALHO! SÓ ME MATA, MAS DEIXA ELA IR!

Rodrigo não emite um único som, e isso me desespera. Se meu irmão não está falando, é porque está inconsciente.

Meus olhos começam a se turvar de lágrimas, mas ainda consigo ver Lucas se levantar, assentir para Rafael e se jogar sobre um dos caras que o seguram. Vitinho bate minha cabeça com tudo na mesa.

Em um segundo, Rafael está

em pé. Ouço outro tiro e tudo

fica escuro.

Nota

* “Nunca vou deixar você cair/ Vou
enfrentar tudo com você para sempre/
Vou estar ao seu lado o caminho todo/
Mesmo que te salvar me mande para o
céu.”

68

RAFAEL

It's the best thing that you ever had

The best thing that you ever, ever

had

It's the best thing that you ever had

The best thing you ever had has

gone away.

— Radiohead, “High and Dry”*

Eu disse mil vezes para a

polícia que não sei o que

aconteceu após ter me

soltado. É mentira. Vi

Gigante entrar metendo o

pé na porta e acertar um

tiro na cabeça do Vitinho,
 antes
 que
 ele
 sequer
 pensasse em atirar em mim,
 e depois matar os outros
 caras.

Viviane, Lex e Rodrigo
 estavam
 desacordados
 quando a polícia e as
 ambulâncias
 chegaram.

Lucas só escapou com vida
 graças ao Gigante, que aliás
 fugiu antes que sujasse para
 ele.

Para variar fui preso e,
 para variar, de novo, Túlio
 me tirou da cadeia poucas
 horas depois, já que dessa
 vez eu não era o culpado

— pelo menos não para a
polícia.

— Sabe por que estou
aqui? — o padrinho de
Viviane me pergunta.

— Túlio, eu preciso
saber como eles estão.

— Já se passaram
algumas horas, o Rodrigo
foi operado e está em
observação. Seu amigo Lex
teve o pulmão perfurado e
não
sabem
se
vai
sobreviver, e a Viviane está
sedada. Ela se alterou
quando acordou e soube
das notícias. Os médicos
acharam
melhor
dar

algumas horas a ela. Seu primo está em estado de choque e precisou ser medicado. Como pode ver, o estrago foi grande.

Balanço a cabeça em afirmativa, sem dizer mais nada. O que posso dizer?

Que é minha culpa, todo mundo já sabe.

— Quero ver todos eles.

— Eu vim te soltar para isso. A Viviane precisa de você agora, mas não posso mais permitir que fique perto por muito tempo. O Fernando e eu estamos de acordo. Ela vai embora, querendo ou não.

Quero
gritar,
quero

dizer que ele não tem nada
a ver com o que sentimos
um
pelo
outro,
quero
manter Viviane comigo,
mas não tenho mais esse
direito. Então, tudo o que
digo é:

—

Só
preciso
me
despedir.

Entramos no carro e
seguimos para o hospital.

Está
amanhecendo.

É
impossível não me lembrar
de ter feito este mesmo
caminho da outra vez, antes

de tudo desabar, quando
achei que seria possível ter
uma vida ao lado dela e
deixar
minha
escuridão
para trás.
Dizem
que,
quando
estamos prestes a morrer, a
vida passa como um filme
em nossa cabeça. Acho que
isso não é verdade, a
menos que eu só tenha
vivido ao lado de Viviane.
Porque ontem, um segundo
antes de Gigante entrar,
quando achei que Vitinho
fosse atirar em mim, tudo o
que pensei foi em tê-la em
meus braços uma última
vez.

Nota

* “Essa é a melhor coisa que você já teve/

A melhor coisa que você jamais teve/ Essa

é a melhor coisa que você já teve/ A

melhor coisa que você já teve se foi.”

69

Viviane

Hollow, like you don't remember

me

Underneath everything I guess I

always dreamed

That I would be the one to take you

away

From all this wasted pain

But I can't save you from yourself.

— Evanescence, “Disappear”*

Depois

de

vovô

ameaçar

conseguir a cabeça do hospital

inteiro, eles finalmente me

deixam ver meu irmão na UTI.

Só posso ficar por alguns
minutos,
mas
preciso
me
assegurar de que ele vai ficar
bem, como me disseram.

Rodrigo está pálido, tão
pálido que o contraste do rosto
com os cabelos negros é
chocante. Aperto o roupão que
minha mãe trouxe, já que vou
ter que passar a noite aqui, e
sinto
um
calafrio.

Odeio
hospitais, e o barulho das
máquinas que controlam sua
vida é ensurdecedor. Tem uma
daquelas
mangueirinhas
de

oxigênio em seu nariz.

— Acho que a gente devia comprar um hospital — ele diz baixinho, com a voz rouca, abrindo os olhos e puxando a mangueirinha.

— Fica com isso! — recoloco o tubo enquanto ele revira os olhos.

— É sério. Fala pro vô comprar um. Aí pelo menos fica todo mundo no mesmo quarto.

— Bobo. — Beijo seu rosto e deslizo os dedos pelos seus cabelos. — Como você está?

— Tranquilo. Anotaram a placa do caminhão?

— Para de brincar, Rô! É sério.

Estou apavorada, porque meu avô está dócil demais comigo. Era para ele estar furioso, por tudo a que expus a

família. Ele me disse que Rafael tinha sido preso por engano e que tio Túlio ia trazê-lo para cá. Não faz sentido. Como ele não quer matar Rafael? Vovô só fica assim quando tem uma notícia terrível que vai me machucar ainda mais. Por um momento, quando ele me abraçou, achei que Rodrigo tivesse morrido e tive uma crise tão forte que precisaram me sedar. Sou a primeira pessoa, além de minha mãe, a ficar um pouquinho com meu irmão depois que ele voltou da anestesia.

— Ah, eu tô bem, Vivi. Ainda não tá doendo nada. Os remédios me deixam com sono, mas tô bem. Vai doer pra cacete depois. Como o Lex tá? — Seu tom muda e a brincadeira acaba.

— Ainda se recuperando. —

Não me estendo, porque o risco
de Lex não sair dessa é
gigantesco.

A enfermeira faz sinal para
mim pelo vidro.

—

Merda!

—

exclamo
baixinho.

— É, eu morri. Ou fui para
uma realidade paralela onde a
minha irmã fala como um
maloqueiro.

— Você fala assim.

— Eu sou maloqueiro, só que
cheio da grana.

Outra

vez

o

sinal

da

enfermeira.

— Preciso ir, mas quero te dizer algo. Acho que, se eu falar em voz alta, não vou voltar atrás. Quando você melhorar, eu vou para Londres, Rô.

— É, eu imaginei que a gente ia.

— A gente?

— Você não achou que eu ia te deixar sozinha, né? Não vou ficar lá de vez, como acho que você vai, mas no primeiro mês, pelo menos, vou ficar por lá. E tem mais.

— O quê?

— Vamos levar o Lucas.

— Ok

— Sei o que você tá pensando.

No

Rafael.

Eu

também amo o cara, Vivi. É,
amo. Mas a gente já tentou
ajudar e não deu muito certo. É
com ele agora.

— Eu sei. Não tem mais
nada que a gente possa fazer.
As palavras são difíceis de
pronunciar. A verdade que elas
carregam me fere como agulhas
venenosas. Sei que preciso de
Rafael para viver, mas cheguei
ao limite. Se é para doer assim,
que doa enquanto eu estiver
longe o bastante para não
machucar mais ninguém que eu
amo.



Volto
para
meu
quarto,
amparada por minha mãe, e me

deito na cama. Minhas amigas passaram por aqui também.

Estou cansada. Lucas entra e aperta minha mão. Ele está tão perdido. Em meio a toda a desgraça que vivemos, tenho minha família, mas Lucas tem apenas Rafael. Nós estamos aqui com ele, mas é diferente. É como se faltasse um pedaço dele.

Minha mãe, que havia saído, retorna e abraça Lucas. Ela praticamente o adotou. Sorrio enquanto ela beija os cabelos dele, que aperta os lábios, tentando lidar com tanto carinho quando aprendeu que é melhor se manter distante para não sofrer tanto.

Meu avô entra e eles saem.

Vovô sorri, complacente. Eu me apavoro outra vez. Tem alguma

coisa muito ruim acontecendo.

Tio Túlio aparece na porta e
isso só pode significar uma
coisa: Rafael.

Toda minha determinação
de ir embora corre para longe
quando Rafael entra e caminha
até mim devagar. Ainda sem
saber direito se o quero por
perto. Meu Deus, como o quero
por perto!

Ele me abraça e eu me
perco. Eu o aperto enquanto
suas mãos me puxam. Eu choro,
ele chora.

— Me perdoa? — Rafael
pergunta o que não é mais
necessário. Basta tê-lo por perto
e qualquer restrição que eu
tenha se esvai. Jamais vou
conseguir me afastar.

— Doutor. — A voz de meu
avô me traz de volta à realidade

antes que eu possa responder.

— Tem certeza? Podemos esperar — diz o médico, que acabou de entrar no quarto.

— Sim. É melhor agora.

Tio Túlio abaixa a cabeça e pega um lenço no bolso. O que está acontecendo?

— Sou o dr. Paulo. Fui eu que atendi você quando chegou inconsciente.

— Ela tá bem? — Rafael se altera. Procuo sua mão com a minha e entrelaçamos os dedos.

— Ela vai ficar bem. Vai se recuperar como se nada tivesse acontecido, e vocês vão poder tentar outra vez.

Vovô pigarreia, insatisfeito.

—

Tentar

o

quê?

—

pergunto, confusa. O que o
médico tem a ver com o meu
relacionamento?

— Infelizmente você perdeu
seu bebê.

— O... o quê? — gaguejo. —

Que bebê?

Rafael passa a mão no

cabelo

e

lança

um

olhar

apreensivo para tio Túlio. Ele

compreende antes de mim.

— Ela estava grávida?

— Não, claro que não! —

nego veementemente. — Eu

não

estava

grávida.

Eu

menstruei todos esses meses.

Certinho! Eu não estou grávida.

— Você estava — o médico
usa seu tom complacente. Sei
que ele quer que eu me acalme,
mas só me sinto mais perdida.

— Não é tão raro assim a
mulher continuar menstruando.

São várias as possibilidades,
estresse, alimentação...

— De quanto tempo? —

Rafael pergunta, enquanto meus

pensamentos

rodopiam

em

busca de lógica. O que está

acontecendo?

—

Oito

semanas,

aproximadamente.

— Não, não, não! — Vou

desabar, não é possível. — A

gente sempre usou camisinha.

— Não usamos no chuveiro,

Vivi — Rafael sussurra para

mim, pesaroso.

Um dia antes de a mãe dele

morrer. Um dia antes de tudo

mudar. Um dia antes de nos

perdermos um do outro. Não

pode ser. Não é possível. Estão

todos loucos.

— Infelizmente você perdeu

o bebê hoje — o médico

confirma. Que triste e dolorosa

ironia. — Sinto muito.

Aos poucos, vou assimilando

as palavras do médico e afasto

devagar a mão de Rafael. Seu

olhar está repleto de dor. Ele

sabe. O que tio Túlio e meu avô

fizeram foi cruel. Trazer Rafael

aqui e esperar para me dar a

notícia com ele ao lado, cientes

do que isso significaria, foi um

plano

audacioso,

mas,

ao

mesmo tempo, tudo o que eu

precisava para ter forças. Nós

dois sempre estivemos à beira

de um precipício, isso nunca foi

novidade para mim. Agora sinto

como se o precipício se abrisse

entre

nós,

finalmente

nos

separando. Colocando entre nós

todas as barreiras que ninguém

mais foi capaz de colocar.

— Quero ficar sozinha.

— Vivi, não faz isso — Rafael

tenta me segurar e me afasto.

Há lágrimas em seus olhos,

apenas esperando para rolar,

mas me nego a sentir sua dor. A

minha já é grande demais.

— Vovô... — peço, e ele toca

o ombro do homem que mais

amei

na

vida

e

que

provavelmente nunca vou deixar

de amar, mas que não consigo

perdoar agora. — Por favor,

Rafael, só me deixa sozinha.

Surpreendentemente,

ele

me atende e sai.

Eu me encolho na cama e

choro. Choro por Lex, por Lucas,



por Rodrigo, por Rafael, por mim

e por um bebê que morreu sem

que eu soubesse que ele existia.

— Cuida dele como eu não

soube cuidar, pai... — murmuro,
antes de ser engolida pelas
lágrimas.

Duas semanas depois, quando
Rodrigo tem alta e Lex está fora
de perigo, decido que é hora de
partir. Não posso esperar até
que meu irmão seja liberado
para viajar. Se ficar mais um dia
no Brasil, vou sufocar.

A última coisa que preciso
fazer antes de embarcar é uma
visita a Lex, a quem devo muito
mais que a vida. Meu avô está
pagando todo seu tratamento,
mas isso é tão pouco perto do
que ele fez por nós ao longo
desses meses.

— Vivi! — ele diz sorridente
ao me ver entrar no quarto.

Não é surpresa ver Branca
por lá. Ela ainda está zangada
comigo por esconder muita

coisa do que aconteceu nos

últimos

dias

antes

de

encontrarmos Rafael, mas me

ama o suficiente para não me

abandonar, e parece que Lex

mexe

com

minha

amiga

também.

Eu os abraço. Conversamos

por uma hora e chega o

momento

da

despedida.

Inevitavelmente tocamos no

nome de Rafael.

— Eu me sinto fraca por não

ser a June dele.

— Ah, cala a boca. Você não

tem que ser a porra da June de
ninguém. Você é a Viviane,
caralho! O Rafael tem que parar
com essa putaria. Acho que o
erro veio daí. Ele tem que
melhorar por ele mesmo, não
por outras pessoas.

— Tão doce e amável. —

Lex sorri e dá um suspiro
fingido, provocando Branca. —
Como não morrer de amor por
ela? — Ela aperta a mão para se
segurar e não bater nele, mas
ri. — É só uma metáfora. O Rafa
se prende a ela porque é mais
fácil do que encarar a realidade.
Gosto da interação dos dois.
Lex é calmo e sabe lidar com as
explosões de Branca. Ele fica
um pouco mais sério quando me
diz:

— Não se culpa. Você fez
tudo o que podia. Sabe, Vivi, eu

amo o Rafael como a um irmão.

Só que isso não me impede de viver minha vida. Tá bom que de vez em quando eu levo um tiro — ele ainda brinca e rio de sua careta. — Mas no geral eu posso amar aquele cabeça-dura e ser feliz. E você? Não dá pra amar alguém e ser infeliz. Ele não tá te fazendo bem. O Rafa tá na pior e, em vez de aproveitar a sua presença pra sair dessa, ele tá te deixando na pior também. Não é justo.

— E se eu não conseguir viver sem ele?

— Pelo menos você tenta. É o certo. Você tem que ir.

— É...

— Mas tem uma coisa que você precisa fazer antes de ir. — Ele inspira profundamente e sei que ainda sente dor.

— O quê?

— Se despedir.

— Lex, o que você está inventando? Vou te socar bem no machucado, hein? — Branca se altera, mas ele nem liga.

— Não dá tempo. Meu voo sai daqui a três horas. — É pura desculpa. Eu não quero ver Rafael.

— Quando você me disse ontem que vinha me ver, eu posso acidentalmente ter avisado uma pessoa... Sou um cara ferido e tal. E daí que o tiro foi no peito? O cérebro pode ter sido afetado na queda, mesmo que eu não tenha batido a cabeça. Pode acontecer, você não acha?

— Ah, seu filho da puta!

Pode se preparar pra ficar sem
sexo! — Branca cruza os braços
e ele sorri para ela, apontando
para a cama do hospital. —

Hum... Vou ficar só brava,
então. Por uma meia hora.

— O que você fez? —
pergunto, mas não consigo ficar
chateada. Nem teria como ficar,
com esses dois se tratando
assim.

Lex aponta para a porta e
Rafael está parado lá. Ele cortou
os cabelos e fez a barba. Está
magro ainda, mas já parece
mais com o cara que conheci.

Meu coração amolece.

— Então, eu até sairia daqui
e daria um pouco de privacidade
pra vocês, mas, segundo as
enfermeiras, este aqui é o meu
quarto.

— Vem, Vivi... — Rafael me

estende a mão.

Eu poderia correr, poderia
dizer não, mas tudo o que faço
é concordar. Rafael entrelaça os
dedos nos meus e me guia para
fora do hospital. Seu dedo
resvala em meu anel e ele sorri,
triste, sem me olhar. Nunca vou
conseguir tirar o anel que ele
me deu.

Atravessamos

a

porta

principal e nos afastamos do
entra e sai de pessoas, para um
lugar um pouco mais reservado.

Nossos olhares se cruzam.

Seus olhos azuis estão mais
límpidos que da última vez em
que o vi, e me pergunto se ele
parou de novo com as drogas.

Não faz isso, não pensa nisso.

Não se machuca assim.

— Sei que você vai embora
hoje — Rafael quebra o silêncio.

— Vou.

— Tem data pra voltar?

— Não.

— É justo — ele assente,
magoado, mas não me cobra
nada.

— O que você quer, Rafa? —
Meu tom é brando. Sei que não
posso ficar muito perto sem
querer voltar para ele e para o
inferno em que estávamos
vivendo.

— Quando eu te conheci, eu
tava na merda. Mas, não sei
como, você me tirou de lá. Eu
me apaixonei por você e pela
primeira vez achei que podia dar
certo. Não deu. Quando a minha
mãe morreu, eu escolhi voltar
pra merda. Você foi lá me
buscar e isso te custou tanto...

Custou tanto pra todos nós. —
Seus olhos se voltam para
minha barriga. As lágrimas
começam a escorrer pelo meu
rosto e ele as enxuga. — Eu
nunca vou me perdoar.
— Eu achei que ia conseguir.
Achei que poderia te salvar. Fui
uma idiota. Não se salva quem
não quer ser salvo. Meu amor
por você se tornou um risco
para as outras pessoas. Eu
escolhi você naquele dia. O Lex
e o Rodrigo quase morreram e
eu perdi o bebê. Corri tanto pra
te salvar que nem sabia que
tinha um bebê. — Solução alto e
ele me abraça. Permito esse
último contato. Vou embora e
nunca mais o verei. — Acabou,
Rafa. Estou morrendo de medo
de dizer isso e você se entregar
de

vez.

Estou

apavorada,

partida em mil pedaços e numa

agonia que me deixa sem ar.

Mas não posso arriscar perder

outra pessoa que amo porque

você decidiu se destruir. Eu tive

que escolher, Rafa, escolher ir

atrás de você ou avisar meu

avô, que mandaria a polícia

para lá, mas no fim todo mundo

ficaria bem. Eu escolhi você e

escolhi matar o nosso bebê,

mesmo que eu nem soubesse

que estava grávida. Eu teria

escolhido

você

ainda

que

soubesse da gravidez, e isso

acaba

comigo.

Eu

teria

escolhido

ocê.

—

Estou

chorando tão alto que meu

corpo chacoalha. Rafael me

mantém perto dele e escuto

seus soluços. Ele está tão

desolado quanto eu. — Eu matei

o nosso filho.

— Não diz isso. O culpado

sou eu. — Sua voz está rouca e

embargada. — É tudo culpa

minha.

— Eu escolhi.

— Pra não me matarem.

A dor me rasga inteira.

— Não posso mais fazer uma

escolha dessas. Não posso mais

arriscar ter que escolher entre

ocê e outra pessoa. Não posso

mais ver ninguém morrer. Eu te amo e provavelmente vou amar pra sempre, mas não posso mais ser a sua June. Me desculpa por não conseguir ser aquela que vai te salvar.

— Eu errei. A Branca tem razão quanto a isso. Você não tem que ser outra pessoa. Basta ser você. — Ele aperta os lábios, como se cada palavra o ferisse.

— Vivi, vou deixar você ir. Não vou te segurar. Não vou tentar te impedir de jeito nenhum. Só quis te ver porque precisava dizer que... — Eu sei o que ele vai dizer e juro que não quero ouvir, mas tem um lado em mim que necessita dessas palavras.

— Eu te amo, porra.

Ele se afasta um pouco para me olhar, mas continuamos muito próximos. Nosso rosto

está molhado de lágrimas. Sua
tristeza me atrai, como a
ressaca do mar. Não tem como
não ser sugada por Rafael.
Eu me perco em seus olhos
uma última vez. Toco seu rosto
uma última vez. Ele fecha os
olhos e aprecia o toque uma
última vez. Inspiro seu perfume
uma última vez. Ele se aproxima
devagar uma última vez. Me
beija com voracidade uma
última vez. Eu me entrego uma
última vez. E, depois de tudo o
que vivemos, meu coração
perde uma batida, uma última
vez.

Nota

* “Oca, como se você não se lembrasse de
mim/ Por baixo de tudo acho que eu
sempre sonhei/ Que eu seria aquela a tirar
você/ De toda essa dor desperdiçada/ Mas
eu não posso te salvar de si mesmo.”

RAFAEL

If we're ever parted

I will keep the tie that binds us

And I'll never let it break

'Cause I love you.

— Johnny Cash e June Carter Cash,

“'Cause I Love You”*

Deixar

Viviane

partir,

depois de toda dor que eu

causei a ela, foi o fundo do

poço para mim. As pessoas

dizem que pelo menos o

fundo do poço é o limite e

nada mais de ruim pode

acontecer,

mas

sempre

pode. Paredes desmoronam

e você é soterrado.

Viviane

se

foi.

Só

causei mal ao maior amor

que tive na vida.

Tem um lado meu que

quer se entregar, enquanto

o outro me mostra alguém

que não pode simplesmente

ir embora: Lucas.

Meu primo volta a

morar no apartamento, mas

quase não fala comigo. Ele

me culpa por tudo o que

aconteceu e está coberto de

razão.

Eu tenho dois caminhos

à minha frente: me deixar

levar por tudo o que perdi

ou tentar sair do lugar

imundo e desolador em que

me encontro.

Quando chego em casa,

ele está lá. Sentado no sofá,
jogando videogame. Parece
o mesmo Lucas de sempre
até olhar para mim. Ele não
sabe o que fazer, está preso
entre

a

raiva

e

o

compromisso

que

tem

comigo como alguém que
ainda me ama.

Eu me sento ao seu

lado e pego o controle.

Lucas me olha espantado.

Nunca jogamos juntos. Ele
reinicia o jogo e tenta agir
normalmente, enquanto faz
um gol atrás do outro.

— Você foi com ela ao

aeroporto? — pergunto,
entre um movimento e
outro.

— Arrã.

— Não te pediram pra
voltar pra casa deles?

— Pediram.

— Preciso que você vá.

— Tá me expulsando?

— Ele pausa o jogo e me
encara.

— Não. É que vou
passar um tempo fora.

— Vai ficar nessa vida
até morrer?

— Não. — Respiro
fundo antes de contar a ele
minha decisão. — Vou me
internar.

Lucas abre a boca e
não consegue pronunciar
um único som. Chocado,
solta o controle sobre o

sofá. Seus olhos começam
a lacrimejar, e, antes que
eu dê maiores explicações,



ele me abraça chorando.

No dia seguinte, chego ao
escritório de Fernando Villa
acompanhado de Lucas,
que

parece

criança

novamente. Sua fé em mim
me surpreende mais uma
vez. Ele acha que é simples
me salvar. Acho que faz
parte do amor cego.

— Eu conversei com
ele, Rafa. — Lucas se
refere ao avô de Viviane.

— Ele concordou em falar
com você. Vai dar certo,
cara. Só tenta não estragar

tudo — ele pede sem jeito,
como se agora eu fosse um
cara
frágil
e
pudesse
desabar
a
qualquer
momento.

Incomodado, entro no
escritório e fecho a porta
atrás de mim. Se Fernando
já é um homem intimidante,
vê-lo atrás de sua mesa,
com seu terno e sua pose
de matador, potencializa
ainda mais sua postura de
mafioso.

— Sente-se — ele
aponta a cadeira à sua
frente. — A Viviane partiu
há menos de vinte e quatro

horas. Espero que não
esteja aqui para me pedir o
contato dela.

— Não estou.

— Ótimo. — Ele se
ajeita na cadeira.

— Parei de usar drogas
quando tudo aconteceu. —

Minha voz sai tremida,
assim como estão minhas
mãos. Estou prestes a ter
uma
puta
crise
de

abstinência, e não tenho
Viviane para me ajudar.

— É compreensível,
mas sei que já parou outras
vezes.

— Duas vezes.

— E o que muda
agora?

Por

que

seria

definitivo desta vez? —

Seus dedos batem na mesa,

parecendo ansioso.

— Eu falhei com a

Viviane, mas nunca deixei

de amar sua neta. Nunca

vou deixar. Ela queria que

eu me curasse, então vou

me

curar.

—

Estou

decidido

e

falo

com

firmeza.

— Por ela?

— Não. Quero honrar o

que nós tivemos, mas já

tentei por ela e não
consegui me segurar na
primeira
crise.

Preciso

tentar por mim.

— Sozinho? — Tenho a
impressão de que ele me
faz perguntas cuja resposta
já sabe, mas quer ouvir de
mim.

— Não dá pra ser
sozinho.

— E o que pretende?

— O Lex me disse que
você arrumou uma clínica e
que ia me internar na
marra. — Cada palavra é
um peso. Não tem nada
pior para mim do que pedir
ajuda.

— Sim.

— Será que eu ainda

posso ir, sem ser na marra?

— Pelo tempo que for
necessário?

— Pelo tempo que for
necessário.

O avô disfarça um
sorriso, se levanta e dá a
volta na mesa, ficando de
frente para mim. Então
coloca as mãos em meus
ombros.

— Tem algo em você,
garoto... Não sei o que é,
mas você desperta um
instinto

protetor

nas

pessoas. Acho que você
sabe, tendo em vista o
estrago que deixou pelo
caminho. Quando soube o
que havia acontecido à sua
mãe, eu disse à minha neta

que a vida bate em você.

Bate mesmo, e bate duro,
mas tem algo que você
precisa saber: a vida nunca
bate mais do que podemos
aguentar, e você é mais
forte do que imagina.

— Eu não sei se vou
conseguir sair. Não quero
enganar ninguém. Também
não quero que a Viviane
saiba que eu tô tentando.
Ela pode criar expectativas,
pode querer voltar, e quero
ela longe de tudo isso.

— Concordamos nesse
ponto. — Ele me solta e
encosta na mesa, sem
desviar a atenção de mim.

— E eu quero te pagar
de volta. Não vou conseguir
pagar tudo de uma vez,
mas cada centavo que

gastar

comigo,

vou

devolver.

— Ok — Não tem

como não me lembrar dela.

— Você pode cuidar do

Lucas também? Sei que tô

pedindo muito e que não

tenho esse direito, mas não

sei a quem mais pedir. O

Lex tá fodido... — Ele

franze

a

testa,

me

recriminando pelo palavrão.

— O Lex tá ferrado por

minha causa — conserto,

contrariado. Ele está me

ajudando, e o mínimo que

posso fazer é medir a porra

das palavras.

— Posso resolver tudo.

— Você fala como se fosse simples.

— Não é, mas, quando se trata da família, você aprende a fazer o que é necessário.

— Eu sou da família?

— Uma parte meio torta e que eu não queria muito, mas é. — Ele balança a cabeça. — Mais alguma coisa?

— Sim, eu preciso ser internado hoje. O mais rápido possível. — A voz sai engasgada quando uma crise de dor me domina. Vai começar tudo de novo.

Nota

[* “Se alguma vez nos separarmos/ Vou manter o laço que nos ata/ E nunca vou deixar que ele se desfaça/ Porque eu te](#)

[amo](#)”.

71

Viviane

I pulled away to face the pain

I close my eyes and drift away

Over the fear that I will never find

A way to heal my soul

And I will wander 'til the end of

time

Torn away from you.

— Evanescence, “[My Heart Is Broken](#)”*

O avião pousa em Londres e

toco meu anel. Sei que deveria

jogar fora ou pelo menos tirar,

mas não consigo. Afastar-me de

Rafael não o arranca de meu

coração, então não vou fingir

que é simples assim.

Minha mãe não pôde vir

comigo, porque Rodrigo ainda

precisa de algumas semanas

para se recuperar.

Antes de partir, pedi a todos

que não me dessem nenhuma
notícia de Rafael. Se eu souber
dele, só vou me machucar mais.

Não quero sentir culpa quando
souber que ele se jogou de novo
nas drogas por minha causa.

Desembarco,

passo

pela

burocracia necessária e procuro

a esteira para pegar minhas

malas.

Já

empurrando

o

carrinho, vejo Bernardo de longe

em meio às pessoas que

aguardam

seus

amigos,

familiares e até colegas de

trabalho, com plaquinhas para

que se localizem.

Bernardo segura uma placa
e contendo as lágrimas ao ler:

À ESPERA DA GAROTA
COM O CORAÇÃO
PARTIDO.

Eu me aproximo e ele vira a
placa. Tem mais uma coisa
escrita:

NÃO HÁ DOR QUE DURE
PARA SEMPRE, MAS, SE
DURAR, ESTAREI AQUI.

O cartaz cai de sua mão
quando ele me abraça forte.

“Não há dor que dure para
sempre” é uma das frases que
meu pai gostava de repetir, e foi
o que eu disse a Bernardo
quando ele decidiu que não
podia mais morar no Brasil,
depois do casamento da Clara. E
o acréscimo “mas, se durar,
estarei
aqui”

foi

meu,

exclusivamente para ele.

Talvez Londres seja o lar dos

corações partidos.

Nota

* “Eu me afastei para enfrentar a dor/
Fecho os olhos e me distancio/ Por causa
do medo de nunca encontrar/ Uma
maneira de curar minha alma/ E vagar até
o fim dos tempos/ Separada de você.”

72

RAFAEL

Remembering you — what
happened to you?

I wonder if we'll meet again

Talk about life since then

Talk about why did it end?

— Stereophonics, “Dakota”**

Nos primeiros dias na
clínica, chego bem perto de
morrer. Ou pelo menos é
assim que me sinto, como

se a morte me rondasse e
dissesse que seria mais fácil
e menos doloroso.

É difícil para alguém
como eu ser tão controlado
e vigiado, mas aos poucos
estabeleço

uma

relação

com

minhas

partes

obscuras e me sinto melhor

por não passar por isso

sozinho.

Sou obrigado a ser

aberto e não me adapto

bem a isso. Sim, sempre fui

sincero com as pessoas,

mas neste lugar é como se

cada

pensamento

meu

devesse ser partilhado.

Todas as minhas dores

são investigadas e cada

ferida é escancarada para

sangrar à vista de todos. As

semanas

anteriores

à

internação,

minha

vida

antes das drogas, minha

família, Viviane, nada mais

é só meu. Tudo o que sinto

passa a ser de todos, assim

como o que os outros

sentem passa a ser meu.

O pior momento, e que

me rende a crise de

abstinência

mais

avassaladora, é contar o

que

me

trouxe

à

internação. Meu amor por
Viviane e a dor que causei
a ela. É por isso que estou
em tratamento.

Muitas listas são feitas,
das pessoas que feri, das
que me feriram. Das razões
para me odiarem, das
minhas razões para odiar o
mundo. São tantas que
temo não haver papel
suficiente.

Estou

internado

há

trinta dias. É a primeira vez
que vou receber visitas.

Primeira vez que vou ter
notícias do mundo lá fora.

Faz trinta e um dias que ela

foi embora.

Prometi a mim mesmo
que não pediria a ninguém
para procurá-la ou para dar
algum recado meu, mas o
terapeuta diz que devo
colocar para fora o que
sinto e que escrever pode
ser bom. Então pretendo
escrever cartas que ela
nunca vai ler. Não sei se dá
para chamar de carta, mas
a primeira é esta:

Me desculpa, porra.

É,

preciso

trabalhar

nisso. O terapeuta diz que
tem agressividade no meu
jeito de falar, mas é meu
jeito, caralho!

Tudo o que eu queria
era apagar o que fiz, era

poder ouvir o coração do
nosso bebê, era poder
dormir com ela todas as
noites. Meu Deus, eu daria
tudo só para dormir com
ela em meus braços.

Nota

* “Lembrando de você — o que aconteceu
com você?/ Eu me pergunto se vamos nos
encontrar novamente/ E conversar sobre a
vida desde então/ Conversar sobre por
que acabou.”

73

Viviane

E se eu desmoronar

Se não pudesse mais aguentar

O que você faria?

— Thirty Seconds to Mars feat. Pitty,

“The Kill”

Não sei do Rafa. A cada dia me

obrigo a não perguntar. Apenas

mais um dia, Vivi. Aguarde

apenas mais um dia. E ele

passa. Mais um dia longe dele.
Mais um dia sem saber se ele
está vivo ou se teve uma
overdose fatal. Mais um dia
longe da lembrança do bebê
que perdi. Uma ilusão, como se
o tempo fosse capaz de me
fazer esquecer. Penso que é
melhor não saber e mordo o
lábio até cortar quando a
vontade
de
perguntar
me
consume. Se eu criar coragem e
descobrir que o Rafa partiu, vou
morrer
com
ele.
Estou
apavorada.
Minha
mãe

chegou

a

Londres e conversamos muito,
sobre todos os assuntos, menos
sobre o Rafa e o meu bebê. Ela
quer que eu volte a estudar,
mas tudo o que eu almejava
para mim antes de Rafael
parece sem sentido agora,
então não tenho ideia do que
fazer.

Rodrigo

passou

uns

quinze dias aqui e voltou para o
Brasil. Lucas não quis vir. Lex se
recuperou totalmente e está
namorando Branca. Mila me liga
todos os dias e Fernanda
descobriu que vai ter um
menino. Ela não me contou,
ninguém quer me falar nada
sobre bebês, mas ouvi minha

mãe comentar com o tio de
Bernardo quando passei pela
sala. Ela não me viu e foi
melhor assim.

Bernardo está comigo todos
os dias. Almoçamos juntos,
jantamos juntos e vemos filmes
juntos até que eu adormeça. Às
vezes tenho crises de choro e
ele me abraça bem forte. Fecho
os olhos e penso no Rafa. Finjo
que estou em seus braços. Meu
Deus, eu daria tudo para estar
em seus braços.

74

RAFAEL

Someday, somehow
I'm gonna make it all right but not
right now
I know you're wondering when
(You're the only one who knows
that).

— Nickelback, “Someday”^{1*}

Janeiro de 2005 chega
rápido e completo seis
meses de internação. A
cada dia, é por ela que
sobrevivo. Aguento firme
porque quero ser um cara
digno dela.

Não é mais tão difícil
como no começo, mas
ainda é uma prisão na qual
eu mesmo me encarcerei.

Lucas

e

Rodrigo

finalmente

prestaram

vestibular, e Fernando, que

me visita todos os meses,

está empolgado. Com o

tempo, aprendo que ele é

um velho legal. Faz pressão

quando algo não sai como

quer, mas sua intenção é

sempre

digna:

proteger

quem ama.

Aos poucos, algo muda

em

mim.

Quero

que

Viviane se orgulhe de mim,

mas também quero me

olhar no espelho e saber

que sou merecedor de

respeito. Não preciso mais

me odiar tanto.

As cartas vão evoluindo

aos poucos, mas nenhuma

é boa o suficiente. Ah, tá

tudo uma porra do caralho,

pra falar a verdade. É,

nessas horas é bom que

meu terapeuta não leia

pensamentos.

Pelo menos para o Lex

consigo

escrever

razoavelmente bem. Ele é o

cara que luta por mim há

mais tempo e quase causei

sua morte. Demorei muito

para conseguir lidar com

isso. Ainda lembro como

foi

difícil

escrever

a

primeira carta. Por sorte,

Lex é tão parceiro que me

escreveu primeiro, aí eu

respondi e a coisa fluiu.

Lex, Fiquei feliz por você

estar bem, e ainda estou

tentando aceitar que mereço

sua amizade depois de tudo.

Valeu por mandar a carta e

me dar a chance de

responder. Não sabia como
recomeçar o contato com você
depois de tudo.

Aqui os dias são longos
e as noites infinitas. Tudo é
tão regrado que me sinto
como uma criança em um
colégio interno. Eles não me
deixam falar palavrão. Quer
dizer, ninguém proíbe nem
nada, mas cada vez que falo
sinto como se tivesse matado
a porra de uma fada. Opa...
Lá se vai mais uma.

Não me acostumei a estar
preso, mas você tinha razão
quando dizia que era o
melhor. É uma porra de uma
merda de um caralho, mas é
o melhor. (Será que eles
leem as cartas antes de
enviar? Se lerem, tô fodido.
Ah, foda-se. Caguei!)

Os médicos dizem que
estou respondendo bem ao
tratamento, mas que ainda
tenho um longo caminho pela
frente.

Espero que você não
esteja muito decepcionado
comigo. Ainda te devo
desculpas decentes, cara. Eu
sei. Vou tentar escrever mais
vezes e dizer a coisa certa
da próxima vez.

Ele veio me ver todos os
meses depois disso, mas
não
conversamos
sobre
nada
muito
profundo.

Passados seis meses, ainda
não consigo falar do que
aconteceu.

Pessoas para quem
preciso pedir desculpas e por
quê

(a ordem não é
importante)

Lucas: por tê-lo
abandonado quando a morte
já o tinha destruído tanto
quanto a mim.

Lex: por fazê-lo perder
dinheiro comigo, por trair
sua confiança, por fazê-lo
tomar um tiro tentando me
defender e por não ter sido o
amigo que ele merecia.

Rodrigo: por ter
aprendido mais com ele,
quando deveria ter ensinado,
e, é claro, pelo tiro.

Túlio: por fazê-lo mentir
para me tirar da cadeia.

Fernando: por ter ferido
seus netos e não ter me

afastado quando deveria.

(Vale o mesmo para as outras
pessoas da família.)

Viviane:

Não consigo. Ainda não
dá.

Nota

* “Algum dia, de alguma forma/ Vou fazer
com que tudo fique bem, mas não agora/
Eu sei que você está se perguntando
quando/ (Você é a única que sabe).”

75

Viviane

Make-believing we're together
That I'm sheltered by your heart
But in and outside I've turned to
water
Like a teardrop in your palm.

— Roxette, “It Must Have Been Love”*

— Ele está vivo.

Três palavras que me fazem
respirar de novo. Três palavras
que Bernardo diz após me ver

definhar mais a cada dia.

Contrariando minha mãe, que
lhe lança um olhar zangado, ele
não resiste e me conta, após
dois meses da internação de
Rafael.

Nunca
pensei
que
ele
pudesse se internar e não sei
como aguentei tanto tempo sem
saber, mas meus lábios cortados
e inchados são a prova de que o
medo da resposta era maior.
Comecei a ferir a mim mesma, a
ponto
de
Bernardo
não
conseguir mais se segurar.
Ao contrário do que minha
família

pensava,
quando
descobri que a iniciativa de se
livrar das drogas partiu dele, eu
não quis voltar para casa. Estou
assustada demais para voltar.
Vou ficar em Londres, com
Bernardo, onde é seguro.



— O Rafael está internado há
seis meses — Bernardo diz,
enquanto tomamos café da
manhã. — O Rodrigo disse que
ele está indo bem. A previsão é
que saia daqui a mais uns seis
meses.

Temos um acordo silencioso:
ele conta sem que eu pergunte,
e eu não faço comentários.
Saber que ele está tentando
me enche de orgulho, mas o
medo e a lembrança das vidas

que arrisquei e perdi destruíram
minhas esperanças. E, ainda
que
eu
não
queira,
fico
esperando uma recaída.

Nota

* “Faço de conta que estamos juntos/ E
que estou abrigada pelo seu coração/ Mas
por dentro e por fora estou desabando/
Como uma lágrima na palma da sua mão.”

76

RAFAEL

Since you've gone I've been lost
without a trace

I dream at night I can only see your
face

I look around but it's you I can't
replace

I feel so cold and I long for your
embrace

I keep crying baby, baby, please.

— The Police, “Every Breath You

Take”*

Rodrigo, Lucas e, é claro,

Lex vêm me buscar no

primeiro domingo de julho,

dia da minha alta. Fernando

veio no dia anterior e me

deu os parabéns. Vindo

dele é muito importante,

mas

não

mereço

ser

parabenizado

por

estar

agindo como homem. É o

certo e o que preciso

manter para o resto da vida,

vivendo um dia de cada

vez.

Ser

liberado

não

significa que tudo acabou.

Não, é apenas mais um

passo. As drogas sempre

serão um risco e, se eu

ceder, vou me tornar um

viciado novamente. Depois

que comecei a usar, nunca

fiquei tanto tempo limpo, e

isso me dá força.

Durante esse ano que

passou,

assinei

uma

procuração para que Lex

vendesse meu apartamento

e comprasse outro, com

dois quartos, para quando

eu saísse. Fiz isso por dois

motivos: quero dar um lar

decente para o Lucas e não

quero lembranças.

Ao chegar lá, nem sei
por que me surpreendo ao
ver que Rodrigo gastou
dinheiro para trocar meus
móveis.

— Você disse que não
queria lembranças, cara —
ele se justifica, um pouco
incomodado. — Então, mas
tem uma coisa... — Eu o
sigo até o quarto e minha
guitarra está sobre a cama,
com um envelope branco
ao lado. — Eu não sabia se
devia te entregar, porque
não sei o peso do que tem
aí. A Vivi escreveu essa
carta quando pegou a
guitarra, antes de muita
coisa acontecer. Mas eu
conversei com o psicólogo
da clínica e ele disse que
você precisa lidar com as

consequências dos seus
atos e... essa é uma
consequência e tanto.

Balanço a cabeça, sento
na cama e passo os dedos
devagar
pela
guitarra.

Lembranças. Tudo o que
eu não queria. Mas Rodrigo
tem razão — aprendi que o
passado existe e que me
revoltar contra ele não vai
trazer ninguém de volta à
vida nem para perto de
mim.

Os
três
me
dão
privacidade
e
pego

o

envelope. Além de saber

que

Viviane

está

em

Londres e que não é

namorada de Bernardo, o

que Lucas faz questão de

frisar o tempo todo, não sei

muito mais dela. Também

não vou saber agora, já que

a carta é antiga. Mas é

dela, e só isso já faz meu

coração acelerar.

18 de maio de 2004

Rafa,

Se você está lendo

esta carta, é porque

tudo terminou

terrivelmente mal.

Meu avô me

buscou no seu

apartamento hoje e
voltei para casa.

O Lucas está com
a gente e a cada dia
mais triste.

Há mais de um
mês não temos notícias
suas. Já não sei o
que fazer.

Sinto sua falta de
forma alucinante,
dolorosa e
desesperadora, mas o
pior é não saber se
você está vivo.

Toda vez que o
telefone toca, penso
que é alguém dizendo
que você morreu. Se
alguém suspira ou me
olha com tristeza,
acho que você morreu
e a pessoa está com

medo de me contar.

Se o telefone não
toca, acho que você
morreu e ninguém te
encontrou ainda, ou
encontraram e não
sabem quem você é.

Sinto muito por
não ter conseguido te
salvar. Eu sabia que
não seria fácil. Só
não pensei que seria
tão difícil.

Espero te encontrar
e entregar sua
guitarra pessoalmente,
mas, se isso não
acontecer e, por algum
motivo, um de nós não
conseguir encontrar o
outro, quero que você
saiba que nunca ame
ninguém como te amo.

Eu queria que
amar fosse suficiente.

Sempre sua,

Vivi

Lágrimas caem sobre a
folha e afasto a carta
rapidamente. Não quero
manchar as únicas palavras
que tenho da garota que eu
amo.

Sua

tristeza,

seu

desespero, o medo de que
eu morresse e ela tivesse

que

me

enterrar

para

sempre saltam em cada
linha e me tocam direto no
coração. Eu já tinha essa
consciência de como fiz

todo mundo sofrer, mas ler
uma carta de mais de um
ano atrás é forte. Muito
forte. E felizmente sou
homem o bastante para
lidar com isso.

Tem uma escrivaninha
no canto do quarto, com
meu computador sobre ela.

Tem folhas também, e
canetas. Eu me pergunto
qual deles adivinhou que eu
precisaria disso e me sento
para escrever uma carta
para Viviane.

Nota

* “Desde que você se foi, estou
completamente perdido/ Eu sonho à noite
e só consigo ver o seu rosto/ Olho em
volta, mas não consigo substituir você/
Sinto tanto frio e anseio pelo seu abraço/
Eu continuo chorando, baby, baby, por
favor.”

Viviane

I try to call but I don't know what
to tell you

I leave a kiss on your answering
machine

Oh help me please is there
someone who can make me

Wake up from this dream?

— Roxette, “Spending My Time”*

— Nunca pensei que eu fosse
dizer isso, mas já faz um ano
que o cara saiu da reabilitação e
não voltou a usar drogas, Vivi.

Ele

está

trabalhando,

se

recuperando

bem.

Quanto

tempo mais vai demorar para
você voltar e conversar com ele?

— Bernardo entra em meu quarto
e diz de supetão enquanto vejo tevê. — Não quer mesmo voltar?

— Não, não quero —

respondo sem olhar para ele.

— Vivi, você não pode continuar assim. Fora estudar, o que você faz?

— Saio com você.

— Para. Não tem lógica você amar alguém que está lá e ficar aqui.

— Bernardo, se olha no espelho, por favor. — Sei que estou sendo dura, mas ele faz exatamente o mesmo.

— Se a Clara estivesse solteira, eu não estaria aqui. Se

ela ficar solteira, juro pra você,
não espero nem um minuto e
chego nela — Bernardo fala
decidido e me calo, sabendo
que ele tem razão. Sei que ele
iria mesmo. — Do que você tem
medo? De perdoar o Rafael?

— Eu já perdoei, quando
ainda estava no Brasil. —

Encaro o teto, como se uma luz
para os meus problemas fosse
aparecer. — O meu medo é
esse. Sou incapaz de guardar
raiva dele. Tudo o que a minha
cabeça aponta como negativo, o
meu coração justifica. Não
quero lutar o resto da vida
comigo mesma.

— E por que precisaria?

— Não é hora de voltar.

— E quando vai ser?

— Não sei. — Eu me sento,
sem querer olhar para Bernardo.

— Só acho que você está perdendo tempo com medo. Foi horrível o que vocês passaram. — Ele se senta ao meu lado. — Vi, foi horrível o que aconteceu. Muito. O pior foi o bebê, eu sei disso.

Porque

os

outros

sobreviveram, mesmo correndo riscos. — Ele me abraça antes que eu desmorone. Ainda não consigo falar do aborto sem chorar. — Mas já se passaram dois anos. O Rafael está vivendo, é você quem está fugindo. Não fica brava, mas pensa em tudo o que poderia ter acontecido se a gravidez tivesse ido adiante. Será que o Rafael teria se internado? Será que ele teria fugido? Será que o

bebê nasceria bem com todo o estresse que você passou? São tantas variáveis, Vivi. Sei que não tem comparação, mas, com tudo o que eu já passei, aprendi a olhar para frente e a pensar nas possibilidades futuras.

— Você nem gostava do Rafael, Bê. Por que quer que eu volte?

— Eu não gostava das drogas e isso acabou. A Branca elogiou o esforço do cara, Vivi. A Branca! — ele ergue os braços.

— E o meu pai e o seu avô! Ninguém quer te ver naquela situação de novo, mas ninguém quer que você sofra para sempre também. Eu estou pronto para voltar pro Brasil.

— De vez?

— De vez. Volta comigo?

Ele pede com tanto carinho

e argumenta tão bem que não

posso mais teimar.

— Tá bom, eu volto.

Nota

* “Eu tento ligar, mas não sei o que lhe
dizer/ Deixo um beijo na sua secretária
eletrônica/ Oh, me ajude, por favor, existe
alguém que possa/ Me fazer acordar deste
sonho?”

78

RAFAEL

What about now?

What about today?

What if you're making me all that I
was meant to be?

What if our love never went away?

What if it's lost behind words we
could never find?

Baby, before it's too late

What about now?

— Chris Daughtry, “What About Now”*

Faz um ano que saí e, além
da carta, não tive mais sinal

de Viviane. Rodrigo só diz
que ela está em Londres e
não pretende voltar. Não
enviei a carta que escrevi.
Decidi que quero entregar
pessoalmente.

Paguei cada centavo do
que devia ao seu avô.

Financeiramente

estou

muito

melhor

do

que

poderia

esperar.

Dois

meses depois que saí da
clínica, Lex e Rodrigo me
propuseram sociedade para
montar uma balada em São
Paulo.

Rodrigo

tinha

conhecimento zero, mas
entrou com a maior parte
da grana. Inauguramos há
seis meses e temos feito
muito sucesso.

Quero saber por que
Rodrigo me disse para vir
ao Ibirapuera com a carta
que escrevi para Vivi.

Lucas contou a ele que não
tenho coragem de mandar.
Vou matar meu primo por
isso. Ele está andando
demais com essa família e
ficando

tão
fofoqueiro
quanto.

O dia está quente,
mesmo sendo julho. Acho
que o verão é tão marrento
quanto eu e decidi invadir

o inverno.

Duas crianças passam
correndo atrás de uma
bola, um senhor caminha
com um cachorro e uma
gargalhada ecoa, fazendo
meu coração parar. Puta
que pariu, meu coração
parou! Puta que pariu!

Eu reconheceria esse
som em qualquer lugar. Eu
me viro e ao longe vejo
Viviane rindo. Bernardo
está com ela e continua
dizendo algo que a faz se
dobrar de rir. Meu coração
dispara de um jeito que me
faz tocar o peito para
conferir se ele não vai
explodir e sair como louco
atrás dela. Mal consigo
respirar. Nunca duvidei do
que sentia, mas agora,

vendo Viviane a metros de
mim, é como se esse amor
tomasse cada partícula do
meu corpo. Nada do que
usei em meus piores anos
me deu tanto prazer quanto
olhar para ela, mesmo de
longe, mesmo perto de
outro cara, mesmo com a
possibilidade de que ela
nunca mais seja minha. Ela
voltou. Ela voltou. Ela
voltou! Passo as mãos pelos
cabelos, sem acreditar. É
inevitável,
perco
uma
batida,
duas,
três...
Perderia todas por ela.
Meu primeiro impulso é
me afastar e me ocultar

atrás das árvores, mas
continuo espiando sem que
ela possa me ver. Quando
me tornei o cara que se
esconde?

— Ela parece feliz,
não? — A voz grave de
Fernando me faz dar um
pulo.

— Parece. De onde
você saiu?

— Se eu dissesse que
os dois estão namorando e
felizes, o que você faria? —
Ele não me responde e
ainda lança uma pergunta
dessas. Parece uma versão
bizarra do Mestre dos
Magos.

— Não faria nada. Eu
deixaria a Viviane ser feliz
e continuaria longe. — Por
mais triste que eu me sinta

admitindo

isso,

é

exatamente o que eu faria.

— Muito bem. Acho

melhor dizer logo que eles

não estão juntos nem nunca

estiveram. — O alívio me

invade. — O Rodrigo me

disse que você escreveu

uma carta para ela e nunca

enviou.

— É. — Que porra de

moleque fofoqueiro!

— Você trouxe?

— Trouxe. O Rodrigo

pediu

e

fiquei

sem

entender. Achei que ele

fosse enviar pra ela e que

talvez estivesse mesmo na

hora. Parece que escrevi há
tanto tempo.

— Está na hora de
entregar.

—

Fernando

arranca o envelope da
minha mão antes que eu
possa reagir. — Agora vá
embora e ligue para o meu
neto.

Pelo

que

fui

informado, vocês têm uma
apresentação especial no
bar hoje à noite.

— E se eu quiser falar

com

ela?

—

Estou

agoniado de vontade de

falar com Viviane.

— Ah, garoto, vocês

estão separados há dois

anos. Já esperaram tanto.

Deixe esse velho romântico

fazer tudo direito, por

favor.

Penso, repenso, e a

resposta é óbvia:

— Ok

Nota

* “Que tal agora?/ Que tal hoje?/ E se você

estiver me tornando tudo que eu estava

destinado a ser?/ E se nosso amor nunca

tiver acabado?/ E se estiver perdido por

detrás

de

palavras

que

nunca

conseguimos encontrar?/ Baby, antes que

seja tarde demais/ Que tal agora?”

Viviane

I try to make my way to you

But still I feel so lost

I don't know what else I can do

I've seen it all and it's never

enough

It keeps leaving me needing you.

— Lifehouse, “Take Me Away”*

— Cariño! — Ouço a voz de meu

avô e corro para os seus braços.

— Que saudade, vô! — Beijo

seu rosto enquanto ele me

abraça,

e

noto

que

está

segurando um envelope.

— Me perdoe por não te

buscar no aeroporto ontem.

Realmente não pude.

— Não tem problema. Só

estranhei

você

querer

me

encontrar aqui no Ibirapuera.

— Este era o lugar favorito
do seu pai. Sempre que posso,
eu venho.

Olho ao redor e penso em
meu pai por um instante. Tanto
se passou desde que ele
partiu...

— O senhor leva a Vivi,
certo? — Bernardo me dá um
beijo na bochecha e se afasta
antes que eu argumente. —

Passo na sua casa lá pelas onze!

— ele grita, andando de costas.

Por que ele vai passar em
casa tão tarde?

— Vamos nos sentar um
pouquinho? — meu avô convida,
me guiando até a beira do lago.

—

Tem

algum

motivo

especial para você querer falar
comigo, vô? — É claro que tem,
mas é melhor saber logo. Ele
me estende o envelope. — O
que é isso?

— A situação está tão difícil
que estou fazendo bico de
carteiro — ele diz com a
expressão mais séria possível,
para depois rir. — É algo que
você já deveria ter lido. Hum...
Veja só... A situação está tão
difícil que estou fazendo bico de
cupido!

Minha respiração se acelera
ao ver a letra de Rafael na
carta, escrita há mais de um
ano.

3 de julho de 2005

Vivi, Há um ano escrevo

rascunhos de cartas. Há um
ano joga tudo no lixo.

Finalmente estou pronto para
te pedir perdão.

Agora, lendo a carta que
você escreveu, percebo a
verdade: há um ano escrevo
rascunhos de mim. Há um
ano joga tudo no lixo.

Finalmente estou pronto para
ser mais do que um esboço.

Para ser o Rafael que você
sempre viu em mim.

Estou limpo desde o dia
em que você arriscou tudo
para me salvar, desde o dia
que talvez nos separe para
sempre. Mas, depois de
tudo, preciso te contar que,
mesmo sem você, mesmo que
eu nunca possa te amar como
quero, não pretendo me
entregar de novo.

De hoje em diante, vivo em
busca do seu perdão. Não
para que a gente fique junto
de novo. Eu não seria
ingênuo a ponto de esperar
por isso. Apenas para
podermos seguir adiante.

Às vezes penso no filho
que perdemos. Não, não
quero mentir. Todos os dias
penso no filho que, por
minha culpa, não pôde
nascer. Minha culpa,
entende? MINHA

CULPA, não sua. Nada do
que aconteceu foi culpa sua.

Seu coração gigantesco só
queria me trazer de volta, e
ninguém pode ser culpado por
amar demais.

Sou o único culpado, o
único que deveria ser punido,
e serei. Tenho uma vida

inteira para viver sem você.

Me perdoa por não ter
resistido a você, me perdoa
por ter me aproximado, me
perdoa por ter te mantido
comigo, me perdoa por ter
feito você acreditar que o
seu amor era o suficiente
para me tirar das drogas
quando eu sabia que só
dependia de mim, me perdoa
por ter feito você se sentir
responsável por mim e pelo
meu primo, me perdoa por ter
feito você ir contra a sua
família, me perdoa por ter
tentado te esquecer depois,
me perdoa por ter procurado
outras mulheres, me perdoa
por ter te machucado, me
perdoa por ter te
engravido, me perdoa por
ter matado o nosso filho, me

perdoa por ter te guiado para
um lugar cheio de bandidos,
me perdoa pelo tiro que o seu
irmão tomou por minha causa,
me perdoa pelo que fizeram
com você naquele dia, me
perdoa por não ter sido
homem o bastante para você,
me perdoa por não ter sido
capaz de te proteger, me
perdoa por ter sido fraco, me
perdoa por ter sido imbecil,
me perdoa por não ter te
valorizado, me perdoa por ter
me deixado levar, me perdoa
por toda a dor, por toda a
tristeza, por todas as
feridas, me perdoa por
querer morrer quando você
estava lá, viva, esperando por
mim. E me perdoa,
principalmente, por te amar.
Porque eu amo, não

consigo evitar.

Eu comparava seu amor às
drogas e estava errado,
porque, com a distância, as
drogas foram saindo do meu
foco e do meu desejo, mas
você não. O tempo e a
distância não mudam nada.

Eu ainda te amo.

E vou amar loucamente,
para sempre.

Vou amar insanamente, o
tempo todo.

Vou amar perdidamente,
mesmo de longe, mesmo sem
você, mesmo sem nunca mais
poder dizer em voz alta.

Por isso, ainda que pela
última vez, aqui, eu grito:

EU TE AMO,

PORRA!

Rafa,

O cara que não tá nem aí se

“porra” não deveria estar
numa declaração de amor

Lágrimas

escorrem

descontroladamente pelo meu
rosto. Vovô me entrega um
lenço.

— Quando ele te deu isso?

— Cinco minutos antes de eu
falar com você. Ali, atrás
daquelas árvores — meu avô
aponta para longe, porém tão
perto.

Não

acredito

que

estivemos no mesmo lugar e
não nos vimos.

— Por que ele não falou
comigo?

— Não sabíamos como você
ia reagir.

— Sabíamos?

— Ah, a família toda está
nisso. Somos nós. Meio óbvio,
não?

— Ele ainda está aqui? —
olho ao redor.

— Não.

— Não sei se quero ver o
Rafael. — O pior é que eu sei
que quero. Quero muito.

— Você ainda tem medo, é
natural, mas seu pai não te
criou para ter medo. Você sabe
que eu seria o primeiro a querer
o

Rafael

longe

se

ele

representasse

algum

perigo

para você. Mas ele tem se
esforçado tanto e seu progresso

é invejável, digno de qualquer
amor,
digno
do seu amor,
cariño. Vocês precisam pelo
menos conversar. Sabia que ele
tem um negócio próprio agora?

— O Bernardo me contou.

— Então apareça lá hoje, por
volta da meia-noite.

Balanço

a

cabeça,
percebendo que Bernardo já
sabia. Ele é tão fofoqueiro com
todo mundo da família, e justo
de mim escondeu um segredo.

— Não sei.

— Você o ama?

— Amo.

— Com ou sem palavrão? —

ele pergunta, e estou chocada.

Ele leu a carta!

— Vô!

— O quê? Estava em letras
maiúsculas e li sem querer por
cima do seu ombro. — Ele se faz
de inocente. — Mas, então,
conta para o seu avô preferido.

— Você é meu único avô.

— E já era o preferido antes
do outro virar pó que eu sei.
Agora para de enrolar e me diz:
você ama o Rafael com ou sem
palavrão?

— Com.



— Então pronto. Vá vê-lo e
ouça o que ele tem a dizer.

— E se eu não quiser ir,
vovô?

— Você vai passar o resto da
vida pensando: E se eu tivesse
ido?

E eu vou. Quem estou tentando

enganar? Eu amo Rafael, nunca
deixei de pensar nele, e não nos
dar a chance de uma última
conversa
seria
estupidez.

Mesmo que a gente não consiga
se entender, preciso vê-lo.

O bar deles é maravilhoso.

Mal posso acreditar que seja tão
lindo.

Bernardo está ao meu lado,
mas logo sou soterrada por
abraços.

Mila,

Branca

e

Fernanda me esmagam e dão
gritinhos.

Eu já tinha visto Fernanda
de manhã, quando fui visitar seu
filho, o Felipe. Conversamos
muito e me emocionei ao

pensar que meu bebê seria
apenas alguns meses mais novo
que o dela.

Lex quase me tira do chão
com um abraço e Lucas também
aparece. Eu me surpreendo ao
perceber como ele parece mais
velho e mais forte.

Ver todos eles juntos ali,
depois de tanto tempo, me
abala. A lembrança do que
vivemos volta à mente na pior
hora. Eu me sinto sufocar e não
sei se estou preparada para ver
Rafael. Então me viro, tentando
encontrar um espaço para
passar, e a música para. Quero
sair, preciso ir embora.

— Espera! Só me escuta
uma última vez — a voz
reverbera por todo o salão
através das caixas de som. Meu
coração dá saltos mortais no

peito. Sinto o chão se derreter
sob meus pés ao ouvir a voz de
Rafael.

Eu me viro devagar até ficar
de frente para ele, mas não
chego
mais
perto.

Permanecemos parados. Ele em
cima do palco. Eu no chão, a
alguns metros dele, com o
coração aos solavancos.

Rafael sorri, hesitante. É a
primeira
vez
que
o
vejo

inseguro. Ele está tão diferente
de quando nos despedimos, há
dois anos. Seus cabelos estão
mais compridos e a barba mais
rente. Tão saudável, tão bem,

tão leve.

O contraste entre o viciado
que precisei buscar em um
cativeiro e o homem sadio à
minha frente me rouba um
suspiro alto, que se mistura a
um soluço descompassado. Meu
coração encontra o ritmo ao vê-
lo finalmente salvo e vivendo.

Seu olhar me revela que ele
sabe exatamente o que sinto.

Sua mão se fecha em punho e
ele bate duas vezes devagar
sobre o peito, emocionado. Ele
inspira e expira várias vezes, e
sinto que tenta recuperar a
capacidade de falar.

As pessoas olham de mim
para ele e não consigo falar
nem fazer nada.

— A próxima música vai pra
garota que ainda quero chamar
de minha — Rafael diz e dedilha

os

primeiros

acordes

na

guitarra.

Aperto

o

peito,

sem

controlar a respiração. Rafael

está tocando a guitarra que

ganhou do pai, aquela que ele

pensou que nunca mais voltaria

a tocar.

Os primeiros versos de “Here

Without You”, do Three Doors

Down, saem de seus lábios e

ele não tira os olhos dos meus.

E de repente é como se não

houvesse

mais

nenhuma

barreira entre nós.

A hundred days have
made me older
Since the last time that I
saw your pretty face. **

Notas

* “Eu tento seguir meu caminho até você/
Mas ainda me sinto tão perdida/ Não sei o
que mais posso fazer/ Eu já vi tudo isso e
nunca é o suficiente/ Continua me
deixando com necessidade de você.”

** “Cem dias me fizeram mais velho/
Desde a última vez em que vi seu rosto
lindo.”

80

RAFAEL

I've found a reason for me
To change who I used to be
A reason to start over new
And the reason is you.
— Hoobastank, “The Reason” **

Assim que Viviane põe os
pés na balada, eu a sigo de
longe com o olhar. Cada

expressão me mostra que
ela está prestes a ter uma
crise nervosa. É muito pedir
que esteja aqui. É muito
estarmos todos juntos. É
muito para lembrar.

No parque, era muito
para absorver e eu não quis
que ela me visse. Agora
estou na minha área. Há
sombras neste lugar que
conheço como ninguém, e
envolto por elas admiro
Viviane. Seus cabelos estão
pelo menos um palmo mais
curtos, passando um pouco
dos ombros, e levemente
mais
claros.

O
corpo
amadureceu nestes dois
anos, e ela parece ainda

mais viva, mais mulher.

Não tem mais quase nada
da menina de roupas cor-
de-rosa.

Sua tensão me faz
temer que ela fuja, por isso
me adianto no palco e por
um triz consigo evitar que
ela se vá.

Quando nossos olhares
se cruzam, parece que
voltamos no tempo. É a
minha garota. A menininha
de quem parti o coração. A
mulher que lutou por mim e
só desistiu quando a destruí
completamente.

Eu

me

perco nela, e é tão bom
saber que nossa ligação se
mantém

forte,

mesmo

depois do furacão que nos
arrasou.

Ela aperta o peito e sei
que reconheceu a guitarra.

Sei

que

sabe

o

que

significa. Eu superei e não
pretendo desistir de tentar
compensar o passado.

As amigas a fazem
chegar mais perto do palco
e ela se deixa levar, mesmo
ainda

tensa,

mesmo

querendo fugir, mesmo sem
estar preparada para ouvir
tudo o que preciso dizer.

Então eu canto, canto e

canto,

como

se

isso

bastasse para trazê-la de

volta.

I'm here without you,

baby

But you're still on my

lonely mind

I think about you, baby

And I dream about you

all the time

I'm here without you,

baby

But you're still with me

in my dreams

And tonight it's only you

and me.

Everything I know, and

anywhere I go

It gets hard but it won't

take away my love

And when the last one
falls, when it's all said
and done

It gets hard but it won't
take away my love. **

Canto cada verso como
se minha alma pudesse sair

de

mim,

flutuar

pelas

palavras

e

pousar

no

coração ferido de Viviane.

As lágrimas escorrem

em seu rosto e ela aperta os

lábios, emocionada. A cada

passo que ela dá até mim,

meu coração transborda de

amor.

Estou

chorando

em

público

e

pouco

me

fodendo para isso. Viviane

está aqui, e ela é tudo o que

me importa.

Termino

a

música,

entrego a guitarra para um

dos assistentes do bar e

desço as escadas do palco.

Sem tirar os olhos de

Viviane

em

nenhum

momento.

Estou

apavorado, mas, se ela

veio, é porque temos uma

chance.

Eu

me

aproximo

devagar e paro perto dela.

A banda recomeça a tocar

e as pessoas a dançar. O

barulho

torna

qualquer

conversa impossível.

Pego em seu braço e a

guio para o meu escritório.

Fecho a porta atrás de nós.

Viviane está encostada na

parede e eu sei que deveria

ir com calma, mas, quando

dou

por

mim,

estou

segurando

seus

braços,
com
a
testa
quase
encostada na dela.
Só nos olhamos, sem
dizer uma palavra. Controlo
minha respiração de acordo
com a dela e vamos da
aceleração
extrema
à
calmaria
após
a
tempestade. Enxugo seu
rosto e ela toca o meu
lentamente.
Seus
dedos
tremem, como se ela não
acreditasse que eu estou ali,

que não sou uma ilusão,
que estou inteiro.

—

Recebeu

minha

carta? — finalmente quebro
o silêncio entre nós.

— Recebi. — Sua voz.

Cada parte de mim reage à
sua doce voz.

— Me perdoa?

— Eu já perdoei faz
muito tempo.

Falamos baixo, como se
confidenciássemos
pequenos segredos um ao
outro.

— Então por que não
voltou?

— Medo de sofrer
ainda mais. Eu sentia a sua
falta, mas era melhor não
ver se você estava se

destruindo ou não.

— Não estou.

— É, estou vendo.

Você está bem. — Um

sorriso tímido surge.

— Você tá linda —

acaricio seu rosto devagar.

— Você também.

— Tô linda?

— Não, idiota. — Sai

tão fácil que rio um pouco.

— Você acha que

podemos recomeçar?

— Não sei se consigo

evitar.

— Isso é bom.

— Será? — ela franze a

testa, preocupada.

— Me deixa te mostrar

que não precisa mais ter

medo. Sempre fui eu que

vivi com medo. Medo da

morte, medo de perder

quem eu amo, medo de
sofrer e não aguentar o
sofrimento

—

sussurro

perto de seu rosto. —

Agora é você.

— Como você deixou
de ter medo? — Eu a sinto
segurar meu braço, e seu
dedo instintivamente toca
minha tatuagem.

— Você me salvou.

— Eu fui embora.

— E por ironia foi
assim que me salvou.

— Então, teoricamente,
você tem que ir embora
para me salvar. — Sei que
ela está me provocando.
Isso é bom, está reagindo a
mim.

— Nah! Ir embora não

faz mais parte de mim.

Agora sou dos que ficam.

— Pra sempre?

— Pra sempre.

— Acho que o pra

sempre pode ser bom.

A cada palavra ela vai

se

abrindo

para

mim.

Preciso ter paciência, mas

quem disse que tenho?

— Casa comigo? —

Vejo um vislumbre de

medo em seus olhos e

acrescento rapidamente: —

Senti tanta saudade que

comprei um CD da Britney

Spears.

Britney

Spears.

Britney Spears — repito,

demonstrando

total

desolação. — Por favor,

casa comigo antes que eu

jogue meu gosto musical no

lixo.

— Você ouviu mesmo

Britney?

—

ela

se

surpreende e sorri para

mim. Eu ouviria Britney mil

vezes por esse sorriso.

Cantarolo um pedacinho da

música grudenta daquela

mulher e ela ri. — Senti

saudade

—

ela

deixa

escapar.

— Sei de algo ótimo pra

saudade.

— O quê?

— Não ir embora. O

que você acha?

Uma mecha de cabelo

cai em sua testa e afasto

devagar, colocando-a atrás

da orelha. É um gesto tão

simples e tão delicioso de

fazer com ela.

— Pode ser bom.

—

Pode

mesmo.

Vamos à terceira tentativa:

casa comigo?

O brilho em seus olhos

me revela a resposta antes

mesmo que ela diga:

— Ok

Um

sorriso

enorme

invade seu rosto e reflete
no meu. Viviane morde o
lábio devagar e tem início o
tormento de cada gesto por
que ansiei. Viajo em seu
olhar
em
silêncio,
o
máximo que resisto, depois
desço a mão por seu
pescoço e deixo meu corpo
pressionar o dela contra a
parede ao mesmo tempo
em que a beijo.

Quando nossos lábios
se tocam, é como se nossos
corpos
atingissem
um
prazer ainda mais intenso
do que antes. Puta que
pariu, que saudade! Que

saudade!

Que

saudade,

porra!

Nós nos perdemos ali,

um

no

outro.

Nos

apertamos, nos jogamos,

nos amamos a cada toque.

Viviane é tudo o que eu

quero. Tudo o que eu

sempre quis e tudo o que

não posso viver sem. É a

garota que eu amo.

Não sou ingênuo. Sei

que não é um recomeço

imune à dor, e a tristeza do

que perdemos talvez se

apresente

em

muitos

momentos. Mas estaremos juntos, tentando, sem nunca desistir da ligação maior que nos atrai um para o outro e nos impossibilita de tentar com outras pessoas.

Viviane geme em meus lábios e minha mão desliza em sua coxa, dando graças aos céus por ela não ter perdido o costume de usar saias curtas. Ela não me impede quando a coloco sentada sobre a mesa, tirando sua calcinha. E ainda me deixa louco ao envolver minha cintura com as pernas e me puxar para perto.

Não demora muito e estou dentro dela. Envolver suas costas para colar meu corpo ao dela e beijo seu

ombro. Nosso coração bate
junto e se perde junto.

Batidas

perdidas

em

conjunto a cada sensação

conhecida

e

agora

intensificada.

Beijo sua boca, feliz

como nunca pensei que

seria outra vez. Desgrudo

nossos

lábios

por

um

segundo. Tem algo que

preciso dizer e tem que ser

agora, comigo dentro de

Viviane, ao mesmo tempo

em que nossos corpos

estremecem violentamente.

— Eu te amo, porra.

Nota

* “Eu encontrei uma razão/ Para mudar quem eu costumava ser/ Uma razão para começar de novo/ E a razão é você.”

** “Estou aqui sem você, baby/ Mas você continua em minha mente solitária/ Eu penso em você, baby/ E sonho com você o tempo todo/ Estou aqui sem você, baby/ Mas você continua comigo em meus sonhos/ E esta noite somos apenas você e eu.// Tudo que eu sei e para qualquer lugar que eu vá/ Fica difícil, mas não vai apagar o meu amor/ E quando o último cair, quando tudo acabar/ Fica difícil, mas não vai apagar o meu amor.”

AGRADECIMENTOS

Escrever este livro foi intenso. As palavras escaparam por meus dedos em trinta e sete dias em que mal comi e mal dormi. Eu vivia de Rafael e Viviane.

Mas jamais teria conseguido

sozinha. Tive o prazer de trabalhar com uma equipe linda.

Agradeço a Alba Marchesini Milena por ser a primeira pessoa a ler e a editar meus textos. Obrigada por não me deixar parar de escrever quando esmoreci e perdi a fé, por dizer que eu deveria reformular a história de Rafael e Viviane, escrita muito tempo antes, e torná-la algo completamente novo. Obrigada por sempre acreditar e dizer: “Bi, relaxa, é Verus”, quando eu nem imaginava que teria essa honra.

A Guta Bauer, que chegou como uma profissional para trabalhar em meus livros e se tornou uma das melhores amigas que eu poderia ter, que me abraça forte, mesmo de longe, e não me deixa parar no meio do caminho.

Eu não poderia deixar de mencionar as outras queridas que

compõem o grupo: Mariana Dal

Chico,

Sabrina

Inserra,

Ana

Marchesini e Livia Martins. Suas

dicas e sugestões são preciosas

demais e tornam cada texto melhor,

enquanto seus conselhos pessoais

salvam minha vida.

Ao meu irmão do coração, Lex

Bastos, por existir, por ser irmão no

sentido mais real da palavra e o

primeiro homem que lê o que

escrevo. Meu agradecimento se

estende

a

sua

noiva,

minha

cunhadinha, Bárbara Zanirato.

Ao pessoal da Verus Editora,

por acreditar em minha história e

pelo trabalho perfeito. Ainda parece
sonho!

Às minhas irmãs, aos meus pais,
a toda a minha família e meus
amigos, pela força, pela crença de
que um dia eu poderia publicar por
uma
grande
editora
e
por
acreditarem em mim quando eu tinha
medo. Agradeço em especial à
minha irmã Bruna, por me ajudar
com cada detalhe médico e por todo
o resto.

Às minhas avós, pelos conselhos
e pelo carinho. E por me dizerem
para não desistir do que eu sentia,
mesmo
quando
tudo
parecia

conspirar contra.

A Deus, por tudo o que vivi e
que ainda nem sonho em viver.

Agradeço também aos meus
preciosos filhos, Athos e Arthur, por
terem paciência toda vez que um
livro resolve escapar de mim. Por
entenderem quando eu ando pela
casa

“conversando”

com

personagens e por me permitirem
falar sem parar sobre eles. Se
cheguei até aqui, em primeiro lugar,
foi por vocês. Tudo por vocês. Amo
vocês demais.

Eu não poderia deixar de

agradecer

aos

personagens.

Obrigada pela viagem. Foi um
prazer e mal posso esperar pela
próxima.

E, finalmente, ao amor da minha
vida... Eu não sabia o que escrever
nem se deveria, mas são seis anos e
não seis dias. É amor verdadeiro e
não paixão efêmera.

Você ficou ao meu lado o tempo
todo em que batalhei para realizar
este sonho e todos os outros, então
não

poderia

faltar

nos

agradecimentos.

Álvaro, por tudo o que vivemos

(e

ainda

viveremos),

muito

obrigada.

Eu perdi aquela batida, e sem

você

meu

coração

viveria

eternamente descompassado.

Nunca deixarei de acreditar em

nós.

Este e-book foi desenvolvido em

formato ePub pela Distribuidora Record

de Serviços de Imprensa S.A.

Capa

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[1 | Viviane](#)

[2 | Rafael](#)

[3 | Viviane](#)

[4 | Rafael](#)

[5 | Viviane](#)

[6 | Rafael](#)

[7 | Viviane](#)

[8 | Rafael](#)

[9 | Viviane](#)

[10 | Rafael](#)

[11 | Viviane](#)

[12 | Rafael](#)

[13 | Viviane](#)

[14 | Rafael](#)

[15 | Viviane](#)

[16 | Rafael](#)

[17 | Viviane](#)

[18 | Rafael](#)

[19 | Viviane](#)

[20 | Rafael](#)

[21 | Viviane](#)

[22 | Rafael](#)

[23 | Viviane](#)

[24 | Rafael](#)

[25 | Viviane](#)

[26 | Rafael](#)

[27 | Viviane](#)

[28 | Rafael](#)

[29 | Viviane](#)

[30 | Rafael](#)

[31 | Viviane](#)

[32 | Rafael](#)

[33 | Viviane](#)

[34 | Rafael](#)

[35 | Viviane](#)

[36 | Rafael](#)

[37 | Viviane](#)

[38 | Rafael](#)

[39 | Viviane](#)

[40 | Rafael](#)

[41 | Viviane](#)

[42 | Rafael](#)

[43 | Viviane](#)

[44 | Rafael](#)

[45 | Viviane](#)

[46 | Rafael](#)

[47 | Viviane](#)

[48 | Rafael](#)

[49 | Viviane](#)

[50 | Rafael](#)

[51 | Viviane](#)

[52 | Rafael](#)

[53 | Viviane](#)

[54 | Rafael](#)

[55 | Viviane](#)

[56 | Rafael](#)

[57 | Viviane](#)

[58 | Rafael](#)

[59 | Viviane](#)

[60 | Rafael](#)

[61 | Viviane](#)

[62 | Rafael](#)

[63 | Viviane](#)

[64 | Rafael](#)

[65 | Viviane](#)

[66 | Rafael](#)

[67 | Viviane](#)

[68 | Rafael](#)

[69 | Viviane](#)

[70 | Rafael](#)

[71 | Viviane](#)

[72 | Rafael](#)

[73 | Viviane](#)

[74 | Rafael](#)

[75 | Viviane](#)

[76 | Rafael](#)

[77 | Viviane](#)

[78 | Rafael](#)

[79 | Viviane](#)

[80 | Rafael](#)

[Agradecimentos](#)

Colofão

Document Outline

- [Rosto](#)
- [Créditos](#)
- [Dedicatória](#)
- [1 | Viviane](#)
- [2 | Rafael](#)
- [3 | Viviane](#)
- [4 | Rafael](#)
- [5 | Viviane](#)
- [6 | Rafael](#)
- [7 | Viviane](#)
- [8 | Rafael](#)
- [9 | Viviane](#)
- [10 | Rafael](#)
- [11 | Viviane](#)
- [12 | Rafael](#)
- [13 | Viviane](#)
- [14 | Rafael](#)
- [15 | Viviane](#)
- [16 | Rafael](#)
- [17 | Viviane](#)
- [18 | Rafael](#)
- [19 | Viviane](#)
- [20 | Rafael](#)
- [21 | Viviane](#)
- [22 | Rafael](#)
- [23 | Viviane](#)
- [24 | Rafael](#)
- [25 | Viviane](#)
- [26 | Rafael](#)
- [27 | Viviane](#)
- [28 | Rafael](#)
- [29 | Viviane](#)
- [30 | Rafael](#)
- [31 | Viviane](#)
- [32 | Rafael](#)
- [33 | Viviane](#)
- [34 | Rafael](#)
- [35 | Viviane](#)
- [36 | Rafael](#)

- [37 | Viviane](#)
- [38 | Rafael](#)
- [39 | Viviane](#)
- [40 | Rafael](#)
- [41 | Viviane](#)
- [42 | Rafael](#)
- [43 | Viviane](#)
- [44 | Rafael](#)
- [45 | Viviane](#)
- [46 | Rafael](#)
- [47 | Viviane](#)
- [48 | Rafael](#)
- [49 | Viviane](#)
- [50 | Rafael](#)
- [51 | Viviane](#)
- [52 | Rafael](#)
- [53 | Viviane](#)
- [54 | Rafael](#)
- [55 | Viviane](#)
- [56 | Rafael](#)
- [57 | Viviane](#)
- [58 | Rafael](#)
- [59 | Viviane](#)
- [60 | Rafael](#)
- [61 | Viviane](#)
- [62 | Rafael](#)
- [63 | Viviane](#)
- [64 | Rafael](#)
- [65 | Viviane](#)
- [66 | Rafael](#)
- [67 | Viviane](#)
- [68 | Rafael](#)
- [69 | Viviane](#)
- [70 | Rafael](#)
- [71 | Viviane](#)
- [72 | Rafael](#)
- [73 | Viviane](#)
- [74 | Rafael](#)
- [75 | Viviane](#)
- [76 | Rafael](#)
- [77 | Viviane](#)

- [78 | Rafael](#)
- [79 | Viviane](#)
- [80 | Rafael](#)
- [Agradecimentos](#)
- [Colofão](#)